



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

VANESSA PAOLA ROJAS FERNANDEZ

LAR DOS VELHINHOS DE CAMPINAS: TRAJETÓRIA HISTÓRICA, ATUAÇÃO
SOCIAL E EXPERIÊNCIAS DA VELHICE INSTITUCIONALIZADA

CAMPINAS

2022

VANESSA PAOLA ROJAS FERNANDEZ

**LAR DOS VELHINHOS DE CAMPINAS: TRAJETÓRIA HISTÓRICA, ATUAÇÃO
SOCIAL E EXPERIÊNCIAS DA VELHICE INSTITUCIONALIZADA**

Tese apresentada à Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Doutora em Gerontologia.

ORIENTADOR: OLGA RODRIGUES DE MORAES VON SIMSON

**ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO
FINAL DA TESE DEFENDIDA PELA
ALUNA VANESSA PAOLA ROJAS FERNANDEZ E ORIENTADA PELA
PROFA. DRA. OLGA RODRIGUES DE MORAES VON SIMSON.**

CAMPINAS

2022

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Ciências Médicas
Ana Paula de Moraes e Oliveira - CRB 8/8985

Fernandez, Vanessa Paola Rojas, 1982-
F391L Lar dos Velinhos de Campinas: trajetória histórica, atuação social e experiências da velhice institucionalizada / Vanessa Paola Rojas Fernandez. – Campinas, SP: [s.n.], 2022.

Orientador: Olga Rodrigues de Moraes Von Simson.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas.

1. Instituição de longa permanência para idosos. 2. Pesquisa qualitativa. 3. Entrevistas. 4. Fotografia. I. Simson, Olga Rodrigues de Moraes Von, 1943-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Lar dos Velinhos de Campinas: historical trajectory, social action and experiences of institutionalized old age

Palavras-chave em inglês:

Homes for the aged

Qualitative research

Interview

Photography

Área de concentração: Gerontologia

Titulação: Doutora em Gerontologia

Banca examinadora:

Olga Rodrigues de Moraes Von Simson [Orientador]

Anita Liberalesso Neri

Maria José D'Élboux

Julio Cesar Ferraz Amstalden

Vanessa Generoso Paes

Data de defesa: 30-05-2022

Programa de Pós-Graduação: Gerontologia

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0002-6290-0990>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/5915217879755797>

COMISSÃO EXAMINADORA DA DEFESA DE DOUTORADO

VANESSA PAOLA ROJAS FERNANDEZ

ORIENTADOR: OLGA RODRIGUES DE MORAES VON SIMSON

MEMBROS TITULARES:

1. PROFA. DRA. OLGA RODRIGUES DE MORAES VON SIMSON

2. PROFA. DRA. ANITA LIBERALESSO NERI

3. PROFA. DRA. MARIA JOSÉ D'ÉLBOUX

4. PROF. DR. JULIO CESAR FERRAZ AMSTALDEN

5. PROFA. DRA. VANESSA GENEROSO PAES

Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.

A ata de defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da FCM.

Data de Defesa: 30/05/2022

AGRADECIMENTOS

Aos idosos, colaboradores e voluntários do Lar dos Velinhos de Campinas, sobretudo àqueles que generosamente aceitaram participar desta pesquisa, fornecendo informações importantes e compartilhando valiosas memórias e experiências valiosas: os idosos João Batista Signorelli (*in memoriam*), Raimundo Gonzaga, Jorge Bastos, Elias Teles; as idosas Zaíra Murta, Patrícia dos Santos, Dilma Terranova (*in memoriam*), Iolanda Henrique (*in memoriam*); os voluntários Mauro de Siqueira, Jair Biscassi; as voluntárias Dirlei Mascia, Deuselinda Remédio, Irene Falcão; as colaboradoras Ísis de Camargo, Geise Silva, Natália Chaves, Giselle Pera, Vanilze Marquizi, Joice Ribeiro.

À professora orientadora desta pesquisa, profa. dra. Olga Rodrigues de Moraes von Simson, que realizou uma orientação consistente em todo o processo de pesquisa, compartilhando seus vastos conhecimentos teóricos e práticos, de um jeito acolhedor.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da Unicamp, sobretudo àqueles que ministraram as disciplinas cursadas, contribuindo para a minha formação acadêmica e profissional: André Fattori, Anita Neri, Claudia Cavaglieri, Flávia Borim, Ibsen Coimbra, Lúcia Mourão, Mara Mikahil, Maria D'Élboux, Maria Guariento. E aos membros da banca examinadora, por participarem dessa etapa de consolidação da pesquisa e por avaliarem o trabalho apresentado: as professoras Anita Neri, Maria José D'Élboux, Vanessa Paes e o professor Júlio Amstalden (membros titulares) e as professoras Samila Batistoni, Flávia Borim, Marcela Evangelista e Suzana Ribeiro (membros suplentes).

Aos pesquisadores que compartilharam conhecimentos e amizades: Emmanuel Lopes, Matilde Côrrea, Aurea Ferreira, Valéria Melo, Giovanni Alves, Thiago Vasconcellos do Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da Unicamp; Ana Dietrich, André Gattaz, Andrea kamensky, Fabíola Holanda, Juniele Almeida, Marcel Tonini, Marcela Evangelista, Márcia Mura, Marta Rovai, Samira Osman, Suzana Ribeiro, Vanessa Paes, Xênia Barbosa e o professor José Carlos Sebe Bom Meihy, provenientes do NEHO-USP; Lívia Lima, pesquisadora da Unifesp; Ana Carolina Maciel, pesquisadora da Unicamp; Lucas Camargo, pesquisador de Campinas/SP. E aos colegas da rede municipal de ensino da prefeitura municipal de Campinas, especialmente da EMEF/EJA Pe. José Narciso Vieira Ehrenberg e da EMEF/EJA Pe. Domingos Zatti, pelos incentivos nessa trajetória.

Aos meus familiares, pelo apoio e carinho cotidianos, especialmente o meu marido Rodrigo, o meu filho Raul, minha mãe Marianne, meu pai Pedro, minha sogra Isabel e todos os demais entes queridos!

RESUMO

Esta pesquisa foi desenvolvida durante o Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da UNICAMP. **Tema:** Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa e perspectiva sócio-histórica sobre o Lar dos Velinhos de Campinas (LVC). O LVC é uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) e Organização da Sociedade Civil (OSC) que acolhe, aproximadamente, cem pessoas idosas em situação de vulnerabilidade socioeconômica, proporcionando-lhes habitação, cuidados e atendimentos especializados na área da saúde e para a qualidade de vida. Para isso, existem cerca de cento e cinquenta colaboradores (funcionários) e cem voluntários, além de uma ampla estrutura física. De natureza assistencialista, sua origem remonta ao final do século XIX, quando foram registrados os primeiros discursos idealizadores de um local que servisse de abrigo a um grupo específico de pessoas em situação de pobreza extrema na cidade, e ao início do século XX, quando ocorreram a fundação e a inauguração do asilo que, ao longo dos anos, transformou-se na instituição atual. **Objetivo:** Embora as ILPIs sejam vistas com preconceitos pela sociedade, de modo geral, assumimos que elas são necessárias, pois constituem habitação, cuidados, amparo e segurança para um significativo grupo populacional, sobretudo no atual contexto de mudanças demográficas e sociais, que amplia a necessidade de alternativas de cuidados não familiares à população idosa. Sem apoiar a institucionalização generalizada, consideramos o Lar dos Velinhos de Campinas uma instituição de referência, analisando suas características sócio-históricas em três temas principais: trajetória histórica, atuação social e experiências da velhice institucionalizada. **Metodologia:** A pesquisa foi desenvolvida em três etapas: reunião de material documental sobre o Lar dos Velinhos de Campinas, sobretudo fontes escritas e iconográficas, existente em arquivos históricos; elaboração de material documental sobre o Lar dos Velinhos de Campinas e seus sujeitos, a partir da realização de entrevistas na instituição com idosos residentes, colaboradores (funcionários) e voluntários, utilizando a intertextualidade entre história oral e fotografias; análise de todo o material documental reunido, em diálogo com a bibliografia especializada. **Resultados:** Reunimos e analisamos um significativo material documental sobre o Lar dos Velinhos de Campinas, a partir do qual contextualizamos a instituição em nível local e mais amplo, valorizando fontes históricas oficiais, e apresentamos a situação atual da instituição e dos grupos sociais envolvidos, valorizando novos discursos e representações.

Palavras-chave: Instituição de Longa Permanência para Idosos. Pesquisa Qualitativa. Entrevista. Fotografia.

ABSTRACT

This research was developed during the Doctorate in the Postgraduate Program in Gerontology at UNICAMP. **Theme:** This is a research with a qualitative approach and socio-historical perspective on the Lar dos Velinhos de Campinas (LVC). The LVC is a Long Stay Institution for the Elderly (LSIE) and Civil Society Organization (CSO) that welcomes approximately one hundred elderly people in a situation of socioeconomic vulnerability, providing them with housing, care and specialized care in the area of health and for the quality of life. For this, there are about one hundred and fifty collaborators (employees) and one hundred volunteers, in addition to an extensive physical structure. Of an assistentialist nature, its origin dates back to the end of the 19th century, when the first idealizing discourses of a place that would serve as a shelter for a specific group of people in extreme poverty in the city were recorded, and to the beginning of the 20th century, when the foundation and inauguration of the asylum which, over the years, became the current institution. **Objective:** Although LSIEs are viewed with prejudice by society, in general, we assume that they are necessary, as they constitute housing, care, support and security for a significant population group, especially in the current context of demographic and social changes, which expands the need for unfamiliar care alternatives for the elderly population. Without supporting generalized institutionalization, we consider Lar dos Velinhos de Campinas a reference institution, analyzing its socio-historical characteristics in three main themes: historical trajectory, social action and experiences of institutionalized old age. **Methodology:** The research was developed in three stages: gathering of documentary material about the Lar dos Velinhos de Campinas, mainly written and iconographic sources, existing in historical archives; elaboration of documentary material about the Lar dos Velinhos de Campinas and its subjects, based on interviews at the institution with elderly residents, collaborators (employees) and volunteers, using the intertextuality between oral history and photographs; analysis of all the documentary material gathered, in dialogue with the specialized bibliography. **Results:** We gathered and analyzed significant documentary material about Lar dos Velinhos de Campinas, from which we contextualized the institution at a local and broader level, valuing official historical sources, and presented the current situation of the institution and the social groups involved, valuing new discourses and representations.

Keywords: Long Stay Institution for the Elderly. Qualitative research. Interview. Photography.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Documento iconográfico sobre a inauguração do Asilo de Inválidos de Campinas em 10 de dezembro de 1905 (Acervo: Centro Histórico Orosimbo Maia do LVC).

Imagem 2: Fotografia reproduzida de um artigo de jornal sobre a instituição em 1973 [96] (Acervo: CMU).

Imagem 3: Fotografia reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet, sobre o Centro Histórico Orosimbo Maia do LVC em 2012.

Imagem 4: Fotografia de Martinho Caires para Agência Social de Notícias em 11/09/2017, sobre o prédio revitalizado pela Mostra Mais Sustentável.

Imagem 5: Fotografia em que se destaca a placa com a denominação “Pavilhão Brasil” no Lar dos Velinhos de Campinas (Acervo: Centro Histórico Orosimbo Maia do LVC).

Imagem 6: Fotografia em que se destaca a placa com a denominação “Residencial Holanda”, reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet.

Imagem 7: Fotografia aérea do Lar dos Velinhos de Campinas em 2010, reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet.

Imagem 8: Fotografia reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet, em novembro de 2018. O idoso Raimundo encontra-se sentado ao lado do voluntário Luís.

Imagem 9: Fotografia de uma festa de aniversariantes em 1998, na qual Ísis encontra-se de jaleco branco, entre as duas idosas que estão em pé, no lado esquerdo da imagem (Acervo: Centro Histórico Orosimbo Maia do LVC).

Imagem 10: Fotografia reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet, de janeiro de 2018, na qual Giselle encontra-se de jaleco branco, no lado esquerdo da foto.

Imagem 11: Fotografia reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet, de março de 2016, na qual Giselle encontra-se de jaleco branco, no centro da foto.

Imagem 12: Fotografia reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet, de janeiro de 2019, na qual Vanilze encontra-se de jaleco branco, no lado esquerdo da foto.

Imagem 13: Fotografia reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet, de janeiro de 2019, na qual Vanilze encontra-se de jaleco branco, no centro da foto.

Imagem 14: Fotografia reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet, de março de 2019, na qual Vanilze encontra-se de jaleco branco, dançando com um idoso.

Imagem 15: Fotografia com os voluntários Dirlei, Deuselinda, Jair e Irene, da esquerda para a direita, no Lar dos Velinhos de Campinas, no início de março de 2020 (Foto: Vanessa Fernandez).

Imagem 16: Fotografia reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet, de agosto de 2017, na qual idosos tomam banho de sol no pátio.

Imagem 17: Fotografia reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet, de novembro de 2013, sobre uma campanha da Drogaria São Paulo. O presidente Mauro encontra-se no lado direito da imagem.

Imagem 18: Fotografia reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet, de maio de 2016, sobre uma campanha da loja M Martan. O presidente Mauro encontra-se abraçado às idosas.

Imagem 19: Fotografia selecionada e cedida por Natália para a entrevista. Natália encontra-se conversando com uma idosa no Lar dos Velinhos de Campinas.

Imagem 20: Fotografia selecionada e cedida por Natália para a entrevista. Natália encontra-se beijando o rosto de uma idosa no Lar dos Velinhos de Campinas.

Imagem 21: Fotografia reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet, de março de 2011. O idoso João Batista encontra-se em pé, no lado direito da imagem.

Imagem 22: Fotografia da década de 1950, fornecida pelo idoso João Batista, de seu acervo familiar.

Imagem 23: Fotografia da década de 1950, fornecida pelo idoso João Batista, de seu acervo familiar.

Imagem 23: Fotografia da década de 1950, fornecida pelo idoso João Batista, de seu acervo familiar.

Imagem 24: Fotografia de 1967, fornecida pelo idoso João Batista, de seu acervo familiar.

Imagem 25: Fotografia de 2017, fornecida pelo idoso João Batista, registro de pintura mural no pátio ao lado do Residencial Estados Unidos no Lar dos Velinhos de Campinas.

Imagem 26: Fotografia da década de 1950, fornecida pela idosa Dilma, de seu acervo pessoal.

Imagem 27: Fotografia reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet, de fevereiro de 2019. A idosa Dilma encontra-se de blusa branca, ao lado de outras idosas.

Imagem 28: Fotografia de 2019, registro do idoso Raimundo em pintura mural ao lado da biblioteca no Lar dos Velinhos de Campinas (Foto: Vanessa Fernandez).

Imagem 29: Fotografia reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet, de abril de 2017. A idosa Zaíra encontra-se fazendo caça-palavras.

Imagem 30: Fotografia reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet, de fevereiro de 2019. O idoso Jorge encontra-se sentado no meio de outros idosos.

Imagem 31: Fotografia de 2019, registro do idoso Jorge em frente à horta no Lar dos Velinhos de Campinas (Foto: Vanessa Fernandez).

Imagem 32: Fotografia do final da década de 1950, fornecida pela idosa Patrícia, de seu acervo pessoal.

Imagem 33: Fotografia reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet de dezembro de 2018, da campanha “Natal dos sonhos: Apadrinhe um velhinho”, retratando a idosa Patrícia e seu pedido de presente.

Imagem 34: Fotografia reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet, de abril de 2019. O idoso Elias encontra-se na janela do corredor do Residencial Holanda.

Imagem 35: Fotografia reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet, de maio de 2012. A idosa Iolanda encontra-se na cozinha do setor de terapia ocupacional no centro geriátrico do Lar dos Velinhos de Campinas.

Imagem 36: Fotografia reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet, de março de 2019. A idosa Iolanda encontra-se sentada ao lado de seu amigo, o idoso Elias.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ABHO: Associação Brasileira de História Oral
- ANVISA: Agência Nacional de Vigilância Sanitária
- AVD: Atividades da Vida Diária
- CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CDI: Centro Dia para Idosos
- CEP: Comitê de Ética em Pesquisas da Unicamp
- CERU: Centro de Estudos Rurais e Urbanos
- CMU: Centro de Memória da Unicamp
- CPDOC: Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea do Brasil
- DIEESE: Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos.
- FEAC: Federação das Entidades Assistenciais de Campinas
- FGV: Fundação Getúlio Vargas
- IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- ILPI: Instituição de Longa Permanência para Idosos
- IOHA: *International Oral History Association*
- IPEA: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
- LHOA: Laboratório de História Oral e Audiovisual
- LVC: Lar dos Velhinhos de Campinas
- NEHO: Núcleo de Estudos em História Oral
- PNAD: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
- PNI: Política Nacional do Idoso
- OSC: Organização da Sociedade Civil
- SAMIM: Setor de Atendimento ao Migrante, Itinerante e Mendicante
- SBGG: Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia
- SISNOV: Sistema de Notificação de Violência em Campinas
- TCLE: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
- UNICAMP: Universidade Estadual de Campinas
- USP: Universidade de São Paulo

Sumário

INTRODUÇÃO	13
Tema e hipótese da pesquisa	13
Objetivos da pesquisa.....	15
Conceitos fundamentais	15
Revisão da literatura.....	24
História do projeto.....	27
METODOLOGIA	31
Procedimentos gerais	31
Procedimentos Específicos.....	35
RESULTADOS	41
Apresentação	41
Lar dos Velinhos de Campinas: trajetória histórica	42
Lar dos Velinhos de Campinas: atuação social	65
Lar dos Velinhos de Campinas: experiências da velhice institucionalizada	113
DISCUSSÃO.....	161
CONCLUSÃO	163
REFERÊNCIAS	175
ANEXOS.....	183

INTRODUÇÃO

Tema e hipótese da pesquisa

A história do Lar dos Velinhos de Campinas (LVC) remonta ao final do século XIX, quando foram registrados os primeiros discursos idealizadores de um local para as pessoas em situação de pobreza extrema na cidade, e ao início do século XX, quando ocorreram a fundação e a inauguração do asilo que, ao longo dos anos, transformou-se na instituição atual.

Assim, em 22 de janeiro e em 08 de fevereiro de 1899 foram divulgadas, em um importante jornal da cidade, opiniões pela criação de um “estabelecimento” que servisse de “abrigo aos pobres”; em 25 de julho de 1904 foi fundado o “Asilo de Mendigos”; em 10 de dezembro de 1905 foi inaugurado o “Asilo de Inválidos” [1, 2]; e no início da década de 1970 foi alterado o nome para “Lar dos Velinhos de Campinas” [2].

O Lar dos Velinhos de Campinas é uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) e uma Organização da Sociedade Civil (OSC) na área de assistência social. Na definição da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), as ILPIs são “instituições governamentais ou não governamentais, de caráter residencial, destinadas a domicílio coletivo de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, com ou sem suporte familiar, em condição de liberdade e dignidade e cidadania” [3]. Na definição do próprio governo federal, as OSC são “entidades privadas e sem fins lucrativos, que desenvolvem ações de interesse público e não têm o lucro como objetivo” [4]. Segundo a caracterização do próprio Lar dos Velinhos de Campinas, trata-se de uma “Organização da Sociedade Civil, sem fins lucrativos, administrada por uma diretoria voluntária e que conta com a colaboração da comunidade e algumas empresas parceiras para a sua manutenção” atendendo, em regime asilar, “idosos de ambos os sexos em situação de vulnerabilidade social e sem a possibilidade de autocusteio” [5].

Instalado em um bairro residencial da cidade¹, o Lar dos Velinhos de Campinas ocupa uma ampla e bela área de aproximadamente 70 mil metros quadrados, com espaços arborizados e jardins. Sua estrutura física está composta de ambientes específicos para a habitação, o acolhimento e os cuidados especializados oferecidos aos idosos, como os residenciais, os refeitórios e o centro geriátrico, e também para possibilitar o seu próprio funcionamento, como o edifício da administração. Trabalhadores especializados, denominados “colaboradores” pela instituição, dividem-se em tarefas de atendimentos

¹ O Lar dos Velinhos de Campinas localiza-se na rua Irmã Maria de Santa Paula Terrier, n. 300, bairro Vila Proost de Souza.

aos idosos e de manutenção do local, como médicos, enfermeiros, cuidadores, terapeuta ocupacional, recreacionista, nutricionista, cozinheiros e prestadores de serviços gerais. E há os voluntários, que são pessoas que se oferecem para atividades de convivência e de apoio. No total, são cerca de cem idosos, cento e cinquenta colaboradores e cem voluntários².

O tema desta pesquisa é o Lar dos Velinhos de Campinas e suas características sócio-históricas, o qual pode ser melhor apresentado pelo título escolhido: *Lar dos Velinhos de Campinas: trajetória história, atuação social e experiências da velhice institucionalizada*.

Com mais de 100 anos de existência, a longa *trajetória histórica* do Lar dos Velinhos de Campinas foi analisada desde a sua origem até a atualidade, considerando os vários grupos sociais envolvidos e as influências de diferentes momentos políticos, econômicos e culturais em sua constituição, com destaque para o seu caráter local. Desenvolvendo um significativo trabalho de acolhimento humano e de atendimento especializado a centenas de pessoas idosas em situação de vulnerabilidade, analisamos a importante *atuação social* do Lar dos Velinhos de Campinas, sobretudo na atualidade, com destaque para as suas ações profissionais e o seu caráter de assistência social. Reunindo uma heterogeneidade de pessoas idosas – homens e mulheres em idades variadas entre idosos jovens e longevos, com distintos graus de dependência, provenientes de diferentes locais do país, pertencentes a vários grupos sociais e étnico-raciais – analisamos também as múltiplas *experiências da velhice institucionalizada* aí encontradas, com destaque para o seu caráter aglutinador de histórias de vida singulares e que têm em comum a vivência da velhice na instituição.

A percepção dessas características – longa trajetória histórica, importante atuação social e múltiplas experiências da velhice institucionalizada – nos levou a considerar o Lar dos Velinhos de Campinas uma ILPI de referência, o que contribuiu na construção da hipótese desta pesquisa: sem apoiar a institucionalização generalizada, acreditamos que as instituições de longa permanência para idosos são necessárias e devem ser vistas com menos preconceitos em nossa sociedade, pois constituem um local de habitação, de acolhimento e de cuidados a diversas pessoas idosas em situação de vulnerabilidade, sempre que se cumpram as exigências e requisitos da legislação em vigor. Mais do que isso, trata-se de uma possibilidade de viver com dignidade na velhice para um grupo

² Informações obtidas com as entrevistas realizadas para esta pesquisa, especificamente nas entrevistas realizadas com o presidente, Mauro Calais de Siqueira, e com a superintendente, Geise Fabiana Silva, do Lar dos Velinhos de Campinas.

específico de pessoas. O estudo sobre uma ILPI de referência serve para ampliar os conhecimentos e os debates que podem incentivar políticas públicas nessa área, tanto em contexto local, quanto em contextos mais amplos.

Objetivos da pesquisa

Os objetivos propostos para esta pesquisa foram:

- Pesquisar as características sócio-históricas do Lar dos Velhinhos de Campinas, ou seja, sua longa trajetória histórica, sua importante atuação social e as múltiplas experiências da velhice institucionalizada aí encontradas, a partir de reunião e análise de material documental, previamente existente ou especialmente elaborado para isso – o material disponível em arquivos históricos e o material resultante das entrevistas de história oral – em diálogo com a bibliografia especializada;
- Demonstrar como a instituição foi sendo transformada e reconfigurada de acordo com as necessidades e demandas da sociedade ao longo de sua história, percebendo-a como um espaço em constante construção, marcado pela atuação e pelas trajetórias dos grupos sociais e indivíduos aí envolvidos;
- Valorizar as experiências de idosos residentes no Lar dos Velhinhos de Campinas, observando-as em suas especificidades e em seu conjunto, com destaque para a reflexão de como trajetórias pessoais tão singulares convergiram na mesma ILPI;
- Identificar e analisar as questões que envolvem o assunto da velhice institucionalizada e da necessidade de alternativas de cuidados não familiares à população idosa na sociedade brasileira contemporânea, segundo os relatos e as opiniões daqueles que a vivenciam ou a acompanham em uma ILPI específica, seja como idoso residente, seja como colaborador (funcionário) ou voluntário, respectivamente, problematizando tanto os aspectos positivos, quanto as críticas e as dificuldades existentes;
- Produzir conhecimentos na área de Gerontologia sobre uma ILPI específica, apresentando resultados mais humanizados e relacionando tais conhecimentos a um contexto social mais amplo, de modo a contribuir para o estudo e o debate dos múltiplos aspectos do fenômeno do envelhecimento.

Conceitos fundamentais

Os conceitos a seguir são considerados fundamentais porque nortearam o desenvolvimento teórico desta pesquisa em Gerontologia, desde a escrita do projeto, perpassando a sua execução prática, até a escrita da tese:

- População idosa/idosos, velhos, velhice, envelhecimento humano, envelhecimento populacional e qualidade de vida;
- Cuidados formais, cuidados informais e cuidados de longa duração;
- Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) e velhice institucionalizada.

Além de expor os seus significados, a partir da legislação vigente e da concepção de alguns autores, situamos os mesmos na complexa realidade local e nacional da qual fazem parte, auxiliando na compreensão da pesquisa realizada. Esta breve apresentação conceitual também deixa evidente algumas escolhas teóricas e, conseqüentemente, nosso ponto de vista sobre o assunto.

No Brasil, a *população idosa* é composta por pessoas com 60 anos ou mais de idade, segundo as definições da Política Nacional do Idoso (PNI) [6] e do Estatuto do Idoso [7]:

“Art. 2º Considera-se idoso, para os efeitos desta lei, a pessoa maior de sessenta anos de idade.” [6]

“Art. 1º É instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos.” [7]

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que, ao final de 2019, do total de 210,1 milhões de brasileiros, 34 milhões eram idosos, o que representava 16,2% da população do país [8]. Em Campinas/SP, local de realização desta pesquisa, no último censo foram registradas 133.801 pessoas idosas, o que representava 12,38% do total de 1.080.113 habitantes [9].

A definição de idoso envolve uma diversidade de pessoas em um mesmo marcador cronológico, tratando-se de um padrão etário. Os *idosos* são aqueles que têm 60 anos ou mais de idade. O conceito de velho é mais subjetivo e flexível. Os *velhos* são as pessoas com mais anos vividos desde o nascimento, aqueles que têm uma idade mais avançada. Embora muitas vezes essa palavra seja usada no sentido pejorativo, nesta pesquisa os velhos são vistos como aqueles que deixaram, de certa maneira, de ser membros ativos da sociedade, mas são valorizados porque desempenham a importante função de lembrar, de ser a memória da família, do grupo, da instituição e/ou da sociedade [10]:

“Se existe uma memória voltada para a ação, feita de hábitos, e uma outra que simplesmente revive o passado, parece ser esta a dos velhos, já libertos das atividades profissionais e familiares. (...) Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente. (...) A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda” [10].

A *velhice* é a consequência natural do processo de envelhecimento humano, sendo a última fase do ciclo da vida. Caracteriza-se por manifestações somáticas, como redução da capacidade funcional e da resistência, alterações na postura, na marcha e no equilíbrio, e por manifestações psicossociais, como alterações cognitivas, perda de papéis sociais, aumento do sentimento de solidão, entre outras características frequentes e que têm implicações mais difíceis nas classes desfavorecidas [11].

Além de ser um destino do indivíduo, a velhice é uma categoria social, pois cada sociedade vive de forma diferente o declínio biológico da humanidade [10]. Sua realidade e significação variam nos diferentes tempos, nos diferentes lugares. Por mais sumário que pareça, a condição daqueles que a vivenciam depende do contexto social [12]. Há também uma grande heterogeneidade entre os idosos de uma mesma sociedade ou temporalidade, com variações de acordo com as condições socioeconômicas, culturais, étnico-raciais, de gênero e de saúde, entre outras especificidades [13]. As trajetórias diferenciadas de cada indivíduo, marcadas pelas desigualdades sociais, regionais e raciais, podem afetar as suas condições de vida na velhice [14].

O *envelhecimento humano* ocorre à medida que a idade de um indivíduo aumenta. Trata-se de um processo irreversível, natural e individual, que depende de capacidades básicas, adquiridas e do meio ambiente. Já o *envelhecimento populacional* ocorre quando aumenta a participação da população idosa no total da população, o que traz consequências na vida dos indivíduos, nas estruturas familiares, nas demandas por políticas públicas e na distribuição de recursos nas sociedades [14].

O atual processo de envelhecimento populacional, no mundo e no Brasil, explica-se por dois fenômenos correlatos: a redução sistemática nos níveis de fecundidade, que provoca modificação na estrutura etária e aumento da proporção de idosos na população, e a redução na mortalidade, que ocasiona aumento do tempo vivido pelos idosos [15].

Se o envelhecimento da população é um dos maiores triunfos da humanidade, é também um dos grandes desafios. Por um lado, o avanço da idade aumenta a chance de ocorrência de doenças e de prejuízos às funcionalidades física, psíquica e social dos indivíduos, com consequências sérias para eles e suas famílias. Por outro lado, se os indivíduos envelhecerem com autonomia e independência, com boa saúde física, desempenhando papéis sociais, permanecendo ativos e desfrutando de senso de significado pessoal, a qualidade de vida na velhice pode ser muito boa. Considerando que o fenômeno *qualidade de vida* tem múltiplas dimensões, com vários aspectos

importantes, o desafio atual aos indivíduos e às sociedades é conseguir uma sobrevivência cada vez maior, com uma qualidade de vida cada vez melhor [16].

Em nossa contemporaneidade, existem dois tipos de cuidados e de cuidadores envolvidos com os serviços prestados à saúde da pessoa idosa: os formais e os informais. Os *cuidados formais* são realizados por profissionais qualificados e remunerados que desempenham tarefas específicas de suporte, alívio, reabilitação, tratamento, acompanhamento e informação aos idosos, atuando como autônomos na residência dos próprios idosos ou vinculados a organizações no setor público e privado, como centros-dia, hospitais-dia, ILPIs. Os *cuidados informais* são realizados por pessoas leigas que executam as tarefas sem remuneração, mas por imperativos de solidariedade, filantropia, caridade, amizade, dever filial ou dever conjugal, sendo, geralmente, os familiares dos idosos [17].

A legislação brasileira estabelece que a “família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas” e dispõe que “os programas de amparo aos idosos serão executados preferencialmente em seus lares” [18], o que coloca a família no centro dos cuidados aos idosos. Porém, uma das problemáticas existentes em relação ao cuidado familiar no Brasil é que ele tem ocorrido com baixo apoio e orientação do Estado, sendo escassas as políticas e os programas de cuidado formal domiciliar [19]. Pouco é feito pelo poder público nessa área, tanto em relação à qualidade dos cuidados familiares, quanto a qualquer tipo de ajuda sistemática aos cuidadores informais, o que demonstra omissão do Estado e da sociedade [17]. Assim, a família é a principal responsável pelo cuidado prestado à pessoa idosa no Brasil, mas esse cuidado deveria ser, segundo a bibliografia especializada, uma responsabilidade compartilhada entre família, sociedade e Estado.

Simultaneamente, algumas mudanças nas famílias brasileiras estão reduzindo a oferta de cuidados familiares aos idosos: a mudança no papel econômico e social das mulheres, com a inserção das mesmas no mercado de trabalho, sendo elas tradicionalmente as principais cuidadoras informais nas famílias; os novos valores sociais, como aumento do individualismo e da valorização da vida independente, aumentando a quantidade de pessoas que vivem sozinhas; a diminuição da taxa de fecundidade, o que pode enfraquecer os laços de solidariedade intergeracionais; alterações nas práticas de nupcialidade, gerando maior número de casamentos, divórcios e recasamentos. Tais mudanças podem afetar a provisão de cuidados e evidenciam a necessidade de uma política abrangente de cuidados de longa duração à população idosa no Brasil [15].

Os idosos que demandam cuidados de longa duração são aqueles que apresentam algum tipo de dificuldade para realizar as atividades da vida diária (AVDs), como alimentar-se, tomar banho ou ir ao banheiro, e aqueles que apresentam dificuldades econômicas para a própria sobrevivência [20, 21]. Os *cuidados de longa duração* compõem-se de apoio material, instrumental e emocional, formal ou informal, oferecido por um longo período de tempo às pessoas que o necessitam, independentemente da idade. Na população idosa, tais cuidados concentram-se naqueles com incapacidades físicas e/ou mentais e naqueles em situação de vulnerabilidade socioeconômica [19].

As instituições asilares constituem a modalidade mais antiga e mais comum de cuidados de longa duração à pessoa idosa fora de seu ambiente familiar, no mundo e no Brasil [21]. Aqui, as políticas de cuidados de longa duração são de responsabilidade do órgão da assistência social, cabendo à ANVISA o papel de fiscalizá-las [19], orientando-as e apurando possíveis irregularidades.

Tais instituições são vistas com preconceitos pela sociedade em geral e frequentemente são associadas a imagens negativas: pobreza, abandono e violência são algumas delas. Muitas vezes, são relacionadas ao conceito de instituição total desenvolvido por Erving Goffman em 1961, ou seja, um local de residência e trabalho em que um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, leva uma vida fechada e formalmente administrada [22]. Além disso, a denominação popular “asilo” prevalece, ressaltando a sua origem histórica como local de segregação e de caridade. Lar dos Velinhos, Jardim ou Casa de Repouso são expressões encontradas para substituir a rotulação discriminatória presente na palavra asilo [23]. A Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG) sugere a adoção da denominação Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI), correspondendo à expressão inglesa *Long Term Care Institution*, que é utilizada nesta pesquisa. É uma denominação mais neutra, mas a maioria da população não a conhece ainda.

Em 2005, foi aprovada pela ANVISA a Resolução nº 283 que regulamenta o funcionamento das ILPIs em nível nacional, contendo cláusulas importantes para assegurar um padrão mínimo de atendimento [24]. Em sua definição, as *Instituições de Longa Permanência para Idosos* são instituições “governamentais ou não governamentais, destinadas à moradia coletiva de pessoas com 60 anos ou mais de idade, com ou sem suporte familiar, em condições de liberdade, dignidade e cidadania” [3], conforme apresentamos no início deste capítulo.

Efetivamente, não existe um consenso no Brasil sobre as ILPIs, pois em alguns casos são consideradas instituições de assistência social e em outros casos, instituições de saúde. Considerando que muitas vezes, além da habitação, os idosos institucionalizados demandam cuidados com a saúde, o que vem se acentuando no atual contexto de envelhecimento populacional, na visão de alguns especialistas tais instituições não devem estar integradas apenas à rede de assistência social, mas também à rede de saúde [19]. Isso porque as instituições para idosos originaram-se como equipamentos de assistência social e gradualmente foram se transformando, aprimorando-se nos cuidados especializados que os idosos institucionalizados demandavam. Em algumas realidades e concepções, tais instituições constituem um serviço híbrido, com aspectos de assistência à saúde e ao bem estar social, proporcionando cuidados em um lugar para se viver. Em outras palavras, uma moradia especializada [22].

No Estado de São Paulo, a Resolução SS 123/2001 define e classifica as “Instituições geriátricas”, tidas como “estabelecimentos de assistência à saúde, bem como estabelecimentos de interesse à saúde, públicos e privados, que prestam serviços às pessoas idosas em regime asilar e em regime não-asilar”, diferenciando as “Casas de Repouso”, que são os estabelecimentos destinados, centralmente, à prestação de serviços de assistência médica, dos “Asilos”, que são os estabelecimentos destinados, centralmente, à prestação de serviços de assistência social, ambos em regime de atendimento ou assistência asilar [25]. Em Campinas/SP, a Lei Complementar N.32 de 2010 dispõe sobre as normas e padrões de funcionamento das ILPIs, segundo a qual estas são destinadas ao domicílio coletivo de pessoas idosas dependentes ou independentes e quando a assistência médica não constitui o elemento central na prestação de serviços [26].

Para a ANVISA, as condições gerais das ILPIs variam de acordo com os graus de dependência dos idosos atendidos, que podem ser:

Grau de Dependência I - idosos independentes, mesmo que requeiram uso de equipamentos de autoajuda; Grau de Dependência II - idosos com dependência em até três atividades de autocuidado para a vida diária tais como: alimentação, mobilidade, higiene; sem comprometimento cognitivo ou com alteração cognitiva controlada; Grau de Dependência III - idosos com dependência que requeiram assistência em todas as atividades de autocuidado para a vida diária e ou com comprometimento cognitivo [3].

Em um levantamento censitário realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), entre 2007 e 2009 foram identificadas 3.548 ILPIs no Brasil. Destas, 3.295 participaram de uma pesquisa que coletou informações sobre serviços prestados, infraestrutura, recursos, parcerias e características dos idosos residentes. Constatou-se

que a maioria das instituições brasileiras eram de natureza filantrópica, correspondendo a 65,2% das instituições, sendo que 28,2% eram de natureza privada e apenas 6,6% de natureza pública, o que demonstrou ausência de programas governamentais nessa área. Cerca de 100 mil pessoas residiam nessas instituições, das quais 84 mil eram idosos, o que representava menos de 1% da população idosa brasileira, um número significativamente baixo. A maioria das instituições concentrava-se na região Sudeste: 63,6%, o que é um número razoável, considerando que a maior proporção da população idosa residia nessa região: 51,7%. Verificou-se também uma concentração das instituições nos grandes municípios, pois aproximadamente 30% das instituições brasileiras estavam localizadas naqueles que contavam com mais de 500 mil habitantes, enquanto que nos pequenos municípios, com menos de 10 mil habitantes, encontravam-se apenas 10,4% das instituições e em aproximadamente 71% dos municípios brasileiros não havia nenhuma delas, o que representou uma discrepância na distribuição espacial das mesmas [27].

Portanto, trata-se de uma modalidade de cuidados de longa duração à população idosa que ainda não é disseminada no território nacional, pois o número de instituições existentes está abaixo da demanda e não se encontra bem distribuído pelo país, alcançando uma pequena quantidade de pessoas. Além disso, apesar de sua importância e necessidade, esse tema não tem sido devidamente considerado pelas políticas públicas. Acredita-se que a percepção das ILPIs como alternativa de cuidados e/ou de moradia para um segmento da população idosa pode incentivar tais políticas, pois a melhoria na qualidade, a redução de preconceitos e o aumento da oferta de instituições são fatores bastante relacionados [28].

De fato, existem muitos problemas relacionados ao ingresso da pessoa idosa em uma instituição, bem como à qualidade das mesmas em seus diferentes aspectos. A entrada em uma ILPI constitui uma mudança no percurso da vida, um rompimento brusco no cotidiano anterior. Pode significar a ruptura definitiva de velhos laços afetivos e a obrigação de uma vida comunitária com pessoas com as quais nunca se teve relações afetivas. Trata-se de pensar sobre a proximidade emocional entre pessoas que gostam de estar juntas, que têm um certo envolvimento mútuo. A separação dos idosos de sua vida normal e a reunião com estranhos pode significar solidão para esses indivíduos [29]. Pode significar também dificuldades de convivência, pois é surpreendente a quantidade de conflitos, brigas e desentendimentos entre os residentes em ILPIs e deles com o pessoal técnico e administrativo [23]. Portanto, a admissão de uma pessoa idosa em uma ILPI

deve ser precedida de criteriosa avaliação médica e social. A sua transição deve ser bem preparada, com acompanhamento e apoio psicológicos. Se for capaz, a pessoa idosa deve opinar e decidir sobre esse assunto [22].

Realmente, muitas instituições constituem estruturas constrangedoras, com critérios padronizados que não possibilitam a expressão individual de seus residentes. Há situações de compartimentos fechados, que afastam os idosos do convívio social e familiar [22]. Além da perda da individualidade, há a perda de privacidade. Residir em quarto individual depende muito das condições socioeconômicas de cada um. Em geral, é difícil preservar a privacidade total dos idosos residentes nas ILPIs, sobretudo nas públicas e filantrópicas, onde predominam quartos e espaços coletivos. Ademais, há os horários estabelecidos, como os das refeições, e as regras comuns, que nem sempre agradam ou atendem as expectativas de todos. Há ainda a baixa qualidade de serviços prestados por muitas instituições, porque surgem espontaneamente, em razão das necessidades da comunidade, refletindo a ausência governamental nessa área, chegando ao extremo de casos de negligência ou violência aos idosos residentes [28].

Por outro lado, a convivência dos idosos com seus filhos ou familiares não é garantia da presença de respeito e prestígio, nem da ausência de maus-tratos. Há denúncias de violência física contra idosos quando diferentes gerações convivem na mesma unidade doméstica [23]. Por exemplo, em uma pesquisa realizada em Campinas/SP sobre as principais formas de violência sofridas pelos idosos na cidade, mais de 92% dos casos registrados pelo Sistema de Notificação de Violência em Campinas (SISNOV) ocorreram nas casas daqueles idosos, indicando que o lar nem sempre é um ambiente seguro [30].

Quanto ao rompimento dos laços afetivos e às novas relações sociais decorrentes do ingresso na instituição, há também a formação de novos vínculos afetivos, de novas amizades e até o reatamento de vínculos perdidos ou a manutenção daqueles existentes. Em muitos casos, o grau de isolamento ou afastamento de convívio social e familiar depende do grau de dependência dos idosos. Os idosos independentes têm liberdade de ir e vir, de participar de atividades de lazer que são oferecidas nas ILPIs. E a família e a comunidade são estimuladas a participar de suas rotinas, em geral. Além disso, há muitos casos de ILPIs exemplares [28].

Por fim, em um país de enormes dimensões territoriais como o Brasil, também as instituições para idosos se revelam heterogêneas quanto a padrões de atendimento,

qualidade da estrutura, organização financeira e população atendida [22], daí a importância de se questionar generalizações estereotipadas.

Com esse amplo entendimento, a expressão *velhice institucionalizada* refere-se à vivência da velhice em uma ILPI, o que constitui uma experiência singular na vida da pessoa idosa que a vivencia, marcada por particularidades relacionadas à instituição em que ela se encontra e aos aspectos subjetivos e sócio-históricos de cada indivíduo, daí a necessidade de se ressaltar essa fase da vida nessa situação, como fazemos nesta pesquisa.

Evidentemente, não se trata de apoiar e incentivar a institucionalização generalizada de idosos. Visto que a família quase sempre se torna cuidadora de seu parente à medida que ele avança na idade, é extremamente importante que o cuidado familiar seja incentivado com apoio e acompanhamento de profissionais capacitados em busca do bem estar e qualidade de vida de todos os envolvidos. É indiscutível a importância de programas de assistência domiciliar destinados às pessoas idosas que apresentam dependência total ou parcial, pois visam restaurar, manter e aumentar a autonomia e a independência dessas pessoas, de modo que possam permanecer em suas residências pelo maior tempo possível, respeitando suas memórias física e afetiva e reforçando os vínculos familiares e sociais existentes [31]. Outra alternativa interessante é o atendimento em Centros Dia para Idosos (CDI), pois não rompe vínculos familiares e tem um custo relativamente baixo, mas adequa-se apenas a idosos independentes ou semidependentes com laços familiares [21].

Assim, consideramos indispensável a criação ou o fortalecimento de uma rede formal de suporte às pessoas idosas, incorporando a família e a comunidade, formada por centros-dia, hospitais-dia, centros de convivência, cuidado domiciliar formal e apoio ao cuidador familiar. No entanto, cada um desses serviços atende a necessidades diferentes e não eliminam a demanda por ILPIs [19]. Nesse conjunto, embora as instituições de longa permanência para idosos sejam vistas com preconceitos pela sociedade em geral, devemos assumir que elas constituem habitação, cuidados, amparo e segurança para um significativo grupo populacional [20]. Mais do que isso, trata-se de uma possibilidade de viver com dignidade na velhice para um grupo específico de pessoas. O atual contexto de mudanças demográficas e sociais, no qual projeta-se o aumento da proporção de pessoas idosas e muito idosas³ e a diminuição da oferta de cuidados familiares, amplia a necessidade de alternativas de cuidados não familiares a esse grupo populacional.

³ As pessoas muito idosas são aquelas que têm 80 anos ou mais de idade, também denominadas “idosos longevos”.

Revisão da literatura

Para a revisão da literatura sobre o assunto da velhice institucionalizada, foram efetuadas duas buscas: uma busca de artigos científicos na base de dados nacional Scielo e uma busca de pesquisas no catálogo de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Primeiramente, foi efetuada uma busca de artigos científicos em uma base de dados nacional, a Scielo, abrangendo o período de janeiro de 2014 a dezembro de 2019⁴, utilizando como descritor o termo “Instituição de Longa Permanência para Idosos”. De um total de 140 artigos encontrados, após uma triagem inicial de título e de resumo, foram selecionados cinco artigos para análise, sendo priorizados os estudos com temas e metodologias semelhantes a esta pesquisa, isto é, aqueles com alguma perspectiva sócio-histórica sobre as instituições e/ou com uma abordagem qualitativa em relação às experiências dos sujeitos e grupos sociais envolvidos. Foram excluídos os estudos que tratavam de questões relacionadas à fisiologia do envelhecimento e sua ocorrência nessas instituições, como os estudos sobre a prevalência de doenças crônicas em ILPI, a prevenção de quedas em ILPI, os fatores associados ao uso de cadeiras de rodas em ILPI, entre outros.

Dois artigos selecionados assemelharam-se na proposta de realizar comparações entre idosos institucionalizados e idosos não institucionalizados [32, 33]. Em ambos, a institucionalização pôde ser apontada como um fator negativo para a qualidade de vida dos idosos em geral, pois os idosos que não residiam em uma ILPI, ou seja, os idosos que viviam na própria comunidade [32] e os idosos que frequentavam um centro-dia [33], apresentaram melhores índices de qualidade de vida em relação àqueles que viviam em uma ILPI.

A percepção de controle, que é um recurso psicossocial associado à qualidade de vida, referindo-se à crença de estar no comando da própria vida e dos eventos a ela pertinentes, foi analisada em um desses artigos [32], segundo o qual a institucionalização pode reduzir as possibilidades do idoso exercer controle sobre a própria vida, como gerir seus bens, administrar seu tempo, seu espaço, suas relações sociais e tomar suas decisões, afetando sua percepção de qualidade de vida. Contudo, notou-se também que muitos dos

⁴ Recomenda-se que a revisão da literatura contemple os últimos cinco anos em relação à pesquisa realizada. Considerando que nesta pesquisa houve prorrogações de prazo de finalização, devido a uma licença maternidade da pesquisadora e à pandemia de COVID-19, decidimos ampliar o período da revisão, que primeiramente havia sido entre janeiro de 2014 e dezembro de 2018, incluindo também o ano de 2019, a fim de torná-la mais atualizada.

idosos institucionalizados eram pessoas muito idosas, com saúde deteriorada, situação econômico-financeira precária e histórias de abandono ou descaso por parte dos familiares, o que já poderia predispor-los à baixa percepção de controle [32].

Dialogando com essa reflexão, no outro artigo também se notou que a percepção de qualidade de vida dos idosos institucionalizados já pode estar comprometida quando estes ingressam na instituição, devido aos próprios fatores que causam a institucionalização [33]. Um aspecto importante para a melhor percepção da qualidade de vida entre os idosos frequentadores do centro dia foi o convívio social nos grupos de atividades físicas, de lazer, culturais e de trabalho, enquanto que os idosos institucionalizados apontaram passar o dia todo na instituição, em uma rotina geralmente monótona e de convívio social limitado, com poucas visitas de familiares e amigos [33].

Outros dois artigos selecionados trouxeram a reflexão sobre as funções do acolhimento às pessoas idosas em ILPIs, com uma abordagem qualitativa e procedimento metodológico de entrevistas, considerando as histórias e as opiniões dos idosos institucionalizados [34, 35].

Um desses artigos apresentou a história das instituições para idosos, desde o seu surgimento na Europa até a atualidade no Brasil, atentando para os vários fatores que levam à institucionalização de idosos em nossa sociedade, como viuvez, morar sozinho, ausência de cuidado domiciliar, alto grau de dependência física e necessidades de reabilitação. Observou-se que a ILPI ocupa um espaço necessário e relevante na assistência às pessoas idosas brasileiras, principalmente àquelas com limitado suporte familiar, mas também que existem lacunas em sua estrutura e organização, o que reflete insatisfação nas pessoas idosas institucionalizadas e torna necessária uma reestruturação de seus ambientes [34]. O outro artigo apresentou a institucionalização no âmbito das necessidades dos idosos, buscando compreender o significado da ILPI para eles. Segundo as opiniões levantadas, ser um idoso institucionalizado significa ter suas necessidades de cuidado atendidas, ter acesso a serviços e recursos de saúde e ter um lugar para envelhecer e morrer. Em sua análise, percebeu-se que a instituição pode aparecer como um ambiente ambíguo para os idosos, sendo o local que os acolhe, abriga e atende as suas necessidades, mas também o ambiente que inviabiliza a vida independente e autônoma [35].

E o outro artigo dessa seleção evidenciou e valorizou a percepção dos idosos sobre os seus respectivos processos de institucionalização, com uma abordagem qualitativa e procedimento metodológico de entrevistas [36]. De modo geral, os idosos apresentaram sentimentos conflitantes acerca do cotidiano na instituição, manifestando sentimentos

negativos como abandono, solidão, revolta, ingratidão e convívio com a dor crônica, e sentimentos positivos como satisfação na atual moradia, produtividade e relacionamento social. Evidenciou-se a necessidade de políticas públicas mais alinhadas com as expectativas desses idosos [36].

A outra busca foi efetuada no catálogo de teses e dissertações da CAPES. Utilizando como descritor a sigla “ILPI” e abrangendo o período de janeiro de 2014 a dezembro de 2019, foram encontradas 169 pesquisas. Utilizando os mesmos critérios de seleção dos artigos, foram selecionadas seis pesquisas para análise.

O tema da família foi assunto central em duas pesquisas selecionadas [37,38] e ambas constataram ausência de suporte familiar aos idosos institucionalizados. Em uma das pesquisas apareceu a reflexão sobre as fragilidades das relações humanas na contemporaneidade, com destaque para a fragilidade dos vínculos familiares, apontando a institucionalização de idosos como uma alternativa para lidar com os reflexos dessa situação [37]. Na outra, surgiu a observação de como as limitações de saúde advindas do envelhecimento diminuem as chances de convivência dos idosos com os membros de suas famílias, o que implica na busca de alternativas de relacionamento para eles, entre as quais a possibilidade de socialização com outros idosos em uma ILPI [38].

Outra pesquisa selecionada também abordou o tema da família, não como assunto central, mas ao analisar a felicidade na perspectiva de idosos institucionalizados, para os quais a felicidade apareceu condicionada a múltiplas dimensões, entre elas a relacional, que engloba as amizades e os vínculos familiares [39]. Além da temática em comum, esses três estudos construíram suas reflexões tendo como base as memórias, narrativas e percepções dos idosos residentes em ILPIs, utilizando como metodologia a prática de entrevistas.

Uma pesquisa debruçou-se sobre o perfil de instituições de um município específico, onde as mesmas apresentaram-se evoluídas e competentes para oferecer cuidados de longa duração aos idosos, constituindo-se em um bom e adequado lugar para eles viverem. Visualizando-as como importantes espaços de parceria com as famílias e a sociedade, ainda que nem sempre tais parcerias sejam possíveis e efetivas, rompe-se com pensamentos de que as instituições existem somente para idosos sem família ou sem lugar para morar, pois são uma alternativa viável às famílias que desejam oferecer melhores condições de cuidados aos seus idosos, quando encontram-se impossibilitadas de realizá-los. Constatou-se também a mínima atuação do Estado, com aumento da demanda na área

da assistência social e, conseqüentemente, proliferação de entidades não governamentais [40].

Duas pesquisas selecionadas apresentaram não somente as visões dos idosos, mas também de outros grupos relacionados ao processo da institucionalização, como profissionais e voluntários. Uma delas apresentou os caminhos que levam voluntários, profissionais e idosos a uma ILPI específica, refletindo sobre as relações, dinâmicas e representações que elaboram e significam os seus cotidianos, a partir de perspectivas sobre o lugar e os sentidos de envelhecer. Essa pesquisa também valorizou a história e a atuação dessa instituição, com contextos variados entre os momentos e discursos religioso, caritativo, médico e jurídico [41]. A outra pesquisa apresentou a perspectiva dos idosos e dos cuidadores acerca das vivências em uma ILPI específica, utilizando como método a realização de entrevistas com esses grupos sociais e ressaltando as suas percepções subjetivas. A pesquisa verificou que a instituição representa um lugar de acolhimento para os idosos, mas também um lugar de reclusão, com sentimentos como solidão e ausências. Em relação aos cuidados recebidos, a pesquisa constatou que os idosos sentem-se satisfeitos, enquanto as cuidadoras sentem-se realizadas com o seu trabalho [42].

Assim, nessa revisão da literatura sobre o assunto da velhice institucionalizada, verificou-se o desenvolvimento de estudos em diferentes áreas do saber, com uma variedade de análises e conclusões, possuindo em comum temas e métodos de pesquisa, como a perspectiva sócio-histórica sobre as instituições e/ou a abordagem qualitativa em relação às experiências dos sujeitos e grupos sociais envolvidos. Alguns desses estudos apresentaram visões, opiniões e experiências dos idosos institucionalizados e de outros grupos envolvidos, como voluntários, profissionais e familiares, considerando suas memórias, opiniões e avaliações da realidade. No geral, os estudos selecionados dialogaram com a reflexão de que as ILPIs constituem uma possibilidade de habitação, cuidados, amparo e segurança para um significativo grupo populacional, sem serem estudos neutros, pois também evidenciaram críticas, falhas e dificuldades existentes.

História do projeto

A minha formação e experiência com o método da história oral, que é utilizado nesta pesquisa, teve início em 2006, pouco antes de finalizar a minha graduação em História na Universidade de São Paulo (USP). Na ocasião, ingressei, junto a um grupo de alunos da graduação, como estagiária no Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO), existente desde 1991 naquela universidade. Entre outras atividades, estudávamos textos

teóricos e procedimentos metodológicos relacionados à história oral, como os conceitos de memória social e de identidade, a elaboração de projetos, a prática de entrevistas, a análise de narrativas, os cuidados éticos e muitos outros temas.

Em 2007, dei início ao mestrado em História Social na USP, orientada pelo professor José Carlos Sebe Bom Meihy, fundador do NEHO e um dos precursores dos trabalhos com a metodologia da moderna história oral no Brasil. Na pesquisa *Dilemas da construção de identidade imigrante: história oral de vida de chilenos em Campinas* [43] estudei o processo imigratório de chilenos ao Brasil após o golpe de Estado de 1973, que destituiu o governo democraticamente eleito de Salvador Allende no Chile e provocou a saída massiva dessas pessoas de seu país de origem, sobretudo por razões políticas e/ou econômicas, aprofundando-me na comunidade de Campinas-SP. Utilizei o método da história oral e valorizei a experiência de sujeitos históricos que constituíram esse movimento, inclusive entrevistando o meu próprio pai e a minha própria mãe, imigrantes chilenos e habitantes dessa cidade desde o final da década de 1970. Essa pesquisa foi finalizada em 2011 e, posteriormente, publicada em formato e-book [44].

Nesse período, participei de vários eventos acadêmicos, como os encontros nacionais e regionais realizados pela Associação Brasileira de História Oral (ABHO) nas condições de ouvinte, comunicadora oral, ministrante de minicurso e organizadora. Também participei de encontros promovidos pela *International Oral History Association* (IOHA) e de cursos e eventos promovidos por outras instituições, o que me proporcionou vinculação com o debate teórico nacional e internacional relacionado à história oral, assim como algum conhecimento de diferentes correntes teóricas e metodológicas nessa área.

O meu contato pessoal e profissional com o Lar dos Velinhos de Campinas deu-se em 2012, quando fui convidada pelo presidente da instituição a realizar um trabalho visando uma reconstituição histórica do local⁵. Considerando a minha formação e experiência com o método da história oral, dei início a um projeto sobre as histórias de vida de idosos residentes na instituição, que resultou na publicação do livro *Entre memórias, emoções e afetos: histórias de vida de moradores do Lar dos Velinhos de Campinas* [45], em formato e-book e impresso.

A realização desse trabalho gerou conhecimentos e sensibilidades sobre a velhice institucionalizada no Lar dos Velinhos de Campinas, além de uma devolução financeira à entidade, pois a renda obtida com a venda de exemplares foi integralmente revertida

⁵ Nessa época, o presidente do Lar dos Velinhos de Campinas era o senhor Mauro Calais de Siqueira, que segue como presidente em outro mandato.

para ela, sendo que os custos de publicação foram patrocinados por uma empresa⁶. Esse trabalho demonstrou também a necessidade de uma reflexão mais aprofundada sobre o assunto, fornecendo-me indícios sobre problemáticas que poderiam ser analisadas. E propiciou-me aproximação com a instituição e seus sujeitos, o que facilitou a elaboração e o desenvolvimento desta pesquisa.

No início de 2016, ingressei no doutorado do Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com o projeto de pesquisa *Lar dos Velhinhos de Campinas: trajetória histórica, atuação social e experiências da velhice institucionalizada – triunfos e desafios*, orientada pela professora Olga Rodrigues de Moraes von Simson, que também é considerada uma das precursoras dos trabalhos com a metodologia da moderna história oral no Brasil e que atuou como coordenadora do Centro de Memória da Unicamp (CMU) entre 1996 e 2006. Assim, ao mesmo tempo em que pude dar continuidade ao desenvolvimento de pesquisas com o método da história oral, aprimorando a minha própria formação e experiência, ingressei em uma área de conhecimento que era uma novidade para mim, a Gerontologia, o que significou um grande desafio.

A Gerontologia é um amplo campo disciplinar e profissional que abriga numerosos temas, interesses e questões relacionadas ao idoso, à velhice e ao envelhecimento [11]. Esta pesquisa vincula-se à Gerontologia Social, área que aborda aspectos não orgânicos, por exemplo, as características sócio-históricas de uma ILPI específica e de seus sujeitos. Além do desenvolvimento desta pesquisa, as seguintes disciplinas foram cursadas durante o doutorado:

Tabela 1: Disciplinas cursadas

Disciplina	Período	Docente(s)	Contribuição essencial
(1) Biologia do Envelhecimento	1º semestre de 2016	Prof. Dr. Ibsen Bellini Coimbra	Compreensão das teorias biológicas e das características biológicas do envelhecimento, com ênfase nas alterações naturais e no aumento da vulnerabilidade às doenças durante esse processo.
(2) Estatística Aplicada à Pesquisa Gerontológica	1º semestre de 2016	Profa. Dra. Flávia Silva Arbex Borim	Compreensão da Estatística como ciência para organização, descrição, análise e interpretação

⁶ A empresa EMS, de produtos farmacêuticos.

			de dados; aplicação de conceitos básicos e ferramentas tecnológicas de Estatística no desenvolvimento de pesquisas e leitura de artigos.
(3) Princípios Básicos em Gerontologia	2º semestre de 2016	Profa. Dra. Maria José D' Élboux	Compreensão de princípios básicos da Gerontologia, como aspectos históricos, conceitos e teorias do envelhecimento.
(4) Psicologia do Envelhecimento	2º semestre de 2016	Profa. Dra. Anita Liberalesso Neri	Compreensão das teorias psicológicas do envelhecimento, com ênfase nas teorias atuais e suas reflexões nas mudanças comportamentais que ocorrem ao longo da velhice para diferentes indivíduos e grupos.
(5) Metodologia de Pesquisa em Gerontologia	1º semestre de 2017	Prof. Dr. André Fattori	Compreensão histórica do conhecimento científico e de métodos científicos atuais, com ênfase nas várias etapas de pesquisa.
(6) Seminários de Discussão de Casos Clínicos em Ambulatório de Geriatria	1º semestre de 2017	Profa. Dra. Maria Elena Guariento	Análise e discussão de casos clínicos de pessoas idosas, com abordagem gerontológica e de múltiplos olhares profissionais.
(7) Seminários de Pesquisa em Gerontologia II	2º semestre de 2017	Profa. Dra. Anita Liberalesso Neri	Compreensão sobre o tema Resiliência psicológica na velhice e sua relação com outros temas, como variáveis sociodemográficas.
(8) Seminários de Pesquisa em Gerontologia I	2º semestre de 2019	Profa. Dra. Lúcia Figueiredo Mourão	Observação de defesas de Mestrado e Doutorado para a escrita de relatórios com o objetivo de compreender as etapas que compõem as pesquisas.

(9) Tópicos Especiais em Gerontologia	1º semestre de 2020 (disciplina realizada <i>on line</i>).	Profa. Dra. Mara Patricia Chacon Mikahil Profa. Dra. Claudia Regina Cavaglieri	Compreensão sobre alterações neuromusculares no envelhecimento e a importância de atividades físicas e exercícios físicos como estratégia de intervenção com influências positivas nesse processo.
---------------------------------------	---	---	--

Por fim, cabe informar que nesta pesquisa não analisamos os impactos da pandemia de COVID-19 no Lar dos Velhinhos de Campinas, pois o trabalho de campo e os demais procedimentos metodológicos foram realizados antes do início da pandemia⁷. Sabemos que as ILPIs, de modo geral, sofreram profundamente as consequências da pandemia de COVID-19, como a necessidade de um rigoroso isolamento social para evitar surtos de contágios entre os idosos residentes, os quais constituíam um grupo de risco da doença. Assim, alguns dos temas analisados nesta pesquisa encontram-se alterados com a situação da pandemia, por exemplo, as atividades de lazer promovidas pela instituição com os idosos: antes da pandemia, eles participavam de festas, viagens e outras atividades que precisaram ser momentaneamente canceladas ou adaptadas, seguindo os protocolos sanitários recomendados. Evidentemente, tratam-se de mudanças significativas no âmbito da ILPI, sobretudo para os idosos residentes, mas que devem ser analisadas em outras propostas de estudos⁸.

METODOLOGIA

Procedimentos gerais

Esta pesquisa possui abordagem qualitativa, o que significa descrever e interpretar realidades complexas que envolvem os seres humanos e suas relações sociais, possível de ser feito com uma multiplicidade de métodos, a partir de profunda aproximação com o tema e os sujeitos envolvidos, geralmente nos contextos em que eles se encontram e tendo como foco suas experiências [46].

⁷ As entrevistas de história oral realizadas no Lar dos Velhinhos de Campinas, bem como a consulta à documentação existente no arquivo da própria instituição, que constituíram o trabalho de campo desta pesquisa, foram realizadas entre o segundo semestre de 2017 e o segundo semestre de 2019. A pandemia de COVID-19 no Brasil acentuou-se em março de 2020.

⁸ Sobre esse tema, destaca-se a Frente Nacional de Fortalecimento à ILPI, que surgiu no contexto da pandemia para apoiar os diversos grupos sociais envolvidos com as ILPIs: <https://frente-ilpi.com.br/>.

Com uma perspectiva sócio-histórica, buscamos compreender o contexto de uma dada realidade e as experiências dos indivíduos e dos grupos sociais em suas especificidades e totalidades, elaborando uma explicação histórica e uma interpretação de sentidos e significações sociais.

Para isso, a pesquisa foi desenvolvida em três etapas metodológicas:

(1) Pesquisa documental sobre o Lar dos Velinhos de Campinas, sobretudo fontes escritas e iconográficas existentes em arquivos históricos, a partir de acesso pessoal, pesquisa e seleção. Foram consultados os acervos do Centro de Memória da Unicamp (CMU) e do Centro Histórico Orosimbo Maia do Lar dos Velinhos de Campinas (LVC);

(2) Elaboração de material documental sobre o Lar dos Velinhos de Campinas e seus sujeitos, a partir da realização de entrevistas na instituição com idosos residentes, colaboradores (funcionários) e voluntários, utilizando a intertextualidade entre história oral e fotografias. Foram realizadas entrevistas com oito idosos, seis colaboradores e cinco voluntários;

(3) Análise de todo o material documental reunido, em diálogo com a bibliografia especializada.

A memória constituiu a base desta pesquisa, sendo evidente em diversas categorias teóricas – memória oficial, memória pessoal ou memória individual, memória coletiva, memória de expressão oral, memória subterrânea e memória de velhos. Analisando-a, construímos o conhecimento que é apresentado nesta obra.

Na pesquisa documental, reunimos um conjunto variado de documentos, o que constituiu uma rica fonte de dados e informações para o conhecimento da trajetória histórica do Lar dos Velinhos de Campinas, possibilitando-nos o estudo de acontecimentos e de períodos aos quais não teríamos acesso de outra maneira.

Nessa etapa, deparamo-nos com a *memória oficial* da instituição, que é uma memória formada por fatos e aspectos julgados relevantes por grupos dominantes, exprimindo versões consolidadas de um passado coletivo [47], observada nos documentos consultados. Há, por exemplo, um documento bibliográfico que se tornou fonte de outros documentos, a Monografia Histórica do Município de Campinas [1], publicada em 1952 pelo IBGE, cujo texto “Asilo dos Inválidos” apresenta datas específicas, nomes de pessoas e eventos relacionados ao início da trajetória histórica da instituição. Sua narrativa de criação do asilo para “mendigos”, “desvalidos” ou “pobres” como uma “obra de benemerência”, “nobre empreendimento” ou “humanitário instituto”

resultante de idealizações e movimentações de membros da elite política e econômica da cidade é retomada em outros documentos, por exemplo, em algumas reportagens de jornais, escritas e publicadas em diferentes datas, que destacam as ações dos “velhos e nobres cidadãos campineiros” ou “campineiros ilustres” na origem da instituição. Essa narrativa, sem questionamentos e reflexões mais aprofundadas, consolidou-se como memória oficial do Lar dos Velinhos de Campinas:

“A ideia da fundação de uma casa para os mendigos, em Campinas, deve-se ao saudoso jornalista Antônio Sarmiento que, pelas colunas do Diário de Campinas, em 22 de janeiro e em 08 de fevereiro de 1899, ressaltou a necessidade urgente de fornecer um asilo aos desvalidos de ambos os sexos que, pela idade e moléstias, se viam na impossibilidade de trabalhar.” [1]

“Foi em 25 de julho de 1904, em uma reunião realizada em uma das salas da Delegacia de Polícia, sob os auspícios dos velhos e nobres cidadãos campineiros – Dr. Paulo Florence – João de Paula Castro – Luís José Pereira de Queiróz – Joaquim Vilac – Euclides Teixeira – João Ravul – Aristides Pompeu – Virgínio Jacobsen e do saudosíssimo Padre Manoel Ribas D’Ávila, que nasceu o Asilo de Inválidos de Campinas (...). [48]

“Em 1904, precisamente no dia 10 de julho, campineiros ilustres assinaram a ata de fundação do Lar dos Velinhos. (...) Somente em 10 de dezembro de 1905 é que a Casa foi finalmente inaugurada, depois de uma ação conjunta do grupo fundador e da comunidade campineira.” [49]

Alguns dos documentos consultados, portanto, já foram utilizados para outros fins, sendo base de outras reflexões e constituindo-se como memória oficial da instituição. Considerando que um mesmo documento pode receber diferentes tratamentos analíticos, sendo reexaminado em busca de novas interpretações, procuramos compreender estes e outros documentos também como resultados da época e da sociedade que os produziram ou os consumiram.

Na elaboração de material documental sobre a instituição e seus sujeitos, por meio da intertextualidade entre história oral e fotografias, valorizamos a *memória pessoal* de cada entrevistado, que é entendida como uma capacidade humana de reter fatos e experiências do passado, transmissíveis a outras pessoas e a outras gerações de diversas maneiras, sendo as imagens e as oralidades algumas delas [47].

Nessa etapa, registramos a *memória individual*, que é uma memória biológica e psicológica, referente às vivências pessoais de cada um, e depois, no conjunto das entrevistas realizadas, observamos alguns temas em comum nas narrativas, revelando a memória coletiva e a identidade dos grupos sociais entrevistados [50]. Essa *memória coletiva*, mais do que a soma de memórias individuais, trata de fatores externos que circunstanciam um determinado grupo [50], inserindo os indivíduos em uma coletividade,

por exemplo, a memória coletiva dos idosos residentes no Lar dos Velinhos de Campinas sobre passeios já realizados durante a vivência na instituição:

“E uma vez por mês a gente sai, um mês a gente come num restaurante por aqui, outro mês a gente vai pra fora. Já fomos pra várias cidades: Aparecida do Norte, Itu, vários lugares. Falou em passear, é comigo!” (Dilma Terranova)

“A vantagem é essa, você tem regalias, passeio todos os meses, pega um ônibus aqui, vai a uma excursão, até pra Santos a gente já foi! (...) E passeia, vê coisas diferentes.” (Raimundo Gonzaga)

“Nos passeios eu vou bastante. Eu adoro viajar! Aqui no Lar toda última quarta-feira do mês a gente viaja, é um mês sim, um mês não, vai pra uma cidade passar o dia, vai almoçar. Eu adoro, falou de sair, de passear, de viajar, eu tô dentro!” (Záira Murta)

“E participo dos passeios. Por exemplo, eu já fui na fazenda Maeda, mas que beleza, que maravilha, que dia gostoso que eu tive.” (Elias Teles)

Além disso, abordamos a *memória coletiva* existente na memória pessoal de cada entrevistado, considerando que a memória do indivíduo é constituída por estruturas sociais mais amplas, advindas de sua sociedade, de seu tempo e de seu espaço [50]. Reconhecemos, por exemplo, que “a impressão pessoal de algo pode apoiar-se na lembrança pessoal desse algo e na lembrança de outras pessoas sobre esse algo” [51], como a entrevista em que um idoso nos conta o que lhe aconteceu quando tinha apenas dois anos de idade, provavelmente uma lembrança que se formou a partir da narrativa de outras pessoas:

“Eu fui criado num orfanato, cheguei lá era pequenininho, de colo, com 02 anos de idade. Minha mãe pôs eu lá porque não tinha possibilidade de trabalhar pra me criar, daí não ia me deixar na rua, né.” (Jorge Bastos)

Ainda nessa etapa, ao entrevistarmos diferentes grupos sociais da instituição – idosos, colaboradores (funcionários) e voluntários – tratamos da *memória de expressão oral*, que é uma memória fluida e dinâmica, na qual presente, passado e futuro confluem ao mesmo tempo, diferente de uma memória escrita, que é fruto da análise, da palavra pensada, selecionada, do tempo de reflexão de seus autores [52].

E, nas entrevistas com os idosos residentes no Lar dos Velinhos de Campinas, considerando que vivemos em uma sociedade que não valoriza os velhos e observando que naquele grupo heterogêneo de idosos havia pessoas que também eram mulheres, negros, nordestinos, analfabetos e/ou em situação de pobreza, entre outras interseccionalidades, ressaltamos a importância da *memória subterrânea*, porque privilegiamos a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias em oposição à memória oficial [53], que trabalha com os grupos dominantes.

Nessas entrevistas, a *memória de velhos* como função social ficou evidente: os idosos entrevistados, já libertos das atividades profissionais e familiares, dedicando-se a desempenhar a alta função da lembrança e, graças à inteligência do presente, trouxeram em suas narrativas o vínculo com outras épocas, a consciência de ter suportado e compreendido muitas coisas, a experiência profunda que pode humanizar o presente [10]. Com ouvidos atentos sobre seus relatos e olhares curiosos sobre suas fotografias, estávamos diante daqueles a quem foi dado abranger uma vida inteira, cujo talento das narrativas advinha de suas experiências de vida, constituindo-se nos mestres do ofício que conhecem os seus misteres e possuem o dom dos conselhos [10], como nos trechos a seguir, em que uma idosa transmite uma mensagem aos mais jovens e um idoso transmite o seu desejo à humanidade:

“A mensagem que eu tenho, principalmente pros mais novos, pros jovens, é que hoje em dia eles não sabem viver, não sabem aproveitar a vida. Porque tem que aproveitar a vida enquanto você é jovem, que depois dos 50 ou 60 anos dá, mas é mais complicado. Então tem que aproveitar a vida enquanto ainda é jovem e tem que aprender enquanto é jovem, pra levar isso pra velhice!” (Zaira Murta)

“Eu gostaria que toda a humanidade, ao menos na sociedade local em que vivemos, se voltasse positivamente e descobrisse o valor da palavra ‘amor’ em sua origem. Porque se voltarem a reconhecer esse valor, vão saber o que quer dizer a fraternidade, a solidariedade e a tolerância.” (Elias Teles)

Procedimentos Específicos

Oficialmente, a moderna história oral teve início na década de 1950, quando pela primeira vez um grupo de pesquisadores dedicou-se à coleta de depoimentos orais utilizando o gravador, na Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, origem do *Columbia Oral History Office*. Depois, a moderna história oral difundiu-se por centros de pesquisa do mundo, consolidando-se como campo investigativo [54]. No Brasil, as primeiras iniciativas também foram nos meios acadêmicos, com destaque para as pesquisas realizadas: no Centro de Estudos Rurais e Urbanos (CERU) da USP, fundado em 1964; no Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), com o Programa de História Oral criado em 1975; no Centro de Memória da Unicamp (CMU), com o Laboratório de História Oral criado em 1987, atualmente denominado Laboratório de História Oral e Audiovisual (LHOA); e no Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO) da USP, fundado em 1991.

Com referenciais teóricos diversos e procedimentos distintos, preocupação recorrente entre os pesquisadores que utilizam a metodologia da história oral é o registro e a análise de processos sócio-históricos, tendo como fonte as memórias dos sujeitos

envolvidos nesses processos, o que constitui uma maneira eficaz de conhecer o passado recente e compreender o tempo presente.

Em uma perspectiva que valoriza o caráter transmissivo e informativo da história oral, a matéria-prima dessas memórias são os eventos sócio-históricos relatados sob um ponto de vista pessoal, com detalhes e sentimentos que geralmente não fazem parte do conhecimento oficial [55]. Em uma perspectiva mais ampla, que valoriza o caráter essencialmente subjetivo da história oral, as experiências de pessoas e grupos pertencentes a determinadas realidades sócio-históricas constituem o elemento central. Assim, identidades costumam ser reveladas, pois se as experiências de cada indivíduo são únicas e autênticas, elas também vinculam algumas pessoas a outras, mediante a construção de uma identidade comum [56].

A construção desse conhecimento pode ser aprofundada com o uso de fotografias nas entrevistas. Desde as décadas de 1930 e 1940, com o surgimento de máquinas fotográficas mais simples e relativamente acessíveis, a vida de indivíduos e grupos sociais passou a ser mais registrada pela imagem, com a fixação rápida e fácil de “instantâneos”. Na década de 1980, pesquisas com abordagens sócio-históricas passaram a utilizar a associação entre imagem e memória, elaborando instrumentos de diálogo com as populações estudadas e avançando no conhecimento de realidades importantes. Atualmente, sabe-se que as imagens fotográficas reunidas entre um grupo pesquisado ou produzidas no processo de pesquisa não devem ser analisadas somente em relação ao que os seus conteúdos podem indicar, mas também observando a maneira como elas são socialmente produzidas e consumidas, tudo isso associado aos relatos orais que nos são concedidos sobre elas [57].

Com esse entendimento, em nossa elaboração de material documental sobre o Lar dos Velhinhos de Campinas e seus sujeitos, em que utilizamos a intertextualidade entre história oral e fotografias, realizamos entrevistas com oito idosos, seis colaboradores (funcionários) e cinco voluntários. Portanto, entrevistamos pessoas de três grupos sociais envolvidos com a instituição, sendo que os idosos residentes foram indicados pela coordenadora do Centro Geriátrico, por não apresentarem transtornos cognitivos que afetariam os resultados da pesquisa⁹, enquanto que os colaboradores e voluntários foram contatados durante o trabalho de campo entre as diversas áreas de trabalho e de voluntariado da instituição.

⁹ Além disso, aplicamos o Mini Exame do Estado Mental (MEEM) antes da realização dessas entrevistas, conforme informamos no projeto de pesquisa aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unicamp.

A história oral como método de pesquisa constitui-se em um conjunto de procedimentos planejados, no qual considera-se as entrevistas como fonte essencial de estudos. O planejamento deve conter a seleção das pessoas entrevistadas, a condução das gravações das entrevistas, o estabelecimento de textos após as gravações, que é o processo de passagem do oral para o escrito, a conferência do produto com os entrevistados e outros cuidados éticos, como autorização de uso e devolução dos resultados [50].

Nesta pesquisa, elaboramos três roteiros de entrevista, sendo um roteiro para cada um dos três grupos sociais selecionados. Assim, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com perguntas abertas que nos permitiram registrar informações sócio-históricas de cada sujeito, como sexo, idade, cor ou raça, naturalidade, religião, estado civil, escolaridade e/ou profissão, entre outras, além das opiniões e subjetividades em relação à velhice institucionalizada e ao Lar dos Velinhos de Campinas, como vantagens e desvantagens de residir/trabalhar/cooperar na instituição, o cotidiano, as relações pessoais e a caracterização de determinados períodos, ambientes, acontecimentos e/ou personagens da ILPI. Tudo isso foi possível porque esses roteiros tiveram como base perguntas previamente formuladas, mas existia também a flexibilidade na condução das entrevistas, com estímulos à liberdade das narrativas e interesse pelas experiências de vida relatadas, em um processo de escuta atenta e respeitosa.

Outra temática abordada era a existência ou não de fotografias pessoais de cada um dos idosos entrevistados. O recurso de adicionar fotografias durante a realização de entrevistas amplia as possibilidades de evocação de memória dos entrevistados. Além de serem utilizadas como elementos acionadores da memória, as fotografias permitem visualizar aspectos do assunto relatado e a constituição de um acervo visual sobre o tema estudado [58]. Fotografias do passado, fornecidas pelos próprios idosos entrevistados, quando existentes, e/ou fotografias da atualidade, relacionadas aos idosos, colaboradores e voluntários entrevistados, sugeridas por mim após terem sido reproduzidas de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet, suscitaram lembranças do que estava registrado na imagem, propiciando a recordação de momentos específicos das memórias pessoais, com fatos e emoções. E destacaram aspectos do cotidiano na instituição, retratando momentos da vivência de cada um, das relações sociais existentes e dos trabalhos desenvolvidos, trazendo mais informações e novos detalhes às narrativas, o que enriqueceu as entrevistas e o material documental elaborado.

De modo geral, o uso das fotografias foi proposto ao final do roteiro, com questões norteadoras sobre as mesmas, como origem e conservação do suporte imagético, local e

data, identificação das pessoas presentes, descrição do evento registrado, indicação das mudanças ocorridas e dos sentimentos evocados, entre outras. Trata-se, portanto, de um procedimento metodológico em que se conjugou o verbal com o visual, recorrendo-se às fotografias como um elemento adicional para as entrevistas e para a análise realizada posteriormente.

Além do valor afetivo das imagens e de suas relações de subjetividade, em que valorizamos as relações dos entrevistados com suas próprias histórias de vida e/ou com suas realidades vivenciadas na ILPI, procuramos percebê-las segundo as problemáticas de produção, circulação, representação, apropriação e consumo [59]. Por exemplo, tornou-se muito significativo refletir por que alguns idosos possuíam fotografias do passado e por que outros não possuíam nenhuma fotografia, abordando questões de origem socioeconômica.

As entrevistas foram registradas pela tecnologia de um gravador de áudio digital. As gravações foram realizadas individualmente na própria instituição, em dias e horários escolhidos pelos próprios participantes da pesquisa, respeitando suas disponibilidades e seus limites físicos e/ou emocionais, quando existentes, ou coletivamente, no caso de alguns voluntários que exerciam as mesmas atividades e tinham a mesma disponibilidade de dia e horário.

Após as gravações, foram efetuadas as etapas de documentação das narrativas, por meio da transcrição, organização do texto, conferência e autorização para uso. Na transcrição foi feita a passagem do oral para o escrito. Na organização do texto, a seleção e ordenação dos temas relatados nas entrevistas, seguindo o roteiro elaborado e a necessidade de uma apresentação textual coerente, ao mesmo tempo em que procuramos manter a oralidade das falas. As fotografias foram dispostas ao final do texto, com a transcrição e organização das narrativas sobre as mesmas. Na conferência, o retorno do material ao entrevistado, com a possibilidade de correções, se necessário. E na autorização para uso, a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Efetuados esses procedimentos, entregamos a cada um dos entrevistados um exemplar impresso dos textos resultantes das entrevistas, após a realização da conferência, contendo as imagens fotográficas utilizadas. Além disso, nos comprometemos a entregar um exemplar da pesquisa finalizada ao Lar dos Velhinhos de Campinas, disponibilizando a tese aos que desejarem acessá-la na ILPI. Também planejamos uma apresentação formal sobre o trabalho desenvolvido aos membros da

instituição, que poderá ser realizada com alguma apresentação oral e/ou recursos materiais e multimídia. Trata-se, portanto, de uma devolução dos resultados à comunidade geradora do trabalho, o que remete aos compromissos comunitários da metodologia de história oral, cujos projetos devem prever um retorno material aos grupos envolvidos [60]. Afinal, lidamos com pessoas vivas e prezamos pelo respeito aos seus interesses sobre os resultados das entrevistas que nos concederam.

A participação de todos os entrevistados foi voluntária, a partir de convite pessoal realizado a cada um deles, após os esclarecimentos sobre os objetivos e os procedimentos da pesquisa. Foi explicada a opção de identificação ou de caráter sigiloso dos participantes, ressaltando nossa preferência pela identificação pessoal de cada um deles, vinculada à garantia ética de que o material documental resultante seria conferido com os entrevistados antes da autorização para uso, sobre o qual poderiam acrescentar, excluir e corrigir conteúdos, se achassem necessário. Além disso, nos atentamos para prever possíveis consequências aos entrevistados, de modo a não expor elementos que possam comprometer a integridade de cada um deles. Nenhum dos entrevistados solicitou caráter sigiloso, o que contribuiu muito para a valorização de suas histórias de vida.

Todos os participantes assinaram um TCLE contendo o tema, a justificativa, os objetivos e os procedimentos da pesquisa, bem como os seus direitos e deveres. O projeto de pesquisa e o TCLE foram aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Campinas em 21/06/2017 e registrados na Plataforma Brasil sob o C.A.A.E. 68164717.7.0000.5404.

O material reunido nesta pesquisa foi analisado de três formas: em sua autonomia, atentando para a identificação e a especificidade das fontes, ressaltando seus pontos singulares; em seu conjunto, buscando comparações entre as fontes, atentando para as semelhanças e diferenças, ressaltando seus temas em comum; e no cotejamento com a bibliografia especializada, atentando para a inserção da pesquisa no debate acadêmico sobre a velhice institucionalizada na sociedade brasileira contemporânea, dialogando com a literatura em suas semelhanças, contradições e inovações.

Em nossa pesquisa documental sobre a trajetória histórica do Lar dos Velhinhos de Campinas, etapa em que buscamos e selecionamos fontes escritas e iconográficas existentes em arquivos históricos, a documentação estava disponível em diferentes suportes: notícias e reportagens textuais veiculadas em jornais existentes na cidade ao longo da trajetória histórica da instituição, escritas por jornalistas e pessoas letradas que tinham acesso a esse tipo de comunicação, contendo, algumas vezes, fotografias do local

e de pessoas existentes naquele momento; ofícios e atas de reuniões da instituição, redigidos por integrantes de suas diretorias em diversas datas, com informações importantes sobre campanhas realizadas, doações recebidas, solicitações efetuadas a governantes e mensagens compartilhadas com outros membros da sociedade mais ampla; livros de registros elaborados por pessoas que participaram da administração da instituição, contendo listas de sócios contribuintes e de pessoas que foram acolhidas nos diferentes momentos de sua trajetória histórica, entre outras fontes oficiais.

Para uma análise específica desse material, desenvolvemos uma crítica que não é capaz de atingir toda a realidade dos fatos históricos, mas que pode formular evidências sobre o assunto pesquisado. Para isso, foi preciso indagar sobre a presença ou a ausência do próprio material documental nos locais pesquisados, refletir sobre quem o elaborou e para quem, como e por que, destacar pontos de vista ou possíveis julgamentos de valor existentes, comparar a documentação encontrada, ressaltando semelhanças e diferenças [62]. Assim, esse material foi analisado considerando os seus aspectos de origem e conservação, relacionando-os à análise do conteúdo explícito em cada documento.

Para uma análise específica do material documental resultante das entrevistas, realizamos uma breve apresentação dos entrevistados a partir das informações sócio-históricas de cada um e dos temas analíticos levantados. Mais do que a exposição dessas informações e desses temas, desenvolvemos uma análise de conteúdo dos relatos orais e das imagens, evidenciando a intertextualidade entre história oral e fotografias. A reflexão sobre a subjetividade das fontes fez parte desse processo analítico, atentando-nos para os papéis sociais dos sujeitos entrevistados, como: quem fala, por que fala, para quem fala e como fala ou quem possui a fotografia, quem aparece na fotografia, como aparece na fotografia e quem conserva aquela fotografia. Assim, buscamos uma relação com as informações sócio-históricas de cada entrevistado, em cruzamentos significativos entre as informações e os conteúdos das entrevistas. E também realizamos uma comparação entre os diversos temas analíticos, refletindo sobre as semelhanças, as diferenças e os diversos sentidos existentes no conjunto material coletado.

Por fim, a minha própria posição como pesquisadora também foi considerada, a partir de observações e anotações em diário de campo realizadas durante o trabalho de campo, o que contribuiu para que determinados aspectos desta pesquisa pudessem ser melhor compreendidos.

RESULTADOS

Apresentação

Na escrita deste capítulo, utilizamos o material documental reunido ao longo da pesquisa sobre a instituição e seus sujeitos. Tratam-se de fontes históricas valiosas, pois:

- São documentos oficiais, escritos e visuais, com origem no passado e que se encontram conservados em arquivos históricos da cidade. Eles disponibilizam informações e entendimentos importantes sobre a trajetória histórica do Lar dos Velinhos de Campinas e foram consultados, sobretudo, no Centro de Memória da Unicamp e no Centro Histórico Orosimbo Maia do Lar dos Velinhos de Campinas;
- São entrevistas com origem no presente e fotografias com origem no passado e no presente e que foram coletadas na própria instituição, o que constituiu um material documental especialmente elaborado para esta pesquisa, oferecendo novos discursos e representações sobre a situação atual do Lar dos Velinhos de Campinas e dos grupos sociais envolvidos, a saber: idosos residentes, colaboradores e voluntários.

Esse material documental encontra-se resumido nas tabelas abaixo:

Tabela 2: Documentos oficiais selecionados em arquivos históricos

Tipo e Data	Descrição
Artigos e notícias de jornais impressos na cidade sobre o Asilo de Inválidos de Campinas e o Lar dos Velinhos de Campinas, publicados entre 1959 e 1988.	Contêm informações do asilo e da instituição que eram repassadas à sociedade (acervos do Centro Histórico Orosimbo Maia do LVC e do Centro de Memória da Unicamp).
Atas de reuniões da diretoria do Asilo de Inválidos de Campinas; Atas de assembleias dos associados do Asilo de Inválidos de Campinas, de 1905 e de 1914 a 1922.	Contêm demandas e ações dos diretores e sujeitos envolvidos com a criação e a manutenção do asilo (acervo do Centro Histórico Orosimbo Maia do LVC);
Livro de matrícula do Asilo de Inválidos de Campinas, de 1905; Livro de entradas e saídas do Asilo de Inválidos de Campinas, de 1941 e 1942.	Contêm informações sobre os sujeitos recebidos no asilo (acervo do Centro Histórico Orosimbo Maia do LVC);
Livro de ofícios e representações do Asilo de Inválidos de Campinas, de 1905 a 1910.	Contêm demandas e ações da diretoria do asilo (acervo do Centro Histórico Orosimbo Maia do LVC);
Índice dos sócios contribuintes do Asilo de Inválidos de Campinas, de 1934, 1935 e 1940; Livro de Caridade do Asilo de Inválidos de Campinas, de 1923 e 1951; Livro de Ouro do Asilo de Inválidos de Campinas, de 1923.	Contêm informações sobre os contribuintes e doadores do asilo (acervo do Centro Histórico Orosimbo Maia do LVC).

Tabela 3: Entrevistas realizadas com colaboradores (funcionários) e voluntários do LVC

Nome e função do(a) entrevistado(a)	Data da entrevista
Mauro Calais de Siqueira, presidente voluntário do Lar dos Velinhos de Campinas.	31 de janeiro de 2018.
Ísis Helena Fernandes de Camargo, coordenadora do centro geriátrico do Lar dos Velinhos de Campinas.	9 de maio de 2018.
Geise Fabiana Silva, superintendente do Lar dos Velinhos de Campinas.	17 de dezembro de 2018.
Natália Rodrigues Chaves, gerente de marketing e comunicação do Lar dos Velinhos de Campinas.	17 de dezembro de 2018.
Giselle Habermann Pera, terapeuta ocupacional do Lar dos Velinhos de Campinas.	18 de janeiro de 2019.
Vanilze Franco Marquizi, recreacionista do Lar dos Velinhos de Campinas.	13 de agosto de 2019.
Jair Biscassi; Dirlei Mascia; Deuselinda Remédio; Irene Trigueiro Falcão, voluntários na área de recreação do Lar dos Velinhos de Campinas.	14 de agosto de 2019.
Joice de Lima Ribeiro, enfermeira supervisora do Lar dos Velinhos de Campinas.	23 de outubro de 2019.

Tabela 4: Entrevistas realizadas com idosos residentes no LVC

Nome da pessoa idosa entrevistada	Data da entrevista
João Batista Signorelli (<i>in memoriam</i>).	16 de setembro e 07 de outubro de 2017.
Zaíra Murta.	18 de janeiro e 04 de fevereiro de 2019.
Raimundo Luís Gonzaga.	24 de janeiro e 30 de janeiro de 2019
Jorge Bastos.	05 de fevereiro e 14 de abril de 2019.
Patrícia Beatriz dos Santos.	18 de fevereiro de 2019.
Dilma Lima Terranova (<i>in memoriam</i>).	21 de junho e 18 de julho de 2019.
Elias Teles.	16 de outubro de 2019.
Iolanda Henrique (<i>in memoriam</i>).	16 de outubro de 2019.

Lar dos Velinhos de Campinas: trajetória histórica

Campinas tornou-se cidade em 1842, período no qual as fazendas de café já suplantavam as lavouras de cana de açúcar e dominavam as paisagens da região. Com a economia cafeeira, a cidade aumentou seu contingente de trabalhadores, composto por negros escravizados e imigrantes provenientes de diversas localidades do país e do mundo [62] aumentando também, consequentemente, a sua quantidade de habitantes.

Em 1860, Campinas foi o município com a maior produção de café da província de São Paulo, o que a transformou na “capital agrícola” da Província [63]. A partir de meados do século XIX, portanto, Campinas foi se tornando uma cidade enriquecida pela cafeicultura, com ferrovias e comércio diversificado, além de teatro, cafés, mercados, hospitais, indústrias, bancos, iluminação pública e telefone, entre outras melhorias urbanas [64].

Porém, várias epidemias de febre amarela atingiram Campinas ao final do século XIX, mais precisamente em 1889, 1890, 1892, 1896 e 1897, com consequências que afetaram o seu desenvolvimento econômico e o crescimento de sua população. A primeira epidemia, ocorrida em 1889, com mais de mil mortes, foi a que teve maior repercussão. De modo geral, as epidemias interromperam o processo de modernização de Campinas e desorganizaram a vida na cidade devido ao alto índice de mortalidade, ao grande êxodo populacional e à diminuição do fluxo imigratório [65].

Em 1890, Campinas apresentou uma enorme redução populacional, passando de aproximadamente 20 mil habitantes para aproximadamente 5 mil habitantes [66]. Muitas pessoas, com medo da enfermidade, deslocaram-se da cidade, inclusive os médicos. E muitas das pessoas que permaneceram eram pobres, entre os quais doentes que precisavam de ajuda. A falta de trabalho, o fechamento de casas comerciais e indústrias, o desabastecimento urbano e as situações de fome ampliaram-se. Assim, as epidemias de febre amarela, além de resultarem em um grande número de adoecimentos e vítimas fatais, abalaram a situação socioeconômica e evidenciaram as desigualdades sociais da “opulenta Campinas do café” [64].

Ações coletivas assistencialistas eram práticas comuns em Campinas, desde meados do século XIX [67]. Com o crescimento populacional urbano, a saúde era uma das preocupações do poder público e da elite da cidade. Como exemplo temos a criação da Santa Casa de Misericórdia de Campinas, fundada em 1871 e concretizada em 1876 com a inauguração de um hospital para atender as camadas mais pobres da cidade e região, com destaque também no enfrentamento aos posteriores surtos epidêmicos ocorridos ao final do século [68].

Outras iniciativas assistencialistas emergiram, sobretudo, após a terrível epidemia de febre amarela de 1889. Como exemplos temos a criação da Sociedade Cruz Verde em março de 1889, que prestava atendimentos no próprio *Circolo Italiani Uniti de Campinas* aos italianos contaminados, a fundação da Sociedade Protetora dos Pobres em abril de 1889, que distribuía gêneros alimentícios à população de poucos recursos, e a inauguração

da ala do internato do Asilo de Órfãos da Santa Casa de Misericórdia em agosto de 1890, que acolhia as meninas tornadas órfãs em razão da doença [67].

Durante a epidemia de febre amarela de 1896 foi instalada a Comissão Sanitária do Estado de São Paulo para coordenar o saneamento e o combate à doença. Entre outras medidas, muitas casas populares e cortiços foram fechados durante meses e até anos sob a justificativa de saneamento da cidade, o que agravou o problema da falta de moradias [64].

O recrudescimento da pobreza extrema, com uma “legião de órfãos que vagavam pela cidade esmolando ou roubando, saqueando ou solicitando agasalho” e “pessoas em andrajos, famintos, mendicantes”, mobilizou diversos segmentos da sociedade na criação de instituições assistencialistas. Para os “menores órfãos e abandonados” foi criado o “Lyceu de Artes e Ofícios (1897)”, mais tarde Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora, e para os “adultos desassistidos foi criado o Asylo de Mendigos (1904), que passou a denominar-se Asylo de Inválidos, atual Lar dos Velhinhos de Campinas” [65].

De modo geral, obras assistencialistas e práticas de controle social vinham se fortalecendo no Brasil ao longo do século XIX. Existia uma separação entre os pobres, que eram vistos como merecedores de assistência, e os sujeitos considerados perigosos: destinava-se a caridade aos incapacitados para o trabalho, que eram as pessoas com alguma deficiência, os doentes e os velhos, popularmente denominadas de “inválidos” ou “mendigos”, enquanto reprimia-se as pessoas miseráveis mais jovens e aparentemente saudáveis, vistas como delinquentes, itinerantes e ociosas, popularmente denominadas de “vadios” [69].

O fortalecimento do assistencialismo e da medicina social resultaram em intervenções nos espaços urbanos, nas populações pobres e nos espaços institucionais. Criticava-se a caridade indiscriminada, sem um projeto civilizador. Acreditava-se que o sentimento de piedade incentivava os pobres a viverem da esmola. Responsabilizavam-se as aglomerações de pessoas em condições consideradas não higiênicas pelas doenças que acometiam a população em geral [69].

Em Campinas, desde a segunda metade do século XIX, a convocação da polícia e as ações dos policiais para limitar, controlar e ordenar os movimentos de pessoas vistas como perigosas à cidade eram frequentes em determinados espaços, como o concorrido Largo do Jurumbeval¹⁰, cuja aglomeração de pessoas escravizadas, libertas, imigrantes e nacionais pobres, com seus hábitos, atitudes e vocabulários particulares, inquietava as

¹⁰ O Largo do Jurumbeval era onde hoje fica o popular “Mercadão”, existente ali desde 1908 [70].

autoridades e chefes de família que desejavam uma cidade educada, limpa e saudável [70].

Nessa sociedade, pobres livres – estrangeiros e nacionais – e escravizados constituíam dois segmentos marginalizados no processo de modernização de Campinas, o qual lhes impunha deslocamentos e confinamento espacial, controle social e disciplinar da vida pública e privada. Tratavam-se de práticas burguesas e capitalistas que racionalizavam o uso dos espaços, discriminavam as desigualdades socioeconômicas e introduziam ou regulamentavam normas de higiene, moral, mobilidade, atividade profissional, lazer, entre outras, com um discurso de segurança, bem estar e desenvolvimento de todos na cidade, porém, com uma racionalidade urbana que recaía de maneiras diferentes sobre ricos e pobres [65].

Em meio a essas perspectivas, surgiram os primeiros asilos para inválidos e mendigos do país. A “Casa dos Inválidos”, inaugurada no Rio de Janeiro em 1797, a partir da iniciativa do conde de Resende, quinto vice-rei do Brasil, destinada a soldados velhos, teve duração efêmera, mas é a primeira referência de asilo no Brasil [28]. Na mesma cidade, na década de 1850, foi improvisado um abrigo para mendigos sob a inspeção do chefe de polícia [71], que resultou no primeiro “Asilo de Mendicidade” (1879-1895) do país. E em 1890, também no Rio de Janeiro, foi criado o “Asilo São Luiz para a Velhice Desamparada”, o primeiro asilo específico para a população idosa no Brasil, com origem assistencialista, mas que hoje é uma instituição para idosos de alta renda [28].

A palavra “asilo” provém do grego *asylon* e do latim *asylum* e seu uso nesse contexto corresponde à seguinte definição: “instituição de caridade ou de assistência social onde se recolhem crianças órfãs ou abandonadas para serem criadas e educadas, ou velhos, mendigos, inválidos e doentes mentais para serem abrigados e sustentados” [72]. Inicialmente, portanto, não existiam instituições específicas para as pessoas idosas em situação de vulnerabilidade, elas eram abrigadas em asilos junto a outros grupos sociais, como pessoas muito pobres e pessoas doentes ou com alguma deficiência em diferentes fases da vida. Somente a partir do início do século XX as instituições tiveram seus espaços ordenados em função das categoriais sociais acolhidas, ficando as crianças em orfanatos, os loucos em hospícios e os velhos em asilos [73].

Especificamente, a história do Lar dos Velhinhos de Campinas remonta ao final do século XIX, quando foram registrados os primeiros discursos idealizadores de um local para as pessoas em situação de pobreza extrema na cidade, e ao início do século XX, quando ocorreram a fundação e a inauguração do asilo que, ao longo dos anos,

transformou-se na instituição atual, uma ILPI e OSC de assistência social de grande porte em Campinas/SP.

Sua origem está diretamente relacionada ao planejamento e à atuação de pessoas de renome e influência na cidade naquela época, sobretudo homens brancos da elite política e econômica locais. No geral, eram indivíduos que descendiam de famílias consideradas tradicionais ou importantes, que possuíam um alto grau de escolaridade, com habilidades intelectuais, além dos saberes de suas respectivas formações acadêmicas. Muitos deles exerciam profissões ou atividades econômicas de comando e liderança, com cargos notáveis e salários ou rendimentos elevados, como representantes políticos, empresários, fazendeiros e profissionais liberais, acessando espaços restritos à maioria da população. Além disso, eram indivíduos que se consideravam parte da modernidade republicana daquela época, com mentalidades e ideais em comum.

Compunham, portanto, um grupo social de pessoas privilegiadas em uma sociedade extremamente injusta e desigual. Mas, não ignoravam a desigualdade socioeconômica existente, pois embora não se tratasse de combatê-la ou superá-la completamente, promoveram a criação do asilo. Muito provavelmente, a atuação coletiva desses sujeitos, acostumados à participação na vida pública da cidade, sobretudo em questões políticas, econômicas e sociais, viabilizaram a criação dessa instituição, pois seus fundadores detinham os conhecimentos, as experiências e as relações sociais necessárias para tanto. Nessa ação assistencialista coletiva, não sabemos quais eram as perspectivas e os reais interesses de cada um deles em relação à cidade e à sociedade em que viviam, pois não há referências a esses sentimentos nos documentos consultados, mas podemos considerar possíveis sentimentos de empatia e solidariedade aliados a ideais controladores e higienistas, somados a discursos de caridade.

Notícias e opiniões sobre o aumento da população em situação de pobreza extrema em Campinas e as consequências negativas para a cidade e seus habitantes, com propostas para a resolução dos mais variados problemas, eram frequentes nos jornais e nos meios letrados do final do século XIX e início do século XX. Geralmente, esses textos revelam pontos de vista dos grupos mais favorecidos da sociedade em relação àquela população mais pobre, que eram ora de compaixão, ora de aborrecimento: a “caridade cristã” e a “generosidade”, manifestadas por meio de doações aos “necessitados”, eram solicitadas e valorizadas; a “vadiagem” e a “mendicância”, vivenciadas por aquela população, causavam incômodos e nem sempre eram vistas como ausência de oportunidades ou busca pela sobrevivência. Nesse contexto, a criação de instituições assistencialistas e

outras obras coletivas, muitas vezes, resultavam de uma solidariedade conveniente aos diversos grupos sociais envolvidos.

A ideia da criação de uma “casa para mendigos” em Campinas é atribuída ao jornalista Antônio Sarmiento, que escreveu no Diário de Campinas, em 22 de janeiro e em 08 de fevereiro de 1899, sobre a necessidade urgente de “um asilo aos desvalidos de ambos os sexos que, pela idade e moléstias, se viam na impossibilidade de trabalhar” [1].

Antônio Sarmiento era um dos editores e proprietários do Diário de Campinas (1875-1900), um dos primeiros jornais impressos da cidade e o primeiro a ter circulação diária, com destaque para a causa abolicionista [74]. Tratava-se, portanto, de um especialista na arte da escrita e na exposição de opiniões e posicionamentos pessoais sobre os acontecimentos de seu tempo, com espaços garantidos para isso. Quando ele argumentou nas páginas de seu jornal sobre a ideia da fundação de “um estabelecimento que servisse de abrigo aos pobres” [1], pode ter ocorrido a formação, a consolidação e/ou a disseminação de uma opinião pública favorável a essa causa.

A reunião fundadora do “Asilo de Mendicidade” ocorreu em 25 de julho de 1904, promovida pelo delegado Paulo Machado Florence, na Delegacia de Polícia de Campinas. Uma comissão central foi eleita, tendo o delegado como presidente, encarregada de nomear subcomissões para a obtenção de donativos à nova instituição [1].

Paulo Machado Florence era alguém que, além de dedicar-se à carreira policial, apresentava certa experiência jurídica e política. Formado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, foi o primeiro juiz de Espírito Santo do Pinhal/SP [75] e era advogado e vereador em Campinas antes de tornar-se delegado [76]. Além disso, provinha de uma família ilustre na cidade: era o neto mais velho do desenhista e fotógrafo francês Hércules Florence e da educadora alemã Carolina Krug Florence [75].

Atualmente, pode causar certa estranheza o envolvimento de autoridades e instituições policiais na resolução de questões que caberiam a outras instâncias administrativas do município, como assistência social ou habitação, mas naquele período tal envolvimento era recorrente, o que evidencia uma visão de pobreza como caso de polícia ou de controle do Estado para segurança pública e manutenção da ordem na cidade.

Além do delegado, estavam presentes na reunião fundadora outros “velhos e nobres cidadãos campineiros”: João de Paula Castro; Luiz José Pereira de Queiroz;

Joaquim Villac¹¹; Euclides Teixeira; João Ravul; Aristides Pompeu; Virgínio Jacobsen e o padre Manuel Ribas d'Ávila¹². Para eles, segundo registro realizado em ata pelo presidente da reunião, a fundação de um asilo de mendigos em Campinas era a realização de uma ideia há anos existente e de urgência evidente a todos os campineiros, pois tratava-se de uma instituição indispensável “seja para dar abrigo àqueles que dela careçam, seja para evitar o espetáculo triste da mendicância pública, ou ainda para se combater a exploração vestida com os andrajos da mendicidade” [48]. Nessa perspectiva, três eram os motivos para a criação da instituição: dar abrigo aos necessitados; melhorar a qualidade de vida dos habitantes da cidade, evitando-lhes a perturbação causada pela mendicância pública; combater uma espécie de mendicância desnecessária, que estaria explorando a população benevolente.

Em 18 de dezembro de 1904 foi realizada a terceira reunião da “Comissão Central Fundadora do Asilo de Mendigos”, na sala de audiências da Câmara Municipal de Campinas, contando com a presença de Bento Quirino dos Santos, Antônio Álvares Lobo e Antônio Sarmento, além dos participantes da primeira reunião¹³. Na ocasião, foram exibidos o livro “Caixa” e uma caderneta bancária com saldo de mais de 19 contos de réis [48], um valor significativo para a época. A participação de Bento Quirino e Álvares Lobo na comissão fundadora, personagens que já se destacavam pelas trajetórias pessoais de envolvimento e comprometimento com questões econômicas e sociais de Campinas, provavelmente constituiu um incremento importante ao prosseguimento da iniciativa que resultou na criação do asilo.

Bento Quirino dos Santos tinha o nome vinculado a diversos empreendimentos de caráter social e a relevantes empresas locais: participou da fundação do Club Semanal, uma sociedade dançante recreativa, do Colégio Culto à Ciência, um colégio particular para meninos que depois se tornou o Ginásio de Campinas, do Hospital da Santa Casa de

¹¹ Joaquim Villac era empresário e membro diretor de importantes empresas da cidade. Foi proprietário do Hotel Europa, acionista da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro e fez parte da diretoria da Companhia Mac-Hardy, da Companhia Cortidora Campineira, da Companhia Campineira de Águas e Esgoto e da Irmandade do Santíssimo Sacramento, além de ter sido vereador interino em 1909. Informações obtidas com o historiador Lucas Camargo.

¹² Manuel Ribas D'Ávila foi o 4º pároco de Santa Cruz do Carmo, atual Basílica Nossa Senhora do Carmo, entre 1897 e 1904, assumindo a paróquia em um momento importante da história de Campinas, quando a cidade procurava se restabelecer dos seguidos surtos de febre amarela que abalaram a sua posição nos cenários estadual e nacional e que, no âmbito da fé católica, fortaleceram a fé em Nossa Senhora dos Remédios, cuja capela na Matriz foi inaugurada um ano após a sua nomeação como pró-pároco (http://www.basilicadocarmocampinas.org.br/livro_basilica_08.htm).

¹³ Segundo uma das fontes consultadas, o delegado Paulo Machado Florence já era falecido nessa ocasião e, portanto, não estaria presente nessa reunião. A fonte utilizada neste parágrafo não faz nenhuma menção sobre isso, apenas informa que os participantes da primeira reunião estavam presentes na terceira reunião, sem excetuar o delegado.

Misericórdia de Campinas, uma assistência hospitalar aos doentes pobres, e cooperou na Companhia Campineira de Iluminação à Gás, a qual construiu o gasômetro para iluminação pública de vários pontos da cidade, no Matadouro Municipal, necessário para o abate de animais no meio urbano, na Companhia Campineira de Águas e Esgotos, responsável pelo abastecimento de água na cidade, e na Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, a companhia ferroviária da cultura do café, entre outras atividades. Na epidemia de febre amarela, em 1889, permaneceu em Campinas e a casa comercial da qual era sócio prestou serviços de socorros à população. Teve ainda uma breve experiência política, na qual destacou-se ao formar com Manuel Ferraz de Campos Sales, em 1873, a primeira dupla de vereadores republicanos eleitos na cidade [63], época em que o Brasil ainda era uma monarquia.

Antônio Álvares Lobo era advogado e político. Formado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, foi sócio de Francisco Glicério de Cerqueira Leite em um escritório de advocacia em Campinas. No início do período republicano, foi o primeiro intendente municipal em Campinas [63, 76, 77], em 1892, voltando a ocupar esse cargo por mais três vezes, totalizando quatro vezes a função de intendente nomeado na cidade. Depois, com grande prestígio no Partido Republicano Paulista (PRP), foi por três vezes vereador em Campinas, sendo presidente da Câmara Municipal em 1911, e por oito vezes deputado estadual. Participou ativamente da campanha abolicionista, opondo-se aos escravocratas, o que lhe rendeu um ultimato para deixar a cidade, mas cujo caso foi resolvido na Assembleia Provincial de São Paulo. Além da participação na fundação do Asilo de Mendigos/Asilo de Inválidos, destacou-se na fundação, manutenção e direção de outras instituições de caráter social, como a Santa Casa de Misericórdia de Campinas [78].

Foi em outra reunião da comissão fundadora que se deu a mudança da denominação Asilo de Mendigos para Asilo de Inválidos de Campinas. Após a aprovação de estatutos que deveriam reger a nova instituição, em uma assembleia geral foi eleita a sua primeira diretoria efetiva: Orosimbo Maia, presidente; Alberto Sarmiento, vice-presidente; Joaquim Villac, 1º secretário; Tito Martins Ferreira, 2º secretário; Antônio Egydio Nogueira, tesoureiro; Joaquim Augusto de Faria Cardoso, procurador; e, segundo algumas fontes, Vitalino Ferraz, mordomo¹⁴ [1].

¹⁴ Segundo o pesquisador Edison Rossi [82], o cargo de mordomo na instituição surgiu em 1914. De fato, em ofícios redigidos e assinados pela primeira diretoria do Asilo de Inválidos, não constam o nome de Vitalino Ferraz, nem o cargo de mordomo [81]. Porém, a Monografia [1] fornece a informação de que Vitalino Ferraz, no cargo de mordomo, integrou a primeira diretoria do asilo.

Dessa diretoria, destacamos Orosimbo Maia e Alberto Sarmiento como fundadores ilustres da instituição. Orosimbo Maia notabilizou-se como político, tendo sido vereador em 1890 e intendente de Campinas por três mandatos: 1908-1910, 1926-1930 e 1931-1932, todos pelo Partido Republicano Paulista (PRP). Antes disso, era advogado provisionado¹⁵, tendo passado por outras atividades laborais, como copista de cartório, escrevente, auxiliar de escritório e contador. Constituiu fortuna e chegou a ser proprietário de seis fazendas. Mantinha negócios e amizades com o advogado Antônio Carlos de Moraes Salles e o político Francisco Glicério de Cerqueira Leite, outros homens notáveis da elite de Campinas e associados ao tradicional grupo de fazendeiros da cidade. Além do Asilo de Inválidos, foi sócio fundador e membro da diretoria de outras associações assistencialistas, como a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Campinas e a Maternidade de Campinas. Também foi um dos fundadores do Colégio Progresso [79].

Alberto Sarmiento era irmão de Antônio Sarmiento e também desempenhava a atividade de jornalista, fazendo parte do corpo editorial do Diário de Campinas e colaborando em jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo. Formado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, trabalhou como advogado e delegado de polícia. Foi deputado estadual (1896) pelo Partido Republicano Progressista (PRP), vereador em Campinas (1904) e deputado federal (1906) pelo Partido Republicano Federal (PRF), sendo sucessivamente reeleito até 1917 [80]. Possuía certa atuação na área do assistencialismo: em 1889, criou a Sociedade Protetora dos Pobres de Campinas, que distribuiu gêneros alimentícios à população necessitada durante a epidemia de febre amarela na cidade [64].

Um plano de arrecadação de recursos foi concretizado pelos fundadores junto à população de Campinas: a cidade foi dividida em setores e cada rua foi visitada “casa a casa” por uma equipe de arrecadação, que teve como consequência a soma de 25 contos de réis. Com o empréstimo de mais 10 contos de réis junto ao Banco do Comércio e Indústria de São Paulo, foi possível adquirir a propriedade necessária à instalação da instituição [49]. Assim, a propriedade foi adquirida por 35 contos de réis, mas foram necessários mais 20 contos de réis para adaptações e instalações, como obras de limpeza, de conservação, instalação de água encanada e de esgoto e compra de móveis [81, p.6, 13]. A propriedade contava com cerca de 44 hectares de terras, localizada “nos subúrbios

¹⁵ Advogado provisionado era o advogado que, não possuindo formação acadêmica em Ciências Jurídicas ou Direito, obtinha a autorização do órgão competente do Poder Judiciário ou da entidade de classe para exercer a postulação em juízo.

da cidade” [81, p.13] e era conhecida como “Chácara da República”¹⁶, pois os republicanos, anteriormente, ali realizavam reuniões pelo fim da monarquia [82].

Algumas pessoas foram “nomeadas” pelos membros da diretoria para a comissão que deveria angariar os donativos em determinadas localidades. Em 6 de outubro de 1905, Joaquim Raposeiro e Antonio do Valle foram nomeados para a comissão que deveria angariar os donativos em Rebouças; Manoel dos Santos Azanha, Sebastião Antas de Abreu e Basílio Duarte do Pateo, em Villa Americana; Antonio de Lima, Carlos Costato e Joaquim Cerqueira Chagas, em Valinhos; Cassio Marcondes Machado, Manoel da Rosa Martins e Lourenço Dal Porto, no Arraial dos Sousas; José Teixeira Nogueira e Manoel Herculano da Silva Coelho, em Joaquim Egydio [81, p.2]. Tratavam-se de pessoas notáveis em suas respectivas áreas de influência geográfica da cidade¹⁷ e suas nomeações mais pareciam convocações. Do mesmo modo, em 9 de outubro de 1905, o seguinte ofício foi redigido a Clodomiro Ferreira de Camargo Andrade:

“A diretoria do Asilo de Inválidos de Campinas, ciente do vosso amor a caridade, da vossa dedicação em prol dos que sofrem a falta dos meios de subsistência, vos nomeou para angariar aí no Bairro das Cabras e circunvizinhanças auxílio para que possa completar o pagamento do prédio comprado para o Asilo e as despesas de sua instalação” [81, p.3].

Algumas empresas, com “sentimentos de generosidade tantas vezes manifestados” por “ideias altruístas”, também foram solicitadas a realizarem “um donativo a favor da instituição”, como a Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, a Companhia Paulista de Vias Férreas e Fluviais e a Companhia Ramal Férreo Campineiro, em outubro de 1905 [81, p.4].

A Câmara Municipal, em novembro de 1905, recebeu pedidos mais específicos: uma “contribuição mínima” de 10 contos de réis para auxiliar nas despesas de instalação e a elevação da “subvenção anual” para 18 contos de réis, a qual poderia ser dividida em prestações mensais, posto que haveriam “grandes gastos para a montagem e instalação” da instituição, como a “aquisição dos móveis, colchões, travesseiros, mesas, cadeiras, bancos, roupas para os dormitórios e uso dos asilados” e que o “auxílio mensal” prometido era uma “quantia miserável”. Entendia-se que à Câmara caberia “o dever” de, “com seu braço forte”, auxiliar a instituição que teria de “abrigar talvez duzentos

¹⁶ E antiga chácara do Ferreira Velho – Barão de Itatiba [81, p.10].

¹⁷ Nessa época, Rebouças era o bairro e povoado que deu origem ao município de Sumaré; Valinhos era o bairro que deu origem ao município de Valinhos; Villa Americana, que deu origem à cidade de Americana, era distrito de Campinas; Sousas, conhecido por longo tempo como Arraial dos Sousas, era um bairro rural, hoje distrito de Sousas; Joaquim Egydio já era distrito de Campinas.

indigentes ou mais”, enquanto que sua associação, representada pela diretoria, iria “prestar reais serviços à Campinas” [81, p.7].

Após a compra da “Chácara da República” [81, p.6], que pertencia a Bento Augusto de Almeida Bicudo¹⁸, no casarão senhorial da antiga fazenda foram realizadas as instalações necessárias. Nesse local, em 10 de dezembro de 1905, um domingo, deu-se a solenidade de inauguração do Asilo de Inválidos “com extraordinária afluência de pessoas de todas as categorias sociais” e sessão inaugural presidida pelos irmãos Antônio e Alberto Sarmiento, quando “já se achavam então internados quinze pobres, entrando mais alguns à hora da inauguração” [1].

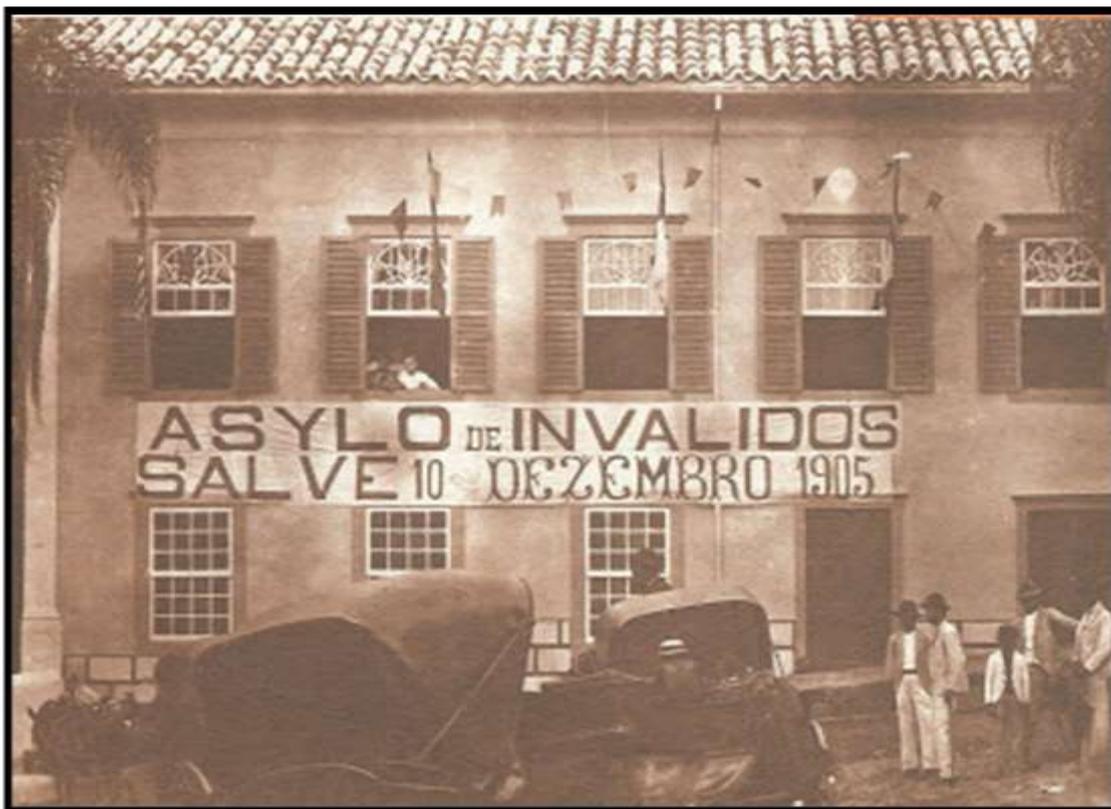


Imagem 1: Documento iconográfico sobre a inauguração do Asilo de Inválidos de Campinas em 10 de dezembro de 1905 (Acervo: Centro Histórico Orosimbo Maia do LVC).

Políticos, lideranças e membros de instituições e sociedades renomadas na cidade receberam convites para assistir à inauguração do asilo: Dr. Jorge Tibiriçá Piratininga, presidente do Estado de São Paulo; Dr. José Cardoso de Almeida, secretário do Interior; Dr. Carlos Botelho, secretário da Agricultura; Dr. Albuquerque Lins, secretário da Fazenda; Dr. Meirelles Reis, chefe de polícia; Dr. Francisco de Araújo Mascarenhas,

¹⁸ Bento Augusto de Almeida Bicudo era fazendeiro de café e fez parte do grupo liderado por Américo Brasiliense de Almeida Melo e Manuel Ferraz de Campos Sales para a fundação do jornal *Província de São Paulo*, fundado em 1875 e que teve o nome alterado para jornal *O Estado de São Paulo* em 1889 [83]. Ele também foi senador pelo Partido Republicano Paulista (PRP) em 1900, 1907, 1913 e 1922 [84] e aparece em algumas fontes como “coronel” ou “general”.

intendente municipal; José Pereira de Andrade, vice-cônsul de Portugal; Francisco de Campos Barreto, padre; diretores e membros do Gymnásio de Campinas, do Primeiro Grupo Escolar, do Segundo Grupo Escolar, do Collégio Progresso e da Escola Complementar; redação do Commércio de Campinas, do Cidade de Campinas, do Correio de Campinas e da Sentinella Italiana; diretores e membros da diretoria do Club Campineiro, do *Circolo Italiani Uniti*, da Santa Casa de Misericórdia, da Sociedade Portuguesa de Beneficência, do Centro Literário dos Homens de Cor e de outras sociedades; Bento Quirino dos Santos e diretores do Partido Republicano; diretor e membros da Comissão Sanitária; a viúva do delegado Paulo Machado Florence, entre outros convidados [81, p. 8-9]. No total, mais de 400 pessoas compareceram à cerimônia festiva [85, 82].

Em 14 de dezembro de 1905, alguns dias após a inauguração do asilo, a diretoria solicitou ao intendente municipal de Campinas, Francisco de Araújo Mascarenhas, a “entrega” da quantia de 12 contos de réis, “de acordo com a lei do orçamento vigente” para “urgentes reparos de dependências do edifício” e para “poder dar agasalho a muitos indigentes” [81, p.9]. Nesse mesmo ano, em 24 de dezembro, o Grupo Dramático Campineiro, com o apoio do Theatro São Carlos e da Orquestra Campineira, realizou um espetáculo em benefício da instituição [81, p.11]. Ao Governo do Estado de São Paulo foram solicitados “40 leitos”, então existentes na arrecadação do Serviço Sanitário do Estado [81, p.12] em janeiro de 1906.

Desde o seu início, a instituição constituiu-se como associação, que era a principal forma de arrecadação de recursos para mantê-la: “esta associação é mantida pelas contribuições dos associados e pequenos auxílios dos poderes públicos”, informava um ofício destinado a José Cardoso de Almeida, o Secretário do Interior e Justiça de São Paulo, em 22 de janeiro de 1906, quando encontravam-se “internados 44 asilados, sendo 30 homens e 14 mulheres” [81, p.13]. Mensalmente, os sócios efetuavam as suas contribuições. Aqueles que em algum momento efetuavam um donativo mais relevante eram alçados ao status de “sócio benfeitor” ou “sócio remido”: em 12 de dezembro de 1906, foi remetido a Raphael Duarte de Andrade o “Diploma de Sócio Benfeitor do Asilo de Inválidos” [81, p.23]; no mesmo dia, a Joaquim José Vieira, Bispo do Ceará, foi oferecido o “Diploma de Sócio Remido” [81, p.24]; em 19 de novembro de 1907, a Franz Müller, da Villa Americana, foram apresentados os “mais sinceros agradecimentos” e o “Diploma de Sócio Remido” do asilo [81, p.28] entre outros casos.

Além das doações financeiras, outros tipos de doações também eram úteis e necessárias para a subsistência do asilo: em 14 de abril de 1905, um ofício solicitava a João Pereira Bueno, de Santos, a “remessa o quanto antes” de um animal que havia sido doado por ele [81, p.17], o que foi concretizado até 31 de julho daquele ano, quando outro ofício expressava-lhe os “sinceros agradecimentos pelo valioso donativo de um excelente animal” [81, p.20]; em 19 de novembro de 1907, um ofício agradecia o “generoso donativo” de um suíno a Julio Frank de Arruda, de Jaguary [81, p.28]; no mesmo dia, um ofício a João de Assis Martins agradecia o “generoso donativo de uma vaca” e solicitava-lhe “o favor de mandar entregar” o animal na instituição, além de enviar-lhe o “Diploma de Sócio Remido do Asilo” [81, p.28], entre outros casos.

No primeiro mês de funcionamento do Asilo de Inválidos de Campinas, em dezembro de 1905, quase quarenta pessoas¹⁹ foram registradas em seu Livro de Matrícula [86]. Eram pessoas com alguma deficiência, incapacidade e/ou vulnerabilidade socioeconômica: “paralítico da perna e braço”, “aleijado da perna esquerda”, “aleijada da perna e braço esquerdos”, “reumatismo”, “reumatismo e cego de um olho”, “cega do olho esquerdo”, “cego”, “atrofia muscular”, “ferida nos pés”, “senilidade”, “idiota”, “muda e demente” e “não tem parentes” são algumas das caracterizações que lhes foram atribuídas no item “Observações” do livro [86].

Entre essas pessoas, a maior parte era do sexo masculino, sendo vinte e cinco homens e quatorze mulheres. Existia um número considerável de imigrantes: quatro mulheres e três homens italianos, uma mulher e três homens espanhóis, dois homens africanos, sendo um de Angola e outro sem a especificação do país, e um homem português, totalizando quatorze imigrantes. Dos vinte e cinco brasileiros, dezoito pessoas eram migrantes, a maioria proveniente dos Estados das atuais regiões Norte e Nordeste, alguns dos Estados do Rio de Janeiro e de Minas Gerais e alguns de municípios mais próximos, como Mogi Mirim e Jundiaí. Somente seis pessoas eram naturais de Campinas, mas a maioria dos “matriculados” vivia há um tempo considerável na cidade, assinaladas como “sempre em Campinas”, “criou-se em Campinas”, “há muitos anos em Campinas”, “há 70 anos em Campinas”, “há 40 anos em Campinas”, “há 30 anos em Campinas”, “há 20 anos em Campinas”.

A diversidade étnico-racial era evidente, sendo que a maior parte das pessoas constituía o que atualmente o IBGE classificaria como negros, pois vinte pessoas eram identificadas pela cor “preta”, uma pessoa pela cor “mulato” e uma pessoa pela cor

¹⁹ Trinta e nove pessoas, mais especificamente.

“fubá”, restando três pessoas identificadas pela cor “caboclo”, que remete a indígenas, e quatorze pessoas pela cor “branca”. Estes últimos correspondiam à totalidade dos doze imigrantes europeus e a apenas dois brasileiros. As idades também variavam: uma pessoa de 20 a 29 anos, duas pessoas de 30 a 39 anos, cinco pessoas de 40 a 49 anos, seis pessoas de 50 a 59 anos, sete pessoas de 60 a 69 anos, nove pessoas de 70 a 79 anos e oito pessoas de 81 anos e mais, segundo a organização atual de faixas etárias, sendo que não se sabia a idade de uma pessoa. Entre as profissões assinaladas, encontram-se os trabalhos e ofícios mais comuns às pessoas de origem socioeconômica empobrecida, como: pedreiro, servente de pedreiro, madeireiro, sapateiro, “roça” e simplesmente “trabalhador” ou lavadeira, serviços domésticos, “criada” e “trabalhadora”, além de “nunca teve”. Quanto ao estado civil, predominavam as pessoas viúvas, sendo vinte e duas delas, mas também nove pessoas casadas e sete pessoas solteiras [86].

Os dados do Livro de Matrícula – nome, idade, estado civil, nacionalidade, naturalidade, filiação, profissão, cor, residência, data da entrada, data da saída e observações – contêm informações reveladoras sobre as primeiras pessoas que foram recebidas no Asilo de Inválidos de Campinas. Diferente de seus fundadores, são personagens anônimos na historiografia, pois eram imigrantes pobres, nacionais negros pobres e/ou pessoas com alguma doença ou deficiência pobres. É importante assinalar que esses dados foram registrados por algum membro do asilo, o que significa um olhar externo em relação às características pessoais de cada um desses sujeitos, com uma linguagem que atualmente seria bastante preconceituosa.

Com esses dados, também podemos observar que o asilo não era específico a pessoas idosas, mas tinha uma destinação mista, com grupos sociais marcados pela doença, pela pobreza e/ou pela velhice, constituindo uma instituição para as pessoas indesejáveis na cidade [82]. Provavelmente, algumas dessas pessoas eram sobreviventes das epidemias de febre amarela ocorridas na cidade, imigrantes e nacionais sem recursos impactados por suas consequências e ex-escravizados²⁰. Se pudéssemos conhecer mais sobre suas histórias de vida, teríamos um material importante relacionado à história da escravidão, da imigração, das epidemias de febre amarela, da cidade de Campinas e do próprio asilo, com novos personagens históricos em foco.

²⁰ Considerando que a Lei Áurea, que declarou extinta a escravidão no Brasil, foi assinada em 13 de maio de 1888 e que o Asilo de Inválidos de Campinas foi inaugurado em 1905, é possível que isso tenha ocorrido. Além disso, em 1874, do total de 31.397 habitantes de Campinas, 13.685 eram escravos, representando cerca de 44% da população [77].

Por exemplo: Perroni Pietro era italiano, branco, viúvo, tinha 65 anos, trabalhou como pedreiro e vivia há 16 anos em Campinas, encontrava-se “paralytico da perna e braço” quando ingressou no asilo, em 08 de dezembro de 1905, antes mesmo da inauguração oficial, mas permaneceu ali por pouco tempo, até 09 de fevereiro de 1907, pois foi para a Santa Casa de Misericórdia, onde depois faleceu; Maria Leonor era brasileira, cabocla, viúva, tinha 55 anos, trabalhou como lavadeira e sempre viveu em Campinas, sua cidade natal, encontrava-se com “rheumatismo” e não tinha parentes quando ingressou no asilo, em 10 de dezembro de 1905, justamente o dia da inauguração oficial, onde ficou até 19 de fevereiro de 1916, quando faleceu; Casimiro da Silva era “africano”, preto, viúvo, tinha 84 anos, “trabalhador” e vivia há 70 anos em Campinas, encontrava-se com “rheumatismo e cego de um olho” quando ingressou no asilo, em 12 de dezembro de 1905, onde ficou até 08 de fevereiro de 1914, quando foi para a Santa Casa, onde depois faleceu [86].

Os “pobres” que eram “recolhidos” no Asilo de Inválidos de Campinas eram pessoas que voluntariamente para ali se dirigiam ou que eram enviadas pela polícia [81, p.19]. A rotatividade dessas pessoas era muito grande: “fugiu”, “foi expulso”, “foi para Santa Casa”, “voltou da Santa Casa”, “saiu” e “faleceu” são alguns dos registros relacionados aos primeiros asilados [86], o que indica que muitos não desejavam estar ali. Além disso, nem todos seguiam as regras do asilo, o que gerava retaliações das autoridades: em 04 de abril de 1906, o delegado de polícia, Everardo Toledo Bandeira de Mello, foi contatado para “remover” do local Sebastião Cardoso da Silva, um brasileiro de 35 anos que havia sido “recolhido” a pedido do delegado anterior. Segundo consta, era inconveniente a sua permanência ali: “louco”, não obedecia às “ordens” e estimulava a “indisciplina” com seus “maus exemplos” [81, p.17]; em 16 de maio de 1906, utilizando os mesmos argumentos de desobediência e má influência, a diretoria desejava a remoção de duas pessoas que também haviam sido recolhidas a pedido daquela delegacia [81, p.18]. Existiam outros motivos para o banimento de pessoas do asilo, como o de uma mulher “em estado de gravidez”, “preta e mentecapta”, que havia sido enviada pela polícia. Segundo consta, o asilo não dispunha de “pessoal e enfermagem para socorrer em casos tais”, o que fez com que a diretoria recorresse à Maternidade de São Paulo, “único instituto em condições de socorrer os indigentes dessa natureza”, em 05 de junho de 1906 [81, p.19]. Em todos esses casos, evidencia-se um deslocamento daquelas pessoas entre as instituições existentes, sem respeitar as suas liberdades individuais e conforme a deliberação de seus gestores.

Em 18 de abril de 1915, ocorreu no salão de visitas do asilo uma cerimônia de inauguração do retrato de Bento Quirino dos Santos, reunindo representantes da família Quirino dos Santos e várias “senhoras e cavalheiros da sociedade de Campinas”, além dos diretores do asilo. Bento Quirino era tido como “consócio e grande benfeitor e benemérito da associação do Asylo de Inválidos de Campinas”, tendo efetuado uma doação significativa à associação antes de seu falecimento, um “legado testamentário avultado” em “seu último gesto”, o que gerou a cerimônia de homenagem e agradecimento na instituição, com missa na capela e ato solene de inauguração do retrato [87].

As doações para o funcionamento e manutenção do Asilo de Inválidos de Campinas prosseguiram nos anos seguintes. Aqueles que doavam uma boa quantia eram considerados os seus “protectores” ou “benfeitores”. Em 1923, encontram-se registrados no “Livro de Ouro” os nomes de cinquenta doadores que concorreram com quantias não inferiores a 500 mil réis para o aumento do patrimônio da instituição. Entre eles, Benedicto Ferreira da Silva, que fez uma vultosa doação de 05 contos de réis, Fernão Pompeu de Camargo, proprietário da Fazenda Sete Quedas, Antônio Álvaro de Souza Camargo, proprietário da Fazenda Vila Brandina, o médico João Penido Burnier e os irmãos Salustiano Penteado, Severo Penteado e Austero Penteado, conhecidos como “irmãos Penteado”, fazendeiros e beneméritos da Santa Casa de Misericórdia de Campinas, que fizeram doações de 500 mil réis cada [88]. Do mesmo ano, o “Livro de Caridade”, destinado ao registro das contribuições daqueles que quisessem concorrer com o seu “óbolo” para a manutenção da instituição, com nomes e quantias mais baixas, mas também significativas, assinala novamente a importância da “generosidade tradicional e nunca desmedida do distinto e nobre povo campineiro”. Nessa época, segundo o Termo de abertura do livro, o local contava com “150 asylados” e já tinha como objetivo a “proteção à velhice desamparada” [89]

Em 29 de janeiro de 1928 foi inaugurada a nova capela do Asilo de Inválidos de Campinas, com missa proferida por Dom Francisco de Campos Barreto [90], bispo de Campinas entre 1920 e 1941, o segundo bispo da cidade²¹. Entre as diversas pessoas que compareceram à celebração, registra-se a presença de Orosimbo Maia [90], então prefeito do município e o primeiro presidente da instituição.

²¹ Sobre Dom Barreto: <http://arquioceseocampinas.com/clero/dom-francisco-de-campos-barreto/> (acessado em 27/02/2020).

Em 1934, segundo o Índice dos Sócios do Asylo de Inválidos, existiam mais de 130 sócios remidos e mais de 660 sócios contribuintes, dos quais encontram-se vários nomes riscados, alguns com a observação de falecimento, o que significa que o número real de contribuições era menor do que o registrado. Os sócios eram majoritariamente homens, mas também algumas mulheres, como a Baroneza de Paranapanema, e algumas empresas, como o Banco Comercial do Estado de São Paulo [91].

No início da década de 1940, a rotatividade de pessoas no asilo ainda era muito grande. Segundo o documento Entradas e Saídas de Asylados, entre janeiro de 1941 e dezembro de 1941 entraram quase 150 pessoas, ao passo que saíram quase 150 pessoas. Entre as saídas, muitos casos eram de falecimento ou hospitalização. Outros casos eram: “pediu saída, não acostumou”, “saiu passear, não voltou” e “fugiu”. Havia uma notável relação do asilo com a Santa Casa de Misericórdia de Campinas, pois muitos que entravam, vinham de lá e muitos que saíam, eram encaminhados para lá: “veio da Santa Casa”, “voltou da Santa Casa” e “foi para Santa Casa” eram observações comuns nesse registro [92].

Em 1º de julho de 1942, a Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição, com seis freiras, assumiu a administração do Asilo de Inválidos de Campinas, atendendo à solicitação dos sócios de repassar a administração para “irmãs de caridade”. No mês seguinte, Luiz Assumpção Leite²² foi demitido, tendo sido mordomo por mais de 32 anos no asilo [82].

Em 1945 uma grande reforma interna foi realizada, segundo consta, para proporcionar mais conforto aos “pobres asilados”. Com uma vultosa doação de 500 mil cruzeiros, feita pela “caridosa dama campinense” D. Risoleta Ferreira Jorge²³, erigiu-se o Pavilhão Comendador João Jorge, em homenagem ao seu pai. Nesse pavilhão, em 24 de dezembro de 1949 foi inaugurada a primeira ala do que depois seria o Pensionato Nossa Senhora das Graças, erigido com o objetivo de “promover o reajustamento financeiro do Asilo”. A ala era destinada ao sexo feminino e continha “quatro apartamentos e um conjunto de seis quartos confortáveis” [1].

²² Segundo o jornal Correio Popular de 30 de maio de 1971, Luiz Antônio Assunção Leite dirigiu por 34 anos o Asilo de Inválidos de Campinas, de 1908 a 1942. <https://pro-memoria-de-campinas-sp.blogspot.com/2011/05/personagem-luiz-antonio-assuncao-leite.html> (acessado em 27/02/2020).

²³ Dona Risoleta também foi benemérita do Instituto dos Cegos Trabalhadores, instituição fundada em abril de 1933 e cuja sede em imóvel próprio foi viável graças à doação de parte da chácara de sua propriedade, que ela deixou para o instituto ao falecer, em 1948. <http://www.icct.org.br/index.html> (acessado em 27/02/2020).

As mudanças entre as antigas e as novas instalações da instituição, ocorrida nas décadas de 1960 e 1970, é caracterizada como um período de dificuldades e de realizações [93]. No início da década de 1970, as antigas ruas de terra da chácara foram asfaltadas e receberam iluminação [2]. O antigo casarão foi demolido em 1972. Novos pavilhões já tinham sido construídos e previa-se a construção de mais alguns [94]. Antes disso, os “velhinhos” eram “abrigados” na sede da antiga fazenda, em instalações tão precárias que quando chovia, as camas tinham que ser cobertas com plástico para não molhar os “internos”. As novas construções só foram possíveis graças à importante doação de 500 mil cruzeiros feita por Abreu Sodré, governador do Estado de São Paulo²⁴, aplicada em investimentos cujos rendimentos eram utilizados para as novas obras, a um trabalho de criação de porcos e venda de leitoas, realizado na própria instituição, no qual vendiam-se 80 leitoas por mês, algumas para um restaurante específico e as demais “em cima de um caminhão pela cidade”, e às doações da comunidade nas formas de materiais de construção e dinheiro [93].

Assim, no início da década de 1970 já tinham sido construídos “oito sólidos e confortáveis pavilhões”, organizados em “quatro dormitórios para os homens e o mesmo número para as mulheres”, “quatro enfermarias para as paralíticas e quatro para os paralíticos”, dois refeitórios, sendo “um para as mulheres e um para os homens”, um pavilhão “destinado à farmácia, ao necrotério e ao almoxarifado”, outro pavilhão para a “lavanderia”, que só recentemente havia recebido “equipamento destinado à lavagem da roupa”, que antes era feita à mão, e o “pavilhão da entrada”, cujo pavimento inferior era destinado à administração da instituição e o pavimento superior servia de residência das Missionárias de Jesus Crucificado [94], religiosas destinadas há alguns anos a cuidar dos asilados e a administrar a instituição [95]. Em 1973, nesse mesmo prédio começou a funcionar, no pavimento inferior, a capela, que naquele momento não tinha dependências próprias, o que não impedia a realização de duas missas diárias na instituição [94, 96].

²⁴ Roberto Costa de Abreu Sodré era advogado e fazendeiro, foi eleito indiretamente para governador do Estado de São Paulo entre 1967 e 1971, durante a ditadura militar. <https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/roberto-costa-de-abreu-sodre> (acessado em 27/02/2020).



Imagem 2: Fotografia reproduzida de um artigo de jornal sobre a instituição em 1973 [96] (Acervo: CMU).

As Missionárias de Jesus Crucificado²⁵ atuavam desde 1956 no asilo [93]. Em 1959, registra-se a presença das mesmas na “prática cotidiana de seus vários afazeres”, resultado de um “contrato” existente entre ambas as partes. Tratava-se, então, de nove missionárias, submissas à Madre Odete, que cuidavam de mais de “200 velhinhos asilados, trazendo-os bem alimentados, fazendo-os dormir em camas limpas enfileiradas ao longo de grandes salões dormitórios arejados e bem varridos” [48]. Em 1978, sob a liderança da Irmã Superiora Maria do Rosário, quatorze religiosas prestavam “atendimento aos 365 asilados dos diferentes pavilhões” e dos “dois pensionatos” e cuidavam da “administração interna da Casa” [95]. Em 1984, constituíam uma “equipe de doze irmãs”, que significava uma “valiosa colaboração” à “entidade” [93]. Com o passar do tempo, essas religiosas foram envelhecendo, falecendo e a parceria que existia entre a instituição e a congregação não foi mais renovada. A década de 1980 é marcada

²⁵ Trata-se de uma congregação brasileira, fundada em Campinas/SP em 03 de maio de 1928 por iniciativa da jovem Maria Villac, com o apoio de Dom Barreto, bispo da Diocese de Campinas entre 1920 e 1941. No trabalho que realizaram na instituição, visualiza-se um dos objetivos da congregação: “indo em busca dos mais necessitados, dos que sofrem injustiças e toda sorte de abandono nos lugares mais difíceis e ‘além mares’, impulsionadas pelo amor a Jesus Crucificado”. <http://mjc2.tempsite.ws/site/nossa-historia> (acessado em 28/02/2020).

pela contratação de profissionais especializados nos atendimentos e nos cuidados aos idosos e na gestão da instituição, como veremos adiante.

Atualmente, o espaço que era dedicado à residência das irmãs religiosas foi adaptado a um espaço museal, com um belo acervo de móveis e objetos de séculos anteriores, que pertenciam originalmente à instituição ou que foram doados para ela. Denominado “Centro Histórico Orosimbo Maia”, é onde também se encontra conservado um conjunto de documentos escritos e visuais existente sobre a instituição²⁶.



Imagem 3: Fotografia reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet, sobre o Centro Histórico Orosimbo Maia do LVC em 2012.

A mudança oficial da denominação Asilo de Inválidos de Campinas para Lar dos Velhinhos de Campinas deu-se em 09 de abril de 1973, com a documentação registrada pelo 1º Cartório de Registro de Documentos e Títulos. Essa alteração já havia sido autorizada em assembleia geral realizada pela instituição em 25 de julho de 1972. Segundo membros da diretoria da época, a nova denominação eliminava palavras consideradas “depreciativas” e optava por um nome “mais carinhoso” [96]. Tratava-se

²⁶ Inaugurado em 2009, o “Centro Histórico Orosimbo Maia” tem o objetivo de preservar e divulgar a memória do Lar dos Velhinhos de Campinas. Desde 2013, a instituição participa da Semana Nacional de Museus, evento anual promovido pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), com o objetivo de apresentar e divulgar mais esse espaço à população de Campinas.

também de evidenciar que a maioria das pessoas atendidas aí constituía-se de pessoas idosas, denominadas “velhinhos”.

O ano de 1973 é também o da inauguração de um novo pensionato na instituição, o Pensionato São Rafael, com apartamentos privativos e algumas áreas em comum, cujas instalações passaram a ser alugadas a idosos de maior poder aquisitivo, para arrecadar recursos à instituição de assistência social [96]. Atualmente, ambos os pensionatos estão desativados. O São Rafael funcionou até recentemente, quando foi desativado após a aprovação de uma lei que excluiu a possibilidade de que as entidades de assistência social tivessem outras atividades similares para arrecadação financeira²⁷. O Nossa Senhora das Graças já havia sido desativado devido a problemas estruturais de sua construção. Trata-se do prédio mais antigo da instituição, que recentemente foi reformado e readequado, transformado em um prédio com ambientes revitalizados para acomodar áreas administrativas e funcionais, mantendo as suas características originais²⁸.



Imagem 4: Fotografia de Martinho Caires para Agência Social de Notícias em 11/09/2017, sobre o prédio revitalizado pela Mostra Mais Sustentável. Disponível em: <http://agenciasn.com.br/arquivos/11681>

²⁷ Esse assunto será melhor explicado no texto “Lar dos Velhinhos de Campinas: atuação social”, neste mesmo capítulo.

²⁸ A Mostra + Sustentável 2017, realizada no Lar dos Velhinhos de Campinas, a primeira entidade beneficiada, tratou-se de um projeto coletivo e beneficente das áreas de arquitetura e decoração, enfatizando o tema da sustentabilidade nessas áreas [97].

Na década de 1980, a instituição promoveu novas reformas e mudanças estruturais, a fim de melhorar os cuidados prestados à população atendida. Já se discutia o papel das pessoas idosas e o seu aumento na pirâmide etária brasileira. Planejava-se transformá-la no “mais avançado centro de geriatria do país”, com a oferta de “serviços clínicos” que constituiriam mais uma fonte de recursos para a “entidade assistencial”. Entre os funcionários especializados, a instituição já contava com quatro enfermeiros, um fisioterapeuta, um assistente social e uma engenheira de alimentos, além de um “moderno sistema de administração” [93]. Nessa época, especificamente em 1984, a instituição abrigava “325 pessoas, sendo 273 no internato gratuito e 52 em dois pensionatos”. Dos 273 “internos”, 100 utilizavam cadeiras de rodas e muitos nem saíam da cama [93].

Nesse mesmo ano, teve início um processo de registro e avaliação constante das ações de atendimento que visavam a promoção da saúde e do bem estar dos idosos da instituição, bem como treinamentos e avaliações dos funcionários envolvidos, além da criação de programas, como: Programa do Exame de Admissão, Programa de Acompanhamento Permanente da Morbidade e da Mortalidade, Programa de Atenção às Quedas e Programa de Acompanhamento Nutricional. Em 26 de setembro de 1987 foi inaugurado o “Centro Geriátrico Dr. Roberto Cecarelli”, para atendimento especializado aos idosos residentes. Uma equipe multiprofissional, engajada em discutir a realidade da instituição e propor medidas para melhorar a qualidade de vida dos idosos institucionalizados, encontrava-se constituída [82].

Ainda na década de 1980, os pavilhões receberam os nomes de países [82]. Depois, a instituição substituiu o termo “pavilhão” por “residencial”, além das denominações específicas de determinados edifícios. Os nomes dos países foram mantidos para os residenciais, como veremos adiante.



Imagem 5: Fotografia em que se destaca a placa com a denominação “Pavilhão Brasil” no Lar dos Velhinhos de Campinas (Acervo: Centro Histórico Orosimbo Maia do LVC).



Imagem 6: Fotografia em que se destaca a placa com a denominação “Residencial Holanda”, reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet.

Nos anos seguintes, novas reformas e melhorias foram realizadas, como a construção de um refeitório para os idosos dependentes, a criação de um serviço de telemarketing e a informatização dos registros da instituição [82]. Mais recentemente, novos ambientes foram criados, como o centro histórico já mencionado, um cantinho cultural/cinema, um salão de beleza, uma biblioteca, uma sala de informática e um centro de observação mais modernizado em relação ao que antes era denominado de “ambulatório médico” ou “enfermaria”, além de uma igreja evangélica. Os residenciais foram reformados, com novas divisões entre os dormitórios, troca dos pisos e dos telhados e renovação elétrica e hidráulica, entre outras obras²⁹.

Atualmente, o Lar dos Velhinhos de Campinas pode ser definido como ILPI e OSC de assistência social de grande porte, pois acolhe, aproximadamente, cem pessoas idosas em situação de vulnerabilidade socioeconômica, proporcionando-lhes habitação, cuidados e atendimentos especializados na área da saúde e para a qualidade de vida. Para isso, existem cerca de cento e cinquenta colaboradores (funcionários) e cem voluntários, além de uma ampla estrutura física. A instituição também faz parte da Federação das Entidades Assistenciais de Campinas (FEAC), reconhecida como “uma das mais antigas entidades assistenciais em atuação na cidade e tendo sido uma das primeiras filiadas à Fundação”, que foi criada em 1964³⁰ [98].

Lar dos Velhinhos de Campinas: atuação social

Entre 2018 e 2019, quando foram realizadas as entrevistas utilizadas neste texto, o Lar dos Velhinhos de Campinas podia atender exatamente cento e vinte e oito pessoas idosas, em sua capacidade máxima e mantendo um certo padrão de qualidade. Naquele momento, aproximadamente cem pessoas idosas eram atendidas, sendo quase a metade de homens e quase a metade de mulheres, com aproximadamente 30% de idosos independentes e 70% de idosos com alguma dependência leve, moderada ou grave³¹.

A pessoa idosa que solicita ingressar no Lar dos Velhinhos de Campinas deve passar por um exame admissional com profissionais da Psicologia e do Serviço Social da

²⁹ Informações obtidas com as entrevistas realizadas para esta pesquisa, especificamente na entrevista realizada com o presidente do Lar dos Velhinhos de Campinas, Mauro Calais de Siqueira.

³⁰ A Fundação FEAC foi criada em 14 de abril de 1964, durante uma assembleia realizada na Associação Comercial e Industrial de Campinas (ACIC), juridicamente vinculada à Fundação Odila e Lafayette Álvaro, resultado de um movimento comunitário liderado por Dr. Eduardo de Barros Pimentel [98].

³¹ Informações obtidas com as entrevistas realizadas para esta pesquisa, especificamente nas entrevistas realizadas com a superintendente, Geise Fabiana Silva, e com a coordenadora do centro geriátrico, Ísis Helena Fernandes de Camargo, do Lar dos Velhinhos de Campinas.

própria instituição, pois existem algumas condições para que essa solicitação seja contemplada, desde que haja a existência de vagas:

- Ser considerada pessoa idosa na legislação vigente no Brasil, o que corresponde a ter 60 anos ou mais de idade;
- Manifestar que a solicitação de ingresso é uma opção pessoal e voluntária;
- Comprovar que há necessidade socioeconômica e/ou vulnerabilidade social;
- Ser uma pessoa idosa independente, mesmo que use equipamento de autoajuda, o que corresponde ao Grau de Dependência I na definição da ANVISA.

Tais condições são necessárias devido às especificidades do próprio LVC, afinal, trata-se de uma instituição que preza pelo respeito aos direitos das pessoas idosas, que atua como organização da sociedade civil e que compõe a rede socioassistencial do município.

Na entrevista realizada com Mauro Calais de Siqueira, em 31 de janeiro de 2018, que é empresário em Campinas e naquele momento era presidente voluntário do Lar dos Velinhos de Campinas em seu segundo mandato (2009-2012; 2015-2018), a necessidade desse exame admissional criterioso foi explicada com exemplos:

“O Lar dos Velinhos de Campinas é uma ILPI, uma instituição de longa permanência para idosos, e o idoso pode entrar aqui com uma dependência de grau I, que é uma dependência como usar uma bengala, um andador, uma leve dependência. E muita gente não entende, porque acontece de a pessoa vir pedir vaga e ser recusada, porque a pessoa já é um caso geriátrico, quando ela é dependente, acamada, aí não podemos aceitar. E, às vezes, a pessoa fala: ‘Mas você tem idosos aqui assim’ e temos mesmo, mas porque eles se transformaram dependentes aqui dentro, só que entraram independentes. (...) Às vezes, vêm pessoas querendo colocar um idoso aqui não pela vontade dele, mas sim por vontade da família. Só que nós não podemos castigar o idoso, tirando ele de seus vínculos familiares ou tirando de onde ele quer ficar, então levamos muito isso em consideração. Tanto que a primeira pergunta que se faz para o idoso é se ele gostaria de vir morar no Lar. Há um processo e uma assistente social do Lar que visita a casa onde ele está morando, para ver se realmente a vaga é necessária. Já tivemos caso de pessoas que têm uma condição financeira boa e que tentam colocar seu idoso aqui dentro, por isso criamos a visita domiciliar. E já houve caso de idoso que era uma pessoa simples, com algumas pequenas dificuldades financeiras, mas que tinha sua casa própria e sua aposentadoria, porém que o filho queria morar sozinho com a esposa na casa do idoso. Então, tem que ser bem avaliado, por isso temos psicóloga e assistente social para fazer essa avaliação.” (Mauro de Siqueira)

As entrevistas realizadas com Geise Fabiana Silva, em 17 de dezembro de 2018, que é formada em Administração e naquele momento era superintendente do Lar dos Velinhos de Campinas desde 2007, e Ísis Helena Fernandes de Camargo, em 09 de maio de 2018, que é formada em Terapia Ocupacional e naquele momento era coordenadora do centro geriátrico do Lar dos Velinhos de Campinas desde 2009, acentuaram o caráter socioassistencial da instituição, destacando o acolhimento de idosos com alguma

necessidade socioeconômica e/ou em alguma situação de vulnerabilidade social, também denominados “idosos carentes”:

“O objetivo é atender idosos carentes, que não tenham condições de se prover lá fora, seja por uma questão financeira ou por uma questão de vulnerabilidade, ou seja, não somente idosos pobres, mas também idosos que podem estar correndo algum risco.” (Geise Silva)

“Então, eu acho que a gente tem um papel muito relevante na sociedade, principalmente porque o nosso foco são idosos carentes. Eles precisam provar que precisam socialmente da vaga. Às vezes, a família pode até ter algumas condições econômicas de subsidiar e tomar conta desse idoso, mas as relações são tão rompidas, tão fragilizadas, que ele pode ser vítima de maus-tratos, de negligência, mesmo a família tendo dinheiro, e isso tudo a gente leva em consideração. (...) Mas, o nosso foco maior é a assistência social, o idoso que está bem física e mentalmente e precisa socialmente da vaga.” (Ísis de Camargo)

Em geral, a procura pelo Lar dos Velinhos de Campinas ocorre espontaneamente, por iniciativa da própria pessoa idosa e/ou em decisão com familiares. Há também casos que são encaminhados pela prefeitura, pois existe uma parceria com a rede socioassistencial do município, o que se constitui em algumas vagas referenciadas, consolidando um convênio existente há anos entre a Prefeitura Municipal de Campinas e o LVC. Mesmo nesses casos, o exame admissional deve ser considerado, como informou a coordenadora do centro geriátrico:

“A nossa procura é espontânea, quer seja os familiares ou os próprios idosos, e há alguns que a rede municipal que encaminha, nós temos muitos idosos encaminhados pelo SAMIM. Essas vagas são da prefeitura, então são vagas referenciadas. São aqueles casos que chegam na assistência social de negligência, maus-tratos, abandono. Só que mesmo sendo referenciados pela prefeitura, esses idosos devem seguir o nosso processo de admissão, então a gente faz uma avaliação desse perfil. Por exemplo, se o idoso for muito comprometido fisicamente, vamos falar que ele não é da nossa área, mas da área da saúde, porque nós somos da assistência social. Então, a prefeitura paga um montante pro Lar, que é um convênio assinado há muitos anos. (...) O SAMIM é o Setor de Atendimento ao Migrante, Itinerante e Mendicante, são pessoas em situação de rua, aquelas pessoas que não têm casa e que estão com 60 anos ou mais de idade, eles encaminham pra gente.” (Ísis de Camargo)

A entrevista realizada com o idoso Jorge Bastos, em 5 de fevereiro de 2019, que naquele momento tinha 61 anos de idade e residia há aproximadamente seis meses no Lar dos Velinhos de Campinas, corroborou a informação de que os idosos encaminhados pela rede socioassistencial do município também devem passar pelo exame admissional da instituição, revelando certa dificuldade subjetiva em seu próprio processo de ingresso na ILPI:

“Foi a assistente social que procurou, me encaminhou pra cá. Mas não foi fácil, não, foi de suar a camisa. Nós viemos de carro aqui pra conhecer a casa, tudo, fomos entrevistados. Eu achei bacana aqui, bonito.” (Jorge Bastos)

A procura espontânea pelo Lar dos Velinhos de Campinas e a autonomia de planejar e realizar esse ato, individualmente e/ou com incentivo e apoio de familiares, resultante de uma necessidade socioeconômica, mas também de uma escolha individual, sobretudo após conhecer pessoalmente a instituição, assim como o fato de ser aceito no exame admissional, o que indica certa aptidão física e cognitiva, foram momentos marcantes no processo de ingresso na ILPI para alguns dos idosos entrevistados:

“Eu já conhecia, assim, já sabia de que jeito era aqui, mas eu não tinha vindo aqui ainda. Aí depois eu vim, eu falei pra minha ex-mulher: ‘Eu quero ir pro Lar dos Velinhos de Campinas’, ela falou: ‘Você gosta? Você acha que vai dar certo?’, eu falei: ‘Pra mim vai dar certo, você fica aí e eu vou pra lá’, e disse: ‘Então vamos’, inclusive ela veio junto comigo, assinou um papel. Aí eu fiz a ficha lá, me cadastrei e fiquei esperando. Eles pediram uns exames, passei em todos os exames, aí eles marcaram o dia, telefonaram pra mim lá, pra eu vir. Aí eu vim.” (Raimundo Gonzaga)

“Eu vim conhecer o Lar pra vir morar. Não conhecia antes, sabia onde era, mas não conhecia. Eu achei maravilhoso! Tanto que o meu sobrinho foi morar com a esposa em Artur Nogueira, que a família dela era de lá, e me convidou pra ir com eles, porque ele é meu sobrinho e meu afilhado, mas eu não quis ir junto, não. Ele ia morar com a esposa, com a sogra, eu achei que não dava. Aí entrei em contato com a assistente social, vim aqui conhecer com uma amiga minha.” (Zaira Murta)

“Então eu vim conhecer. Eu vim aqui com minha irmã e eles pediram onde é que eu morava, foram conhecer onde é que eu morava, queriam saber como é que eu vivia, foi feita pesquisa sobre minha pessoa e depois me aceitaram pra vir morar aqui.” (João Batista Signorelli)

“Eu ficava na pensão e, assim do nada, no ponto de ônibus, conversando com uma mulher, ela contando a história dela pra mim, eu contando a minha história pra ela, ela falou: ‘Olha, você tem tudo pra ir lá pro Lar dos Velinhos, lá você pode sair, você tem um lar pra você morar’, eu falei: ‘Ah, mas eu não queria ficar em asilo, não’, ela falou: ‘Mas lá é um lugar bom, bonito, não vai se sentir em asilo lá, não’. Aí eu vim pra cá, consegui.” (Patrícia dos Santos)

“Quando eu arrumei aqui, eu tinha 72 anos, eu não dependia da minha família, eu não vivia com eles, era só a minha cunhada com a filha, que o meu irmão eu já não tinha mais. Acho que eles não gostaram muito, até o médico perguntou pra minha sobrinha: ‘Quem que pôs a sua tia no Lar dos Velinhos?’ e ela falou: ‘Ninguém pôs, ela foi com as pernas dela!’” (Iolanda Henrique)

O grau de dependência dos idosos, além de ser avaliado no exame admissional, também é considerado na organização dos residenciais do Lar dos Velinhos de Campinas, junto ao fator sexo, ou seja, se masculino ou feminino. A organização dos residenciais foi apresentada pela superintendente Geise:

“Os residenciais são divididos entre homens e mulheres e graus de dependência. O único prédio misto, que tem homens e mulheres, é o Residencial Alemanha, porque são idosos mais dependentes. Aí ficam os cadeirantes, os acamados, aqueles que têm uma mobilidade mais reduzida. Temos o Residencial Estados Unidos, que é de homens semidependentes. Temos o Residencial Holanda, que é de homens independentes E temos o Residencial França, que é dividido entre as mulheres independentes e semidependentes. O objetivo dessa divisão é organização. E também porque os idosos, geralmente, têm um certo preconceito, os homens idosos não gostam

muito que tenha mulheres no cuidado deles, enquanto as mulheres idosas já preferem as cuidadoras. A gente costuma tentar atender isso.” (Geise Silva)

Desse modo, o Lar dos Velinhos de Campinas é composto por quatro residenciais que constituem a moradia de idosos de ambos os sexos e com distintos graus de dependência. Se para ingressar na instituição existe a condição de ser uma pessoa idosa independente, com o passar do tempo, muitos dos idosos residentes desenvolvem outros graus de dependência e a instituição segue atendendo-os. Nesse contexto, o LVC torna-se, na prática, uma instituição de serviço híbrido, proporcionando não somente a habitação para esses idosos, mas também cuidados de saúde. E, para facilitar a organização da instituição e dos atendimentos prestados, os residenciais seguem as condições gerais das ILPIs da ANVISA, de acordo com os graus de dependência dos idosos [3]:

- Residencial Alemanha: residencial masculino e feminino com idosos e idosas de grau de dependência III (idosos com dependência que requeiram assistência em todas as atividades de autocuidado para a vida diária e/ou com comprometimento cognitivo);

- Residencial Estados Unidos: residencial masculino com idosos de grau de dependência II (idosos com dependência em até três atividades de autocuidado para a vida diária, como: alimentação, mobilidade, higiene; sem comprometimento cognitivo ou com alteração cognitiva controlada);

- Residencial França: residencial feminino com idosas de grau de dependência I (idosos independentes, mesmo que requeiram uso de equipamentos de autoajuda) e grau de dependência II (idosos com dependência em até três atividades de autocuidado para a vida diária tais como: alimentação, mobilidade, higiene; sem comprometimento cognitivo ou com alteração cognitiva controlada);

- Residencial Holanda: residencial masculino com idosos de grau de dependência I (idosos independentes, mesmo que requeiram uso de equipamentos de autoajuda).

Nesta pesquisa, quase todas as entrevistas do grupo social de idosos foram realizadas com homens do Residencial Holanda e mulheres do Residencial França I, por não apresentarem transtornos cognitivos que pudessem afetar os resultados. A entrevista realizada com a idosa Dilma Lima Terranova, em 21 de junho e 18 de julho de 2019, que naquele momento tinha 84 anos de idade e residia há pouco mais de seis meses no Lar dos Velinhos de Campinas, expressou sentimentos, atitudes e reflexões que podem surgir com a percepção das diferentes condições de saúde dos idosos nos vários residenciais da instituição, bem como em relação à possibilidade de mobilidade existente

entre eles, como tristeza, empatia e temor de alcançar aquele estágio e aquele lugar específico de velhice avançada:

“A velhice, eu vejo aqui, todas as manhãs eu vou ver as velhinhas que estão em cadeira de rodas. Não os homens, só as mulheres. Eu vou ver todas as mulheres de manhã, eu tomo o meu remédio e já desço pra ver todas elas, pra conversar com elas. Eu falo: ‘Bom dia, que Deus dê muita saúde, muita paz’, elas brincam comigo, eu brinco com elas. Mas é triste, é muito triste ver aquele pessoal ali, eu espero não chegar lá, eu espero que Deus me leve antes. Mas, se tiver que ser, Deus é que sabe. Tomara que eu não tenha que passar por aquele lugar onde elas ficam. É muito triste ver todas as mulheres em cadeira de rodas, não andam, pouco falam, é bem triste. Mas eu vou lá muito alegre e converso com elas, procuro animar. Eu não deixo de ir, porque eu gosto muito delas, já me afeiçoei a elas.” (Dilma Terranova)

O Lar dos Velhinhos de Campinas ocupa uma ampla e bela área de aproximadamente 70 mil metros quadrados, com espaços arborizados e jardins. Sua estrutura física está composta de ambientes específicos para a habitação, os cuidados e os atendimentos especializados aos idosos e também para possibilitar o seu próprio funcionamento como ILPI de assistência social. Além dos quatro residenciais apresentados, há:

- Uma lavanderia industrial, onde são lavadas aproximadamente nove toneladas de roupas por mês;
- Dois refeitórios, onde são servidas cerca de 600 refeições por dia;
- Um centro geriátrico, com um setor de terapia ocupacional, uma sala de musculação, uma sala de fisioterapia, uma sala de serviço social, uma sala de psicologia, um consultório médico e um consultório odontológico;
- Um centro de observação, mais conhecido como “enfermaria”, com infraestrutura completa e assistência 24 horas;
- Duas igrejas, sendo uma católica e uma evangélica;
- Um cantinho cultural/cinema;
- Uma sala de informática;
- Uma biblioteca;
- Um centro histórico, com espaço museal;
- Um salão de beleza;
- Uma cancha de bocha;
- Uma horta;
- Uma academia ao ar livre;
- Um edifício de administração;

•Alguns edifícios para organização interna: manutenção, rouparia, almoxarifado, arquivo morto, telemarketing.³².

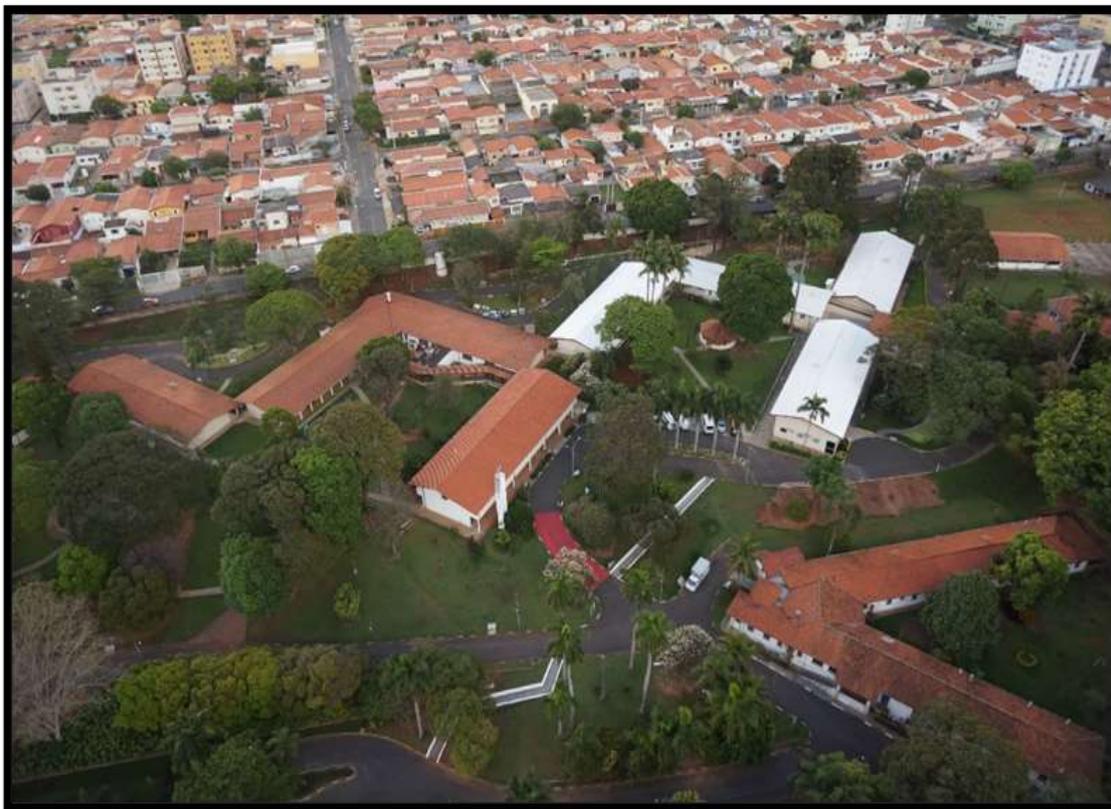


Imagem 7: Fotografia aérea do Lar dos Velinhos de Campinas em 2010, reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet. Naquele momento, as reformas nos telhados dos residenciais e a revitalização no prédio em que funcionava o Pensionato São Rafael ainda não tinham sido realizadas, como podemos observar na imagem.

Alguns dos ambientes do Lar dos Velinhos de Campinas foram criados recentemente, durante os mandatos do presidente voluntário Mauro Calais de Siqueira, a partir de 2009, como o cantinho cultural/cinema, a sala de informática, a biblioteca, o centro histórico, o salão de beleza e a igreja evangélica. Trata-se de uma possibilidade de proporcionar mais qualidade de vida aos idosos com ambientes relacionados aos seus cotidianos, entretenimentos e cuidados com a saúde:

“A parte nova do Lar dos Velinhos foi feita em minha gestão. (...) Criei o salão de beleza, o cinema, o museu... Foi criada também a igreja evangélica, que é muito importante para os idosos.” (Mauro de Siqueira).

O cantinho cultural/cinema é um recinto decorado com pôsteres de obras cinematográficas que já foram sucesso de bilheteria, tem poltronas confortáveis, ar

³² Informações obtidas com as entrevistas realizadas para esta pesquisa, especificamente nas entrevistas realizadas com o presidente, Mauro Calais de Siqueira, do Lar dos Velinhos de Campinas.

condicionado e um telão onde ocorre a projeção de filmes para os idosos, de acordo com uma programação montada pela instituição. Nesse espaço também ocorrem outras atividades, como palestras com profissionais diversos e reuniões entre membros da equipe de colaboradores (funcionários), voluntários e os idosos. Trata-se de um recinto que permanece fechado, sendo aberto nos momentos em que ocorrem essas atividades.

A sala de informática tem computadores com acesso à internet para os idosos que desejam utilizá-los. A sala de informática permanece aberta durante o dia e há um idoso responsável por sua organização diária, abrindo e fechando a sala, ligando e desligando os computadores e até mesmo auxiliando outros idosos no uso dessa tecnologia. É um espaço que seria melhor aproveitado se mais idosos tivessem o conhecimento necessário para acessá-lo, o que pode ser promovido com algum trabalho voluntário de inclusão digital.

A biblioteca tem estantes com livros variados e mesas, cadeiras e poltronas confortáveis para os idosos que desejam realizar alguma leitura no local. Suas estantes são coloridas e as paredes foram pintadas e decoradas por uma voluntária, o que deixa o espaço mais bonito e alegre. A biblioteca fica ao lado da sala de informática e permanece aberta durante o dia, disponível para quem deseja utilizá-la. Nesse espaço também ocorre uma reunião semanal entre voluntários e idosos da instituição, o que constitui um grupo de leitura.

O centro histórico é um espaço museal e um arquivo institucional. Seu acervo é composto de móveis e objetos dos séculos XIX e XX, que pertenciam originalmente à instituição ou que foram doados para ela, e de documentos oficiais de sua trajetória histórica, como atas, jornais, livros de registros. Denominado *Centro Histórico Orosimbo Maia*, em homenagem ao primeiro presidente da instituição, esse espaço ocupa o andar de um edifício que já foi a moradia de freiras que auxiliavam a instituição no passado, em cima da capela. O centro histórico permanece fechado, sendo aberto para algumas atividades administrativas, reuniões e atividades de interação dos idosos com a sociedade em geral, como recepção de grupos escolares e eventos museológicos.

O salão de beleza tem móveis e acessórios constituintes de um salão de beleza profissional, como espelhos, cadeiras giratórias, lavatório de cabelo e secadores. Nesse espaço são realizados cortes de cabelos, tingimentos de cabelos, cortes de unhas e outros procedimentos estéticos nos idosos, em determinadas ocasiões. O salão de beleza permanece fechado, sendo aberto quando profissionais voluntários realizam esses procedimentos.

A igreja evangélica é um salão com cadeiras e um altar, foi construída em parceria com a Igreja do Nazareno Central de Campinas. Trata-se de mais uma possibilidade de manifestação da religiosidade dos idosos na instituição, uma vez que já existia aí uma capela da Igreja católica, com missa aos sábados à tarde, ficando a igreja evangélica com culto aos domingos de manhã. Ambas as celebrações religiosas são abertas à comunidade interna e externa do Lar dos Velinhos de Campinas, o que também possibilita interação dos idosos com a sociedade em geral.³³

Os idosos entrevistados mencionaram o uso de alguns desses ambientes no Lar dos Velinhos de Campinas, destacando a interação que fazem com os diversos espaços existentes, seus hábitos cotidianos e até elementos que compõem suas identidades, como a religiosidade e a habilidade de leitura e/ou escrita. Com esses elementos, revelaram vínculos familiares, valores morais e/ou certa escolaridade:

“Eu sou evangélico. Atualmente, eu estou seguindo realmente a nossa Nazareno, vou ao culto que tem aqui todos os domingos! (...) Aqui, por sorte, nós temos a capela católica e nós temos o pequeno templo da Igreja do Nazareno”. (Elias Teles)

“Sou evangélico, da Igreja Batista Bíblica. Aqui tem a Igreja do Nazareno, eu frequento lá.” (Raimundo Gonzaga)

“Eu sou católica. Eu vou nas missas daqui de vez em quando, não sou aquela religiosa fanática, que vai todo sábado, eu vou quando dá vontade. Mas quase todos os dias eu vou aqui na capela, faço a minha oração e depois vou embora.” (Zaira Murta)

“Eu sou católica, desde criança. Eu fiz comunhão, casei na Igreja Católica. Aqui tem uma igreja linda, aos sábados tem missa. E todos os dias eu rezo. Minha mãe era muito religiosa.” (Dilma Terranova)

“Aí eu vou na capela aqui de sábado à tarde e de domingo de manhã vou aqui na igreja do Nazareno. Eu vou em qualquer uma, o importante é orar.” (Jorge Bastos)

“Eu leio muito, eu gosto muito de ler. Depois que eu cheguei aqui, eu já li dois livros da biblioteca, um de 1100 páginas e outro de mais de 900 páginas. E vários livros menores.” (Dilma Terranova)

“Quando eu não tô andando, assim, conversando, eu tô lá na biblioteca sentado, escrevendo ou lendo. Eu tenho uma pasta que tá cheia de poesias, tudo de autoria minha.” (Raimundo Gonzaga)

Tais relatos também indicaram a liberdade que esses idosos têm para frequentar ou não determinados ambientes da instituição, compondo os seus cotidianos da maneira que mais lhes agrada. Ainda que possam existir limitações advindas das condições de saúde de cada um e da realidade da velhice institucionalizada, a possibilidade de frequentar a igreja em que se vinculam, na periodicidade desejada, e de praticar leituras

³³ Descrições realizadas a partir de observações no trabalho de campo.

e/ou escritas por satisfação e interesse próprios, entre outras atividades que não foram citadas, remete-nos a uma noção de liberdade na organização pessoal de suas rotinas.

Evidentemente, no aspecto religioso, a ILPI não tem condições de contemplar toda a diversidade de crenças existente, mas a iniciativa de ampliar as possibilidades de manifestação religiosa, construindo mais uma igreja, de outra tradição cristã e de acordo com uma demanda dos idosos, deve ser destacada. Além disso, os idosos podem manter suas crenças de outras maneiras, na própria instituição ou em outros espaços da cidade:

“Eu sou católico apostólico romano. Mas, não vou na missa e não leio a Bíblia, só faço oração minha com Deus, só falo com Deus.” (João Batista Signorelli)

“Quando eu vou no centro, eu sempre entro na catedral, quando tem uma igreja por perto, eu entro, fico lá um pouquinho, faço as minhas orações, numa boa.” (Zaira Murta)

“Às vezes, eu vou lá no Allan Kardec, no centro, perto da catedral. Eu gosto das religiões, gosto dos evangélicos, gosto dos católicos, mas não sou muito de ficar em igreja. Eu vou, se precisar ir numa igreja católica, eu vou, se precisar ir numa igreja de crente, eu vou. Eu sou universal.” (Patrícia dos Santos)

O desenvolvimento de projetos coletivos, por iniciativa e/ou com o apoio de voluntários, pode aumentar a vinculação dos idosos a determinados ambientes, como sugeriu o relato abaixo em relação ao ambiente da biblioteca:

“Nós temos aqui na biblioteca um casal de voluntários que nos vêm fazer uma palestra todas as terças-feiras. São os voluntários Luís e Edna. E tem mais pessoas participando, inclusive uma das voluntárias eu a considero como uma missionária, a Francisca. Que eu me lembre, ela já vem de seis meses para cá, então aumentou o número de participantes desse projeto. Nós gostamos das palavras que são expostas, da leitura de escritores famosos, de poetas, de histórias...” (Elias Teles)

A entrevista realizada com o idoso Raimundo Luís Gonzaga, em 24 e 30 de janeiro de 2019, que naquele momento tinha 81 anos de idade e residia há aproximadamente três anos e seis meses no Lar dos Velinhos de Campinas, aprofundou o tema do uso da biblioteca pelos idosos com o incentivo de um projeto desenvolvido por voluntários. Nesse momento da entrevista, foi utilizada uma fotografia como evocação de memórias, sugerida por mim após ter sido reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet. A fotografia, portanto, evocou o tema do ambiente da biblioteca na entrevista de Raimundo e seu relato é uma descrição da imagem, com detalhes sobre a dinâmica da atividade que estava sendo realizada, a qual envolvia leitura, escuta, manifestação de opiniões e interação. A fotografia também nos permite visualizar aspectos dessa dinâmica, como alguns idosos sentados em roda, entre eles o próprio Raimundo, anotando com atenção o que estava sendo lido pelo voluntário, e nos expõe o

ambiente da biblioteca, com suas estantes de livros e a mesa com os acessórios de leitura e escrita, além de uma decoração natalina:



Imagem 8: Fotografia reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet, em novembro de 2018. O idoso Raimundo encontra-se sentado ao lado do voluntário Luís.

“Ah, exatamente! Esse é o voluntário Luís. E outros idosos. Ele lê uma história no livro e depois ele vai explicar aquela história, faz uma reflexão sobre o tema da história, que cada história tem um tema. Depois ele fica conversando e perguntando o que cada um acha, qual a opinião de cada um sobre aquela história, fica um bate papo, uma roda, vai passando. É toda terça-feira de manhã, aqui na biblioteca. Essa terça a gente comentou sobre a história do rompimento da barragem de Brumadinho e a história da tragédia da catedral de Campinas, que eu até fiz uma poesia. Então, aqui nesse projeto a gente lê trechos de livros e lê notícias também, é muito bom.” (Raimundo Gonzaga)

Outro espaço bastante utilizado pelos idosos no Lar dos Velhinhos de Campinas é o centro geriátrico, onde são oferecidos cuidados com a saúde física e mental, por meio de ambientes específicos e profissionais qualificados. Esse espaço ocupa um amplo edifício térreo, localizado em frente ao Residencial Alemanha, e contém um setor de terapia ocupacional, uma sala de musculação e outras salas específicas de atendimentos aos idosos, inclusive a sala da coordenação do centro geriátrico. Alguns dos idosos entrevistados relataram o uso que fazem desse espaço em suas rotinas pessoais, demonstrando-se sujeitos ativos e participantes:

“Tem também a T.O., a terapia ocupacional, que eu vou muito lá, eu ajudo quando vai ter festa. (...) Na T.O. tem muita coisa pra fazer, se quiser ir todos os dias, tem coisa pra fazer.” (Dilma Terranova)

“Eu sempre tô fazendo uma atividade, vou na T.O., faço coisas na T.O., vou na musculação, dou umas voltinhas também, eu nunca estou parado.” (Raimundo Gonzaga)

“Eu faço musculação, faço T.O, faço os passeios...” (Patrícia dos Santos)

“Faço musculação, terapia ocupacional. E tem o AA também, toda quarta-feira, às 13h. Vai a psicóloga e a assistente social, conversa lá, todo mundo fala um pouco, numa sala lá no centro geriátrico. É uma reunião do AA, Alcoolicos Anônimos, pra quem já teve problema com bebida...” (Jorge Bastos)

Denominado Centro Geriátrico Dr. Roberto Ceccarelli, em homenagem ao marido de Lúcia Ceccarelli³⁴, a qual fez uma importante doação financeira para a sua construção [96], o centro geriátrico do LVC foi inaugurado em 1987, acompanhando a evolução e a especialização da própria instituição.

Como vimos, a trajetória histórica do Lar dos Velinhos de Campinas remonta ao final do século XIX e ao início do século XX. Criado como um asilo assistencialista, o local recebia um grupo amplo e variado de pessoas em situação de pobreza extrema na cidade, sem distinções etárias ou outras definições de grupos sociais. Na década de 1970, observando-se que a maioria das pessoas atendidas pela instituição era constituída de pessoas idosas, alterou-se a denominação “Asilo de Inválidos de Campinas” para “Lar dos Velinhos de Campinas”. E na década de 1980, com o objetivo de melhorar os cuidados prestados à população atendida, ampliou-se a contratação de profissionais especializados, buscando-se uma visão de envelhecimento com qualidade de vida e não somente aquela visão assistencialista em que a instituição fora criada. Nesse contexto deu-se a criação do centro geriátrico, como explicou a coordenadora Ísis:

“Esse prédio que nós estamos hoje começou a funcionar em 1987. Começou com a profissionalização da instituição. Porque a instituição foi fundada em 1904 e na época tinha-se uma visão de caridade, então acolhia-se todo mundo. Na década de 1980, com a vinda de alguns médicos geriatras, de gerontólogos, eles começaram a rever essa postura e começaram a correr atrás de profissionais para dar uma visão do envelhecimento com qualidade, uma visão gerontológica realmente³⁵. E aí que se começou a contratação de assistentes sociais, de terapeuta ocupacional, de fisioterapeuta... Nessa época, contamos muito com a ajuda da PUCC, que trouxe alguns professores pra dentro da instituição, que começaram a estruturar esse serviço. E hoje o centro geriátrico é o grande responsável pela instituição não ser um grande depósito. Então, a equipe técnica que representa o centro geriátrico tem justamente essa visão do envelhecimento com um olhar profissional e não mais só de caridade.” (Ísis de Camargo)

Ísis ingressou como profissional especializada no Lar dos Velinhos de Campinas em 1992. Formada em Terapia Ocupacional, ela foi contratada para essa função e depois

³⁴ Roberto Ceccarelli era engenheiro e empresário em Campinas. Ele e sua esposa Lúcia Ceccarelli adquiriram, em 1971, a Fazenda Duas Pontes, transformando-a no Hotel Fazenda Solar das Andorinhas.

³⁵ Com destaque para a atuação de Edison Rossi e Flávio da Silva Fernandes.

foi convidada para a coordenação do centro geriátrico. Ao retirar-se durante três anos da instituição, ela retornou em 2009, ocupando novamente o cargo de coordenadora do centro geriátrico, função desempenhada no momento da entrevista, realizada em 09 de maio de 2018. Na imagem abaixo, reproduzida de um arquivo de fotografias da própria instituição e sugerida por mim durante a entrevista, ela ocupava o cargo de terapeuta ocupacional e relatou como era a festa dos aniversariantes em 1998, evento registrado na fotografia, comparando-a com as festas atuais:



Imagem 9: Fotografia de uma festa de aniversariantes em 1998, na qual Ísis encontra-se de jaleco branco, entre as duas idosas que estão em pé, no lado esquerdo da imagem (Acervo: Centro Histórico Orosimbo Maia do LVC).

“Na verdade, teve uma época em que a gente não conseguia fazer uma festa dos aniversariantes para todos os idosos residentes na instituição participarem, então a gente comemorava no setor de terapia ocupacional. A instituição oferecia o bolo, mas era uma ação restrita. Era só os aniversariantes do mês, entre idosos e funcionários, e a equipe técnica que também participava, essas pessoas de jalecos brancos. E aí, com essa fotografia, dá até para comparar, porque o nosso setor de terapia ocupacional foi reformado há alguns anos, está muito diferente disso, mas quando eu comecei, era assim. Hoje, a festa dos aniversariantes é para todos, a gente só presenteia os aniversariantes do mês, mas a festa é para todos. E a nossa festa é mensal, a gente comemora os aniversariantes do mês e as datas específicas, então, por exemplo, este mês é a festa dos aniversariantes de maio e mês das mães. Daí tem um grupo de voluntários que são músicos e que vêm fazer uma apresentação musical, a nossa terapeuta ocupacional faz uma decoração temática, fica bem bonita a festa!” (Ísis de Camargo)

Nesse trecho, ficam evidentes as mudanças em relação à festa dos aniversariantes realizadas no Lar dos Velinhos de Campinas, um evento mensal que inicialmente era

mais simples e mais restrito e que, com o passar dos anos, tornou-se maior, mais bonito e mais animado, envolvendo os idosos aniversariantes e todos aqueles que desejam participar da festa, com decoração temática preparada pelos próprios idosos e pela terapeuta ocupacional e presença de músicos voluntários, além dos tradicionais bolo e presentes. Alguns dos idosos entrevistados mencionaram a participação pessoal nessa festa ao relatarem as atividades que participam na instituição:

“Tem também a festa dos aniversariantes, que eu participo, claro!” (Elias Teles)

“E tem as festas dos aniversariantes do mês, eu participo também.” (Zaira Murta)

Possuindo uma experiência de mais de 20 anos de trabalho no Lar dos Velhinhos de Campinas, sendo a maior parte desses anos na função de coordenadora do centro geriátrico, Ísis acompanhou mudanças e inovações importantes que ocorreram na instituição, inteirando-se daquele contexto de ampliação da contratação de profissionais especializados para o atendimento aos idosos, a partir da década de 1980, até o contexto atual vivenciado na ILPI, quando novos conhecimentos na área do envelhecimento humano e da velhice institucionalizada são disseminados em proporções cada vez maiores. Com essa experiência, Ísis destacou que uma das funções na coordenação do centro geriátrico é motivar a equipe profissional na busca de atualizações científicas e, conseqüentemente, melhorias no trabalho desenvolvido:

“Ao mesmo tempo, a função do centro geriátrico é motivar essa equipe, mantê-la ativa, motivada, porque a gente não pode se acomodar, então a gente tem que sempre buscar novos conhecimentos, correr atrás de informações, ver o que está acontecendo de novidades. Então, a função de coordenadora também está muito nisto, de motivar essa equipe a buscar novos rumos, evolução. A gente tem que melhorar todos os dias!” (Ísis de Camargo)

Ao relatar sua principal atribuição como coordenadora do centro geriátrico, Ísis destacou a importância dos profissionais especializados nos atendimentos e nos cuidados aos idosos no LVC, valorizando uma visão de envelhecimento com qualidade de vida e segurança, e detalhou a composição da equipe que coordena na instituição:

“A minha principal atribuição é coordenar a equipe multiprofissional. São os técnicos da Fisioterapia, Assistência Social, Psicologia, Medicina, Terapia Ocupacional, Educação Física, Enfermagem e Nutrição. Todos eles são responsáveis por desenvolver um plano para atender o idoso, favorecendo qualidade de vida e oferecendo uma velhice com segurança. E todo esse projeto é coordenado pela minha pessoa, todos os trabalhos voltados diretamente aos idosos são de minha responsabilidade. (...) Os funcionários da instituição hoje são aproximadamente cento e cinquenta, mas os que estão interligados a minha área são bem menos, que são a equipe multiprofissional e os cuidadores. Hoje estamos com oito cuidadores e uma equipe de vinte e dois auxiliares de enfermagem. É bastante, porque a enfermagem é 24 horas, então aí tem folgas,

férias e os rodízios. Temos uma médica, que é neurologista e atende basicamente em termos de clínica geral aqui dentro da instituição, as especialidades são encaminhadas para a rede municipal de saúde. Temos também um fisioterapeuta, duas assistentes sociais, duas psicólogas, uma terapeuta ocupacional, uma educadora física que é também recreacionista, duas enfermeiras, uma nutricionista e uma farmacêutica. A farmacêutica é a única profissional que não está diretamente relacionada com a parte de desenvolvimento de planos com o idoso, ela tem uma função de medicação, mais ligada com a enfermagem e com a médica. É uma equipe bem completa e especializada, mas ainda está faltando profissionais, queríamos muito um fonoaudiólogo, mas este profissional ainda não conseguimos instituir.” (Ísis de Camargo)

Assim, o Lar dos Velhinhos de Campinas possui uma equipe grande e variada de profissionais para os atendimentos especializados aos idosos, como cuidadores, auxiliares de enfermagem, enfermeiras, psicólogos, terapeuta ocupacional, educadora física, fisioterapeuta, nutricionista e médica, totalizando mais de quarenta colaboradores (funcionários) que oferecem cuidados de saúde física e mental aos idosos da instituição. Ainda que seja uma equipe grande e variada, existe a demanda por mais profissionais, como a necessidade de um fonoaudiólogo.

Se cada profissional atua em sua especialidade, em conjunto todos devem buscar um mesmo objetivo, que é o atendimento eficaz aos idosos da ILPI, atuando em suas especificidades e em diálogo interdisciplinar, ainda que muitas vezes ocorram alguns conflitos, como explicou a coordenadora dessa equipe multiprofissional:

“É corrido! E é complicado, porque são muitos saberes! Muitas vezes, como nós trabalhamos muito interligados em todas as nossas áreas, há choques, como: ‘Você está invadindo a minha área’; ‘Não é isso que você tem que fazer’. E são diferentes pessoas, diferentes personalidades, então a gente precisa ter também esse jogo de cintura pra conseguir moldar a equipe, ajustá-la, pra que todos entendam que a gente tem um bem comum, um objetivo único. Os saberes, eles acabam se interligando mesmo, isso é interdisciplinaridade, a gente sempre vai respeitar a área do outro, mas ao mesmo tempo a gente tem que ter um olhar amplo pra entender que todos nós temos um único foco. O idoso é único e todas as ações têm que ser a mesma, o que o fisioterapeuta fala, o que a médica fala, o que a coordenação fala, o que o presidente da instituição fala.” (Ísis de Camargo)

Todos esses profissionais atuam em horários e locais diferenciados na instituição, de acordo com a especialidade de cada um deles e com a demanda dos idosos, considerando-se também as limitações existentes na própria ILPI em termos de estrutura física, material e de recursos humanos. No centro geriátrico existem ambientes específicos para alguns desses atendimentos, como o setor de terapia ocupacional e a sala de musculação, cujas profissionais foram entrevistadas para esta pesquisa.

A entrevista realizada com Giselle Habermann Pera, em 18 de janeiro de 2019, que é formada em Terapia Ocupacional e naquele momento era terapeuta ocupacional do

Lar dos Velhinhos de Campinas desde 2002, apresentou o ambiente em que ela atua na instituição. Giselle demonstrou-se satisfeita em relação aos materiais disponíveis, provenientes de doações ou adquiridos com a venda de trabalhos artesanais dos idosos em uma feira da cidade, e citou a realização de uma reforma e a construção de armários como aspectos positivos para o desenvolvimento de seu trabalho no LVC:

“Aqui na minha área eu não tenho o que reclamar, não falta material, porque eu ganho muita doação, muita. Todo ano eu tenho até que fazer uma reciclagem e aí eu tenho que ver o que eu vou usar e o que eu não vou usar. E tudo o que eu preciso, eu recorro a compras, tem a verba da feira, então nessa parte não tenho o que reclamar. (...) E aqui na própria sala da T.O., quando eu entrei não tinham armários, então eu construí um projeto e, na época do presidente José Pierin Filho, teve a reforma, a construção de todos os armários. Isso pra mim também foi bem positivo no setor.” (Giselle Pera)

A fotografia utilizada na entrevista com Giselle, reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet e sugerida por mim no momento da entrevista, permite-nos visualizar os armários mencionados, que servem tanto para guardar os materiais necessários, quanto para expor as produções dos idosos nas atividades desenvolvidas. O relato de Giselle descreveu a atividade que estava sendo realizada, uma oficina de bonecas artesanais, nomeando as idosas que aparecem na fotografia e lembrando da participação de uma voluntária:



Imagem 10: Fotografia reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet, de janeiro de 2018, na qual Giselle encontra-se de jaleco branco, no lado esquerdo da foto.

“Eu gosto muito dessa foto, porque eu gosto muito de focar o setor! Foi uma atividade aqui, que a gente tava fazendo bonecas, era uma oficina de bonecas. Tinha uma voluntária que tava ajudando a confeccionar as bonecas e esse foi o dia que nós estávamos fazendo. Essa senhora de costas é a dona Dulce, a que tá sentada é a Janete e a outra é a dona Ângela. Nós chamamos as idosas que mais gostam de costura, era um grupo de cinco ou seis idosas. Foi um momento bem rico, eu gosto muito de fazer artesanato com elas.” (Giselle Pera)

Em outra fotografia utilizada na entrevista com Giselle, visualizamos que o seu trabalho não se restringe ao ambiente específico do setor de terapia ocupacional no centro geriátrico, alcançando outros espaços da instituição, como o “Teatro de arena”, uma área externa em formato circular e circundada por bancos. Visualizamos também um momento de interação entre os idosos de vários residenciais, pois aparecem na foto homens e mulheres em diferentes condições de saúde. Giselle descreveu o momento retratado, uma pequena festividade de páscoa com distribuição de ovinhos que haviam sido produzidos pelos próprios idosos em uma atividade anterior de terapia ocupacional, mencionando o “Projeto Culinária” e outras iguarias que haviam sido preparadas, destacadamente, pelas “idosas”, o que também lhes proporcionou um lanche coletivo:



Imagem 11: Fotografia reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet, de março de 2016, na qual Giselle encontra-se de jaleco branco, no centro da foto.

“Olha que legal essa foto, nós tínhamos feito esses ovos na Páscoa. Eu pedi esses ovos de galinha na cozinha, aí os idosos pintaram esses ovinhos e nós enchemos com amendoim, o amendoim a gente passou no chocolate em pó.

Foi no Projeto Culinária, aí nós entregamos pros idosos e teve um lanche no espaço que a gente chama Teatro de arena, aí teve bolo, torta, suco, outras coisas que as idosas prepararam. É muito bom mesmo!” (Giselle Pera)

As fotografias também evocaram sentimentos e opiniões de Giselle em relação trabalho desenvolvido no Lar dos Velhinhos de Campinas, que demonstrou satisfação pessoal em sua vida profissional com a expressão de algumas frases subjetivas: “eu gosto muito dessa foto, porque eu gosto muito de focar o setor”, “foi um momento bem rico, eu gosto muito de fazer artesanato com elas”, “olha que legal essa foto” e “é muito bom mesmo”. Além disso, as imagens permitem-nos perceber certa afetividade nos momentos retratados, como aproximações corporais e sorrisos.

Respondendo à indagação sobre a existência de alguma dificuldade para o desenvolvimento de seu trabalho no LVC, Giselle mencionou que o ambiente é um “setor muito aberto” e que muitas vezes as pessoas da própria instituição, de modo geral, não compreendem os objetivos e os valores da terapia ocupacional aplicada aos idosos, como se as atividades fossem um “mero passatempo” para eles, o que gera situações nas quais momentos terapêuticos importantes são interrompidos. Nesse trecho da entrevista, Giselle esclareceu os objetivos da terapia ocupacional aplicada aos idosos da ILPI, citando exemplos de como as atividades desenvolvidas proporcionam cuidados à saúde física e mental e possibilidades de sociabilização entre os participantes, o que é muito importante para esse grupo social:

“Aqui é um setor muito aberto, então muitas vezes o pessoal acaba entrando e interrompendo alguma atividade. Às vezes, você tá num momento terapêutico e acaba se perdendo, porque as pessoas não veem que é um momento terapêutico. Isso é algo que sempre teve, porque a T.O. é muito diversificada, tem muita coisa. E, às vezes, quem olha de fora, acha que os idosos estão ali passando o tempo, como se fosse um mero passatempo, mas toda atividade tem um objetivo. Então, por exemplo, o idoso picando uma caixinha de remédio, ele não está só picando aquela caixinha, ele está trabalhando a coordenação motora. Se ele está fazendo atividade em grupo, ele está se sociabilizando. Se ele está pintando, ele está trabalhando a mente dele. Então, toda atividade tem um objetivo, eu foco muito nisso também, e tomo muito cuidado pra não infantilizar o idoso. Esse é um ponto que a gente sempre observa na própria profissão, alguns pensam que é uma atividade boba, mas pra terapia ocupacional tem um objetivo, tem um valor.” (Giselle Pera)

Colocando-se como profissional especializada, a terapeuta ocupacional Giselle relatou que busca promover a qualidade de vida dos idosos no Lar dos Velhinhos de Campinas nos aspectos físico, mental e social. Seu trabalho viabiliza que esses idosos não fiquem ociosos na instituição, proporcionando-lhes, inclusive, o desenvolvimento de novas habilidades, além da possibilidade de sociabilização:

“O meu papel é promover mesmo essa qualidade de vida em todos os aspectos: físico, mental, social. E independência, autonomia, eu sou uma facilitadora pra essa melhoria. Não é pra ele entrar aqui e ficar esquecido, sem fazer nada. (...)”

Muitos idosos que antigamente não faziam nada, quando entram aqui, aprendem algo novo, aprendem a costurar, aprendem a fazer um tricô, uma pintura, muitos se descobriram aqui, fazendo atividades. Mas não é só isso, eu não trabalho individualmente, eles estão se sociabilizando uns com os outros.” (Giselle Pera)

Os projetos “Culinária”, “Oficinas de artesanato” e “Boas Compras”, existentes na área da terapia ocupacional, foram explicados por Giselle ao detalhar sua rotina semanal de trabalho. Nessa explicação, Giselle evidenciou o protagonismo dos idosos com frases que indicam a atuação de cada um deles: “as idosas preparam um bolo”, “nós fazemos artesanato”, “eles vendem o artesanato” e “eles compram bolachas”. Além disso, ela mencionou a parceria com outras profissionais da instituição e o apoio de pessoas voluntárias na realização de algumas atividades:

“Eu trabalho todos os dias da semana, de segunda à sexta-feira, e cada dia da semana tem um tipo de atividade. Tem o Projeto Culinária, é um projeto que as idosas preparam um bolo, uma torta, alguma receita, que depois é servida em grupo aqui no setor, como um lanche e um momento de confraternização, a gente usa a cozinha do centro geriátrico. É muito gostoso esse momento. E tem artesanato, nós fazemos artesanato pra vender na feirinha do Centro de Convivência, como pano de prato, pintura, crochê, cachecol, varia da época, por exemplo, o cachecol eu deixo mais pro inverno. Esse projeto é antigo, todos os sábados vão dois idosos com uma cuidadora pra feira, eles vendem o artesanato que é produzido aqui e a verba é revertida pro Lar e pro nosso setor. Então, quando preciso de um material, eu vou lá e compro com esse dinheiro. Tem um grupo grande aqui de quinta-feira à tarde de idosos com voluntárias que vêm só pra fazer o artesanato. A parte de festas do Lar eu também trabalho muito com a decoração, todo mês tem a festa temática, eu e a recreacionista decidimos o tema e eu trabalho a decoração com os idosos. E tem atividades com idosos mais dependentes, tem o Projeto Boas Compras, que é junto do serviço social, a gente leva uma vez por mês os idosos mais dependentes, aqueles que não saem sozinhos, pra fazer compras no mercado. Então, eles compram bolachas, frutas, a gente orienta, a gente trabalha o valor do dinheiro, quanto eles têm e quanto custa, a quantidade, o financeiro, e eles têm o contato com a comunidade lá fora.” (Giselle Pera)

Neste trecho, Giselle também demonstrou a heterogeneidade de idosos envolvidos nos projetos de terapia ocupacional do Lar dos Velhinhos de Campinas, pois citou a participação de homens e mulheres, assim como de idosos independentes e idosos mais dependentes. Obviamente, não são todos os idosos que participam das atividades oferecidas na ILPI e eles não são obrigados a participarem, respeitando-se a liberdade, a autonomia e o interesse de cada um. Existem aqueles que se mostram mais “engajados”, sendo que a participação de todos é constantemente incentivada pelos profissionais responsáveis, pois “o objetivo maior é que todos os idosos participem”, conforme relatou Giselle:

“Dos idosos, eles vêm engajados em fazer atividades, tudo o que você pede, eles participam. Não são todos, como eu sempre falo, eu nunca obrigo o idoso a participar. (...) Varia muito. Eu tenho uma atividade aqui que a gente trabalha com as caixinhas de remédio, as caixinhas que vão pra reciclagem, nessa

atividade os homens têm frequentado bastante. As mulheres também vêm bastante em várias atividades, tá meio a meio. E como eu trabalho um dia com os mais dependentes, no fim todos participam, que o objetivo maior é que todos os idosos participem.” (Giselle Pera)

A entrevista realizada com Vanilze Franco Marquizi, em 13 de agosto de 2019, que é formada em Educação Física e naquele momento era recreacionista do Lar dos Velhinhos de Campinas desde 2013, reforçou a importância de envolver a heterogeneidade de idosos nas atividades que são oferecidas na ILPI. Ao detalhar sua rotina semanal de trabalho, Vanilze ressaltou que busca atender aos diversos grupos de idosos, de acordo com as características de cada um deles, seja por condições de saúde, seja pelo fator gênero ou por gostos pessoais, o que é possível devido à variedade de atividades que ela desenvolve na ampla área em que atua, denominada genericamente de “recreação”, com horários diferenciados e adaptações específicas para os grupos participantes. Na entrevista, Vanilze também mencionou a importância da parceria com outros profissionais especializados da instituição, como o fisioterapeuta, a psicóloga e, em um trecho mais adiante, a terapeuta ocupacional Giselle:

“Eu desenvolvo várias atividades de recreação com os idosos. Eu tenho um cronograma de atividades. Tem dias que eu trabalho só à tarde e tem dias que eu trabalho o dia inteiro. Na segunda e na terça-feira eu trabalho com musculação, aí tem o horário das mulheres e tem o horário dos homens. Então, na segunda e na terça-feira eu fico mais na minha sala, com essas atividades. Tem os idosos que fazem a musculação e tem aqueles que ficam com o Marcos, que é o fisioterapeuta, ele trabalha mais a reabilitação e eu trabalho mais o condicionamento físico. De quarta-feira eu trabalho mais ao ar livre, tenho um projeto com a Renê, que é a psicóloga, chama Criando Laços. A gente fica no pátio ao lado do Residencial Alemanha, porque tem muitos idosos daí, que são os mais dependentes, que ficam sentados no pátio, tomando sol, enquanto as meninas limpam o residencial, então eles ficam muito tempo ali sentados, sem fazer nada, muitas vezes eles não conversam um com o outro, então a gente desenvolve esse projeto com eles no pátio. Aí a gente chama todo mundo que queira vir, mas a maioria é o pessoal do Alemanha, mais alguns homens do Holanda que participam, como o senhor Anésio, o José Benedito e tem uma idosa do França, a Maria da Luz, que sempre participa. Então a gente trabalha para todos eles, porque apesar de alguns estarem na cadeira de rodas, eles têm que fazer alguma atividade também. A gente trabalha com bola, bastão, bambolê. Ou, por exemplo, nessa quarta-feira que passou, a gente trabalhou memória com eles, a gente imprimiu grande as imagens de frutas e colocamos no chão, aí eles tinham que achar o par das frutas. Então, a gente faz várias atividades, faz circuitos. Aí com os cadeirantes, quando é atividade em pé, a gente adapta as atividades pra eles, pra eles fazerem as atividades sentados. Eles gostam, tem idoso lá que não vê a hora de chegar quarta-feira, pra fazer a atividade! E tem a caminhada, é a primeira atividade que a gente faz pela manhã, eu chego às 08 horas e a gente faz a caminhada às 08h30, porque nesse intervalo eles tomam o café e tem a medicação pra tomar. Então eles tomam o café, tomam a medicação e já me esperam na frente da farmácia. A caminhada é uma volta em todo o Lar, a gente não faz aquela caminhada intensa, por causa da dificuldade de muitos, a gente faz aquela caminhada devagar e chegando na enfermaria a gente faz o alongamento pra finalizar. (...) E eu trabalho muito com a Giselle, a terapeuta ocupacional, aí a gente trabalha com eles na sala dela, no pátio, no salão. E a gente trabalha junto nas festas e nas viagens. Uma quarta-feira do mês é festa dos aniversariantes e na outra quarta-feira do outro

mês é viagem. Aí a gente faz um cronograma de festas no início do ano e de acordo com esse cronograma a gente decora o salão e faz as festas de acordo com esses temas. Aí alguns idosos ajudam na decoração, na organização. Então, tem várias atividades que a gente faz com outros profissionais.” (Vanilze Marquizi)

Assim, são muitas as atividades que podem beneficiar a saúde física e mental dos idosos no Lar dos Velhinhos de Campinas, com usos e aproveitamentos de vários ambientes da instituição, conforme explicou Vanilze: musculação e condicionamento físico na sala de musculação localizada no centro geriátrico; exercícios físicos e jogos cognitivos no pátio ao lado de determinados residenciais; caminhada e alongamento pelas ruas da instituição, em percursos próximos ao ponto de encontro; festas no salão de eventos da instituição e, além disso, viagens e passeios fora do recinto da ILPI.

Respondendo à indagação sobre a existência de alguma dificuldade para o desenvolvimento de seu trabalho no LVC, Vanilze mencionou a necessidade de mais bicicletas ergométricas em sua sala no centro geriátrico e de um novo local para os aparelhos da academia ao ar livre na instituição, o que são sugestões para melhorar o aproveitamento das atividades físicas desenvolvidas com os idosos:

“Eu sugiro à instituição mudar o local dos aparelhos da T.I., que são os aparelhos da Terceira Idade, porque eles estão lá atrás, perto da horta, é um lugar mais longe, que pega muito sol, seria melhor trazer pra perto da mangueira, que tem bastante sombra, é um lugar mais arejado. Lá, a gente usa muito pouco os aparelhos. São cinco aparelhos, iguais aos que têm nas praças públicas da cidade. É o que eu sempre peço nos relatórios, mais bicicletas ergométricas e a mudança dos aparelhos de local. (...) E todos os aparelhos de musculação da minha sala foram doados, eu até falo que a gente precisa de mais bicicleta ergométrica, eu coloco no relatório anual que precisa de campanha pra bicicleta, porque na minha sala tem três bicicletas e são muito usadas, inclusive uma era de uma senhora que veio morar no Lar e que tinha essa bicicleta bem antiga, ela trouxe pra cá.” (Vanilze Marquizi)

Nas imagens abaixo, reproduzidas de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet e sugeridas por mim no momento da entrevista com Vanilze, observamos o envolvimento dos diversos grupos de idosos, constituídos por homens e mulheres em diferentes condições de saúde, no trabalho desenvolvido pela recreacionista no Lar dos Velhinhos de Campinas. Ao descrever as fotografias, Vanilze situou o local específico da ILPI em que se encontravam, apresentou as atividades que estavam sendo realizadas e alguns de seus benefícios, como o estímulo físico aos idosos mais debilitados, a coordenação motora e o fortalecimento muscular, além de destacar, como podemos notar, a “feição de alegria” dos idosos participantes:



Imagem 12: Fotografia reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet, de janeiro de 2019, na qual Vanilze encontra-se de jaleco branco, no lado esquerdo da foto.



Imagem 13: Fotografia reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet, de janeiro de 2019, na qual Vanilze encontra-se de jaleco branco, no centro da foto.

“Ah! Essa é a atividade de quarta-feira aqui no pátio, os idosos que estão aí são, na maioria, idosos do Residencial Alemanha, que são os idosos mais debilitados, que não fazem muitas atividades, que ficam a maior parte do tempo sentados, esperando a hora do café, a hora do almoço, então nesse dia eu trabalho bastante com eles. Tem uma idosa aí chamada Maria Helena, agora ela está numa condição que não consegue fazer quase nada, mas a gente tá sempre estimulando. Como esses idosos não vêm até a minha sala, eu vou até eles pra fazer a atividade. Aqui a gente tá trabalhando com a bola e o bambolê, então trabalha a coordenação. Era pra eles ficarem em pé, só que a maioria não consegue, então a gente faz uma adaptação com eles. E trabalha a musculatura, o fortalecimento muscular, pois eles estão fazendo um exercício. A feição deles é de alegria!” (Vanilze Marquizi)

Colocando-se como profissional especializada, a recreacionista Vanilze ressaltou os benefícios das atividades físicas que ela desenvolve junto aos idosos no LVC, inclusive para aqueles que têm pouca ou nenhuma mobilidade devido às condições de saúde na velhice, como os cuidados com a saúde física e mental, as contribuições pra qualidade de vida e pro bem-estar pessoais e as possibilidades de sociabilizações:

“As atividades físicas contribuem pra saúde dos idosos, pra qualidade de vida, pro bem-estar. Tem aquele idoso que morava sozinho, não fazia nada, só ficava em casa assistindo televisão, sentadinho no sofá e aqui no Lar, junto com outros idosos, tem socialização, tem bem-estar, a atividade física contribui pra saúde dele. A socialização é muito importante, através das atividades físicas, eles socializam um com o outro. Muitas vezes, eles estão no pátio e não conversam entre si, no Residencial Alemanha são poucos os que conversam um com o outro, tem a Dona Cida, a Meire, a Miranda que conversam bastante, mas tem idosos ali que ficam o dia inteiro sentadinhos na cadeira e não conversam! Aí, trazendo eles pras atividades, isso traz bem-estar pra eles, eles socializam um com o outro, colocando eles no pátio em roda pra alguma atividade, traz benefícios pra eles. Às vezes, o que tá na cadeira não vai ter um benefício motor, mas vai ter um outro movimento, uma conversa com o colega, isso traz bem-estar pra mente, pro emocional. As atividades também contribuem pra mente, pra memória. Alguns têm Alzheimer e fazem as atividades, é muito bom pra eles.” (Vanilze Marquizi)

As interações sociais entre os idosos no LVC são práticas muito incentivadas, constituindo até mesmo um dos objetivos de trabalho para alguns dos profissionais especializados da ILPI, como vimos nas entrevistas da terapeuta ocupacional Giselle e da recreacionista Vanilze. Isso indica que os idosos da instituição nem sempre formam vínculos ou amizades entre si, cabendo aos profissionais fomentar relações interpessoais entre eles, sempre que possível e respeitando as individualidades de cada um, afinal, a opção de isolamento entre alguns idosos também pode ser uma estratégia de enfrentamento das adversidades na velhice institucionalizada.

Na imagem abaixo, reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet e sugerida por mim no momento da entrevista com Vanilze, observamos um momento em que ocorre significativa interação social entre os idosos no Lar dos Velhinhos de Campinas, que é a festa mensal dos aniversariantes realizada pela instituição. Como vimos, essa festa inicialmente era mais simples e mais restrita e, com

o passar dos anos, tornou-se uma festa maior, mais bonita e mais animada. A recreacionista Vanilze relatou como faz para estimular os idosos a dançarem nessa festa, o que também constitui uma prática que envolve mobilidade física e melhoria na coordenação motora, além de ser uma fonte de diversão e alegria, inclusive para aqueles com mobilidade reduzida, que podem participar da festa e da dança de outras maneiras:



Imagem 14: Fotografia reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet, de março de 2019, na qual Vanilze encontra-se de jaleco branco, dançando com um idoso.

“Ah! É a festa, é dia de festa! Quando eu entrei aqui no Lar, eles não dançavam muito. Mas ainda são poucos os que dançam, a gente tem que estar sempre estimulando. E os homens sentam de um lado, as mulheres sentam de outro. Como é mesinha individual, a gente sempre modifica, pra eles interagirem um com o outro, mas eles querem sempre sentar no mesmo lugar. Aí teve um dia que a gente falou assim: ‘Hoje vai ser diferente, hoje vocês vão sentar aqui e as mulheres aqui, nós vamos interagir, vamos socializar um com o outro!’. Mas eles não gostam muito não, eles querem sempre o seu lugar. Aí aqui na foto é a dança, a gente estimula eles a dançarem um com o outro. Tô vendo aí o senhor João, é um idoso muito ativo pra dança, ele dança super bem. O Ercílio tá dançando com a Janete, eles também dançam bem! E eu tô dançando com o senhor Joaquim, mas o senhor Joaquim quase não dança, nesse dia dançou! E sempre a Giselle dança com um e eu danço com outro, a gente vai chamando, aí eles dançam um com o outro! Às vezes, um fala: ‘Ah, eu não sei dançar!’, e eu respondo: ‘Vamos embora, que eu ensino!’, aí vou devagar com eles, no

ritmo deles, com cuidado... Os homens não são assim de chamar as mulheres pra dançar, aí nós vamos lá e falamos: ‘Dança com ela’, aí vai. Às vezes, eu começo a dançar com um, chamo uma idosa e falo: ‘Agora você dança com ela que eu vou dançar com outro’! Aí tem uns que não querem, eu insisto: ‘Só uma vez, só uma música’ e assim vai indo! O Ercílio gosta de dançar, mas não são todas as mulheres que dançam, ele dança com a Janete, a Guilhermina dança um pouco, o senhor Raimundo dança com a Leila, tem a Dilma, que foi professora de balé durante muito tempo, é uma beleza de ver o senhor João e ela dançando! A dança trabalha muito a coordenação deles também. Às vezes, nós fazemos roda e vamos puxando eles, aí nós pegamos os cadeirantes, vamos levando eles e dançando com eles! Tem uma idosa chamada Poli que está na cadeira de rodas, mas é uma alegria nas festas, ela dança, ela bate palmas, ela grita, se diverte, apesar que agora ela está mais debilitada... Muitas vezes, nos dias de festa, eu chego em casa morta de cansada, porque eu danço um monte de dança!” (Vanilze Marquizi)

As interações sociais entre os idosos e pessoas ou ambientes externos à instituição também são práticas muito valorizadas, como podemos perceber nos trechos em que Vanilze relatou outras atribuições de seu trabalho, sobretudo em relação à recepção de grupos na instituição e à organização de passeios por Campinas ou viagens a cidades vizinhas com os idosos da ILPI, evidenciando também a participação desses idosos em algumas decisões coletivas, como a escolha dos locais a serem visitados:

“Eu recebo os grupos também, os grupos que vêm pro Lar, é minha função receber esses grupos de escolas, de igrejas, de amigos. Muitas vezes, eles vêm trazer lanches pros idosos, café da tarde, eu sou responsável por recepcioná-los, ficar com eles auxiliando, levar os idosos até a atividade. Tem muitas escolas que fazem campanha e vêm trazer a doação pro Lar, aí eles também fazem uma atividade. E a gente também vai nessas escolas com os idosos, a escola faz a campanha com os alunos e nós vamos lá participar de alguma atividade, eles cantam, fazem alguma apresentação, servem um café da manhã pros idosos. Quando eu não estou, a Giselle que vai. E no final de semana a gente faz plantão, um sábado por mês tem que fazer o plantão. Nesse dia, a gente só recepciona os grupos e as pessoas que querem conhecer o Lar no horário de visitas, que é das 14h às 17h. Aí costumam vir grupos pra fazer bingo, trazer lanche, pessoas de igrejas que vêm fazer louvor, tem bastante coisa. (...) . E eles amam as viagens! A gente não viaja em janeiro, em julho e em dezembro, por serem datas em que há muitas pessoas nos lugares. Antes, as viagens eram em todos os meses, mas alguns idosos estavam deixando de ir, se diziam cansados, o custo também é alto, porque o Lar dos Velhinhos que paga os ônibus, então foi feita uma reunião e aí decidiram que seria um mês sim e outro não. Pra eles, é uma alegria viajar, conhecem lugares diferentes, socializam entre si, se divertem. Agora, um mês é viagem e no outro mês é almoço, a gente pesquisa algum restaurante na região e pergunta pra eles o que eles gostariam, se é comida mineira, churrasco, massa, cada vez é um restaurante diferente. E também vamos em chácara de voluntários, por exemplo, no mês passado nós fomos almoçar na chácara de uma voluntária, ela cede pra gente há três anos a chácara dela pra fazermos um almoço, fomos com quarenta idosos! Nos almoços costuma ir mais gente do que nas viagens, porque aí a gente sai mais tarde daqui e retorna mais cedo, não é um passeio de dia inteiro, que cansa mais. E antes a gente faz a cotação, procura saber qual restaurante tem o melhor preço, a variedade de comida, se é acessível ou não. (...) A gente já foi pra Barra Bonita, Pirassununga, Aparecida do Norte...” (Vanilze Marquizi)

Desse modo, o recebimento de grupos escolares, grupos religiosos, grupos de empresas e grupos de amigos, com atividades de interação entre os grupos e os idosos,

concretizando encontros intergeracionais, trocas afetivas humanas, práticas de lazer e apoios materiais, entre outros aspectos positivos, assim como a realização de passeios e viagens dos idosos a diversos lugares da cidade ou até mesmo a lugares mais distantes, constituem iniciativas muito relevantes para romper o isolamento da ILPI e dos idosos em relação à cidade e à sociedade em geral. Essas iniciativas também são muito apreciadas pelos envolvidos, conforme relataram alguns dos idosos entrevistados, inclusive constituindo novas experiências de vida para alguns deles:

“Às vezes vêm grupos de fora trazer lanche, trazer música. É bom, aqui é bom, eu acho que eles procuram nos proporcionar coisas boas. E uma vez por mês a gente sai, um mês a gente come num restaurante por aqui, outro mês a gente vai pra fora. Já fomos pra várias cidades: Aparecida do Norte, Itu, vários lugares. Falou em passear, é comigo!” (Dilma Terranova)

“Nos passeios eu vou bastante. Eu adoro viajar! Aqui no Lar toda última quarta-feira do mês a gente viaja, é um mês sim, um mês não, vai pra uma cidade passar o dia, vai almoçar. Eu adoro, falou de sair, de passear, de viajar, eu tô dentro! (...) E algumas atividades, por exemplo, de final de semana sempre tem pessoas que vêm fazer atividades, conjuntos que vêm fazer apresentações, é bom.” (Zaira Murta)

“E participo dos passeios. Por exemplo, eu já fui no Parque Maeda, mas que beleza, que maravilha, que dia gostoso que eu tive.” (Elias Teles)

“A gente vai no baile, tem o baile aqui perto, na Vila Teixeira, tem bailes aqui também, a gente dança, é maravilhoso. Apesar de que eu nunca dancei na minha juventude, nem na minha mocidade, nunca dancei, porque eu tinha vergonha. Mas agora, depois de velho, depois do Lar dos Velhinhos, comecei a dançar! (...) E é uma terapia maravilhosa, tanto pras pernas, quanto pra cabeça também, distrai! Eu me sinto bem.” (Raimundo Gonzaga)

Evidentemente, não são todos os idosos do LVC que se encontram aptos e dispostos a participarem dessas atividades, sobretudo devido às dificuldades relacionadas às condições de saúde de cada um, como dificuldade ou incapacidade para enxergar, mobilidade reduzida e/ou outras dependências físicas e cognitivas, mas também devido a questões subjetivas, como “alguma coisinha que amola”, não poder “ouvir muito barulho” e o fato de já ter participado de atividades anteriormente, como demonstrou a entrevista realizada com a idosa Iolanda Henrique Barbosa, em 16 de outubro de 2019, que naquele momento tinha quase 88 anos de idade e residia há 16 anos no Lar dos Velhinhos de Campinas, tempo suficiente para já ter feito “muita coisa” na instituição:

“Eu já fiz muita coisa, todo mês tinha um passeio fora, eu conheci lugares maravilhosos, muitas cidades, uma maravilha! Agora, prefiro não ir mais. É a vista que atrapalha... E alguma coisinha que amola... Mas eu tô bem. Das festas dos aniversariantes, eu participo! Eu preciso ir! É que tem as colegas que estão fazendo aniversário e eu preciso ir! Eu não gosto muito não, é que é difícil pra mim, porque é no salão de festas e eu tenho dificuldade, eu tenho dificuldade na vista e não posso ouvir muito barulho.” (Iolanda Henrique)

Assim, aqueles idosos que se encontram com boa saúde e funcionalidade são os que mais participam de determinadas atividades oferecidas pela instituição, inclusive percebendo-se em situação diferenciada em relação àqueles que se encontram com alguma dependência física e/ou cognitiva avançadas e, portanto, com mais dificuldades para participar dessas atividades. Apesar de todos os esforços dos profissionais especializados para envolver a heterogeneidade de idosos existente, como vimos nas entrevistas da terapeuta ocupacional Giselle e da recreacionista Vanilze, somente parte deles consegue “desfrutar” do que consideram “vantagens” na situação de velhice institucionalizada no Lar dos Velhinhos de Campinas, como os passeios e os almoços, conforme relatou o idoso Raimundo:

“A vantagem é essa, você tem regalias, passeio todos os meses, pega um ônibus aqui, vai a uma excursão, até pra Santos a gente já foi! Almoço fora, o almoço é ótimo aqui, maravilhoso, mas uma vez por mês a gente vai almoçar num restaurante fora, *self-service*, você pega a comida que você quer, a mistura que você quer. E passeia, vê coisas diferentes. Quer dizer que isso tudo é vantagem. Enquanto o idoso pode andar, tá podendo se movimentar, enxerga, ela tá desfrutando dessas vantagens que tem aqui. A não ser muitos, coitados, que às vezes não podem, porque são dependentes. Mas aqueles que são independentes, têm muitas vantagens aqui.” (Raimundo Gonzaga)

Um apoio essencial para a realização dessas e de outras atividades no Lar dos Velhinhos de Campinas provém do voluntariado. Existem, aproximadamente, cem pessoas voluntárias que atuam, em média, quatro horas semanais no Lar dos Velhinhos de Campinas³⁶. São pessoas que oferecem cuidados específicos aos idosos, que auxiliam nas atividades desenvolvidas pela equipe de profissionais ou que prestam serviços à própria instituição, entre outras funções, sem nenhuma remuneração, mas por interesses pessoais subjetivos e em benefício da comunidade.

Como vimos, alguns dos idosos entrevistados destacaram a atuação de voluntários em um projeto de leituras e atividades afins no ambiente da biblioteca. A coordenadora do centro geriátrico Ísis destacou a participação de músico voluntários na animação da festa mensal dos aniversariantes. A terapeuta ocupacional Giselle também mencionou a participação de voluntárias em algumas atividades que ela desenvolve na instituição e, no trecho a seguir, valorizou o auxílio recebido das mesmas na realização de artesanato com os idosos e na própria organização do setor de terapia ocupacional:

Do próprio grupo, eu acho muito bacana as voluntárias estarem aqui, que aumentou bastante o número de voluntárias no meu setor e elas ajudam muito, isso tá sendo um ponto bem positivo aqui pra mim. Antes eu estava com auxiliar, hoje eu vejo que eu não tô precisando de auxiliar, porque tem muitas

³⁶ Informações obtidas com as entrevistas realizadas para esta pesquisa, especificamente nas entrevistas realizadas com o presidente, Mauro Calais de Siqueira, do Lar dos Velhinhos de Campinas.

voluntárias. É algo bem bacana, são pessoas que vêm procurando onde podem auxiliar na instituição, daí são encaminhadas pra cá e ajudam nas atividades, no artesanato, na própria organização do setor, é algo bem positivo aqui pra nós.” (Giselle Pera)

A entrevista realizada com o grupo de voluntários Jair Biscassi, Dirlei Mascia, Deuselinda Remédio e Irene Trigueiro Falcão, em 14 de agosto de 2019, que naquele momento atuavam na área de recreação no Lar dos Velhinhos de Campinas, demonstrou uma maneira de apoio e companhia aos idosos nas festas e nos almoços externos ou nos passeios/viagens, que são atividades promovidas pelo LVC na primeira e na última quarta-feira do mês, respectivamente:

“E a quarta-feira não foi escolha, mas coincidiu de ser no dia da festa dos aniversariantes, a primeira quarta-feira do mês, é onde eles ocupam mais a gente, os voluntários, porque tem a movimentação de levar os cadeirantes até o refeitório, depois trazê-los de volta. E a última quarta-feira do mês coincide com a viagem que eles fazem mensalmente, então a gente ajuda eles a entrar no ônibus, na parada da estrada a gente acompanha até o banheiro, acompanha eles pra pegar comida, café, que eles gostam de fazer uma parada pro café durante a viagem. E chegando nos locais de passeio, têm idosos que precisam de ajuda pra se locomover, porque alguns têm que andar de andador, de bengala ou a gente tem que segurar nos braços deles, porque já são mais idosos e já não têm tanta firmeza pra andarem sozinhos. Então é muito bom, porque coincidiu de a gente estar nesses dias pra fazer isso. (...) Quando a gente vai pra Aparecida do Norte, vai cadeirante e a gente ajuda, percorre caminhos longos com eles.” (Jair Biscassi)

Trata-se de uma modalidade bem simples de cuidado aos idosos da instituição, mas de extrema importância, pois esses voluntários oferecem atenção e segurança em atividades que envolvem locomoção, aumento do risco de queda, enfrentamento de situações desafiadoras, desempenho de papéis sociais, entre outros fatores que podem dificultar ou até mesmo inviabilizar a participação dos idosos, sobretudo nos ambientes externos à ILPI e em relação àqueles que apresentam alguma dependência física e/ou cognitiva. Como vimos, a idosa Iolanda relatou que um dos motivos para não participar de determinadas atividades é o fato de encontrar-se “com dificuldade na vista”, o que afeta sua localização espacial e mobilidade. Neste caso, a atuação dos voluntários entrevistados poderia favorecer a sua participação, como ocorre com aqueles idosos cadeirantes ou aqueles idosos que utilizam um equipamento de auto ajuda e são auxiliados pelos voluntários em suas locomoções.

Por outro lado, o voluntariado também traz benefícios aos próprios voluntários, que encontram prazer, satisfação pessoal e bem-estar no trabalho realizado, especialmente porque, na experiência específica de Jair, Dirlei, Deuselinda e Irene, o voluntariado no Lar dos Velhinhos de Campinas possibilita uma atividade durante a aposentadoria, a troca de conhecimentos, a manutenção de vínculos identitários com as pessoas idosas e/ou com

a instituição, a adesão a um projeto social que avaliam como necessário e eficiente e a construção de relações interpessoais afetivas:

“Eu me aposentei em 2009, mas eu tive um sogro e uma sogra que eu cuidava, eu era cuidador deles. Em 2013 o meu sogro partiu, aí ficou só a minha sogra e eu fiquei com mais tempo livre, aí eu comecei a vir pra cá, faz mais de cinco anos que estou como voluntário aqui. Então, eu já estava acostumado com pessoas idosas, tanto é que a minha sogra ficou comigo e com a minha esposa até recentemente. Eu entrei aqui também pra compreender o que eu podia fazer pra minha sogra e vice-versa, ou seja, o que eu tinha de ideia da minha sogra pra trazer pra cá e o que eu podia aprender daqui pra levar pra minha sogra, isso me ajudou muito. Ela morreu com 96 anos e isso me ajudou bastante, porque teve coisas que eu aprendi aqui e chegava e falava com ela ou fazia pra ela e com as coisas de casa eu também trazia pra cá, isso deu uma sequência legal! E é bom pra mim também, a gente precisa ter uma atividade depois que aposenta e os anciãos têm mais experiência de vida, têm coisas novas pra contar pra gente, eles têm sempre novidades.” (Jair Biscassi)

“Eu comecei a vir aqui quando eu era solteira, com um grupo de senhoras, inclusive a minha mãe, mas era bem diferente, porque eram as irmãs de caridade naquele tempo, era muito triste, porque não tinha doação, então era bem judiado, os prédios tristes... Nessa época, eu vinha fazer visitas com esse grupo de senhoras, aí depois eu comecei a trabalhar, casei, criei os filhos, me afastei daqui, mas eu pensava: ‘O primeiro lugar que eu quero ser voluntária, quando eu me aposentar, é o Lar dos Velhinhos de Campinas’. E já fez 14 anos que estou aqui como voluntária! (...) Aqui no Lar é gratificante, porque você vê que o atendimento deles é de primeira. (...) Se a gente sentisse alguma coisa, nós seríamos os primeiros a pular fora, porque quando a gente não gosta de algum ambiente, a gente não fica! Mas de manhã, quando eu acordo, eu falo: ‘Ah, hoje é quarta-feira, que delícia, hoje eu vou lá ver eles’.” (Dirlei Mascia)

“Eu trabalhava na prefeitura e já tinha vindo aqui com os alunos, conhecer como que era, aí quando eu me aposentei, eu fui procurar um lugar pra trabalho voluntário. Aí eu já não queria mais trabalhar com crianças, então eu procurei o Lar dos Velhinhos de Campinas. Quando eu vim pra cá, eu comecei na biblioteca, mas depois veio uma bibliotecária e eu quis trabalhar direto com os idosos. Aí a Ísis falou pra eu ver com a Vani, eu fui ver com a Vani e quarta-feira era o melhor dia, então eu comecei a vir nas quartas-feiras. Eu acho que é uma bela ilusão a gente falar que ajuda, porque a gente é mais ajudado do que a gente ajuda... (...) E eu admiro muito o pessoal que trabalha aqui, a Ísis, a Vani, a Gi, elas são excelentes, a paciência que elas têm, o carinho, o jogo de cintura que elas têm com eles! (...) Eu não lembro exatamente quanto tempo faz que estou como voluntária aqui, mas eu cheguei antes do Jair, então faz mais de cinco anos.” (Deuselinda Remédio)

“Acho que já faz uns oito anos que estou como voluntária aqui, tem bastante tempo. (...) Faz muito bem pra gente! Nos dias de festa, eu chego cansada em casa, mas eu chego tão bem, que o corpo tá cansado, mas a cabeça tá muito boa! (...) Outro dia eu tava lembrando do senhor José Marques, ele tinha cada história linda pra contar, a gente sentava com ele, ele contava da família, eu tenho até uma carta que ele escreveu, é tão bonita, eu admirava a fé que ele tinha!” (Irene Falcão)

A fotografia abaixo foi registrada por mim em 11 de março de 2020 no Lar dos Velhinhos de Campinas, ocasião em que o grupo de voluntários entrevistado se

encontrava reunido para auxiliar na festa mensal da instituição³⁷. Além das atividades realizadas como voluntários no Lar dos Velinhos de Campinas, em comum, todos eram aposentados e seguiam a mesma religião, o espiritismo. Na entrevista, relataram que não se conheciam antes de iniciarem o voluntariado na instituição e cada um apresentou as motivações pessoais para tanto, além de apresentarem-se sucintamente:³⁸

“Eu sou a Deuselinda Remédio, tenho 64 anos, eu era professora da prefeitura, eu trabalhava com os pequeninhos, sempre fui professora do primeiro e do segundo anos, hoje sou aposentada. Eu nasci em Campo Grande, no Mato Grosso do Sul.” (Deuselinda Remédio)

“Eu sou a Irene Trigueiro Falcão, tenho 78 anos, sou viúva e sou do lar, nunca trabalhei fora, só dentro de casa, tenho três filhos. Eu nasci em São Paulo.” (Irene Falcão)

“Eu sou a Dirlei Mascia, eu sou aposentada, também já fui professora, já trabalhei em departamento de RH, já trabalhei na coordenação, em várias coisas. Eu sou viúva. Eu nasci em Campinas, sou campineira!” (Dirlei Mascia)

“Eu sou Jair Biscassi, tenho 63 anos, me aposentei na Bosch, trabalhei por 33 anos lá. Sou casado, tenho dois filhos e um neto. Eu nasci em Santa Fé do Sul, no Estado de São Paulo.” (Jair Biscassi)



³⁷ Provavelmente, essa foi a última festa realizada no Lar dos Velinhos de Campinas antes da pandemia, pois em 14 de março de 2020 a ILPI comunicou em uma rede social da internet a suspensão de visitas como medida de segurança sanitária para os idosos da instituição.

³⁸ Informações referentes à entrevista realizada em 14 de agosto de 2019.

Imagem 15: Fotografia com os voluntários Dirlei, Deuselinda, Jair e Irene, da esquerda para a direita, no Lar dos Velhinhos de Campinas, no início de março de 2020, (Foto: Vanessa Fernandez).

A entrevista realizada com Joice de Lima Ribeiro, em 23 de outubro de 2019, que é formada em Enfermagem e naquele momento era enfermeira supervisora do Lar dos Velhinhos de Campinas há aproximadamente três anos³⁹, apresentou os cuidados cotidianos prestados aos idosos na instituição, evidenciando os cuidados específicos aos idosos com alguma dependência física e/ou cognitiva e as múltiplas funções executadas pela equipe de profissionais na área da saúde:

“Os idosos que são parcialmente dependentes são os que precisam de auxílio pra alguma atividade da vida diária, no banho, na troca, o que eles não conseguem executar sozinhos. E os idosos totalmente dependentes são os que precisam de auxílio para todas as atividades da vida diária ou, se eles conseguem fazer sozinhos, que precisam que a gente oriente, pra manter a rotina, como a hora do banho, porque às vezes não têm muita noção na questão de horário, de tempo e espaço, por déficits cognitivos, então precisam de supervisão constante. (...) Na parte dos idosos mais dependentes, que é o Residencial Alemanha, sempre tem um cuidador e um auxiliar de enfermagem, sempre tem funcionário pra fazer os atendimentos, pra auxiliar em tudo que eles precisarem. Nos outros residenciais ficam as cuidadoras e, se necessário, elas trazem os idosos pra cá ou a enfermagem busca e traz, em caso de emergência. A enfermagem é mais dedicada à parte dos dependentes. (...) Nós temos uma equipe com vinte e três auxiliares de enfermagem, mais os cuidadores, que são aproximadamente doze no momento. É uma equipe grande, bem diversa, com horários diferenciados. O cuidador é mais voltado pra fazer a parte de saídas com os idosos pra serviços de saúde, eles acompanham as consultas externas, e auxiliam no banho, nas refeições, nas trocas e na organização dos espaços dos idosos, como o guarda-roupas e o criado-mudo. Os auxiliares de enfermagem ficam na parte mais específica de medicação, curativos, inalação, primeiros-socorros em caso de acidente, além de fazer também a parte dos cuidados, como banho e auxílio na alimentação, principalmente entre os idosos que são mais dependentes. E nós temos dois médicos agora: a doutora Bárbara, que é neurologista, e o doutor Paulo, que é geriatra, ele entrou recentemente. Eles dividem os atendimentos, pra que a gente não centralize só em alguns idosos, a gente verifica todas as queixas e verifica quem são os casos mais graves, quem pode esperar um pouquinho, faz uma classificação de risco e aí os atendimentos são divididos entre os dois. Então, qualquer queixa que os idosos têm, eles procuram aqui, pode ser uma dor, um acidente, uma queda, eles têm um atendimento inicial e a gente pode encaminhar pra alguma especialidade, se precisar. Alguns têm convênio médico, aí eles conseguem mais rápido, e os que não têm, a gente encaminha pela rede, pelo SUS.” (Joice Ribeiro)

Conforme explicou Joice, trata-se de uma “equipe grande, bem diversa, com horários diferenciados”, de extrema importância para a rotina de cuidados aos idosos no Lar dos Velhinhos de Campinas, seja acompanhando-os a consultas externas e a outros serviços de saúde fora da ILPI, seja auxiliando-os nas atividades básicas da vida diária, como banho e alimentação, sobretudo entre os idosos mais dependentes, seja oferecendo-lhes alguns cuidados específicos de saúde dentro do LVC, como medicação, curativos,

³⁹ Atualmente, Joice não se encontra mais nessa função no Lar dos Velhinhos de Campinas.

inalação e outros atendimentos. Na entrevista realizada com a coordenadora do centro geriátrico Ísis, a composição da equipe de profissionais especializados nos atendimentos aos idosos no LVC havia sido detalhada em vinte e dois auxiliares de enfermagem, oito cuidadores e uma médica. Na entrevista realizada com a enfermeira supervisora Joice, que se deu um ano e cinco meses após a entrevista com Ísis, percebemos um pequeno aumento na quantidade desses profissionais, contando vinte e três auxiliares de enfermagem, doze cuidadores e dois médicos, o que indica que esses números podem ter pequenas variações, de acordo com as demandas da ILPI.

A imagem abaixo, reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet e sugerida por mim no momento da entrevista com Joice, permite-nos visualizar um dos espaços utilizados pelos idosos mais dependentes no Lar dos Velinhos de Campinas, o pátio que fica entre o Residencial Alemanha e o Residencial Estados Unidos. Inicialmente, a fotografia nos remete ao tema da velhice institucionalizada avançada, evocando a sensação de tristeza e solidão entre os sujeitos retratados. Mas, o relato de Joice permitiu-nos perceber que o momento visualizado é parte da rotina diária de cuidados a esses idosos mais dependentes, agregando a sensação de zelo e acolhimento aos sujeitos da imagem: após o banho, eles ficam sentados no pátio ao lado do residencial, em um espaço aberto e propício para o banho de sol matinal, onde também podem ocorrer atividades com outras profissionais e outros idosos do LVC, o que constitui “um lugar muito gostoso” e “um lugar que eles vivem bons momentos”, apesar da irreversibilidade das condições socioeconômicas e de saúde em que se encontram:



Imagem 16: Fotografia reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet, de agosto de 2017, na qual idosos tomam banho de sol no pátio.

“Esse pátio aqui é lá embaixo, ao lado do Residencial Alemanha, é um lugar muito gostoso pros idosos, principalmente pros mais dependentes, então eles terminam o banho e vão pra lá. E quando tem alguma atividade de integração, alguma atividade com a terapeuta ocupacional ou com a educadora física, a gente usa muito esse espaço. E tem a questão do banho de sol, que é importante. É um lugar que eles vivem bons momentos.” (Joice Ribeiro)

A necessidade de proporcionar cuidados específicos de saúde aos idosos no próprio Lar dos Velhinhos de Campinas levou à criação de um setor especializado, denominado oficialmente “centro de observação”, mais conhecido como “enfermaria”. Trata-se de um ambiente com estrutura física adequada, equipamentos hospitalares e profissionais especializados para alguns atendimentos na área da saúde aos idosos no Lar dos Velhinhos de Campinas, como a prestação de algum socorro imediato, a preparação para algum exame, a realização de curativos, o controle da medicação cotidiana, a verificação de pressão arterial e outros sinais vitais, quando necessário, conforme esclareceu a enfermeira supervisora Joice:

“Nós dispomos de dois quartos masculinos e dois quartos femininos, com oxigênio, camas hospitalares, pra que a gente consiga dar o máximo de conforto quando os idosos precisam ficar aqui. A ideia é que eles fiquem aqui só em casos extremos ou quando têm algum preparo pra exame, é um local de passagem para alguns momentos. Eles se sentem bem aqui, tem até alguns

idosos, quando ficam aqui um período maior, que é mais necessário por conta de algum tratamento, que a gente fala que precisa fazer até um ‘desmame’, porque eles acabam gostando de ficar aqui, porque conversam, tem mais contato com a equipe. Também tem alguns que não querem vir pra cá, porque têm medo de ficar mais dependentes, mas depois também se acostumam com a rotina. A gente sempre tem que deixar bem claro que aqui é um local que eles vão passar e que eles têm a vida e a rotina ali fora. E tem os horários de medicação, os idosos já sabem esses horários, então eles passam por aqui pra tomar a medicação. Alguns têm curativos diariamente, eles já sabem os horários e eles já têm a rotina baseada no que eles têm que fazer aqui. E eles passam aqui também pra fazer as saídas, os que são independentes, eles precisam passar pela enfermaria pra gente verificar os sinais, a pressão arterial, antes que eles saiam. Então eles tomam o café da manhã, aí eles vêm pra cá, tomam as medicações, se preparam pra sair, já é tudo muito prático pra eles. Aí os mais dependentes, a enfermagem leva a medicação nos horários pra eles.” (Joice Ribeiro)

A idosa Dilma citou a ida à “enfermaria” como parte de sua rotina diária no Lar dos Velinhos de Campinas, mencionando a prática cotidiana da medicação após o café da manhã. Ao utilizar o pronome “a gente”, demonstrou que se trata de uma rotina e prática cotidiana coletivas, evidenciando também o controle que a própria instituição detém sobre a medicação dos idosos, o que indica um cuidado da ILPI para uso racional dos medicamentos que eles necessitam:

“A gente acorda às 6h30. Depois, 7h15, 7h30, tem o café da manhã. Aí sai de lá e vai tomar os remédios na enfermaria. E fica até às 11h, tem o almoço (...).” (Dilma Terranova)

O Lar dos Velinhos de Campinas possuía uma “enfermaria” que ficava instalada em outro espaço, onde é atualmente o Residencial Estados Unidos. Antes disso, em 1959 já havia sido inaugurada uma “enfermaria” no asilo assistencialista [96], o que demonstra que a necessidade de proporcionar cuidados à saúde dos residentes existe há muitos anos. Em 2015, o atual “centro de observação” foi inaugurado, durante a gestão do presidente Mauro Calais de Siqueira, contendo a estrutura física adequada, os equipamentos hospitalares necessários e o ambiente para os profissionais especializados efetuarem aqueles atendimentos detalhados na entrevista da enfermeira supervisora Joice.

O presidente Mauro também relatou a importância do centro de observação para a qualidade de vida dos idosos no Lar dos Velinhos de Campinas, citando um exemplo de como os idosos podem utilizar esse ambiente individualmente ou para a melhoria da vida coletiva. Antes de sua inauguração, contudo, alguns conflitos burocráticos com a administração do município tiveram que ser superados, relacionados à definição e classificação do Lar dos Velinhos de Campinas, que por ser uma ILPI, na qual a assistência médica não constitui o elemento central na prestação de serviços, não poderia ter uma enfermaria, o que foi resolvido com um “termo de ajuste”:

“A enfermaria era em outro local, onde é o Residencial Estados Unidos, e aí eles construíram nesse espaço, já com um ambiente mais adequado conforme as necessidades da Vigilância Sanitária e dos idosos. Então, é um ambiente relativamente novo.” (Joice)

“A parte nova do Lar dos Velhinhos foi feita em minha gestão. Eu não construí nada, mas eu reformei tudo. A única coisa que falta é reformar a cozinha. Foi reformada a parte dos dormitórios, foi reformulada a enfermaria. (...) Quando montamos a nossa enfermaria, a Secretaria de Saúde queria fechá-la, porque como aqui é uma ILPI, presume-se que é a residência do idoso, não o local de tratamento, aí tivemos que fazer um termo de ajuste com o promotor público do idoso. Isso é qualidade de vida, por exemplo, cada quarto aqui tem quatro idosos, se o idoso tivesse e precisasse de um atendimento do convênio médico, o convênio fazia o atendimento no quarto, como uma inalação. Nós também podíamos fazer isso, mas não podíamos tirar o idoso do quarto pra levar pra enfermaria, porque eles tratam isso como um serviço médico. Então, eles queriam que a gente fizesse a inalação no quarto dele. Se o idoso ficasse tossindo a noite inteira com outros três idosos no quarto, podia incomodar e deixar mais três idosos doentes, mas não podia fazer a inalação em local separado. Daí, tivemos que fazer esse termo de ajuste. Entre várias outras coisas...” (Mauro de Siqueira)

Além desses conflitos burocráticos, outras problemáticas relacionadas à administração do Lar dos Velhinhos de Campinas mencionadas nas entrevistas do presidente Mauro e da superintendente Geise foram: ineficácia da legislação brasileira na área das entidades de assistência social; ausência de políticas públicas e de projetos ou programas governamentais eficazes para as pessoas idosas; invisibilidade generalizada desse grupo social na sociedade; dificuldades financeiras.

A legislação brasileira, de modo geral, e uma lei específica foram duramente criticadas. Ao determinar que a certificação ou renovação de entidade de assistência social seja concedida àquelas que prestem serviços ou realizem ações socioassistenciais, de forma gratuita, continuada e planejada, para os usuários e para quem dela necessitar, *sem discriminação*, e que as ILPIs podem cobrar a participação do idoso no custeio da entidade de assistência social, desde que se dê nos *termos e limites*⁴⁰ dispostos no Estatuto do Idoso [97], essa lei excluiu a possibilidade de que as entidades tivessem outras atividades similares para arrecadação financeira. No caso específico do Lar dos Velhinhos de Campinas, há muitos anos existia o Pensionato São Rafael⁴¹ para a habitação e alguns atendimentos a idosos de classe socioeconômica mais favorável, os quais não constituíam o público-alvo da instituição de assistência social, mas efetuavam pagamentos mensais pelo espaço e serviços contratados naquele pensionato, gerando uma renda importante à ILPI. Localizado dentro do LVC, em uma área separada dos residenciais e demais

⁴⁰ Grifos nosso.

⁴¹ O Pensionato São Rafael foi inaugurado em 1973, conforme apontam alguns documentos utilizados no texto “Lar dos Velhinhos de Campinas: trajetória histórica”.

ambientes da instituição, o Pensionato São Rafael teve que ser fechado após a aprovação dessa lei, o que impactou na arrecadação da instituição:

“A legislação brasileira está atrasada. Por exemplo, nós tínhamos 18 apartamentos pagos aqui, que acarretavam receita para a instituição, nós fechamos em 2013, porque o governo criou uma lei em que nenhuma entidade filantrópica pode ter atividades afins. Então, o Lar não pode ter nenhuma renda com idosos, que é a nossa especialidade, e tivemos que fechar aqueles apartamentos que eram pagos, que eram poucos idosos em um lugar separado e que traziam uma renda para a entidade. É a incapacidade do governo de fiscalizar. E os idosos que moravam aí, foram todos despejados, não tem mais nenhum morando lá, o espaço está vazio.” (Mauro de Siqueira)

“Então, aqui no Lar dos Velinhos de Campinas nós tínhamos o Pensionato São Rafael, constituído de pequenos apartamentos com idosos que tinham condições de pagar para estar ali. Porque nós temos o *know-how*, nós sabemos cuidar de idosos, e como a instituição é filantrópica, o objetivo do São Rafael era aplicar o nosso conhecimento, atendendo aquele idoso da melhor forma possível, mas que não era um lucro pra instituição, e sim uma receita para ajudar a manter os idosos carentes. Depois dessa legislação, deixamos de ter o Pensionato São Rafael, nossa receita caiu e automaticamente vieram algumas dificuldades. Ou seja, não foi bem pensado o que a lei poderia afetar para as instituições. Então, as legislações deveriam ser pensadas melhor, com representantes das próprias instituições para discutir e determinar o que é melhor.” (Geise Silva)

A superintendente Geise estabeleceu uma relação entre a ausência de políticas públicas e de apoios governamentais eficazes para as instituições que atendem pessoas idosas, a invisibilidade generalizada desse grupo social na sociedade e as consequentes dificuldades financeiras do Lar dos Velinhos de Campinas, declarando que existe um alto custo de manutenção da instituição e uma baixa arrecadação, sobretudo nos contextos de crise econômica:

“Eu acho que a maior dificuldade é que não existe um olhar dos governantes, do país ou do próprio município voltado às instituições, principalmente para aquelas que atendem idosos. E quando vamos pedir algum tipo de doação, mesmo em empresas, o idoso é o último olhar. O idoso, muitas vezes, não é visto como um cliente futuro. Porque aqui, nós sabemos, é triste, mas é a realidade, é o final da vida. E a criança, no olhar dessas empresas, é vista como um futuro. Então, nossas maiores dificuldades realmente são para manter a instituição, conseguir as doações perante essa crise econômica, que 2017 e 2018 foram dois anos terríveis. O que é muito difícil para nós, administradores, é que os custos são muito altos. Para se manter funcionários, ‘os colaboradores’, é muito difícil, porque há muitos impostos. Por mais que se tenha isenção, que hoje temos isenção da cota patronal, que é aquele valor que se paga por cada funcionário junto ao INSS, é um custo muito alto, pois os demais impostos e recolhimentos, temos que fazer. Basicamente, segundo o meu ponto de vista, as maiores dificuldades são financeiras, no sentido de que existe um custo muito alto, com uma receita baixa.” (Geise Silva)

O presidente Mauro discorreu sobre o alto custo mensal de manutenção do Lar dos Velinho de Campinas, composto pela totalidade de elementos necessários para um funcionamento adequado da instituição e um melhor acolhimento aos idosos. Ao

relacionar a qualidade de vida dos idosos com a estrutura física e os atendimentos especializados oferecidos pelo LVC, Mauro detalhou o custo de cada idoso nessa ILPI:

As pessoas falam: ‘Nossa, o Lar dos Velhinhos é lindo, arborizado, cheio de árvores, jardim’, mas isso custa. Dá uma qualidade de vida muito melhor pro idoso, porque ele tem oito quilômetros de rua asfaltada, tem o bosque, que eles adoram, tem as galinhas soltas pelo Lar, mas isso gera um custo agregado, que ninguém computa. Todo mundo fala: ‘O idoso custa x’, mas e a qualidade de vida dele? Não se põe x mais 1, se considera x somente, se ele tiver lugar pra andar ou não tiver lugar pra andar, não consideram. E o custo é muito alto. Fazendo uma conta bruta, o custo mensal de manutenção do Lar é de quase R\$ 600 mil reais, com aproximadamente cem idosos. Se fizer a conta de 600 mil divididos por 100, dá aproximadamente R\$ 6000 reais por idoso. Só que é uma conta que tem que considerar a área do Lar, a preservação do meio ambiente, os trabalhos internos e externos com os idosos, uma estrutura que nem as instituições particulares de Campinas possuem.” (Mauro de Siqueira)

O presidente Mauro também detalhou as diversas fontes de renda que compõem a receita financeira mensal do Lar dos Velhinhos de Campinas, sendo uma parte proveniente do poder público municipal, uma parte proveniente de imóveis pertencentes à instituição, uma parte proveniente de uma contribuição mensal que os próprios idosos efetuam ao LVC, de acordo com a legislação vigente e observando o grau de dependência de cada um deles, e outra parte proveniente de doações da população e de empresas ou instituições de Campinas. Nesse conjunto, Mauro ressaltou a importância do apoio da sociedade ao Lar dos Velhinhos de Campinas:

“De nossas necessidades mensais, 12% de nossa receita provêm do poder público municipal. E o Lar dos Velhinhos possui uma renda que é proveniente de alguns imóveis que ele possui, que também deve dar aproximadamente 12% da receita mensal. A maioria desses imóveis foram doados na década de 1970, quando era um orgulho para uma família que possuía vários imóveis, doar um deles para alguma entidade da cidade. Hoje isso não acontece mais. O resto dos recursos vem de eventos, de doações do dia a dia. E os próprios idosos fazem uma contribuição, que depende do grau de dependência do idoso, porque quando o idoso é independente, ele dá 50% do salário mínimo para o Lar de contribuição, e quando ele está em um grau II de dependência, ele dá 70%. O Estatuto do Idoso fala em 70% para todos, mas para mantermos um padrão de vida melhor para os idosos que são independentes, a gente reduziu pra 50%. (...) A Ceasa tem um projeto de alimentos que nos manda frutas, mas a maior parte é comprada pelo Lar e aqui se consome muitas frutas e legumes, mas temos esse apoio. E recebemos doações de pessoas físicas, este é o maior volume. Eu considero que o Lar dos Velhinhos de Campinas hoje ainda funciona como uma entidade de padrão nacional graças à ajuda da população. Muitas pessoas ganham cesta básica e deixam a cesta básica aqui na portaria, ajudam com doação de roupas, pequenas doações em dinheiro. É esse pouquinho de cada um que faz o Lar forte hoje. Não tem nenhum grande doador fixo. Algumas empresas fazem doações esporádicas, sem compromissos mensais.” (Mauro de Siqueira)

A superintendente Geise explicou a importância de uma organização administrativa para o funcionamento adequado do Lar dos Velhinhos de Campinas como ILPI de assistência social, considerando os procedimentos burocráticos existentes e os padrões exigidos, destacando o rigor de transparência nas questões financeiras:

“A gente divide em: Recursos Humanos; Financeiro; Patrimônio; Comunicação e Marketing; Centro Geriátrico; Cozinha Central; Recepção e Portaria; Telemarketing; Bazares; Rouparia e Lavanderia; Manutenção. (...) Então eu faço reuniões periódicas com esses gestores. E se não tivermos esses gestores, a coisa desanda. (...) Existe uma hierarquia: tem a diretoria, depois o superintendente e os demais departamentos, tudo setorizado para uma boa administração. Pois também existem muitas situações burocráticas, por exemplo, é preciso ter toda a documentação organizada para se ter o mérito de filantrópica, atender os prazos de prestação de contas. E temos o nosso sistema computacional, se alguém chegar e pedir para ver as contas do Lar, as despesas, as arrecadações, é totalmente aberto, transparente, todos os nossos balanços são publicados anualmente no Diário Oficial da cidade. (...) A instituição precisa ser bem organizada.” (Geise Silva)

Por fim, o presidente Mauro salientou a responsabilidade que é ocupar o cargo de presidente do Lar dos Velhinhos de Campinas, apontando dificuldades existentes tanto em sua área de atuação, como encontrar pessoas capacitadas e disponíveis para o voluntariado em diretorias ou presidência de entidades de assistência social, quanto em questões práticas de suas atribuições, como conciliar o seu trabalho pessoal com as demandas relacionadas ao cargo no LVC:

“Eu me considero responsável por tudo. Então, eu acompanho todos os departamentos do Lar, desde a parte de obras até a parte técnica. Eu converso com os idosos, pra saber como estão. Eu acompanho a parte da cozinha, das refeições, de vez em quando eu chego pra almoçar aqui, até pra ver a qualidade da comida, e muitas vezes eu venho sem prévio aviso. Então eu me sinto responsável por tudo. É uma coisa difícil, porque eu não aceito, por exemplo, esses governantes que nós temos hoje, daquele modo que todos trabalham, se um secretário é acusado de corrupção: ‘Ah, eu não sabia disso’, eu não aceito. Se acontecer isso aqui, se um gerente do Lar dos Velhinhos roubar, eu vou me sentir culpado, porque eu como gestor, tenho que saber quem eu coloco nas áreas, tenho que saber se acontece alguma coisa errada aqui. A responsabilidade em parte é minha, eu não posso fugir disso. (...) Os diretores e presidente de uma entidade são voluntários e para conseguir voluntariado nesse nível, é muito difícil. Então todas as instituições hoje, não só o Lar dos Velhinhos de Campinas, carecem muito de voluntários que queiram ser diretores, que queiram assumir essas responsabilidades. Até na renovação, por exemplo, na eleição do mês que vem para presidente do Lar, pra compor uma chapa já é uma coisa difícil, porque não se consegue um número suficiente de pessoas nem pra fazer uma chapa! Até nisso existe uma dificuldade, não só do Lar, mas de todas as entidades atualmente. É um trabalho que exige muito. Tem a Lei de Responsabilidades. Todos os presidentes e diretores colocam o seu patrimônio à disponibilidade de qualquer eventualidade, por exemplo, qualquer problema de indenização que a entidade tiver que pagar e não tiver recursos, o patrimônio dos dirigentes fica à disposição. Fora isso, não tem a remuneração. E o tempo, que hoje a maioria dos órgãos não considera mais o presidente como um voluntário. Por exemplo, se eu tenho que assinar um contrato na prefeitura, eu não consigo escolher o horário, eu tenho que ir no horário que eles definirem. E aí o meu trabalho pessoal, que é na área comercial, tem que ficar pra depois. Às vezes, eu tenho que desmarcar um cliente meu pra fazer serviço pro Lar, porque eu não tenho a opção de escolher o horário. Então, tem que ter tempo disponível.” (Mauro)

Na entrevista realizada com o presidente Mauro, foram utilizadas duas fotografias, sugeridas por mim após terem sido reproduzidas de uma página que a instituição mantém

em uma rede social da internet. Em comum, as fotografias retratam o apoio do poder privado ao Lar dos Velhinhos de Campinas, a partir de campanhas realizadas por grandes empresas da cidade. Em seu relato, Mauro explicou a utilidade e a importância das doações recebidas, a participação da população consumidora nessas campanhas promovidas pelas empresas e o reconhecimento público do Lar dos Velhinhos de Campinas como entidade renomada na cidade:



Imagem 17: Fotografia reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet, de novembro de 2013, sobre uma campanha da Drogaria São Paulo. O presidente Mauro encontra-se no lado direito da imagem.



Imagem 18: Fotografia reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet, de maio de 2016, sobre uma campanha da loja M Martam. O presidente Mauro encontra-se abraçado às idosas.

“A primeira foto foi uma campanha legal, um presente que a sociedade de Campinas nos deu. A Drogaria São Paulo fez um concurso de doação de uma ambulância e selecionou algumas entidades filantrópicas da cidade, que a população, quando consumia na farmácia, escolhia para quem deveria ser doada a ambulância, e nós ganhamos! Eu fiquei muito feliz, porque a população de Campinas reconheceu o Lar, o nosso trabalho, então foi um momento de muita alegria. E nós temos a ambulância aqui, só que ela é utilizada apenas para transporte dos idosos acamados ou no transporte para o hospital, não podemos usar ela como emergência. Como emergência, utilizamos o SAMU, porque para a ambulância entrar em circulação como ambulância, tem que haver um médico especializado no atendimento em ambulância, então a nossa ambulância é um serviço de transporte. Mas foi um momento de muita felicidade, porque antes dessa ambulância, tinha um furgão adaptado e era um carro velho, feio, incômodo. Então, quando ganhamos essa ambulância, melhorou o atendimento, a qualidade pro idoso, foi muito bom. É algo que se usa pouco, mas quando usa, atende muito ao idoso! A segunda foto foi uma campanha da M Martam, ela fez uma campanha que quem comprasse naquele dia na loja, parte da compra seria arrecadado pro Lar dos Velhinhos. E eu fui lá no shopping prestigiar as idosas, fiquei sabendo que elas tinham ido passar a tarde lá, ficaram um pouco na loja e, como toda menina, foram dar uma volta no shopping, não ficaram 100% do tempo na loja, foram dar a volta delas! E essas três idosas são muito divertidas, são muito animadas pra sair, pra qualquer coisa, então também demos muita risada lá dentro da loja, foi muito divertido esse dia!” (Mauro de Siqueira)

A entrevista realizada com Natália Rodrigues Chaves, em 17 de dezembro de 2018, que é formada em Relações Públicas e naquele momento era gerente de marketing e comunicação do Lar dos Velhinhos de Campinas desde o final de 2015, evidenciou o tema da elaboração e execução de campanhas em busca de recursos financeiros para a

instituição por meio de doações da sociedade, ainda que sua atribuição principal não seja a captação de recursos, função executada por outros colaboradores (funcionários):

“A gente não usa as redes sociais pra isso, a captação é feita pelo e-mail e pelo telemarketing. Mas eu elaboro algum material que pode ser impresso ou que pode ser enviado pela internet apresentando a instituição, os idosos, falando um pouco sobre o Lar. Então a participação do meu setor é auxiliar a Rosa, que é a responsável pela captação. (...) Tem uma equipe de telemarketing que se divide em dois períodos, funciona das 08h às 20h, são 23 colaboradoras que fazem a captação ativa, elas ligam nas residências, já tem um *mailing* certinho, mas elas estão sempre buscando novos contatos também. E as meninas ligam, fazem esse primeiro contato, alinham com a pessoa como ela quer participar, pode ser uma doação normal, uma doação de campanha de Natal, uma doação pra um presentinho, pra fralda, pra leite, depende muito da campanha. E tem uma outra equipe interna, que trabalha junto com as meninas, que é a dos mensageiros, eles pegam o ticket doação, vão até a pessoa que está doando, buscam a quantia e trazem até a instituição, eles fazem isso de moto, a gente chama de mensageiros. Tem também a possibilidade de a pessoa depositar a doação, claro.” (Natália Chaves)

Outra forma de arrecadação financeira para a manutenção do Lar dos Velhinhos de Campinas se dá nos bazares mantidos pela instituição em dois bairros da cidade, onde ocorrem a comercialização de produtos usados, como móveis, roupas e brinquedos. São produtos doados pela população à instituição e, por não terem utilidade interna naquele momento, colocados à venda, o que constitui uma importante fonte de renda ao LVC. A gerente de marketing e comunicação Natália explicou como se dá o funcionamento e a divulgação desses bazares:

“E tem também a comunicação nos bazares, são duas unidades, uma no Bonfim e outra no Ouro Verde. Tem que anunciar produtos, fazer banner, fazer promoção, realizar eventos, fazer um monte de coisas, porque o que a gente consegue puxar de vendas de lá, auxilia na manutenção aqui. Então, a gente tenta buscar pessoas que comprem, que entendam uma causa, pessoas que revendam em outros bazares da cidade, a comunicação lá é para além dos produtos, tem que vender a causa, as pessoas não compram no bazar só porque o produto é mais barato, as pessoas compram também para ajudar a instituição. O bazar vende tudo o que é doação que a gente recebe e que não consegue usar internamente. O Lar não se fecha a produtos que sejam somente de idosos, a gente recebe brinquedos, roupas de crianças, móveis, eletrodomésticos, acessórios, então tudo o que chega e que não tem utilidade internamente, a gente encaminha pro bazar, vende e o dinheiro é integralmente revertido pra manutenção da instituição.” (Natália Chaves)

Ao relatar suas atribuições, Natália mencionou os diversos segmentos de pessoas com os quais procura estabelecer uma comunicação eficiente em nome do Lar dos Velhinhos de Campinas, como os vários colaboradores, os voluntários, os idosos residentes e seus familiares, os doadores da instituição e a sociedade em geral. Para isso, adaptações nos conteúdos e nos meios de comunicação são necessárias, considerando os diversos segmentos contatados, sempre com o objetivo comum de que todos fiquem informados sobre o que acontece no LVC. Além disso, Natália é responsável pelo diálogo

com a imprensa local, lamentando-se sobre a imagem social de velhice que essa imprensa costuma difundir, com interesses que quase sempre recaem sobre aspectos ou pontos de vista negativos da velhice institucionalizada:

“Eu trabalho com toda a área da comunicação, é bem amplo o que eu faço aqui. Tem a comunicação interna, com tudo o que engloba de comunicar os colaboradores de coisas que acontecem aqui, por exemplo, a manutenção dos quadros de avisos, o levantamento de informações pertinentes com as chefias de outros setores pra comunicar esse pessoal de forma mais objetiva. Não são todos os colaboradores que usam todos os meios de comunicação, por exemplo, o pessoal da manutenção não usa e-mail, então temos que adaptar a nossa linguagem pra falar com o pessoal da manutenção, com o pessoal da limpeza, com todos. Tem também os eventos internos, que envolve tanto os eventos com os colaboradores quanto com os idosos. Quando é evento somente com os colaboradores, a organização é só aqui do nosso setor, quando tem envolvimento com os idosos, é em parceria com a Ísis, a coordenadora do centro geriátrico. (...) E tem a comunicação externa, tem a comunicação com os familiares dos idosos, com a sociedade em geral, com os doadores, com os voluntários. E também a mesma coisa, a gente tem que adequar o tipo de comunicação que vamos fazer pra todos eles, tendo ali um objetivo comum, que é fazer com que as pessoas do lado de fora compreendam o que acontece aqui dentro. Então a gente tá sempre postando em redes sociais a rotina dos idosos, publicando alguma atividade terapêutica, de interação, de socialização, a gente tenta fazer com que as pessoas lá fora tenham conhecimento de tudo o que eles fazem aqui dentro. Sou responsável também pelo contato com a imprensa e tudo o que envolva divulgação da instituição. Infelizmente, pro nosso setor, a imprensa geralmente trabalha na contramão, pois quando tem uma ação legal, uma ação bonita, uma ação que valoriza os idosos, não tem adesão da imprensa, mas tudo o que envolve coisas caóticas, sim. Por exemplo, a imprensa tá com uma pauta de uma idosa que foi agredida em Sumaré e quer fazer cobertura sobre maus-tratos a idosos, falar com mais pessoas que tenham vivido essa situação, daí nos procuram. A procura de reportagens é sempre alguma coisa que tenha o cunho mais negativo, a gente dificilmente consegue trabalhar pra desenvolver coisas boas que acontecem aqui dentro.” (Natália Chaves)

O interesse exagerado da sociedade sobre temas polêmicos, que na realidade da velhice institucionalizada corresponderia a idosos que vivenciaram maus-tratos, negligência, solidão, abandono e/ou vulnerabilidade socioeconômica, poderia ser abordado pelo próprio Lar dos Velhinhos de Campinas em uma estratégia desrespeitosa de marketing, o que traria maior repercussão e, conseqüentemente, doações à instituição. Mas, para preservar a dignidade dos idosos residentes e valorizar os seus sentimentos, os responsáveis por essa área e pela instituição decidiram não realizar campanhas apelativas e não expor as dificuldades existentes:

“E é muito difícil pra gente concorrer com outras instituições que fazem campanhas mais apelativas ou que estão na outra extremidade da ponte. As pessoas querem investir o dinheiro delas na criança, naquele que tá começando, elas não veem motivos pra fazer contribuição pra quem tá no processo final da vida. É do brasileiro não valorizar a terceira idade, é cultural isso. E é muito notável isso aqui. E as pessoas também são mais atraídas pelas campanhas apelativas, mas nossas campanhas são sempre positivas, com idosos sorrindo, tendo acesso a coisas que eles não teriam lá fora, felizes. Porque aqui o meu produto é a qualidade de vida de quem mora aqui. Então a gente tá tentando

convencer as pessoas de um modo bem amplo o quanto é importante investir nesse lugar.” (Natália Chaves)

“Eu acredito que a solidariedade das pessoas mudou muito. E pra pedir ajuda, nós não podemos fazer um trabalho apelativo, não podemos mostrar nossas dificuldades, porque os nossos idosos leem jornais, veem televisão, acessam a internet, então toda matéria que sai do Lar dos Velinhos é feita com muito cuidado, porque sabemos que eles verão. Uma vez, uma pessoa escreveu uma matéria de uma maneira indelicada, um idoso viu na internet e ficou muito chateado. Aqui é a casa deles, então quando fazem alguma crítica, alguma coisa, eles ficam magoados. E a população brasileira, em geral, gosta de tragédias, gosta de apelação. Se fizéssemos um marketing apelativo, não estaríamos com dificuldades para arrecadar dinheiro para a reforma da cozinha. Infelizmente, as pessoas ajudam depois que a tragédia já aconteceu. Não há uma prevenção, mas sim uma remediação. Quando houve um temporal recentemente na cidade, caíram muros e árvores do Lar, apareceram várias doações e pessoas para ajudar. Se eu falar que os muros estão trincados e correm o risco de cair, não teremos tanta ajuda.” (Mauro de Siqueira)

As fotografias abaixo foram utilizadas na entrevista com a gerente de marketing e comunicação Natália, fornecidas por ela própria, e evidenciam as relações amistosas e afetuosas que ela mantém com os idosos no Lar dos Velinhos de Campinas. Ainda que suas atribuições não estejam diretamente vinculadas aos idosos, pois atua a maior parte do tempo em uma sala no edifício da Administração, Natália cultiva e valoriza as relações sociais com os idosos da instituição, o que se dá em alguns momentos de sua rotina diária de trabalho. Com essas fotografias, ela relatou os prazeres de uma conversa desinteressada e divertida com uma idosa que residia no Lar dos Velinhos de Campinas, o que também podemos visualizar nos gestos e expressões de ambas as retratadas, além de mencionar um evento cultural que havia sido realizado na instituição por uma empresa específica, indicando a troca de experiências entre a ILPI e determinados setores empresariais da cidade:



Imagem 19: Fotografia selecionada e cedida por Natália para a entrevista. Natália encontra-se conversando com uma idosa no Lar dos Velinhos de Campinas.



Imagem 20: Fotografia selecionada e cedida por Natália para a entrevista. Natália encontra-se beijando o rosto de uma idosa no Lar dos Velinhos de Campinas.

“Essas fotos, com a dona Celina, a baiana, foram tiradas num evento realizado pela FMC Agrícola aqui na entidade, eu não lembro a data exatamente. Eles trouxeram *food trucks* pra servir o almoço pro pessoal deles, disponibilizando comida pra todos os idosos que quisessem também, e eles trouxeram um rapaz que fez um grafite, o Biel Siqueira, e aí era como se fosse uma oficina, ele fez toda a moldura do desenho e os colaboradores e idosos que quiseram, com spray na mão e máscara no rosto, ajudaram a terminar o desenho. E nesse dia, como era de muito costume, estava eu e a dona Celina contando os casos da vida, ela falava que queria casar, ter filhos, e eu ia puxando assunto, sempre que a gente parava pra prosear, era nesse sentido! Ela era sempre uma excelente companhia, tinha um jeito muito doce de falar, divertia todo mundo, um sotaque gostoso, ela faleceu o ano passado, deixou muita saudade! Aí aqui a gente tava proseando e a moça que fez a foto era da empresa, ela veio pra fotografar o grafite, mas aí ela fez esses dois retratos e eu gostei muito! As fotos mostram um pouco da minha relação com os idosos, que é diária, claro que a rotina administrativa tira um pouco desse convívio, não é sempre que a gente tem a oportunidade de estar com eles, mas, sempre que possível, a gente conversa, se cumprimenta...” (Natália Chaves)

Outras questões subjetivas sobre o desenvolvimento do próprio trabalho ou das próprias atribuições no Lar dos Velhinhos de Campinas também foram relatadas por outros colaboradores e voluntários entrevistados. Aspectos positivos como gratidão e amor pelo trabalho executado, sensação de importância nas atividades desenvolvidas, criação de vínculos sociais e afetivos com os idosos, aprendizados diários na convivência com os idosos e com a equipe, superação de preconceitos e de desafios nessa área e identificação com as propostas da instituição foram citados. Por outro lado, dificuldades relacionadas às próprias funções do cargo ocupado também foram mencionadas, evidenciando a necessidade de controle emocional pessoal para o enfrentamento de uma situação recorrente:

“Querendo ou não, a gente acaba tendo um amor e um carinho por eles, porque a gente convive muito tempo aqui! Quando eu entrei aqui e eles faleciam, eu chorava, pra mim era muito difícil! Quando algum idoso que não tem família falece, a Benê, que é a assistente social, é a responsável por essa parte, ela que corre atrás do que tem que ser feito e depois a gente faz uma lista e vamos até o cemitério, eu acompanho os idosos no cemitério pra despedida daquele que faleceu. Eu não vou quando não é meu dia, quando eu não estou aqui, aí vai a assistente social ou a Giselle ou a cuidadora. Então, querendo ou não, a gente tem um carinho por eles, a gente cria um laço com eles e quando eles vêm a falecer, isso pra gente é difícil também. Então tem os lados bons e tem os lados ruins também. (...) Agora eu já sei lidar mais com a morte deles, com a emoção, mas no começo foi difícil, porque a gente está todos os dias com eles. E só sei que é muito gratificante, eu amo o meu trabalho, amo o que eu faço!” (Vanilze Marquizi)

“Hoje eu falo que o meu trabalho se tornou como uma família. Eu vejo os idosos assim, o meu foco são eles e é muito produtivo e enriquecedor trabalhar nisso, porque é um aprendizado. As atividades que eu faço são pra eles melhorarem, pra terem qualidade de vida, então eu sinto que é muito produtivo e enriquecedor trabalhar aqui. E parece que eles gostam bastante de mim, eles têm esse vínculo, só que eu sempre tomo cuidado pra trabalhar com ética, então tem o lado amigo, mas não tem aquela abertura tão intensa, eu priorizo muito esse lado profissional.” (Giselle Pera)

“Eu vim de uma área um pouquinho diferente e a Geriatria surgiu na minha vida aqui, é um aprendizado diário e é um trabalho que eu me apaixonei. Eu gosto muito de estar aqui, é algo gratificante pra mim! (...) A minha visão mudou bastante quando eu cheguei no Lar. Quando eu ouvia falar do trabalho aqui, eu achava que todos os idosos fossem dependentes. Quando a gente fala de Lar dos Velhinhos, a gente pensa que todos são cadeirantes, que todos precisam de auxílio, e não foi esse o universo que eu conheci. Eu conheci alguns idosos que eram independentes e foram ficando dependentes, parcialmente, é um processo bem complexo, que precisa de uma aceitação, de um autoconhecimento, o idoso passa a refletir sobre a sua vida e a gente observa e participa disso. E tem os que eu já conheci dependentes. Os dependentes, também tive muitas surpresas com eles, quanto a algumas falas, sobre as visões de mundo, lógico que alguns com alguma limitação, mas com falas bem pertinentes, com consciência de que eles precisam de mais auxílio. E nem sempre é fácil pra eles, então a gente precisa de toda uma equipe, além da enfermagem e dos cuidadores que fazem a parte direta, mas também no auxílio psicológico, no estímulo das atividades. O que a gente busca sempre nas atividades é integrar, não separar os idosos dependentes dos independentes. Todas as atividades que eles fazem, como passeios, palestras, eventos, a gente tenta colocar todo mundo. (...) Então, é um trabalho gratificante.” (Joice Ribeiro)

“Eu amo o que eu faço, eu amo estar no Lar. É realmente uma realização, porque aqui eu sinto que eu aprendo todos os dias e que eu ensino um pouco o que eu sei. E não estou falando só do contato com os trabalhadores em si, mas com os idosos também. Quando eu entrei aqui, há 18 anos, eu era muito sensível, eu tinha receio em relação aos idosos, o que muita gente tem, muita gente fala assim: ‘Ah, coitadinhos’. Não que eu não tenha sentimentos, mas eu aprendi com eles que a gente tem que ser forte. Tem momentos na vida que a gente tem que ser forte. (...) É um desafio muito grande ser a superintendente, porque eu preciso correr atrás do que é bom pra instituição e manter a instituição muito bem organizada. Nós ainda não chegamos a 100%, acho que nunca chega, mas a gente tenta sempre estar trabalhando da melhor forma possível, num convívio no qual os colaboradores tenham prazer de estar aqui. (...) Eu costumo dizer pros colaboradores, quando eu faço uma reunião anual com eles, que eu chamo de reciclagem das regras, que a gente é uma engrenagem, que eu não sou mais importante que eles, mas que todos nós somos tão importantes quanto qualquer outro. E pra gente fazer com que os idosos tenham realmente melhor qualidade de vida, o melhor atendimento, a gente precisa estar certinho. Então eu gosto muito de fazer o que eu faço e quero fazer cada vez mais, se um dia eu me desligar, eu quero deixar um legado.” (Geise Silva)

“Eu só agradeço por esse local. Às vezes, a gente acaba desacreditando no ser humano e aí lugares feito esses faz a gente acreditar de novo que existe gente boa, que existe gente bem intencionada, gente que vai na contramão do que a gente vê na sociedade, do que a gente assiste na tv, do que o jornal publica. (...) A gente tem muito que melhorar ainda, mas a gente consegue atingir as pessoas, consegue fazer com que as pessoas entendam que os idosos têm os seus direitos. Eu sou muito grata por isso.” (Natália Chaves)

“Eu gosto muito, pois o Lar me ensinou muita coisa. Eu era uma pessoa muito mais agitada e, quando estou dentro da entidade, é uma paz muito grande. Acredito que qualquer pessoa que entrar aqui, vai entender o que estou falando, estamos quase no centro da cidade e parece que estamos em uma zona rural, é um ambiente muito agradável. E os idosos que vivem aqui, são pessoas que têm histórias lindas, a gente aprende a viver com elas. Eu, como pessoa, vejo que os meus problemas, às vezes, não são nada perto dos problemas deles. Então, o Lar é um ensinamento constante, eu gosto de estar aqui dentro. Tem as dificuldades de ser presidente, que são muitas coisas pra fazer e muitas decisões a tomar, sendo que algumas decisões não são fáceis, são decisões relacionadas a pessoas, ao social, é muito difícil também.” (Mauro de Siqueira)

Alguns dos entrevistados também fizeram avaliações sobre a velhice institucionalizada no Lar dos Velhinhos de Campinas, revelando percepções positivas sobre essa realidade na ILPI em que atuam, sobretudo em comparação com outras instituições e com determinadas situações que as pessoas idosas, de modo geral, vivenciam. Em contrapartida, houve relatos mencionando as adversidades da velhice institucionalizada, com percepções negativas sobre essa realidade na ILPI, sobretudo em relação à heterogeneidade de idosos acolhidos e à história de vida de cada um:

“Não é porque eu trabalho aqui, mas, pra mim, o Lar é um modelo. Porque se você vai lá fora, você não vê a equipe que a gente tem aqui, os cuidados com o idoso, a atenção, a organização, a estrutura, então pra mim é mesmo um modelo de atendimento. Porque tem casas menores que os idosos ficam ali ociosos, não têm o que fazer, a própria estrutura, já trabalhei em alguns lugares e a gente começa a comparar com o que acontece lá fora.” (Giselle Pera)

“O idoso no Lar tem uma qualidade de vida superior à da maioria dos idosos fora. Ele tem convivência com pessoas da idade dele, eles conseguem conversar de uma época que todos eles viveram. Às vezes, tem aquelas brigas, discussões, mas é normal da convivência. O idoso tem mania de se esconder dentro de casa, sentar no sofá e ver televisão o dia inteiro, aqui não, aqui ele tem várias atividades. E nenhuma atividade é obrigatória, todas são opcionais. Tem as viagens, tem os passeios, eles saem para supermercado, para shopping, podem sair sozinhos, dependendo da saúde. E alguns até começam a namorar aqui dentro. Eu acredito que a maioria é muito feliz aqui dentro, pelo que o Lar oferece.” (Mauro de Siqueira)

“Eu acho que aqui é um lugar excelente. O essencial também é o tratamento, a alimentação, a higiene, tem tudo aqui. Isso é uma beleza mesmo, eles estão de parabéns!” (Dirlei Mascia)

“Aqui é muito bom, é muito útil, mas ainda tem muita gente que reclama sim de estar aqui, pra muita gente aqui não é o lugar. Tem gente que mora aqui porque não tem outro lugar, porque não tem onde ir mesmo, mas tem gente aqui que reclama, porque tem seus hábitos, a sua vida.” (Jair Biscassi)

“A velhice é multifacetada. Cada pessoa envelhece de um jeito, cada pessoa tem a sua história de vida, a sua personalidade, a maneira de se encarar a si mesmo. A gente percebe que aqui tem idosos que encaram bem a velhice como uma nova fase de vida. E há alguns idosos que têm muita dificuldade de aceitar o envelhecimento. Os idosos que necessitam desse abrigo, trazem uma história de vida muito diversificada, não são só empobrecidos, há aqueles que tiveram uma história de vida melhor e perderam tudo, então, a necessidade de adaptação, a estrutura que eles precisam ter, tem que ser muito fortalecida nesse sentido, pra eles poderem encarar essa nova fase. E a convivência é uma das coisas mais difíceis que a gente tem aqui. São quatro pessoas por quarto, dezesseis mulheres que compartilham sala de televisão e banheiros. Depois de toda uma vivência, ter que encarar essa vida em comunidade, com pessoas totalmente diferentes de si, é muito complicado. Aí tem também as mágoas com as relações familiares, com os amigos, com as perdas, é muito difícil pra eles encarar esse momento. Por isso precisamos de nossa equipe muito centrada, pra ajudar a fortalecer esse idoso.” (Ísis de Camargo)

“O Lar dos Velhinhos de Campinas é uma instituição muito diferenciada das demais instituições. Todas tentam trabalhar da melhor forma, mas o objetivo aqui é que o idoso tenha um olhar para ele. Nosso objetivo é sempre a qualidade de vida dele, o que é melhor para ele. (...) E ele tem tudo o que um idoso

precisa, a instituição é completa. Eu e o Mauro, o presidente, já andamos muito querendo aprender mais, melhorar nosso atendimento. Visitamos várias instituições em São Paulo, Piracicaba, Americana, Paulínia, Valinhos, Vinhedo, conhecemos instituições de longa permanência para idosos particulares ou filantrópicas. E percebemos que o diferencial aqui do Lar é que é uma instituição grande, que tem um espaço muito grande, arborizado, com atendimento específico de cada área, com profissionais suficientes pra atendimento técnico. O idoso que está aqui, está seguro. Ele está seguro em relação à vulnerabilidade que tem lá fora, onde ele poderia estar morando em uma casa sozinho, com muita violência urbana, sem se alimentar direito, sem ter uma atividade. Então a instituição é a última ocasião, no sentido de não desvincular o idoso da família, só que hoje eu acho mais seguro o idoso estar aqui, em vez de ficar sozinho em casa, porque hoje todas as famílias têm seus afazeres, a gente sabe que é difícil. Ali a pessoa fica e atrofia a mente, atrofia o corpo, aqui ela vai ter todas as atividades que podem até aumentar a longevidade. Eu acredito nisso. Nós já tivemos diversas experiências nesse sentido, de idosos que chegaram aqui e só ficavam na cadeira, até na cadeira de rodas ou no andador, e que depois ficaram super bem, tem uma possibilidade de reabilitação. Existem situações contrárias também, porque vai da adaptação do idoso, ele é um ser humano e precisa estar aqui, mas muitas vezes ele está sem desejos, com a situação emocional abalada, não sabemos o histórico de vida completa de cada um.” (Geise Silva)

Nessas avaliações pessoais e subjetivas, realizadas por aqueles que acompanham a velhice institucionalizada no Lar dos Velhinhos de Campinas, os seguintes aspectos foram apontados como positivos: a equipe de profissionais especializados da instituição e os cuidados oferecidos aos idosos; a estrutura física da instituição; a convivência e a interação entre as pessoas idosas; as diversas atividades oferecidas aos idosos, inclusive as atividades de lazer; o tratamento pessoal, a alimentação de qualidade e a preocupação com a higiene como cuidados aos idosos; a segurança oferecida pela instituição em relação à violência urbana, preservação da solidão e cuidados com a saúde, entre outros. E os seguintes aspectos foram apontados como negativos: a instituição como única possibilidade de sobrevivência para alguns idosos e, portanto, um local indesejado, mas inevitável; a impossibilidade dos idosos manterem alguns hábitos pessoais e o modo de vida anterior; a convivência com outros idosos e a necessidade de compartilhar quartos, banheiros e demais espaços com muitas pessoas diferentes; a necessidade de adaptação emocional ao novo modo de vida na instituição, o que pode ser mais difícil para alguns idosos do que para outros, de acordo com o ajustamento físico e psicológico de cada um, entre outros.

Por fim, uma importante iniciativa para tentar amenizar as adversidades da velhice institucionalizada no Lar dos Velhinhos de Campinas é o incentivo às relações sociais e afetivas entre os idosos e seus familiares, quando existentes. Para isso, os familiares são convidados a participarem de atividades do cotidiano dos idosos na ILPI, como a festa do aniversariante e os almoços aos finais de semana, ao mesmo tempo em que aos idosos são oferecidas as possibilidades de visitarem os seus familiares. Há familiares que são

muito presentes e há familiares que são mais ausentes, constituindo diferentes situações. Além de buscar essa integração, os familiares também são acionados pela ILPI sempre que necessários, conforme nos relatou a coordenadora do centro geriátrico Ísis:

“80% dos idosos aqui têm família, não significa que tenham vínculos. Se chegou ao ponto de abrigo, a maioria já tem problemas nesses vínculos, que estão fragilizados ou totalmente rompidos. A gente faz um trabalho junto a essas famílias, para tentar resgatar ou fortalecer esse vínculo, trazendo a família para junto da instituição. Muitas vezes, as famílias têm a seguinte concepção: entrou na instituição, meu papel encerrou. E não é assim, a gente cobra muito essa participação. As famílias realmente tendem a abandonar, ficam tranquilas, porque o idoso está bem cuidado, e, ao mesmo tempo, nos cobrando. Por exemplo, se um idoso está internado, nós não temos um funcionário pra ficar 24 horas com esse idoso no hospital, a gente aciona a família. Há algumas medicações que a instituição não consegue na rede municipal e que têm um custo muito alto, então a gente pede para que o idoso arque com essa responsabilidade, com a porcentagem da aposentadoria que fica com ele, mas às vezes ele não consegue, porque ele dá essa porcentagem pra família, então a gente vai lá e pede pra família ajudar a comprar aquele medicamento. É óbvio que a gente tem algumas famílias muito presentes também, muito colaboradoras. E nós incentivamos a família a levar o idoso pra passar um fim de semana fora, convidamos a família pra participar da festinha de aniversário, permitimos que aos finais de semana e feriados dois familiares de dois idosos venham almoçar junto com eles, levamos o idoso até a família durante a semana, caso a família queira recebê-lo e não tenha condução. Então, a gente facilita esse contato e é uma cobrança mútua.” (Ísis de Camargo)

Lar dos Velinhos de Campinas: experiências da velhice institucionalizada

João Batista Signorelli (*in memoriam*), nascido em 23 de janeiro de 1942 em Campinas/SP, tinha 75 anos de idade quando realizamos a entrevista para esta pesquisa, em 16 de setembro e 07 de outubro de 2017. Naquele momento, o idoso João Batista residia há mais de seis anos no Lar dos Velinhos de Campinas.

João Batista descendia de famílias de imigrantes, “tanto por parte de mãe como por parte de pai”, sendo que os familiares de seu pai provinham da Itália e os de sua mãe, de Portugal. Seus pais tiveram seis filhos, entre os quais ele próprio, que nos relatou ter vivido uma infância e uma juventude muito felizes, com “regalias” e “mesa farta”, rodeado de familiares e de boas amizades. Nessas fases da vida, João Batista estudou em várias escolas de Campinas, pois não se adaptava ao rigor da época: Grupo Escolar Orosimbo Maia, Colégio Ateneu Paulista, Colégio Culto à Ciência, Colégio Liceu Salesiano e Colégio Cesário Mota, tendo concluído os seus estudos aos 19 anos de idade. Em comparação com outros idosos do Lar dos Velinhos de Campinas, João Batista apresentava uma escolaridade avançada, possuindo o segundo grau completo, o que equivaleria ao atual Ensino Médio.

Durante a vida adulta, João Batista foi “industrial, comerciante, dono de restaurante” e teve outros pequenos empreendimentos em Campinas, trabalhos com os

quais manteve o seu núcleo familiar que era composto pela esposa e três filhos: Renata, “a mais velha”; Roberta, “a do meio”; e Rogério, “o caçula”. Após mais de 40 anos de casamento, “sem nenhum motivo aparente”, João Batista foi embora, deixando a esposa e a casa em que viviam, e foi passar alguns meses no Rio de Janeiro, atitude que abalou o seu casamento e a sua relação com os filhos. De volta a Campinas, João Batista vivia em um quarto alugado na casa de uma senhora e trabalhava com o genro na área de venda de veículos antes de ingressar no Lar dos Velhinhos de Campinas.

João Batista decidiu procurar o Lar dos Velhinhos de Campinas a partir da sugestão de um amigo, devido às dificuldades socioeconômicas em que se encontrava alguns anos após o divórcio, sobretudo porque ele já não vivia mais na casa em que residiu durante muitos anos com o seu núcleo familiar, mas vivia sozinho e instavelmente, em pensões ou quartos alugados. Em seu processo de ingresso no LVC, foi conhecer pessoalmente a instituição, acompanhado de uma irmã, embora já conhecesse o local em visitas realizadas anteriormente, durante a sua infância, quando alguns membros familiares haviam sido acolhidos no então Asilo de Inválidos de Campinas. Em seu relato, esse vínculo familiar histórico com a instituição contribuiu para a sua própria identificação com o Lar dos Velhinhos de Campinas que, depois de realizado o exame admissional, também o acolheu:

“Eu residia no Condomínio Santa Clara do Lago, na região do Campo Grande. Alugava o quarto na casa de uma senhora. (...) Por uma questão de eu estar meio errante, pulando de galho em galho em residências, em pensão, em edículas, nunca morei em casa de família depois do divórcio. E eu estava assim meio disperso, um amigo perguntou por que eu não vinha pro Lar. E eu já havia conhecido o Lar quando eu era criança, que a minha mãe teve um casal de tios que moraram e que morreram aqui, quando ainda era asilo. Um morreu em 1970 e outro morreu em 1972. Então eu vinha com meu pai aqui, que meu avô tinha fazenda em Pederneiras, eu vinha aqui um mês sim, um mês não. Naquela época eu tinha nove ou dez anos de idade, a gente vinha trazer as coisas que meu avô mandava, via Estrada de Ferro. E a gente vinha, levava o café pra torrar, moía uma parte, outra parte era moída aqui, então eu passei uma parte da minha infância vindo aqui também. Mas eu não conhecia as mudanças que o Lar já havia feito. Então eu vim conhecer. Eu vim aqui com minha irmã e eles pediram onde é que eu morava, foram conhecer onde é que eu morava, queriam saber como é que eu vivia, foi feita pesquisa sobre minha pessoa e depois me aceitaram pra vir morar aqui.” (João Signorelli)

Devido a complicações decorrentes de uma osteoartrite no joelho direito, após uma inflamação e várias cirurgias para tratamento da doença, João Batista teve a perna amputada, o que influenciou significativamente o seu modo de vida e o seu cotidiano na instituição. Conforme João Batista nos relatou, assim que ele ingressou no Lar dos Velhinhos de Campinas, em janeiro de 2011, ele “saía quase todos os dias” e “sempre ia aos passeios do Lar com o pessoal”, mesmo já estando com a osteoartrite no joelho direito

e utilizando uma bengala para auxílio na marcha. Porém, entre agosto e dezembro de 2011, em um histórico de agravamento da enfermidade, João Batista esteve “75 dias internado”, passou por “sete cirurgias” e perdeu “25 quilos”. De volta ao Lar dos Velhinhos de Campinas, ele fez fisioterapia e tentativas de locomoção com o auxílio de um andador, mas em setembro de 2012 teve que amputar a perna do joelho para baixo.

Para amenizar a perda de parte de sua mobilidade, João Batista possuía uma prótese de membro inferior, que era utilizada eventualmente, e uma cadeira de rodas, que era utilizada diariamente, já que ele se adaptou melhor à cadeira de rodas do que à prótese. Na definição da ANVISA [3], João Batista era um idoso com grau de dependência II, devido a esse comprometimento da mobilidade, mas ele era capaz de executar as atividades básicas da vida diária, como tomar banho, e de locomover-se sozinho por alguns ambientes do LVC, como deslocar-se de seu residencial até a “enfermaria”, dois ambientes relativamente próximos na instituição:

“Eu perdi a perna por causa de pegar uma bactéria na cirurgia de uma prótese do joelho. Eu tenho uma artrose no joelho, fui colocar uma prótese no joelho e peguei a bactéria, perdi uma perna por causa disso. Essa foi o único tipo de doença que eu tive. Isso foi em 2011, a cirurgia, aí não conseguia colar o osso, depois de um ano, um ano e pouco, então eu optei por amputar mesmo, às vezes é melhor... (...) Aqui dentro fico mais com a cadeira de rodas, eu me manifesto melhor com a cadeira, eu vou na enfermaria, não preciso de ninguém pra me levar, eu subo sozinho a rampa. Eu tomo o meu banho, eu arrumo minha cama toda manhã, guardo minhas roupas, me movimento sozinho. Só preciso de alguém quando me movimento pra longe. E a prótese que eu tenho, coloco mais quando vou sair.” (João Signorelli)

Devido à deficiência adquirida, João Batista mencionou participar “muito pouco” das atividades oferecidas aos idosos no LVC. Como vimos nas entrevistas da terapeuta ocupacional Giselle e da recrecionista Vanilze, a instituição busca atender e integrar os diversos grupos de idosos existentes, incluindo atividades adaptadas aos idosos com alguma dependência física e/ou cognitiva. Vimos também que, nas entrevistas realizadas com o grupo de voluntários Jair, Dirlei, Deuselinda e Irene, há uma importante iniciativa para que os diversos grupo de idosos possam participar das festas e dos passeios promovidos pela instituição, incluindo o apoio oferecido pelos voluntários aos idosos com alguma dependência física e/ou cognitiva na realização dessas atividades de lazer. Ainda assim, João Batista preferia um estilo de vida “meio isolado” em seu residencial, sem se envolver em determinadas atividades ou com determinadas pessoas, mantendo a sua autonomia em uma rotina bem definida na qual seguia os horários gerais da instituição e distraía-se com reflexões, leituras e tecnologias. Por outro lado, João Batista reconhecia que viver no Lar dos Velhinhos de Campinas consistia na convivência com muitas

peças e na formação de novos tipos de relacionamentos, “melhor do que viver isolado”, o que ele apontou como aspectos positivos da velhice institucionalizada. Além disso, João Batista preservava os vínculos com seus familiares, com os quais eventualmente realizava passeios externos à instituição ou dos quais recebia visitas ali no Lar dos Velhinhos de Campinas:

“Participo muito pouco. Eu tenho a deficiência e aí fico dependendo dos outros pra locomoção, eu faço aquilo que eu posso eu mesmo me locomover. (...) Eu acordo, faço minha higiene, vou tomar meu café, depois fico olhando pra vida, pensando na vida... Leio jornal, assisto televisão... Mexo no celular, no *Facebook*, no *Whatsapp*! Mas eu fico mais, praticamente, meio isolado, me sinto melhor. Não cutuco onça com vara curta e não deixo ser cutucado. (...) Aqui a gente passa a ter mais segurança em tudo. Tem mais controle de horário, de meio de vida, tem o resguardo da saúde. E tem um monte de pessoas que convive com a gente, forma um tipo de relacionamento, melhor do que viver isolado. (...) Tenho irmãos, filhos, ex-esposa... Às vezes eles vêm me buscar aqui, às vezes vêm ficar comigo um pouco aqui ou a gente se fala por celular. Esse é o meu contato. Vou na casa deles, almoço... No sábado passado meu cunhado veio me buscar pra fazer compras. É normal, às vezes meu primo vem me pegar, saio com ele, vou ver obras que ele tá fazendo, vou passear... Vou desopilar o fígado!” (João Signorelli)

A fotografia abaixo, reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet e sugerida por mim no momento da entrevista com João Batista, registra sua participação em uma atividade de lazer realizada quando ele ainda não tinha a mobilidade reduzida e, em comparação com o seu relato, demonstra a mudança de um modo de vida mais ativo e sociável para um modo de vida mais passivo e isolado. Trata-se de uma viagem ao longo de um dia ao Rio de Janeiro, oferecida por uma empresa aérea ao LVC, em que alguns idosos e colaboradores puderam conhecer e visitar pontos turísticos da cidade, como nos explicou João Batista:



Imagem 21: Fotografia reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet, de março de 2011. O idoso João Batista encontra-se em pé, no lado direito da imagem.

“Ah! Essa aqui era no Rio de Janeiro. Ó, nós estamos no bondinho aqui, indo pro Pão de Açúcar. Eu não tinha essa foto... Esse passeio foi um passeio maravilhoso, nós fomos de avião pro Rio de Janeiro, foi uma maravilha. Teve uma repórter que acompanhou a gente e eu fiz uma entrevista que saiu na televisão depois... Foi uma das últimas viagens praticamente que eu fiz. Era março de 2011, depois eu fiz passeios até maio e junho, parece. Porque eu fiz a cirurgia em agosto, dia 05 de agosto. Essas pessoas são colegas daqui: Miranda, Sebastião, Vilma, a coordenadora Ísis... Nós fomos de avião e voltamos de avião, uma empresa de ônibus esperava a gente pra fazer o *tour* lá, fomos conhecer um monte de lugares. Saímos de madrugada daqui e voltamos à noite. Gostei dessa foto!” (João Signorelli)

As imagens abaixo foram fornecidas pelo próprio João Batista, após a indagação sobre a existência de fotografias de seu passado para serem utilizadas como evocação de memórias na pesquisa. Tratam-se de fotografias de sua infância e de sua juventude, que retratam sua orientação religiosa, seus vínculos familiares e sua relação com a cidade de Campinas/SP. Tais fotografias também indicam sua origem socioeconômica mais favorável do que a de muitos outros idosos no Lar dos Velinhos de Campinas, não só pelo fato de possuir fotografias de uma época em que as mesmas não eram tão popularizadas e acessíveis à maioria da população brasileira, mas também pelos conteúdos registrados, como a Primeira Comunhão na Igreja Católica, durante a sua infância, e o baile de formatura de uma irmã, durante a sua juventude, dois eventos formais em que ele aparece com roupas elegantes.

O uso desse material na entrevista de João Batista evocou o tema dos vínculos familiares ao longo de sua vida, com a citação dos membros familiares que aparecem nas imagens e com a referência à família que ele constituiu. Assim, ficamos sabendo que ele se casou muito jovem, aos 21 anos de idade, e tornou-se pai jovem também, sendo que aos 30 anos de idade já era pai dos três filhos, de acordo com as relações temporais que ele organizou em seu relato a partir de uma foto específica. Observando as imagens, aos 74 anos de idade, João Batista refletiu: “É, o tempo passa, o tempo voa!”. Além disso, sua explicação sobre a atual conservação dessas fotografias por outros membros familiares explicita a limitação de espaço para os objetos pessoais na instituição, assim como a atenção que ele nos concedeu na realização desta pesquisa, obtendo as fotos solicitadas e expondo momentos de sua história pessoal:

“Tenho três fotos. Da minha primeira comunhão e da formatura da minha irmã... O meu cunhado mandou essas fotos pra mim, tá no meu celular. Quando eu vim pro Lar, eu vim sem nada de arquivos pessoais, eu abandonei a parte de arquivos meus, que não tinha porque eu trazer. Não há condições de guardar um volume de coisas aqui. Então, quem me forneceu essas fotos foram a minha irmã e o meu cunhado, pra essa situação que nós estamos tendo de produzir essa matéria, esse estudo.” (João Signorelli)



Imagem 22: Fotografia da década de 1950, fornecida pelo idoso João Batista, de seu acervo familiar.

“Essa foto minha aqui, ajoelhado em um banco, é da minha Primeira Comunhão. Eu tinha 12 anos de idade, foi realizada na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, no bairro do Botafogo. Na época era o padre Monsenhor Jerônimo Baggio.” (João Signorelli)



Imagem 23: Fotografia da década de 1950, fornecida pelo idoso João Batista, de seu acervo familiar.

“Outra foto da Primeira Comunhão, eu estou junto do meu irmão, com 10 anos de idade, e meu primo, já falecido, ele também tinha 10 anos na época. Meu irmão é o que está no meio, Orlando Signorelli Júnior, e meu primo é o que está à esquerda, o doutor Carlos Roberto Signorelli. Fizem a Primeira Comunhão junto comigo, na Igreja do Sagrado Coração de Jesus.” (João Signorelli)



Imagem 24: Fotografia de 1967, fornecida pelo idoso João Batista, de seu acervo familiar.

“Essa foto foi tirada na formatura da minha irmã caçula, Suzana Maria Signorelli, hoje ela é casada, foi em 1967. Eu tinha 25 anos nessa época. Eu

não me lembro muito bem agora de qual foi a formatura, qual foi o curso que ela se formou, mas eu acho que deve ter sido o Colegial. É, porque ela tinha 16 anos, deve ter sido o Colegial. E foi feita num salão de festas, eu fui o padrinho dela, tive a honra de ser o padrinho dela. Em 67, ela tinha 16 anos, eu tinha 25 anos. Eu casei com 21 anos, já era pai da minha filha mais velha, ela nasceu em 65, eu já era pai. Com 30 anos eu já era pai dos três filhos, e a minha mulher com 28 anos... É, o tempo passa, o tempo voa!” (João Signorelli)

Outra imagem utilizada nas entrevistas de João Batista é uma fotografia que ele mesmo produziu a partir da sugestão que ele escolhesse um local, um momento ou uma pessoa do Lar dos Velhinhos de Campinas para a realização de um registro fotográfico. Ele escolheu um local muito presente em seu cotidiano, uma pintura mural no pátio ao lado do Residencial Estados Unidos, o residencial em que ele vivia. A sua narrativa sobre a escolha desse local para o registro fotográfico descreveu um evento intergeracional entre jovens alunos de uma universidade e idosos da instituição, com atividades de bingo e de intervenção artística no LVC, como a pintura mural citada. Além disso, João Batista nos concedeu uma bela reflexão sobre o significado de ser idoso na atualidade e como ele se sentia sendo um idoso no Lar dos Velhinhos de Campinas, evidenciando a existência de aspectos positivos e negativos na velhice institucionalizada, o que ele denominou de “os prós e os contras”, e valorizando-se como sujeito histórico da realidade vivenciada:



Imagem 25: Fotografia de 2017, fornecida pelo idoso João Batista, registro de pintura mural no pátio ao lado do Residencial Estados Unidos no Lar dos Velhinhos de Campinas.

“Essa foto é de uma pintura que foi feita pelos alunos da PUCC. Eles vieram aqui e fizeram uma tarde de atividades: pintaram os bancos todos em volta das praças, fizeram essa pintura, fizeram um painel de flores. Foi muito bonita a passagem desses alunos aí. E foi uma tarde muito bonita que eles tiveram, participaram de bingo junto com a gente, tudo foi muito bonito. Foi no começo de 2016. Eu escolhi registrar essa pintura porque isso daí é simplesmente uma

homenagem que eles fizeram a nós, idosos, que isso é a pintura de um idoso apontando o dedo como se tivesse tudo bem. Eles tiveram um capricho de nos presentear com uma pintura significativa pelo nosso modo de vida, de ser idoso. Tem pessoas que não admitem ser chamadas de idoso, são complexadas. Eu acho que a maior honra é quando a gente consegue chegar na vida como idoso, encerrar a vida como idoso. A passagem da vida é muito bonita! A gente tem os prós e os contras, a gente nasce, cresce, vive, fica idoso e depois vai ao lado de Deus. Então, é uma honra se tornar idoso, é um presente, é uma dádiva de Deus! E eu me sinto bem como idoso. Me sinto bem no Lar dos Velhinhos de Campinas, sou muito bem cuidado, sou muito bem tratado. A gente tem os prós e os contras, e eu acho que a gente tem mais os prós. Os contras, pode ser que, às vezes, a gente faça eles existirem. Mas é importante estar vivendo no Lar dos Velhinhos. Minha passagem por aqui já é uma história muito longa, já foi dita em outro livro, e tenho orgulho de estar aqui, não sinto complexo, não me julgo um objeto da idade. Não, a idade não me tornou um objeto.” (João Signorelli)

Algumas situações adversas da velhice institucionalizada foram especificadas por João Batista ao longo de sua entrevista, que reconheceu não ter “amizades” no Lar dos Velhinhos de Campinas, mas sim “colegas”, sendo que seus “verdadeiros colegas” eram alguns colaboradores da instituição, o que revelou a inexistência de relações sociais mais aprofundadas entre ele e outros idosos. Nesse tema, João Batista afirmou que seria uma “utopia” dizer que não tinha queixas em relação aos demais idosos, colaboradores e/ou voluntários da instituição, explicando que até mesmo nos núcleos familiares as queixas estão presentes. E informou que há momentos de “dissabores” na ILPI, os quais devem ser relevados em busca de uma convivência mais harmoniosa em meio à pluralidade de pessoas reunidas ali:

“Aqui não tenho amizades, o que se tem são colegas. Verdadeiramente, os maiores colegas meus são funcionários. (...) Quem é que não tem queixas? Se a gente tem queixa até no seio da família, imagina então convivendo com os outros! Falar que não tem queixas é utopia! (...) Tem horas que tem alguns dissabores, mas a gente acaba tendo que relevar. Se as pessoas têm, às vezes, dissabores morando até com a própria família, imagina, então, convivendo com outros tipos de pessoas, que cada um tem um tipo de pensar, um tipo de agir, um tipo de fazer.” (João Signorelli)

Dilma Lima Terranova (*in memoriam*), nascida em 26 de maio de 1935 em Rio Claro/SP, tinha 84 anos quando realizamos a entrevista para esta pesquisa, em 21 de junho e 18 de julho de 2019. Naquele momento, a idosa Dilma residia há pouco mais de seis meses no Lar dos Velhinhos de Campinas.

Dilma viveu a infância, a juventude e parte da vida adulta em São Paulo/SP, desde os dois meses de vida até os 33 anos de idade, com seus pais e irmãos, sendo que ela foi a última a nascer entre os sete filhos do casal. Foi no Theatro Municipal de São Paulo que Dilma conheceu o ballet, o que marcou profundamente a sua vida, pois apaixonou-se por esse estilo de dança e tornou-se professora de ballet, atividade profissional que exerceu

até alguns anos antes de ingressar no Lar dos Velhinhos de Campinas. Em comparação com outros idosos do Lar dos Velhinhos de Campinas, Dilma possuía uma escolaridade bastante avançada, pois cursou a faculdade de Ciências Sociais quando era proprietária de uma escola de ballet e o governo havia publicado um decreto no qual os proprietários de escolas deveriam ter diploma universitário.

Dilma nos relatou sua longa trajetória profissional no ballet, desde o primeiro contato com esse estilo de dança, quando ainda era adolescente e foi levada por seu pai a um espetáculo no Theatro Municipal de São Paulo, passando pelas primeiras aprendizagens, inclusive com uma profissional renomada na área, até a carreira como professora de ballet, em que atuou por várias cidades do interior do Estado de São Paulo, seja como professora contratada ou como proprietária de escola. Ela também nos relatou as várias atividades relacionadas ao ensino da dança, como a montagem de cenários e a organização de espetáculos, revelando uma trajetória profissional muito ativa e dinâmica, até mesmo “cansativa” em alguns momentos, com grande dedicação ao ballet e aos trabalhos envolvidos:

“Quando eu tinha 13 anos, o meu pai me levou no Theatro Municipal de São Paulo, que o meu pai era um intelectual e me levou no teatro pra assistir um espetáculo de música, balé. Eu nem sabia ainda o que era balé e foi aí que eu fiquei encantada com a bailarina! Eu falei pro meu pai: ‘É isso que eu quero ser’, ele falou: ‘Não, você vai ser uma secretária bilingue, porque você precisa ganhar dinheiro, balé é só pra gente rica’. Mas eu não ouvi e comecei a pagar aulas particulares de balé. Aí eu prestei exame na prefeitura de São Paulo, passei, fiquei lá três anos, até que o Jânio Quadros, como presidente do Brasil, baixou uma lei reduzindo a quantidade de alunos, que a escola tinha 800 alunos e passou pra 200 alunos. Ele fez uma revisão, convidando a Halina Biernacka, que era a melhor professora de balé no Brasil, a fazer uma seleção, e eu caí fora. Eu chorei muito nesse dia que eu fiquei sabendo que eu não tinha passado, daí uma professora minha falou: ‘Vá lá na escola da Halina Biernacka, porque 600 pessoas caíram fora, vá lá conversar com ela’. E eu fui. E fui a única, das 600 que caíram fora, fui a única que fui falar com ela. Perguntei por que ela tinha me tirado fora, ela falou: ‘Você tem um problema sério na coluna. Além disso, você não sabia se colocar na posição de quarta *croisé*. Se você quiser estudar e ser uma professora de balé, eu te preparo pra isso. Mas bailarina mesmo, primeira bailarina, você não vai ser, porque você tem esse problema de coluna, tem problema de alongamento, então você vai fazer aquilo que pode, eu vou te ajudar e você vai ser uma professora de balé’. Daí comecei a estudar com ela. Ela era uma pessoa que tinha vindo da Europa, era polonesa, primeira bailarina na Europa, então ela era uma sábia, uma pessoa que me ensinou muito e que até hoje eu reverencio a memória dela, por ela ter sido uma das melhores professoras no Brasil. E ela fez nome, todo o pessoal da alta sociedade de São Paulo fazia aulas com ela, eu era a pobre. (...) Depois, eu dei aula em várias cidades do interior: Itu, São Carlos, Franca, Ribeirão Preto, dei aula em todas essas cidades. Mas aí eu fiquei em duas escolas, em Franca e em São Carlos. E morava em Ribeirão Preto. Então dava aula alguns dias em Franca e alguns dias em São Carlos. Nesse interim, algumas mães me estimularam muito a construir uma escola, eu comprei dois terrenos e em um deles eu fiz a Academia de Balé Terpsícore, que é a deusa da dança, em São Carlos. Daí eu deixei Franca e fiquei só em São Carlos, morando em Ribeirão. Aos 50 anos, eu estava já cansada de trabalhar, de fazer espetáculos, porque todos os anos tinha que fazer espetáculo, aí era cenário, ingresso, programa, coreografias,

ensaios, era muito cansativo. Era muito cansativo ser dona de escola e ainda ter que trabalhar muito, apesar que os alunos mais adiantados me ajudavam. E quando chegou nos meus 50 anos, eu decidi vender a escola. Vendi a escola e fiquei trabalhando em Ribeirão Preto, que eu fui convidada pra dar aula numa escola que estava abrindo, fiquei dois anos lá. Nisso, me convidaram pra ir pra Itália e eu resolvi sair de Ribeirão, vim pra Campinas na casa dos meus pais, pois ia pra Europa com mais dois amigos, um bailarino e uma bailarina casados. Nós íamos trabalhar em uma escola onde eles davam a casa, a escola, carro, telefone, tudo, mais 1500 dólares de salário, naquele tempo. Mas eu fiquei muito apavorada, porque eu não sabia falar a língua, e pensei: ‘Como que eu vou me comunicar com meus alunos lá?’. Aí me deu um pane, quando eu fui pagar a última prestação da passagem, eu fiquei cega de tanto nervoso! Daí eu já tava fazendo terapia com um psicólogo muito bom de Campinas e ele falou: ‘Se você for, é capaz até de você morrer, porque é muito peso em cima de você, você não saber a língua e ter que dar aula, não vá’. Daí eu decidi não ir. E esses meus amigos foram, ganharam muito dinheiro lá. Mas antes deles irem, eles arranjaram uma escola em Americana pra eu dar aula. Essa escola tava no começo e eu fiquei 28 anos lá. Eu que dirigia a escola, como se fosse minha. No fim, todo o trabalho que eu não quis mais fazer, eu tive lá, só que eu não tinha a parte financeira, a parte burocrática não era minha, era mais a parte artística. Fiquei lá 28 anos, até eu completar 78 anos, quando pedi demissão. Fiz muitas bailarinas boas, duas estão nos Estados Unidos, uma está na Europa, e muitas alunas que eu nem tive mais contato, mas que se engrenaram com coisas do balé clássico. Foi muito bom.’ (Dilma Terranova)

A imagem abaixo foi fornecida pela própria Dilma, após a indagação sobre a existência de fotografias de seu passado para serem utilizadas como evocação de memórias na pesquisa. Trata-se de uma fotografia relacionada ao início de sua trajetória profissional no ballet, em que ela se encontra retratada em posição de bailarina, durante a sua juventude. Dilma nos contou que mantém essa e outras fotografias coladas em seu armário no Lar dos Velhinhos de Campinas, pois são fotos que lhe trazem “saúde”, indicando a existência de certos espaços para os objetos pessoais na instituição:

“Eu tenho fotos coladas no meu armário, no meu quarto. Tenho das minhas alunas, tenho minhas, de quando eu era jovem. (...) Essas fotos me trazem saúde!” (Dilma Terranova)



Imagem 26: Fotografia da década de 1950, fornecida pela idosa Dilma Lima Terranova, de seu acervo pessoal.

“Nessa foto, eu tinha 16 anos. Nessa época, eu não tinha dinheiro pra ir tirar fotos em fotógrafos, então eu não tenho muitas fotos, porque eu não tinha dinheiro. E aqui meu cunhado tirou essa foto minha. Era na minha casa, em São Paulo.” (Dilma Terranova)

Nesse relato, Dilma evidenciou uma origem socioeconômica que não lhe permitia acessar estúdios com fotógrafos profissionais, uma vez que “não tinha dinheiro” para isso, tendo realizado essa imagem fotográfica em sua própria casa e com o auxílio de um cunhado. A sua origem socioeconômica mais simples do que a de outras bailarinas já havia sido evidenciada na entrevista, sobretudo ao nos relatar o início de sua trajetória profissional no ballet: “Não, você vai ser uma secretária bilingue, porque você precisa ganhar dinheiro, balé é só pra gente rica”, foi a resposta de seu pai quando ela lhe disse que gostaria de ser bailarina, e “(...) Todo o pessoal da alta sociedade de São Paulo fazia aulas com ela, eu era a pobre”, foi a constatação que ela fez ao se comparar com as demais

alunas da renomada bailarina Halina Biernacka. Contudo, ainda que sua origem socioeconômica não fosse tão favorável quanto a de outras pessoas daquele meio, também não se tratava de pobreza extrema, afinal Dilma teve condições de “pagar aulas particulares” de ballet e até mesmo de acessar espaços que eram tradicionalmente ocupados pela elite econômica, como o Theatro Municipal de São Paulo ou as escolas de educação formal e não-formal que frequentou.

A fotografia abaixo, reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet e sugerida por mim no momento da entrevista com Dilma, demonstra algumas idosas em um momento de descontração durante uma atividade com a recreacionista Vanilze no Lar dos Velhinhos de Campinas, conforme Dilma nos relatou, e reforça o tema do ballet em sua trajetória pessoal, como podemos observar na imagem. O relato de Dilma também indicou uma relação harmoniosa entre a recreacionista e os idosos no LVC:



Imagem 27: Fotografia reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet, de fevereiro de 2019. A idosa Dilma encontra-se de blusa branca, ao lado de outras idosas.

“Ah! Aqui foi num lugar onde fomos fazer ginástica e aí me pediram uma foto de balé. Eu estou com a Guilhermina, a dona Conceição e a Janete. Nós tínhamos ido fazer ginástica nesse lugar e fizemos a foto do balé. Foi com a

Vani. A Vani é uma pessoa maravilhosa, muito alegre, ela sempre traz uma coisa gostosa quando ela vem. Porque a gente faz caminhada com ela e, às vezes, para aí pra fazer ginástica.” (Dilma Terranova)

Dilma se casou aos 65 anos, enquanto seu marido tinha 75 anos. Tratava-se, portanto, da união conjugal de duas pessoas idosas, em que o mais importante não era a idade de cada um, mas sim a convivência harmoniosa e alegre, como ela mesma explicou: “eu casei tarde, mas casei com uma pessoa muito boa, muito alegre.” O casamento durou 17 anos, até que ele faleceu, em 2018, aos 93 anos de idade. Viúva e vivendo sozinha em Americana/SP, onde residia com o marido, Dilma decidiu procurar o Lar dos Velhinhos de Campinas, incentivada por duas sobrinhas:

“Depois que meu marido faleceu, aí eu não quis ficar sozinha, que o meu apartamento era em Americana, e eu vim pra cá. Ele faleceu dia 29 de setembro e eu vim pra cá dia 04 de dezembro. (...) Foram as minhas sobrinhas que cuidaram de tudo.” (Dilma Terranova)

Sem muitos familiares vivos, Dilma mencionou que existia a possibilidade de residir com uma irmã e a sobrinha, mas que ela preferiu o Lar dos Velhinhos de Campinas por ser um lugar de cuidados duradouros aos idosos e que, sendo ela uma idosa longeva, lhe inspirou segurança para a atualidade e para os próximos anos de sua vida. Nessa escolha racional, Dilma revelou ser muito difícil aceitar a mudança entre a vivência atual na instituição e o seu modo de vida anterior, mesmo já tendo certa experiência com a velhice institucionalizada ao ter frequentado um centro dia para idosos, pois sentia muita falta de sua casa e de seu marido, o que nos foi relatado com lágrimas:

“Meus irmãos, todos morreram, que eu era a mais nova, só ficou uma irmã de 93 anos, ela mora com a filha e essa filha queria que eu fosse morar lá com elas, mas eu não quis. Eu achei que era melhor vir pra cá, porque aqui eles cuidam da gente até a gente morrer. Eu achei que era mais garantido ficar aqui do que na casa da minha sobrinha. (...) É o futuro. Porque eu estou com 84 anos, que futuro eu vou ter? Muito pouco. Então, aqui eu sei que vou ser cuidada. Se eu ficasse no meu apartamento, eu não ia ter quem cuidasse de mim. Mas, assim mesmo ainda é difícil aceitar toda essa mudança. É uma mudança muito grande. Eu tenho muita saudade da minha casa e do meu marido... Nós já estávamos há um ano frequentando um lugar pra idosos, um centro dia em Americana, entrava às 08h da manhã e saía às 03h da tarde. Quer dizer, foi um aprendizado lá pra eu poder aceitar aqui. Foi muito bom, eu gostava demais e o meu marido também gostava, então eu já tinha um certo aprendizado de ficar fora, de não ficar o dia inteiro na minha casa. Mas, depois ele faleceu e tudo ficou muito triste... Eu gosto daqui, mas a minha casa era a minha casa, eu sinto muita falta, eu ainda choro por isso...” (Dilma Terranova)

Dilma também nos revelou que possuía há mais de 30 anos o diagnóstico de depressão, fazendo uso de remédios para tratamento da enfermidade, e que frequentemente apresentava sintomas depressivos, como sentimento de tristeza e crises de choro: “eu choro muito, me dá uma tristeza que eu choro e choro...”. Seu desejo era estar bem na ILPI, pois prezava por uma convivência harmoniosa e certa retribuição as

suas sobrinhas, reconhecendo ser uma idosa saudável, sem outras doenças que comumente se manifestam na velhice:

“Eu quero estar bem para poder conviver com o pessoal daqui e também por causa das minhas sobrinhas, que estão fazendo tudo por mim. Eu quero estar bem por elas, pela instituição e para que eu me sinta feliz aqui, não quero ficar chorando e dizendo que eu não estou bem. Porque eu estou saudável, graças a Deus, eu não tenho mais nenhuma doença. Sonhos eu já não tenho mais, mas tenho o desejo de estar bem, de estar feliz.” (Dilma Terranova)

Ainda assim, Dilma demonstrou ser bastante ativa e participativa nas atividades oferecidas aos idosos no Lar dos Velhinhos de Campinas, integrando os grupos conduzidos pelos voluntários, realizando atividades de terapia ocupacional e de recreação, participando das festas e dos passeios:

“Eu participo de tudo. Eu participo do grupo de leitura toda terça-feira. De segunda-feira tem a Aninha, é uma pessoa muito espiritualizada, que fala coisas muito bonitas. Ela não fala de religião, mas ela fala muito de Deus, e é muito gostoso. E, às vezes, na quarta-feira tem o mês dos aniversariantes, tem festa. (...) E uma vez por mês a gente sai, um mês a gente come num restaurante por aqui, outro mês a gente vai pra fora. Já fomos pra várias cidades: Aparecida do Norte, Itu, vários lugares. Falou em passear, é comigo! Tem também a T.O., a terapia ocupacional, que eu vou muito lá, eu ajudo quando vai ter festa. Na T.O. tem muita coisa pra fazer, se quiser ir todos os dias, tem coisa pra fazer. Eles têm uma barraca no Centro de Convivência e uma vez por mês a gente é convidada pra ir lá. E eu gosto muito de participar, uma vez por mês eu participo indo na feira.” (Dilma Terranova)

Dilma nos detalhou o seu cotidiano no Lar dos Velhinhos de Campinas, relacionando-o aos horários das refeições, e apontou algumas críticas em relação à alimentação oferecida na instituição, considerada “fraca” e com pouca variedade, informando que também é possível ter opções de alimentos individuais, de acordo com as preferências e possibilidades financeiras de cada idoso:

“A gente acorda às 6h30. Depois, 7h15, 7h30, tem o café da manhã. Aí sai de lá e vai tomar os remédios na enfermaria. E fica até às 11h, tem o almoço. Aí tem um período que vai até 14h30, tem o café. Depois, às 17h tem o jantar. E à noite, lá pelas 18h30, 19h, tem o lanche, que eu não participo disso. (...) A comida aqui é muito fraca, então eu compro muitas coisas de comer. Eu compro frutas, que aqui não tem muitas frutas, eu compro biscoitos *waffle*, Bis, essas coisas que a gente pode ter no quarto ou em *Tupperware*. Nós temos um *Tupperware*, cada um pode ter um *Tupperware* na geladeira com coisas, por exemplo, eu gosto de frios, de queijo. E todo dia eu vou lá e como, é muito bom que se possa fazer isso, já que eles não podem proporcionar. E a comida, tem cozinheira que é melhor que a outra. À noite eu tomo só uma sopa e depois eu levo iogurte pra comer, porque senão fica muito fraca a comida. Acho que a comida é sempre muito igual, eles podiam variar mais o cardápio.” (Dilma Terranova)

Dilma também expressou outras críticas em relação à velhice institucionalizada, como a convivência nem sempre harmoniosa e satisfatória com as demais idosas da instituição, o que se torna um agravante na situação relatada por ela, na qual conflitos

peçoais alteraram o clima de harmonia e alegria que existia no espaço de seu quarto, que mesmo sendo um quarto coletivo, trata-se do ambiente mais privado e pessoal de cada idoso na ILPI. Como estratégia de adaptação à heterogeneidade de pessoas idosas na instituição, Dilma explicou que preferia afastar-se de certas ações rotineiras, como a prática de “fofoca”, e realizar leituras de livros e de jornais, o que é facilitado pelo ambiente da biblioteca. Por outro lado, Dilma elogiou a equipe de colaboradores do LVC e o próprio lugar ocupado pela instituição, que em sua opinião é constituída por profissionais e espaço “maravilhosos”.

“O contato é bom, mas é difícil. Por exemplo, eu tô num quarto em quatro pessoas, são quatro mulheres, a gente estava em três, aí chegou uma pessoa e ela com a outra não se dão. Então ficou ruim, era muito bom antes dela chegar, era muito bom porque as três se davam muito bem. E estamos num momento muito ruim, ninguém conversa, antes era uma alegria, todo mundo conversava, brincava, agora não. E não tem jeito de pedir pra trocar de quarto, porque não tem lugar. O nosso grupo do França I, que são as mulheres que estão bem de saúde, está lotado. Essa senhora que entrou agora, é muito boa, eu gosto muito dela, mas ela não se deu com a outra, que é mais espalhafatosa. Então tudo começou depois que ela veio, antes estava tudo bem. (...) Eu tenho amizades sim, mas eu acho que tem muita fofoca, então eu não converso muito, eu prefiro ficar lendo. Eu leio muito, eu gosto muito de ler. Depois que eu cheguei aqui, eu já li dois livros da biblioteca, um de 1100 páginas e outro de mais de 900 páginas. E vários livros menores. Também leio jornal todos os dias, que eu pego emprestado. Eu não gosto de fofoca, então procuro não participar muito. (...) O pessoal daqui, a equipe que comanda tudo aqui, são funcionários maravilhosos. Todos, não tem uma pessoa que eu possa dizer: ‘Ah, essa não é boa’, são todos maravilhosos! Nós estamos muito bem assessorados. E o lugar é maravilhoso também.” (Dilma Terranova)

Raimundo Luís Gonzaga, nascido em 07 de agosto de 1937 em Lavras da Mangabeira/CE, tinha 81 anos de idade quando realizamos a entrevista para esta pesquisa, em 24 de janeiro e 30 de janeiro de 2019. Naquele momento, o idoso Raimundo residia há três anos e seis meses no Lar dos Velinhos de Campinas.

Raimundo viveu a infância e parte de sua juventude na cidade em que nasceu, na região Nordeste, até que sua família decidiu migrar para Campinas/SP, na região Sudeste, seguindo o percurso já realizado por um familiar e por milhares de migrantes nordestinos em busca de trabalho e melhores condições de vida. Assim, no final da década de 1950, aos 21 anos de idade, Raimundo efetuou um longo e difícil deslocamento geográfico, sem nenhum conforto no caminhão “pau de arara”, acompanhado de familiares e de outras pessoas que também desejavam novas oportunidades, o que constituiu uma experiência marcante e “muito sofrida” em sua vida:

“Vim pra Campinas no ano de 1958. Vim juntamente com minha família: minha mãe, meus irmãos, minhas irmãs. Meu pai já era falecido, meu pai faleceu em 1951. E eu tinha um irmão mais velho que morava aqui em Campinas, trabalhava na Rhodia, e então nós saímos do Ceará com destino a Campinas. (...) Uma experiência de vida que eu sempre lembro, que não sai da

minha lembrança, é o que Deus faz com a nossa vida, que eu saí do Ceará sem destino certo e deu certinho! A gente não sabia pra onde ia, sabia que o meu irmão morava aqui em Campinas, mas não tinha o endereço, não sabia nada. E nós tivemos essa experiência grande de vir de pau de arara pra cá. Família com criança, tinha duas crianças de duas irmãs, uma com um ano e meio e outra com nove meses, viajando de pau de arara, isso é uma experiência muito... Só Deus mesmo. Viajamos 17 dias de pau de arara, do Ceará pra cá, que o caminhão quebrou várias vezes na estrada, tinha que consertar. Pau de arara, um caminhão coberto com 10 bancos, numa distância pequena de um banco pra outro, só a tábua, sem encosto. Muito calor, com fome... Chegamos desse jeito aqui, sem destino, e deu tudo certinho, tudo encaixou e, graças a Deus, estou vivo até agora. E eu acho que para Deus tudo é possível na vida de cada um. Chegamos na estação Norte aqui em São Paulo, ali no Brás, chegamos às quatro horas da madrugada, o caminhão parou e soltou todo mundo lá, eram 60 pessoas no caminhão, mulheres com crianças pequenas, várias. Amanheceu o dia, a gente ia pra ligação, pegar a ligação pro interior, nós estávamos querendo ir pro outro irmão, que morava no interior, numa fazenda que ninguém sabia, a gente sabia o nome da fazenda pelas cartas que ele mandava. Mas aí a gente foi pra casa de uns parentes nosso, na Vila Santa Isabel em São Paulo, aí os parentes nosso telefonaram pro meu irmão em Campinas e ele foi buscar nós, trouxe a gente pra cá. Aí deu tudo certo. Uma experiência de vida muito sofrida.” (Raimundo Gonzaga)

Em Campinas/SP, Raimundo começou a trabalhar na mesma empresa que seu irmão já trabalhava, a “fazenda São Francisco da Rhodia”, na área da lavoura, como trabalhador agrícola. Nessa época, Raimundo já possuía certa escolaridade, equivalente ao ensino primário, adquirida em pequenas escolas de sua cidade natal no Ceará, e aqui deu aprofundamento aos estudos, em uma escola oferecida pela própria empresa aos trabalhadores rurais. Esses trabalhadores, no geral, eram analfabetos, e Raimundo, com suas habilidades de leitura, escrita e uma bela caligrafia, destacou-se entre eles, o que lhe resultou em uma promoção na empresa, pois foi convidado a trabalhar na área da usina, um trabalho menos desgastante que na área da lavoura:

“Quando chegamos aqui em Campinas, o meu irmão que foi nosso guia, que nos orientou, arrumou colocação. Fui trabalhar na fazenda São Francisco da Rhodia. Era uma empresa, uma indústria francesa química, tinha usina, tinha fábrica e tinha lavoura, colônias, tinha seis colônias. Naquela época, fiquei lá trabalhando na lavoura, cortando cana, carpindo. (...) E eu sempre gostei de escrever, sempre tive a caligrafia boa. E na Rhodia, à noite tinha uma escola pro pessoal da roça, esse pessoal analfabeto, que não sabia ler nada. E eu já sabia, um dia tava todo mundo ali e a professora perguntou quem conseguia escrever um ditado, ninguém conseguia. Aí eu levantei o dedo, ela foi ditando e eu fui escrevendo na lousa, quando terminou ela falou: ‘Raimundo, que caligrafia que você tem, que maravilha! Onde você trabalha?’, eu falei: ‘Eu trabalho na lavoura, professora.’, ela: ‘Lavoura? Você com uma caligrafia dessa cortando cana?’, eu disse: ‘Professora, faz pouco tempo que eu vim do Ceará, eu tenho que pegar qualquer coisa, eu preciso sobreviver, ganhar o pão’, aí ela disse: ‘Eu vou tirar você da lavoura’. Aí passou uns 15 dias mais ou menos, a gente ia tudo pegar o caminhão pra ir pra lavoura, aí o fiscal falou: ‘Raimundo, você não vai pegar o caminhão não, você vai pra usina’. Aí o trabalho era outra coisa! Fiquei nove anos trabalhando aí.” (Raimundo Gonzaga)

Depois, Raimundo foi trabalhar em São Paulo/SP, na área de indústrias e como cobrador de ônibus. De volta a Campinas/SP, prosseguiu na área dos transportes coletivos, trabalhando como cobrador de ônibus e, depois, como fiscal. Assim, Raimundo dedicou-se a diversas áreas e funções de trabalho ao longo de 40 anos, de 1958 a 1988, até que se aposentou e pôde, finalmente, descansar da vida ativa que levava:

“Depois, minha família ficou aqui e eu fui pra São Paulo, trabalhei na indústria em São Paulo. Trabalhei na fábrica da Bombril. E depois trabalhei de cobrador de ônibus. Naquela época não existia nem metrô, era só ônibus. Aí não me acostumei e resolvi voltar pra Campinas, fiquei com minha família. Aí entrei na empresa da CCTC como cobrador de ônibus, depois passei pra fiscal. Nesta empresa eu entrei em 1966, saí em 1988. Houve um ano em que ela parou de operar aqui em Campinas, que dividiu as empresas, porque a CCTC era concessionária que tinha o monopólio, aí outras empresas começaram a explorar Campinas na parte de transporte coletivo. Então dividiu e eu fui transferido pra outra empresa, com nome de Tuca. Aí eu aposentei na Tuca, em 1983. Mas continuei trabalhando mais cinco anos, aí depois mandaram embora, fui demitido, mas já era aposentado também. No total, trabalhei por 40 anos, comecei a trabalhar em 1958 e terminei em 1988. Não foi fácil não. Aí fiquei com aquela vida de aposentado mesmo, sem fazer nada.” (Raimundo Gonzaga)

Raimundo decidiu procurar o Lar dos Velhinhos de Campinas algum tempo após o rompimento de seu casamento, ao ponderar que teria mais qualidade de vida na ILPI, deixando a casa em que vivia com sua ex-esposa somente para ela. Em seu processo de ingresso, foi conhecer pessoalmente a instituição, agradando-se com o que conheceu. Após ser considerado apto no exame admissional, ingressou no LVC com o intuito de primeiramente fazer uma experiência de adaptação, mas gostou tanto da instituição que decidiu não sair dali:

“Sou separado, mas legalmente eu sou casado ainda. Eu fiquei mais de 30 anos com ela. Aí nós decidimos separar, mas morando na mesma casa, cada um em seu quarto. A comida, tudo normal. A gente conversava, tudo normal. Que a gente não é obrigado a conviver com a pessoa, se não tá dando certo. Se não tá dando certo, tem que separar, cada um em seu lugar. Aí decidi vir pra cá, pra ter mais qualidade de vida. (...) Eu morava no bairro Jardim Aeroporto, tenho uma casa lá. Eu era casado, aí separamos, aí eu tive essa chance de entrar aqui no Lar dos Velhinhos de Campinas, aí a mulher ficou na casa lá. (...) Eu já conhecia, assim, já sabia de que jeito era aqui, mas eu não tinha vindo aqui ainda. Aí depois eu vim, eu falei pra minha ex-mulher: ‘Eu quero ir pro Lar dos Velhinhos de Campinas’, ela falou: ‘Você gosta? Você acha que vai dar certo?’, eu falei: ‘Pra mim vai dar certo, você fica aí e eu vou pra lá’, ela disse: ‘Então vamos’, inclusive ela veio junto comigo, assinou um papel. Aí eu fiz a ficha lá, me cadastrei e fiquei esperando. Eles pediram uns exames, passei em todos os exames, aí eles marcaram o dia, telefonaram pra mim lá, pra eu vir. Aí eu vim. Primeiramente eu vim conhecer, conheci, achei bonito, e decidi fazer uma experiência, três meses de experiência, aí já no primeiro mês eu estava acostumado, falei: ‘Daqui eu não saio!’”. (Raimundo Gonzaga)

Muito provavelmente, a origem socioeconômica mais simples de Raimundo, que vivenciou escassez e outras dificuldades financeiras com a família nas primeiras fases de

sua vida, inclusive passando por momentos de fome, como aqueles ao longo da viagem entre o Nordeste e o Sudeste, contribuíram para sua percepção mais positiva em relação à velhice institucionalizada. Assim, Raimundo não desenvolveu críticas ao Lar dos Velinhos de Campinas, pelo contrário, elogiou a instituição nos aspectos de estrutura física e administrativa, de cuidados especializados e com dignidade aos idosos e de atividades de lazer oferecidas, valorizando também a alimentação fornecida, sobretudo considerando o público-alvo atendido pela instituição de assistência social, constituído de idosos que não possuem uma situação socioeconômica favorável:

“Aqui é um lugar maravilhoso, tem de tudo, tem todo o conforto. É melhor do que na casa da gente, eu acho. Que muitas vezes, na própria casa da gente, a gente não tem o conforto que tem aqui. A não ser que seja rico. Mas a pessoa que tem uma vidinha mais ou menos, os familiares não têm tempo, eles têm a vida deles, têm compromissos, não têm condição de cuidar do idoso assim como cuidam aqui. Que aqui cuida do idoso, porque aqui tem gente especializada pra fazer esse trabalho, melhor do que na casa da gente. Muito melhor. Tem muita gente rica que põe empregado pra cuidar do idoso e aquele empregado maltrata o idoso. Até com criança acontece isso, bate na criança! E bate em idosos! E pagando! Aqui não, aqui é igual uma firma, aqui tem disciplina. Se um empregado maltratar o idoso, tem gente pra olhar e dizer: ‘Aquele funcionário não serve’. Aqui tem técnicos, tem administração, todo mundo tem que obedecer as normas. (...) A vantagem aqui é que você tem de tudo, não lhe falta nada, um ambiente saudável, muita sombra boa, água fresca, o que falta mais? Tendo saúde, é ótimo! A vantagem é essa, você tem regalias, passeio todos os meses, pega um ônibus aqui, vai a uma excursão, até pra Santos a gente já foi! Almoço fora, o almoço é ótimo aqui, maravilhoso, mas uma vez por mês a gente vai almoçar num restaurante fora, *self-service*, você pega a comida que você quer, a mistura que você quer. E passeia, vê coisas diferentes.” (Raimundo Gonzaga)

Proveniente de uma grande família nordestina, na qual se contavam dez irmãos, Raimundo possuía apenas duas irmãs vivas no momento da entrevista, além dos muitos sobrinhos. Separado após mais de 30 anos de casamento, Raimundo construiu uma relação harmoniosa com a ex-mulher, com quem tinha uma filha de 32 anos. Raimundo também nos contou que a filha e o genro lhe faziam visitas frequentes no Lar dos Velinhos de Campinas, demonstrando a preservação dos vínculos familiares.

Nesse tema das relações sociais, mais especificamente das relações sociais no Lar dos Velinhos de Campinas, Raimundo explicou que cultivava amizades e reconheceu que a convivência com a heterogeneidade de pessoas idosas nem sempre é harmoniosa, citando estratégias para evitar conflitos pessoais na velhice institucionalizada, como: o respeito aos espaços individuais, “cada um no seu lugar”; a discrição, “falar pouco, falar somente o necessário”; a cordialidade, “conversar com todo mundo, ter amizade com todo mundo”; e as adaptações necessárias, “tem que saber levar”:

“Graças a Deus, eu tenho amizades. Eu não tenho inimizade com ninguém, não, todo mundo que passa por mm: ‘Oi, Seu Raimundo’, eu também

cumprimento todo mundo, eu tenho esse hábito de cumprimentar, mesmo que a pessoa não fale. (...) São quatro pessoas em cada quarto, os quartos são coletivos, quatro camas. Acontece que, no início, assim, a gente sempre tem alguma... Porque cada um tem um temperamento diferente, até pessoa da família da gente, às vezes, a gente não combina direito, imagina pessoa estranha. Mas o negócio é levar, cada um no seu lugar, falar pouco, falar somente o necessário, só isso, e conversar com todo mundo, ter amizade com todo mundo. Tem que saber levar, tem muitos aí que são nervosos, tem muita pessoa que não se habitua, mas isso aí passa. Isso aí passa.” (Raimundo Gonzaga)

Nesse trecho, embora Raimundo não manifeste a existência de conflitos pessoais com outros idosos da instituição, ele deixa evidente a existência de conflitos nesse grupo social: “tem muitos aí que são nervosos, tem muita pessoa que não se habitua”.

Raimundo também nos relatou o seu cotidiano no Lar dos Velinhos de Campinas, relacionando-o aos horários das refeições, indicando suas preferências pessoais de entretenimento e mencionando sua participação nas atividades oferecidas, além de evidenciar o uso de vários ambientes da instituição, como os espaços ao ar livre para caminhada e a biblioteca:

“Eu acordo, eu levanto, vou tomar banho, tem o café 7h30, 11h30 tem o almoço, 14h30 é outro café, 17h é a janta, 18h30 é o chá que vem, leva lá na residência. E eu gosto muito de escrever poesias, de ler, de fazer palavras-cruzadas pra exercitar a memória. Eu sempre tô fazendo uma atividade, vou na T.O., faço coisas na T.O., vou na musculação, dou umas voltinhas também, eu nunca estou parado. Quando eu não tô andando, assim, conversando, eu tô lá na biblioteca sentado, escrevendo ou lendo. Eu tenho uma pasta que tá cheia de poesias, tudo de autoria minha.” (Raimundo Gonzaga)

No capítulo anterior, apresentamos uma fotografia que foi utilizada na entrevista de Raimundo, reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet e sugerida por mim no momento da entrevista, referente ao ambiente da biblioteca e a um projeto de leitura e atividades afins conduzido por voluntários no Lar dos Velinhos de Campinas⁴². A imagem abaixo é uma fotografia que produzimos a partir da sugestão que ele escolhesse um local, um momento ou uma pessoa do Lar dos Velinhos de Campinas para a realização de um registro fotográfico. A sua narrativa sobre a escolha desse local descreveu um evento realizado entre os idosos e pessoas externas do LVC, evidenciando o gosto pessoal de Raimundo pela leitura e escrita, bem como sua participação nas atividades oferecidas aos idosos da instituição. Ele também selecionou esse local pela estética visual, cuja pintura mural “dá um fundo bonito” à imagem, como podemos observar. Antes disso, Raimundo nos informou que não possuía fotografias de seu passado para serem utilizadas como evocação de memórias na pesquisa,

⁴² Essa fotografia e seu relato encontram-se na página 74 desta tese.

uma vez que o registro fotográfico não era prática comum na cidade pequena em que nasceu e na origem socioeconômica mais simples que vivenciava:

“Eu não tenho fotos da infância ou da juventude, que naquela época só tirava fotos pra documentos. Era cidade pequena, tinha aquelas câmeras com um fotógrafo pra algum documento, se precisasse. Eu vim tirar foto só quando vim pra São Paulo e tenho foto só em documento mesmo. E tem aqui no Lar, fotos que eles tiram sempre. (...) Eu escolho esse local porque aqui teve uma atividade, no ano passado, que nós escrevemos uma história também, para um livro, várias pessoas vieram aí, mais ou menos dez pessoas, cada um escreveu uma história, e quando terminou, a nossa despedida foi aqui em frente dessa pintura, nós tiramos foto aqui, ficou bonito. Eu gosto dessa pintura porque tem uma vista bonita, dá um fundo bonito também.” (Raimundo Gonzaga)

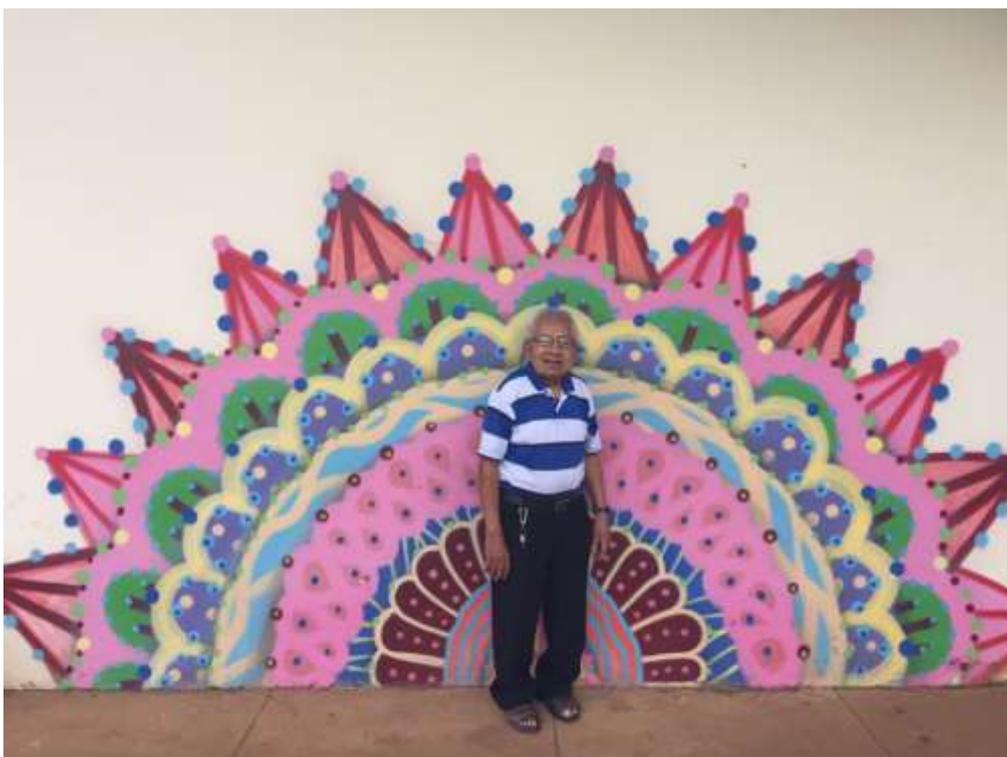


Imagem 28: Fotografia de 2019, registro do idoso Raimundo em pintura mural ao lado da biblioteca no Lar dos Velhinhos de Campinas (Foto: Vanessa Fernandez).

Zaíra Murta, nascida em 05 de junho de 1934 em Campinas/SP, tinha 84 anos de idade quando realizamos a entrevista para esta pesquisa, em 18 de janeiro e 04 de fevereiro de 2019. Naquele momento, a idosa Zaíra residia há quase quatro anos no Lar dos Velhinhos de Campinas.

Zaíra compunha uma família de cinco irmãos, sendo quatro mulheres e um homem. Infelizmente, a “caçula” faleceu precocemente, aos 5 anos de idade, e Zaíra tornou-se a nova caçula da família. Seus pais também faleceram precocemente, sendo que seu pai faleceu aos 42 anos, quando Zaíra tinha apenas 8 anos de idade, e sua mãe faleceu mais tarde, aos 58 anos. Assim, Zaíra foi “criada mais pela mãe do que pelo pai”, em uma família de quatro irmãos.

Vivendo em Campinas/SP, Zaíra estudou até o 4º ano do ensino primário, no Grupo Escolar Dom Barreto e, depois, no Grupo Escolar Dona Castorina Cavalheiro. Ainda criança, antes mesmo de concluir seus estudos, Zaíra começou a trabalhar informalmente, aos 10 anos de idade, e ajudava na manutenção e na organização da casa em que residia com sua família. Zaíra prosseguiu trabalhando durante a juventude e a vida adulta, em diferentes áreas e funções, até que se aposentou, aos 52 anos de idade. Assim, Zaíra relatou que trabalhou muito ao longo de sua vida:

“E como! Com 10 anos de idade eu tomava conta de uma criança na parte da manhã, já ajudava em casa, à tarde eu ia estudar no Grupo Escolar. Com 14 anos entrei pra trabalhar em uma fábrica de meias, trabalhei muitos anos aí. Aí fui trabalhar em outros lugares, trabalhei no comércio. E depois entrei pra trabalhar em uma clínica, onde hoje é o Hospital e Maternidade Santa Tereza, como auxiliar de enfermagem, trabalhei quase 10 anos aí. Anos depois, trabalhei no Hospital e Maternidade da PUCC, como telefonista. Tudo na prática, nada formada, nunca tive diploma de nada. E sempre paguei o INSS, me aposentei em 1986, com 52 anos.” (Zaíra Murta)

Solteira, Zaíra vivenciou um relacionamento estável, que não era um casamento oficial, e não teve filhos por opção pessoal, pois não sentia “firmeza” naquele relacionamento afetivo, preferindo “não colocar um filho no mundo se fosse pra criar e passar dificuldades”. Antes de ingressar no Lar dos Velhinhos de Campinas, Zaíra residia com um sobrinho que também era o seu afilhado, sendo que ele vivia com a esposa na casa da frente e ela vivia individualmente na casa de fundos, pagando o aluguel referente àquele espaço. Porém, a casa foi vendida pelos proprietários e os inquilinos precisaram procurar outra moradia. O sobrinho de Zaíra decidiu ir viver com a esposa em Artur Nogueira/SP, com a família dela, e fez o convite para que Zaíra os acompanhasse, mas Zaíra preferiu permanecer em Campinas/SP.

Foi assim que Zaíra decidiu procurar o Lar dos Velhinhos de Campinas. Antes disso, já fazia alguns anos que ela efetuava doações financeiras mensais à instituição, o mensageiro ia até sua casa receber a pequena quantia doada. Mas, ela não conhecia pessoalmente o Lar dos Velhinhos de Campinas, embora a colaboradora do telemarketing sempre a convidasse para visitar o local. Zaíra decidiu conhecer pessoalmente o LVC quando cogitou a possibilidade dela mesma se mudar para a ILPI, ou seja, durante o seu processo de ingresso, e achou “maravilhoso” o que conheceu:

“Eu vim conhecer o Lar pra vir morar. Não conhecia antes, sabia onde era, mas não conhecia. Eu achei maravilhoso!” (Zaíra Murta)

Porém, mesmo que Zaíra tenha se agradado com a instituição, não foi nada “fácil” para ela ter que se desfazer de sua casa, de seus objetos pessoais e de seu modo de vida

anterior. Emocionada durante a entrevista, Zaíra demonstrou que ingressar no LVC foi uma experiência marcante e que, mesmo na atualidade, após quase quatro anos residindo no Lar dos Velhinhos de Campinas, a velhice institucionalizada representa uma fase bem difícil de sua vida, sobretudo devido às perdas materiais, à liberdade limitada e à ausência de vínculos familiares:

“Aí passou um tempo, quando eu tive que entregar a casa, eu resolvi vir. Só que aí, eu tinha uma casa montada, não foi fácil! Tive que desfazer de tudo... Não é fácil, não. Aqui é ótimo, tá tudo bem, graças a Deus. Mas pra mim, não é fácil. E eu procuro viver bem aqui, aqui é muito bom, é gostoso, eu gosto daqui, mas se eu paro pra pensar um pouquinho... Uma pessoa como eu, que fui acostumada a ter a minha liberdade, tanto é que eu nem fiquei casada muito tempo. E eu consigo sair de certas situações, tanto que se eu procuro alguém pra falar, pra desabafar, é em último caso mesmo, mas eu consigo sair das situações. Porque eu já vivi muito, eu já passei por muitas dificuldades, eu já passei por momentos difíceis, você vê a sua família indo um atrás do outro, você vai perdendo, você vai ficando sem ninguém, não é fácil mesmo.” (Zaíra Murta)

Zaíra também nos relatou o seu cotidiano no Lar dos Velhinhos de Campinas, mencionando a prática de algumas atividades físicas, como caminhada e musculação, e as suas preferências de entretenimento, como conversar, fazer caça palavras e assistir à televisão. Porém, Zaíra destacou que seus costumes pessoais têm que ser adequados aos costumes coletivos dos idosos na instituição, como os temas das conversas e os programas escolhidos na televisão, que nem sempre lhe interessam. Além disso, Zaíra informou que precisa se adaptar aos horários do grupo, pois se em seu modo de vida anterior ela costumava dormir mais tarde, na instituição ela tem que dormir mais cedo, uma vez que a maioria das idosas de seu residencial costuma dormir cedo e ela “tem que respeitar, não fazer muito barulho”. Sintetizando, o cotidiano na velhice institucionalizada “não é como você estar em casa”, sobretudo para Zaíra, que sempre valorizou a própria “liberdade”:

“Hoje mesmo eu fiz caminhada. A gente faz caminhada, tem musculação duas vezes por semana, já é uma atividade boa. E conversa, a gente conversa, mas às vezes tem uns papos também... Eu gosto muito de fazer caça-palavras, se eu não tenho nada pra fazer, eu faço caça-palavras. Mas, tem muita coisa pra fazer aqui. Televisão, eu assisto à noite, mas agora também dei uma parada. Eu gosto mais é da novela, do noticiário. Mas é meio complicado, é em grupo, uma gosta de uma coisa, outra gosta de outra coisa, então você tem que aceitar, é meio complicado. Não é como você estar em casa, porque em casa você não gostou daquele programa, você muda, aqui é diferente. E em casa eu dormia 11 e meia, meia noite, eu ia pra cama dormir a hora que começasse a dar o sono, aqui você tem que dormir mais cedo, porque a maioria dorme cedo, então você tem que respeitar, não fazer muito barulho. (...) Eu gosto de ser independente! Sempre gostei, tanto que não fiquei muito tempo casada, sabe aquele ditado: ‘Não tem preço que pague a liberdade!’? Então, a liberdade não tem preço! É isso aí, sempre fui livre. Eu não sou pessoa de ficar dando satisfação. Não tinha essa coisa de falar: ‘Posso ir ali?’, nem com minha mãe, eu ia muito pra Santos quando jovem, eu chegava pra minha mãe na véspera de viajar e avisava que tava indo!” (Zaíra Murta)

Assim, a convivência com outras pessoas idosas, que têm costumes diferentes entre si, foi apontada por Zaíra como um dos aspectos mais difíceis do cotidiano na velhice institucionalizada, avaliando que essa realidade tem seus “prós e contras”. Por outro lado, ela relatou que mantém amizades no Lar dos Velhinhos de Campinas, que “se dá bem com todo mundo” e que procura conviver bem na instituição, mantendo a calma, o respeito e o diálogo com os outros residentes, o que também constituem estratégias para evitar conflitos pessoais. E elogiou os colaboradores do LVC, pessoas que fazem parte da convivência social dos idosos na ILPI:

“Aqui tem os seus prós e contras, não vou dizer que não tem, tem sim, no dia a dia, porque você convive 24 horas junto, então você tem que saber lidar com as pessoas, com as outras idosas que estão no mesmo residencial, tanto no seu residencial quanto fora, você tem que saber tratar, conversar. Mas, tudo bem, isso aí eu tiro de letra, porque eu me dou bem com todo mundo. (...) Pra mim, aqui são todas amigas, eu converso com todo mundo, eu me dou bem com todo mundo, graças a Deus. Eu procuro conviver bem, porque é difícil a convivência. (...) Então, pra não acontecer conflito, pra poder conviver bem, eu não brigo, não sou de discutir, não xingo, não falo palavrão, não falo nada. Eu converso, eu acho que o diálogo é melhor caminho. (...) Dos funcionários não tem nem o que falar, eles são muito bons, pessoas ótimas, fazem com amor, com carinho, tratam bem, têm respeito. Que não adianta você ter um diploma, ter um papel assinado, e não ter educação e respeito com as pessoas.” (Zaíra Murta)

Além disso, ao fazer uma avaliação de como seria a sua vida fora da instituição, na qual passaria a maior parte do dia sozinha, Zaíra observou algumas vantagens na velhice institucionalizada vivenciada, como segurança em relação aos riscos da violência urbana e aos riscos de saúde para uma idosa longeva. Zaíra também citou outros aspectos positivos de viver no Lar dos Velhinhos de Campinas, como as atividades oferecidas pela instituição, e mencionou estratégias pessoais para manter, de certa forma, a liberdade tão estimada, como a possibilidade de fazer escolhas na composição de seu cotidiano, a autonomia para certos afazeres e a valorização da autoestima:

“Eu não acho nada de negativo, só nessa parte de perder um pouco a liberdade, mas eu acho que vale a pena. Porque o mundo, como está lá fora hoje, nem dentro de casa você está segura, e a gente, na idade que a gente tem... Eu acho que a vantagem, na minha idade, é que eu nunca estou sozinha. Se você cai ou se sente mal, sente alguma coisa, tem sempre alguém. E tem enfermagem 24 horas por dia, tem a médica. E se você precisa de alguma consulta fora. Então, você tem os socorros. A vantagem daqui é essa, tem sempre os cuidados, todo mundo tá sempre em alerta, se acontece alguma coisa, é na hora que eles socorrem, fazem tudo o que for possível. Se eu estivesse sozinha lá fora, morando sozinha, como seria? Por exemplo, se eu fosse morar com meu sobrinho, lá todo mundo trabalha fora, eu ia ficar sozinha, como estava ficando. Eu tinha liberdade, mas na idade que eu estou, não dava mais pra viver sozinha. De repente, se eu passo mal lá sozinha, iam me achar que horas? A hora que voltassem do serviço, aí já era. Aqui nós estamos seguras, protegidas, graças a Deus, aqui tem guarda à noite, a gente nunca está sozinha, qualquer coisa que acontece, eles estão em alerta. (...) Eu adoro viajar! Aqui no Lar toda última quarta-feira do mês a gente viaja, é um mês sim, um mês não, vai pra uma cidade passar o dia, vai almoçar. Eu adoro, falou de sair, de passear, de viajar,

eu tô dentro! Essa parte eu aproveito muito. E tem as festas dos aniversariantes do mês, eu participo também. E algumas atividades, por exemplo, de final de semana sempre tem pessoas que vêm fazer atividades, conjuntos que vêm fazer apresentações, é bom. Aqui você não fica parada, fica se quiser. Mas também, se eu não tô a fim, não vou mesmo. Tem horas que a gente gosta de ficar no seu cantinho, quieta, eu sou assim, tem horas que eu fico mesmo, adoro ficar sozinha. Quando eu tenho aquele momento que dá pra ficar sozinha, que a turma tá no salão, que tem alguma atividade, alguma festa, alguma coisa, às vezes, eu até deixo de ir, porque eu quero estar sozinha. Se você não dá um tempo pra você, se você não dá aquela parada, não dá. Então, eu também gosto de ficar sozinha. (...) E eu saio, vou pro centro, vou pro banco, faço minhas transações no banco, vou na lotérica. (...) Eu sou vaidosa sim, no que eu posso, eu me cuido mesmo, eu não abro mão de fazer minha unha, de usar batom, anel e brinco! Eu tenho sempre separada a roupa de sair, de passear e a roupa de dia a dia.” (Záira Murta)

A imagem abaixo, reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet e sugerida por mim no momento da entrevista com Záira, demonstra a idosa fazendo caça-palavras no corredor em frente aos quartos do Residencial França I, onde fica localizado o seu quarto. Com essa fotografia, Záira nos relatou sobre o seu cotidiano no Lar dos Velhinhos de Campinas, como a atividade de caça-palavras para cuidar da saúde mental. Além disso, podemos observar que, de fato, a idosa Záira é “vaidosa”, mantendo as unhas pintadas, o cabelo penteado, usando brincos e batom. Antes disso, Záira nos informou que não possuía fotografias de seu passado para serem utilizadas como evocação de memórias na pesquisa, pois preferia mantê-las conservadas na casa de seu sobrinho. A expressão “eu tiro de letra” foi utilizada por Záira nesse e em outros momentos da entrevista, referindo-se a sua capacidade adaptativa à realidade da velhice institucionalizada.



Imagem 29: Fotografia reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet, de abril de 2017. A idosa Zaíra encontra-se fazendo caça-palavras.

“Ah, eu tava fazendo caça-palavras, tava um frio danado no corredor! Acho que quem tirou essa foto foi uma das funcionárias, ela me pegou de surpresa! Quando eu acho que quero ficar sozinha, que eu quero minha liberdade, que não quero ninguém por perto, eu me viro, eu fico quieta, procuro um lugar pra ficar sozinha, fazendo caça-palavras ou lendo um livro que eu pego na biblioteca, de vez em quando eu leio também. Deitada na cama, durante o dia, eu nunca fico, só se estiver doente mesmo, eu não consigo ficar na cama. Então eu fico aí fora ou eu desço lá no centro geriátrico pra ver se tem alguma coisa pra fazer com a Giselle. Se tem, eu fico, participo da atividade, se não tem ou se não me interessa, procuro outra coisa. Aqui ninguém te obriga a nada, você faz se quiser, se está disposta a fazer, se quer fazer. Às vezes, é interessante, porque ali toma um pouquinho do nosso tempo, a hora passa e a gente nem percebe, é uma coisa gostosa. Eu procuro os lugares pra ficar mais à vontade. Isso aqui eu tiro de letra!” (Zaíra Murta)

Jorge Bastos, nascido em 07 de março de 1957 em Bauru/SP, tinha 61 anos de idade quando realizamos a entrevista para esta pesquisa, em 05 de fevereiro e 14 de abril de 2019. Naquele momento, o idoso Jorge residia há quase seis meses no Lar dos Velinhos de Campinas.

Jorge foi criado em um orfanato na cidade em que nasceu, chegando lá “pequeninho”, “de colo” ainda, pois tinha apenas dois anos de idade quando sua mãe precisou deixá-lo:

“Eu fui criado num orfanato, cheguei lá era pequenininho, de colo, com dois anos de idade. Minha mãe pôs eu lá porque não tinha possibilidade de trabalhar pra me criar, daí não ia me deixar na rua, né. Aí eu cresci lá no berçário, depois que cresce vai pra fazenda e vai trabalhando, tem aula de manhã até o horário do almoço, depois do almoço ia trabalhar na roça, plantar, carpir... O nome do orfanato era Sociedade Beneficente Cristã. O que comandava lá, o diretor, era o Paiva.” (Jorge Bastos)

Jorge permaneceu no orfanato até completar a maioridade, saindo dessa instituição quando tinha entre 19 e 20 anos de idade. Antes disso, desde os 14 anos de idade ele já trabalhava “na roça”, na Fazenda Val de Palmas, uma fazenda cafeeira localizada em Bauru. Nessa época, Jorge estudou até o 4º ano do ensino primário.

Depois que saiu do orfanato, Jorge começou a trabalhar como ajudante de cozinha. E foi para Ubatuba/SP, onde permaneceu durante alguns anos, trabalhando como ajudante de pedreiro, jardineiro, entregador de gás e auxiliar de escuna. Depois, ele viveu e trabalhou em Santos/SP, até que se mudou para Campinas/SP.

Jorge começou a ingerir bebida alcóolica muito cedo, iniciando o seu vício com um xarope para tosse seca. Em Campinas, ele morou por “muito tempo na rua”, onde ingeria a bebida. Na entrevista, Jorge nos relatou algumas de suas experiências enquanto pessoa em situação de rua, como o local que dormia, as andanças por longos trechos e a fome, relatando também uma estratégia para a própria sobrevivência:

“Eu dormia ali na frente do Fórum, no centro da cidade, eu mais um senhor de São Paulo, ficava bebendo lá, sentado, batendo papo. (...) Sabe o que é trecho? Trecho é andar. Um dia fomos daqui de Campinas pra outra cidade, a gente queria ir pra Curitiba, era 300 quilômetros, chegamos até a metade e pegamos carona com um ‘negão’ de São Paulo que tava num caminhão. A gente tava em três, os outros dois eram de Curitiba, um era primo do outro, aí deu carona até a entrada de Curitiba, aí andamos mais um pouco lá, fomos até a rodoviária, aí despedi deles lá e fui pro albergue, fiquei um dia só e decidi vir embora, vim a pé ainda. Não gostei de lá não, muito agitado. (...) Eu já passei fome. Quando eu tava com muita fome, eu dava um jeito, dava um jeito de cair, pra poder ir pro hospital, pra poder comer! Macaco velho não pula em pau seco, se pular em pau seco, o pau quebra e cai! Mas uma vez fui parar num hospital, fui de ônibus, vi a fila que tava enorme, tava de noite já, e tava muito devagar a fila, aí caí no chão, me levaram com a maca, mas só que me deram soro e me liberaram, não deram comida!” (Jorge Bastos)

Jorge nos informou que já chegou a ser internado em hospital por causa do uso excessivo de bebida alcóolica e que também já passou por um local de reabilitação para a dependência química alcóolica, mantido por uma igreja evangélica no bairro Vida Nova, em Campinas. Nessa época, Jorge foi ajudado por um “irmão da igreja”, que lhe pagou o aluguel para moradia por alguns meses. Depois, Jorge procurou o Centro POP, um centro

de referência especializado para pessoas em situação de rua, conversou com a assistente social desse local e recebeu uma carta de encaminhamento para um albergue da cidade, onde dormia todas as noites. Foi a assistente social do Centro POP quem procurou uma vaga para Jorge no Lar dos Velhinhos de Campinas. Em seu processo de ingresso, ele foi levado pela profissional para conhecer a instituição, agradando-se com o que conheceu. Assim, antes de ingressar no LVC, Jorge estava em situação de rua e dormia em um albergue da cidade, até que foi encaminhado à ILPI pela rede de assistência social do município, sendo que ele também precisou passar pelo exame de admissão da instituição:

“Depois que eu fiquei internado por causa de bebida, tem um irmão da igreja, que trabalhava perto do Mário Gatti, ele que me arrumou um lugar, ele que pagava pra mim. Aí depois que eu fiquei seis meses lá, aí venceu o prazo e falei pro patrão lá: ‘Vou embora’, entrei no ônibus e fui embora, aí fui lá no POP, falei com a assistente social, me deu uma carta, aí fui lá no albergue, entreguei a carta, aí comecei lá. Mas lá no albergue eu só dormia lá, é muita bagunça, tem guarda lá que tirou muita gente pra fora, muito roubo. (...) Foi a assistente social que procurou, me encaminhou pra cá. Mas não foi fácil não, foi de suar a camisa. Nós viemos de carro aqui pra conhecer a casa, tudo, fomos entrevistados. Eu achei bacana aqui, bonito.” (Jorge Bastos)

Jorge nos explicou como é o seu cotidiano no Lar dos Velhinhos de Campinas, seguindo os horários gerais das refeições e realizando as atividades de entretenimento que mais lhe agradam, como assistir à televisão ou jogar bocha, baralho, sinuca, dominó e outros jogos que auxiliam na ocupação das mentes e na movimentação dos corpos dos idosos na instituição. Jorge também mencionou as atividades oferecidas pelo LVC das quais participa, como as atividades de lazer, as atividades de terapia ocupacional, a musculação e uma reunião semanal do grupo alcoólicos anônimos (AA):

“De manhã cedo tem uma enfermeira que traz o remédio, acho que 5h30 da manhã, eu tomo remédio de gastrite, por causa da bebida. Ali no jardim, do lado do banco verde, tem boldo, eu mastigo quando tá doendo, faz bem. Aí depois a gente espera até 7h30, vai no refeitório, toma o café da manhã, aí saímos e vai fazer qualquer coisa. Pode assistir TV, jogar bocha, jogar baralho, caixeta, dominó também. Tem as mesas aí pra jogar sinuca, pingue pongue... Depois eu almoço, vou assistir jornal, jogo mais um pouco... E durmo cedo, 21h, 21h30. Eu durmo mais tarde de quarta-feira, que tem futebol, assisto na TV ou escuto na rádio. Eu torço pro Corinthians. Tem mais gente aqui que torce, tem até mulher que torce! E tira sarro! Aqui tem palmeirense, bugrino... O presidente daqui é ponte-pretano, ele foi lá o dia que ia jogar Corinthians e Ponte Preta, falou que a Ponte ia ganhar de seis a zero, perdeu de um a zero! Eu falei pra turma: ‘Eu quero ver o presidente vir aqui tirar sarro da cara da gente!’ (...) Esse Natal foi bom. E aqui a gente pode sair, viajar de ônibus, o ônibus para aqui embaixo, perto da igreja. Viajo pra outras cidades, já fui em vários lugares que eu nunca fui. E esse mês nós vamos pra Barra Bonita. Desde os seis meses que eu tô aqui, já fui em cinco lugares de ônibus. E fomos ali na fazenda das flores, em Holambra. (...) Os funcionários são legais, os voluntários são legais. O tratamento é bom. Tem uma funcionária, a Vani, ela que leva o pessoal nos passeios, é muito legal, quando ela saiu de férias, todo mundo ficou triste, que ela anima, ela alegre, ela não tem preguiça não! (...) Eu faço musculação, terapia ocupacional. E tem o AA também, toda quarta-feira às 13h. Vai a psicóloga e a assistente social, conversa lá, todo mundo fala um

pouco, numa sala lá no centro geriátrico. É uma reunião do AA, pra quem já teve problema com bebida...” (Jorge Bastos)

Nesse trecho da entrevista, ficou evidente a existência de relações sociais amigáveis entre Jorge e outros idosos da instituição, afinal os jogos mencionados, como baralho e sinuca, não são jogos individuais, mas sim coletivos. Além disso, Jorge referiu-se à heterogeneidade de idosos na instituição de acordo com as diferentes torcidas de times de futebol, indicando o entrosamento e as brincadeiras nos dias de jogos. Avaliando o período em que estava na instituição, percebeu já ter realizado passeios e viagens a lugares para os quais nunca tinha ido antes, o que considerou como aspecto positivo. E evidenciou a importância da equipe de profissionais especializados nas atividades que realiza no LVC, como a terapeuta ocupacional, a educadora física, as psicólogas e a assistente social, elogiando a atuação desses colaboradores.

Por outro lado, Jorge também evidenciou a existência de conflitos pessoais no cotidiano da velhice institucionalizada, mencionando uma situação ocorrida, na qual ele deu um “empurrão” em outro idoso, e alguns personagens específicos, como “uns caras aí que é fuxiqueiro”, “um lá no quarto que ninguém gosta dele”, “um que só vive xingando aí”, indicando também a solução, em sua opinião, para evitar esses conflitos na instituição, que seria “separar” os idosos de acordo com as afinidades pessoais:

“Eu tô gostando daqui, mas tem uns caras aí que é fuxiqueiro, fica se metendo na vida dos outros. E eu sou um cara nervoso por causa da família, converso com todo mundo aqui, mas é perigoso eu perder a cabeça. Não tem jeito, tem que separar, tem um lá no quarto que ninguém gosta dele, ele se mete na vida de todo mundo, na vida de mulher também. Esses dias atrás eu dei um empurrão nele no armário, perto da televisão dele, pequenininha, ele se meteu na frente da TV lá, porque tem que saber ligar a TV, ele deixou em branco a TV e era pra passar a novela de noite e nós assistir, eu, o José e o Elias, mais o pessoal que fica junto aqui. E tem um que só vive xingando aí, eu já falei pra turma lá do quarto, que se ele for pra lá, eu peço pra ir embora. A turma não gosta dele.” (Jorge Bastos)

Refletindo sobre a sua vida na atualidade, Jorge reconhecer estar em uma situação melhor do que a que estava anteriormente. Evidentemente, o ingresso no Lar dos Velhinhos de Campinas e a realidade da velhice institucionalizada representaram um modo de vida mais estável e confortável para Jorge, com habitação, alimentação, atividades de lazer, cuidados com a saúde e outras condições básicas para uma vida digna, tudo o que ele não tinha acesso quando estava em situação de rua. Na entrevista, Jorge nos informou que fazia mais de dois anos que não ingeria bebida alcoólica, exceto a cerveja ocasional. E, em vários momentos, demonstrou que não foi nada fácil para ele ter sido criado em um orfanato, mesmo que o ato de sua mãe tenha sido pela sua

sobrevivência, experiência que marcou profundamente a sua vida. Jorge nos relatou que sempre pensa muito em sua família, em como seria sua mãe, seu pai, se teria irmãos ou outros familiares vivos e revelou que seu sonho é reencontrar sua mãe ou encontrar algum membro familiar, citando nomes e tentativas de realizar esse sonho:

“Agora tá mais sossegado. Eu fico lembrando de certas pessoas que me ajudaram, fico lembrando... (...) Agora eu não bebo mais. Faz mais de dois anos que eu não bebo. Só cerveja, muito pouco, de vez em quando, quando eu saio. (...) Eu gostava do meu trabalho, mas o cabeça dura ficava só pensando na família... (...) Até hoje não apareceu ninguém, desde quando a minha mãe me deixou lá, não foi ninguém da família, até hoje. Tem uma moça que veio aqui, depois que eu mudei pra cá, ela levou uma carta lá em São Paulo, na Porta da Esperança, e o certo seria pedir pro Ratinho também dar uma força pra poder procurar o pai, o tio, tia, primo, alguém da família. Nunca encontrei ninguém, tô procurando até hoje. Sempre procurando, vou acabar morrendo e não aparecer ninguém. Minha mãe deve ter irmãos, tios... Marta Bastos é o nome dela. Ela era pobre... O meu pai era Raul Bastos. Eu sei, porque ficou no registro de lá do orfanato.” (Jorge Bastos)

Solteiro, Jorge não constituiu família, embora tenha tido uma relação amorosa, “amigando” por um tempo, mas “foi pouco tempo, porque não dava certo”. Na atualidade, sente falta de vínculos familiares e tristeza por não receber visitas na instituição, citando uma estratégia para ocupar o tempo e a mente:

“Quando vem aqui o pessoal com a família, eu fico sentado pensando: ‘Todo mundo tem família e eu não tenho...’. Aí eu pego o caça palavras e fico sentado fazendo o caça palavras.” (Jorge Bastos)

A imagem abaixo, reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet e sugerida por mim no momento da entrevista com Jorge, permite-nos visualizar alguns idosos durante uma atividade de terapia ocupacional no Lar dos Velinhos de Campinas, conforme ele nos relatou, na qual ele e outros idosos replantaram as mudas de flores em vasos:



Imagem 30: Fotografia reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet, de fevereiro de 2019. O idoso Jorge encontra-se sentado no meio de outros idosos.

“Aí tá lá embaixo, perto do centro geriátrico, foi uma atividade da terapia ocupacional. Esse é o Anésio, o senhor Raimundo, o seu Benedito, a dona Janete... Foi outro dia, alguém comprou as plantas e a gente tava tirando as plantas, eles põem as mudas num saquinho preto, com uma terra vermelha, você tira o saquinho preto e a terra não cai, pra colocar no outro vaso, tem que soltar aquele saquinho, porque a raiz fica presa. Aí ela mandou levantar o vaso que a gente fez, pra tirar a foto.” (Jorge Bastos)

A imagem abaixo também foi utilizada na entrevista de Jorge, trata-se de uma fotografia que produzimos a partir da sugestão que ele escolhesse um local, um momento ou uma pessoa do Lar dos Velhinhos de Campinas para a realização de um registro fotográfico. A escolha desse local põe em foco uma das atividades do cotidiano de Jorge, que é cuidar da horta da instituição, junto a outro idoso que também tem essa “obrigação” ou responsabilidade, conforme ele nos informou. A realização dessa atividade nesse local, além de outros aspectos positivos, permite-lhe evocar memórias de sua juventude, quando trabalhou em uma fazenda em Bauru/SP, sua cidade de origem. Como podemos observar na imagem, trata-se de um espaço aberto no LVC e tem uma “árvore bem bonita”, como

relatou Jorge, possibilitando aos idosos o contato com a jardinagem, com as plantas, com o ambiente da natureza, prática incentivada pela própria instituição, o que também podemos observar na imagem anterior:



Imagem 31: Fotografia de 2019, registro do idoso Jorge em frente à horta no Lar dos Velhinhos de Campinas (Foto: Vanessa Fernandez).

“Aqui tá em frente à horta. Essa árvore é bonita... Quase todo dia eu venho aqui. Amanhã cedo eu venho, afofar a terra. Que agora eu tenho uma obrigação pra fazer, que é cuidar da parte de plantas na horta, eu e mais dois. Tem um senhor lá, o Anésio, ele pesquisa no celular como plantar a semente, ele olha no celular. Tudo quando é fruta, ele pesquisa. Tem um cantinho nosso ali. Tem uns copinhos assim, cada copinho tem duas sementes de flor, se não nascer uma, a outra nasce. Tem que colocar água todo dia. É bonito aqui... Eu já tinha contato com planta na fazenda que eu trabalhei, tinha o pessoal da horta, da carpinagem, dos jardins... Eu ficava na cozinha, mas acompanhava lá.” (Jorge Bastos)

Patrícia Beatriz dos Santos, nascida em 07 de setembro de 1951 em Nova Ponte/MG, tinha 67 anos de idade quando realizamos a entrevista para esta pesquisa, em 18 de fevereiro de 2019. Naquele momento, a idosa Patrícia Jorge residia há quase seis meses no Lar dos Velhinhos de Campinas⁴³.

⁴³ A idosa Patrícia não se encontra mais no Lar dos Velhinhos de Campinas, pois decidiu sair da instituição algum tempo após a pandemia e o rigoroso isolamento social que tiveram que realizar.

Aos 06 anos de idade, Patrícia ficou órfã de pai e mãe, quando estes sofreram um trágico acidente de automóvel. Filha única e sem outros familiares que a acolhessem, ela foi criada por uma família de fazendeiros. Nessa criação, ela precisou aprender a cozinhar, a limpar a casa e a cuidar das outras crianças da fazenda, sendo ela mesma uma criança. Além disso, não podia estudar e sofria castigos violentos. Em suas palavras, foi tratada como uma “mini escrava mesmo”, condição que muito provavelmente foi acentuada porque se tratava de uma menina negra em um país de história escravocrata e com uma sociedade marcada pela persistência do racismo.

Em sua juventude, Patrícia foi residir em um colégio de freiras, onde teve a oportunidade de se alfabetizar, de se aprofundar nos estudos e de se desenvolver como pessoa. Patrícia nos informou que estudou até a 8ª série, concluindo o 1º grau, equivalente ao atual ensino fundamental. Nessa época, o que mais lhe agradava era realizar atividades de missionária com as freiras nas periferias da cidade, pois gostava “de estar com o povo, ajudando”.

Patrícia nos relatou que não se casou e não teve filhos, pois não queria “ficar presa em casa com marido e com filho”, de modo que não constituiu família. Geralmente, ela residia nos próprios locais em que trabalhava. Ao longo de sua vida adulta, trabalhou como “doméstica” em casas de família e trabalhou em “asilos”, como ajudante, telefonista, cozinheira, passando por várias cidades das regiões Sul e Sudeste, como São João Del Rei/MG, Curitiba/PR, São Paulo/SP. Seu último trabalho foi em uma casa de família, como cuidadora de pessoa idosa, em Botucatu/SP, onde residia antes de se mudar para Campinas/SP.

Sentindo-se cansada em seu último trabalho e com uma pequena autonomia financeira, pois já possuía a aposentadoria por idade, Patrícia decidiu mudar-se para Campinas. Vivendo sozinha em uma pensão e em um quarto alugado na casa de uma senhora, e incentivada por uma pessoa que conheceu no ponto de ônibus, Patrícia decidiu procurar o Lar dos Velinhos de Campinas:

“Eu vim assim: eu quis vir pra cá e eu vim. É porque eu sou sozinha, eu tinha meu dinheiro, então onde eu queria ir, eu ia! Eu tava cansada de onde eu morava e vim embora pra Campinas. Mas isso tudo eu vejo assim: nada acontece na nossa vida por acaso, se eu não tivesse vindo embora pra Campinas, eu não estaria aqui no Lar. Eu morava em Botucatu, Estado de São Paulo, lá eu cuidava de uma senhora e morava com ela. Como eu já estava aposentada, eu resolvi vir embora pra Campinas e não trabalhar mais. Aqui, eu ficava numa pensão e depois morava com uma senhora, alugava um quarto na casa dela. (...) E assim do nada, no ponto de ônibus, conversando com uma mulher, ela contando a história dela pra mim, eu contando a minha história pra ela, ela falou: ‘Olha, você tem tudo pra ir lá pro Lar dos Velinhos, lá você pode sair, você tem um lar pra você morar’, eu falei: ‘Ah, mas eu não queria

ficar em asilo não’, ela falou: ‘Mas lá é um lugar bom, bonito, não vai se sentir em asilo lá não’. Aí eu vim pra cá, consegui.’ (Patrícia dos Santos)

Para Patrícia, o Lar dos Velhinhos de Campinas era como se fosse um “lar” mesmo, sem ter “as liberdades que a gente tem dentro da casa da gente”, mas um lugar importante para ela que “não tinha nada”. Nesse tema, além da moradia, Patrícia citou as atividades oferecidas, os tratamentos com a saúde e a possibilidade de manter sua autonomia como aspectos positivos da instituição:

“Aqui é um lar que eu tô morando, é como se eu tivesse na minha casa. Não tem as liberdades que a gente tem dentro da casa da gente, mas eu me sinto em casa, gosto muito daqui. A hora que eu quero sair, eu saio, se eu preciso de algum tratamento, eu tenho. Eu gosto de tudo. Participo das atividades, passeio, anda pra tudo que é canto. (...) Não vou reclamar de nada, porque eu não tinha nada e agora eu tenho tudo! Não tinha nada, não tinha casa, às vezes eu ficava pensando: ‘Meu Deus, já tô ficando de idade, 67 anos, tenho cabeça boa, eu ando, passeio, mas não vou ficar assim toda a vida, eu tenho que ter um lar’ e, graças a Deus, Ele me deu esse lar!” (Patrícia dos Santos)

Na entrevista, Patrícia demonstrou-se bastante satisfeita em relação à instituição e até mesmo em relação à convivência cotidiana com os outros idosos, aspecto que foi criticado por outros entrevistados, apresentando pontos de vista positivos para a realidade da velhice institucionalizada, sobretudo com os argumentos de que é preciso entender e aceitar a vontade divina e de que ela e outros idosos já haviam vivenciado momentos de sofrimento em outras fases da vida:

“Não tenho nenhuma queixa. Eu gosto dos funcionários, eles são muito bons. Gosto de todo mundo, eu não tenho problema com não gostar disso, não gostar daquilo. Eu presto muita atenção no caminhar da minha vida, tudo é vontade de Deus, ele vai te encaminhando, vai te dirigindo, você vai indo e presta atenção nos caminhos. É assim que tem que ser! Encontrei um lugar muito bom, o pessoal gosta de mim, eu gosto deles, não me falta nada. E eu procuro também fazer a minha parte, pra não dar trabalho, porque a gente é humana e pode errar em alguma coisa. (...) Eu faço musculação, faço T.O, faço os passeios... (...) Tenho amizades, o pessoal aí tudo gosta de mim! Até com os homens que passam por aqui, cumprimentam, brincam comigo, tudo dentro do respeito, são tudo gente boa. A gente tem que saber viver, porque a vida é tão curta. Às vezes chove, o pessoal reclama da chuva, se tá calor, reclama do calor, eu falo: ‘Gente, vamos agradecer tudo o que Deus manda!’, e elas dão risada! Pra que reclamar? É tudo bom, é chuva, é frio, é sol, vamos agradecer, olha pra trás, que a gente já sofreu demais!” (Patrícia dos Santos)

Patrícia também nos relatou o seu cotidiano no Lar dos Velhinhos de Campinas, destacando o ambiente da instituição e a sua personalidade ativa, citando também suas preferências pessoais de entretenimento, como o uso do celular para ver vídeos e se informar das notícias disponíveis na internet, a realização de leituras e a possibilidade de sair para o mercado ou para outros afazeres:

“Ah, eu gosto de aprender, eu gosto de andar, eu contemplo a natureza, que aqui é muito bonito! Então eu ando, contemplo a natureza, na época de manga, eu vou lá embaixo do pé de manga, chupo manga, como frutas... Então eu sou ativa, não paro, levanto cedo, já começo a me mexer, se tem alguma roupa pra lavar, eu já lavo, levanto cantando, a turma me chama de ‘rouxinol’! (...) Eu mexo na internet, ah, como eu gosto! Só que eu fico de olho, porque a gente tem que pôr crédito e às vezes eu não tenho dinheiro pra pôr crédito, eu fico doidinha que eu quero ver a internet e não tem crédito! E eu leio muito, ocupo muito a minha mente com leituras, que eu gosto muito de ler. Quando eu canso dos vídeos na internet, daí eu vou ler. (...) E eu saio, vou na igreja, vou no mercado, às vezes eu saio com outra idosa aí que não pode andar muito, eu faço companhia pra ela no mercado. É assim.” (Patrícia dos Santos)

A imagem abaixo foi fornecida pela própria Patrícia, após a indagação sobre a existência de fotografias de seu passado para serem utilizadas como evocação de memórias na pesquisa. Trata-se de uma fotografia de sua infância, anterior à ida para a fazenda em que foi criada, conforme ela nos relatou. A fotografia evocou a memória de um evento posterior ao registro fotográfico, um castigo corporal que ela sofreu na fazenda e que lhe deixou consequências até os dias atuais. Naquele momento retratado, Patrícia ainda era uma menina bem cuidada e “perfeita”:



Imagem 32: Fotografia do final da década de 1950, fornecida pela idosa Patrícia, de seu acervo pessoal. “Essa foto eu tinha 07 aninhos. Foi antes de ir pra fazenda. Meu olho tava perfeito, tá vendo, toda perfeita. Cheguei na fazenda, ela detonou comigo,

cortou todo o meu cabelo! Cortou tudo, rapou! E até hoje tenho essa dor no olho esquerdo, quem bateu no meu olho foi o marido dela, ele me deu um tapa só, mas o tapa que ele me deu valeu pra me deixar cega de um olho, eu rodopiei! Porque eu lavei as faixas do queijo e eu não sabia que não podia pôr no sol, pendurei tudo bonitinho no sol, tudo lavadinho, aí ele foi buscar pra enfaixar o queijo, tava tudo dura, aí ele ficou com raiva. Caiu a retina, descolou a retina do meu olho, então eu enxergo só desse olho direito. Mas eu enxergo muito bem, graças a Deus. Aí eu não sabia nada, se tinha que operar, o que tinha que fazer, era criança na roça, não sabia nada, ficou assim. Hoje ele tá meio irritado, tá coçando, às vezes eu ponho colírio e ele melhora, desincha e fica melhor. Eu uso até óculos escuro, porque fica tão feio esse olho! Eu apanhava muito... Aquela época dos fazendeiros que mandava nos empregados. Eu tirei a foto uns dias antes de ir pra fazenda, ainda bem que eu guardei de lembrança. Olha esse vestido da época, que horroroso! Essa foto foi colorida depois, que na época não tinha, acho que foi lá em São Paulo que eles mandaram colorir pra mim. Quem me levou pra tirar a foto foi a mulher onde que eu tava antes de ir pra fazenda, ela me achava tão bonita e tirou a foto. E até hoje, às vezes, eu fico assim, nessa posição...” (Patrícia dos Santos)

A imagem abaixo, reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet e sugerida por mim no momento da entrevista com Patrícia, permite-nos visualizá-la em uma campanha de Natal realizada pelo Lar dos Velhinhos de Campinas em 2018, quando os idosos foram fotografados com uma plaquinha na qual estava escrita o presente que gostariam de ganhar. Conforme explicou Patrícia, as imagens foram divulgadas pela instituição para que a sociedade apadrinhasse um idoso, oferecendo-lhe o presente solicitado, e ela ganhou o celular que tanto desejava. Além de ganhar o celular, Patrícia relatou que criou um vínculo de amizade com a pessoa que a presenteou, indicando como essa campanha promovida pela instituição estimulou a sociabilização dos idosos com pessoas externas ao LVC:



Imagem 33: Fotografia reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet de dezembro de 2018, da campanha “Natal dos sonhos: Apadrinhe um velhinho”, retratando a idosa Patrícia e seu pedido de presente.

“É uma foto que nós tiramos no Natal, que tiraram foto e perguntaram o que a gente queria ganhar. Eu falei: ‘Eu queria ganhar um celular, é difícil, mas é o que eu queria ganhar’. Aí a Natália falou: ‘Nós vamos arrumar um celular pra você, você vai ganhar o celular’! Aí eu pedi o celular e ganhei! Foi uma equipe que me deu, é um celular de última geração, faz tudo! Uma das pessoas que me deu o celular, a Andressa, ela ficou muito minha amiga, ela gosta muito de mim, ela me apadrinhou e veio aqui no dia entregar o presente, aí ela ficou conversando comigo, fazendo uma série de perguntas, eu falei pra ela: ‘Não, filha, eu sou sozinha, não tenho família não, nem mãe, nem pai, ninguém’, aí ela falou pra mim: ‘Agora você tem família’! Daquela hora em diante, ela não me largou mais! Já me levou pra casa dela, a mãe dela é uma belezinha, ela vem aqui, me visita, traz coisas pra mim, traz queijo, traz pão, traz frutas... Ela é um amor! Aí eu oro muito por ela.” (Patrícia dos Santos)

Elias Teles, nascido em fevereiro de 1947 em São Cristóvão/SE, tinha 72 anos de idade de idade quando realizamos a entrevista para esta pesquisa, em 16 de outubro de 2019. Naquele momento, o idoso Elias residia há três anos no Lar dos Velhinhos de Campinas.

Elias fez questão de nos relatar a importância histórica de sua cidade de origem, que foi a quarta cidade do Brasil e era a capital de Sergipe antes de Aracaju, relatando-nos também a origem do nome de sua cidade natal, modo que demonstrou seus conhecimentos de História e suas habilidades de leitura e de uso de tecnologias:

“São Cristóvão já foi a quarta cidade mais antiga de nosso país. E, por incrível que pareça, quem deu origem a esta cidade e deu-lhe o próprio nome foi um espanhol! Olha que quando eu falo uma coisa, é porque eu concordo, porque eu fui no computador e pesquisei. Aí eu fiquei surpreso de saber disso, que foi um espanhol que trouxe o nome de Cristóvão pra cidade, aí ficou São Cristóvão, e que posteriormente teve um momento que, em consequência da distância da costa oceânica, houve a mudança da capital São Cristóvão para Aracaju.”

Elias estudou até o 4º ano do ensino primário, lembrando que “naquela época, quem chegava ao 4º ano, era bastante!” e viveu em São Cristóvão/SE até os 14 anos de idade, aproximadamente, quando se mudou com a família para Salvador/BA. Na nova cidade, Elias se apresentou ao exército e, depois, aos 19 anos de idade, ingressou em uma oficina para aprender uma atividade profissional: funilaria e pintura de automóveis.

No início da década de 1970, aos 22 anos de idade, Elias se casou, constituindo “família cedo”. Nesse matrimônio, Elias teve cinco filhos, sendo quatro mulheres e um homem. Na entrevista, Elias nos explicou como escolheu os nomes de seus filhos:

“São quatro filhas e um filho! Quer o nome de todos? Você pode até sorrir, mas não me ignore não, que eu comprovo! Os dois primeiros, eu fui lá no Velho Testamento, no Livro Sagrado, e achei um casal de irmãos. Lá de três mil anos atrás, ou talvez um pouco mais, de pessoas influentes naquelas eras. O nome da primeira filha: Adlai. Aí vem também o irmão: Aglaú. Então, formando o casal, Adlai e Aglaú. Eu gostei e gosto até hoje! Tá no Velho Testamento. Aí, nas outras meninas, eu voltei pros nomes comuns e tradicionalistas: Marta, que eu sempre admirei; depois veio a Márcia; e aí veio a quinta, a Hedesuíta. Por que Hedesuíta? Quando eu concluí o meu primário, lá nos anos 1960, a diretora do nosso colégio chamava Hedesuíta, aí como eu admirava esse nome, ao nascer essa minha quinta filha, dei o nome de Hedesuíta.” (Elias Teles)

Ainda no início da década de 1970, Elias migrou para São Paulo/SP, onde residiu durante 11 anos, trabalhando como funileiro. Depois, por “coisas do destino”, Elias se mudou para a região de Campinas/SP, onde permaneceu trabalhando na profissão de funileiro até a aposentadoria. Assim, Elias trabalhou “mais tempo servindo aos campineiros do que ao restante do país” e avaliou Campinas como uma “cidade acolhedora”, residindo em municípios vizinhos, como Sumaré e Hortolândia. Elias observou também que quando chegou com sua família à região de Campinas/SP, seus dois primeiros filhos já davam os primeiros passos, de modo que faz aproximadamente 50 anos que todos residem na região Sudeste. Ao longo desses anos, Elias dedicou-se ao trabalho e à família:

“Eu sempre trabalhei na área de funilaria e pintura. Eu era contratado, mas nunca montei meu próprio negócio, nunca consegui, primeiramente passei a maior parte do tempo pagando aluguel e com cinco filhos pra criar. A maior parte do tempo, trabalhei como empregado. E nesta área, depois das indústrias, das montadoras, tem os revendedores, as concessionárias, e eu me adaptei bem nas concessionárias. E a linha que eu mais gostei de trabalhar foi a Chevrolet, eu dei sorte de entrar em uma das concessionárias mais antigas e tradicionais daqui da cidade.” (Elias Teles)

Separado, o idoso Elias viveu com o filho e a nora durante 18 anos, e também convivia com as filhas e os genros, sem detalhar como era essa convivência, mas fez referências a relações conflituosas com a nora e os genros, sem citar os filhos, como um dos motivos para que ele decidisse procurar o Lar dos Velhinhos de Campinas:

“Bem antes de eu vir pra cá, eu morava com o filho e uma nora. E eu sou positivamente honesto, eu não sou de elogiar a quem não merece e nem de criticar ou falar mal de quem não merece. Se a minha nora fosse uma nora má, que eu não suportasse, eu não conviveria com ela por 18 anos. E se é minha nora, graças a Deus, o casamento dela tá seguindo em frente e somos amigos. (...) Aí entra no negócio de dois ou três genros com educação diferente, natureza diferente. Não sei se por ser nordestino, com a educação que eu herdei lá da década de 40 e 50 dos meus pais, mas pra hoje em dia engolir opiniões de genros com natureza e educação diferentes, eu digo: ‘Não, não dá’. Essa é uma das razões de eu estar satisfeito aqui dentro do nosso Lar dos Velhinhos de Campinas.” (Elias Teles)

Apesar desses aborrecimentos, sendo que não sabemos quais são os pontos de vista da nora e dos genros, Elias relatou que mantinha os seus vínculos familiares, recebendo visitas de filhos e netos no LVC ou saindo com eles para passear aos finais de semana:

“Eu recebo visitas deles aqui, dos cinco filhos, posso dizer. Quando eu dou uma saída de final de semana, geralmente vem um aqui me pegar no horário de rotina nosso aqui, aí vou embora pra almoçar com eles, essas coisas, e à tarde, se não vem aquele mesmo, vem outro, às vezes até uma neta vem, eu tenho neta de 24 anos que dirige! E minha ex-mulher também está viva. Eu não trago nenhuma lembrança que me venha causar tristeza, nada disso, inclusive nós ainda somos amigos, ela mora com uma de minhas filhas, a mais velha, e o restante dos filhos estão todos em volta, então ela tá convivendo entre os filhos, tá bem, tá amparada, tá sossegada, graças a Deus.” (Elias Teles)

Além disso, Elias costumava frequentar a região central da cidade, para realizar algumas compras. Porém, com a visão debilitada devido à diabetes, suas saídas tornaram-se menos frequentes e mais acompanhadas de outras pessoas do Lar dos Velhinhos de Campinas, referindo-se ao projeto Boas Compras:

“No meu caso, eu não estou enxergando bem, não estou com 100% de visão, mas dá ainda pra subir e descer do ônibus, eu tô andando bem e tal, eu consigo ir lá no comércio, no mercado municipal, comprar algo que eu precise ou algo que eu tenha em mente pra fazer. E também sobre as atividades que nós temos aqui, o Lar nos oferece todo mês, especialmente a terapeuta ocupacional Giselle, um dia da semana no shopping, no supermercado. Tem isso, o projeto

Boas Compras, inclusive a gente foi na terça-feira da semana passada.” (Elias Teles)

Avaliando a realidade da velhice institucionalizada no Lar dos Velhinhos de Campinas, Elias citou a segurança em relação à violência urbana como uma das vantagens e relatou que não existem críticas contundentes à instituição, desde que todos respeitem o regulamento, considerando inclusive que alguns momentos de insatisfação pessoal foram gerados por sua própria conduta. Além disso, Elias relatou as atividades das quais participa “ativamente” no LVC, como o já citado projeto Boas Compras, o projeto desenvolvido por voluntários na biblioteca, algumas atividades que já realizou de terapia ocupacional, a participação semanal em um grupo formado pelas psicólogas da instituição, os passeios e a festa dos aniversariantes. Nesse trecho da entrevista de Elias, é interessante observar como ele se percebe sujeito fundamental para o desenvolvimento do trabalho dos profissionais especializados da instituição, afirmando que ele foi “dar uma força” para a terapeuta ocupacional e que ele vai “assistir e prestigiar o trabalho” das psicólogas:

“Segurança é uma das vantagens. Falando-se nesse tema, a violência no nosso país tá desordenada! (...) Dentro do limite do regulamento, nenhum morador pode fazer crítica, não haveria razões. Voltando a falar e a observar o limite do regulamento da entidade em si, não temos o que contestar. Na semana passada eu completei três anos aqui. Tive os meus momentos de insatisfação, mas é proveniente da minha conduta mesmo, eu tenho que ser sincero. (...) Sobre as atividades aqui, realmente, nesses três anos eu tenho participado ativamente. Nós temos aqui na biblioteca um casal de voluntários que nos vêm fazer uma palestra todas as terças-feiras. (...) E eu já fui algumas vezes dar uma força lá pra responsável da T.O., a Giselle, que é a terapeuta ocupacional. E todas as terças-feiras eu vou assistir e prestigiar o trabalho das nossas psicólogas. Quando chega a terça-feira à tarde, que elas conseguem juntar até oito ou dez pessoas, aí elas vêm desenvolver o trabalho delas, eu respondo perguntas, faço teste de memória, o objetivo é estimular a memória. E participo dos passeios. (...) Tem também a festa dos aniversariantes, que eu participo, claro!” (Elias Teles)

Em relação à convivência no Lar dos Velhinhos de Campinas, Elias explicou que mantém algumas amizades, de acordo com a saúde cognitiva dos outros idosos, com destaque para sua amiga Iolanda Henrique, que também foi entrevistada nesta pesquisa. Além da amizade, Elias declarou que gostaria de ter uma relação amorosa com essa amiga, sonhando com uma situação socioeconômica mais favorável e outra possibilidade de moradia, de modo que ele construiria um “novo castelo” para viver com sua “rainha”. Esse desejo de Elias indica que, embora ele não tenha críticas contundentes ao Lar dos Velhinhos de Campinas, ele gostaria de residir em um espaço mais privativo e confortável do que a instituição, consolidando a sua “independência”:

“É uma meia dúzia que eu posso considerar como amizade, os demais, fazendo uma observação no geral, eu percebo que já tem alguns que não pensam com

naturalidade, no positivo, a gente percebe que já existe um distúrbio mental, uma cuca vazia. Como moradora, a minha melhor amiga é a minha Iolanda! (...) O meu desejo era ter uma condição maior, falando-se materialmente, de consolidar a minha independência. Era olhar para os lados, para trás e perceber que eu poderia ver a tranquilidade e a minha independência consolidada. E eu construiria o meu novo castelo e levaria a minha segunda rainha! E que ela me oferecesse aconchego, o aconchego e o carinho que eu mereço e desejo!” (Elias Teles)

A fotografia abaixo, reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet e sugerida por mim no momento da entrevista com Elias, registra o idoso no corredor em frente aos quartos do Residencial Holanda, onde fica o seu quarto, demonstrando um semblante de tranquilidade. Ao observar a imagem, Elias refletiu sobre a velhice e os seus anos de vivência no Lar dos Velhinhos de Campinas:



Imagem 34: Fotografia reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet, de abril de 2019. O idoso Elias encontra-se na janela do corredor do Residencial Holanda.

“Aqui eu estou no residencial Holanda, onde eu moro. Eu estou completando 73 anos, mas eu me sinto uma pessoa ágil ainda, com boa disposição, ativo... E aqui, convivendo e observando os demais, eu faço também uma colocação que eu aprendi nas nossas palestras: a velhice está em nós a partir do momento que nós nascemos, cada dia que passa, vai envelhecendo. E a gente se conscientiza e acha normal. Aqui no Lar, eu acho que é mais uma fase em que vivemos e obtemos mais conhecimento. Mais conhecimento! E aqui dentro dessa entidade, posso fazer a colocação final, o sentimento que tenho é de gratidão. Agradecer os anos em que vivemos aqui.” (Elias Teles)

Iolanda Henrique (*in memoriam*), nascida em 30 de outubro de 1931 em Bauru/SP, tinha 87 anos de idade quando realizamos a entrevista para esta pesquisa, em 16 de outubro de 2019. Naquele momento, a idosa Iolanda residia há mais de 16 anos no Lar dos Velhinhos de Campinas.

Iolanda provinha de uma família de três irmãos, sendo que ela era a filha mais velha. Solteira, Iolanda não teve filhos e o único vínculo familiar que mantinha era com uma sobrinha, filha de seu irmão mais novo, o qual já era falecido. Com a irmã do meio, Iolanda havia perdido o contato há muitos anos, desde que saiu da cidade em que nasceu.

De origem socioeconômica bastante simples, Iolanda não frequentou escola na infância e só depois de adulta aprendeu a ler e a escrever o próprio nome. Quando era criança, entre os 08 e 10 anos de idade, sua mãe ficou doente e Iolanda precisou cuidar da própria mãe, dos irmãos mais novos e da casa. Nessa época, Iolanda já trabalhava informalmente e essa experiência da mãe enferma e das responsabilidades que lhe foram atribuídas marcou profundamente a sua vida:

“Eu não tive escola. Inclusive, a minha mãe ficou muito doente e eu sou a filha mais velhas dos três irmãos, aí eu tinha 08 pra 10 anos de idade e cuidava da minha mãe. Eu trabalhava numa pensão, carregava marmita e ajudava a dona da pensão, ajudava a escolher arroz, feijão, aí meu pai me tirou, pra eu ficar em casa pra cuidar da minha mãe, que a minha mãe tava doente, doente de cama. E a minha mãe falou pra mim: ‘Filha, eu vou morrer, você aprenda a trabalhar e trata bem todo mundo. Vocês vão sofrer muito’. Essas coisas tão vivas em mim. Dia 09 de julho que passou, fez 70 e tantos anos que a minha mãe faleceu. Então, eu tinha loucura pra estudar, mas não estudei, não fui pra escola. Eu aprendi um pouco depois, em aulas de adultos, aprendi a ler. Escrever, eu sei escrever o meu nome, porque eu sei assinar no banco, eu sempre escrevi o meu nome.” (Iolanda Henrique)

Depois, Iolanda migrou de Bauru/SP para São Paulo/SP, onde viveu durante muitos anos, trabalhando como “doméstica”, sobretudo em casas de famílias, o que considerou muito bom. Independente, ora Iolanda morava sozinha, ora morava com as famílias para as quais trabalhava:

“Eu trabalhei uma vida como doméstica e, graças a Deus, vivi muito bem! Inclusive, eu amo São Paulo, porque eu fui da minha terra, de Bauru, pra São Paulo, pra trabalhar em casa de família. Eu fiquei 38 anos na Vila Mariana, conheço ali, ó! Eu trabalhei em casa de família, em escola, em casa de cômodo, eu fazia um serviço, se me desagradava, eu arranjava outra coisa melhor, diferente! E assim eu vivi todo esse tempo, era a minha alegria, foi muito bom. (...) Em São Paulo, quando eu trabalhava como doméstica, geralmente as casas queriam era gente morando, que tinha mais possibilidade de ter mais em ordem, então ora eu morava nas casas, ora eu morava na minha casa e trabalhava fora.” (Iolanda Henrique)

Iolanda mudou-se para Campinas/SP aos 64 anos de idade, pois o seu irmão mais novo já morava com a família dele na cidade. Em Campinas/SP, Iolanda tornou-se

zeladora da igreja que frequentava, a Igreja Batista localizada no bairro Jardim Campos Elíseos. Iolanda trabalhou por quase seis anos como zeladora dessa igreja, residindo ali perto, até que decidiu procurar o Lar dos Velhinhos de Campinas.

Antes disso, Iolanda já havia cogitado a possibilidade de residir em uma instituição para idosos, inclusive algumas de suas amigas alertaram-na de que ela estava saudável e não necessitava desse tipo de “abrigo”, demonstrando alguns preconceitos da sociedade em geral, mas Iolanda planejava o próprio futuro. Com poucos familiares vivos, aos 72 anos de idade Iolanda ingressou no Lar dos Velhinhos de Campinas:

“Eu tinha 64 anos quando eu vim de São Paulo pra Campinas, já era aposentada e já tinha olhado lá em São Paulo um lugar pra mim, minhas amigas até me disseram que eu tava forte, que eu tava bonitona, que eu tava trabalhando, que: ‘Onde se viu procurar um abrigo?’, aí eu falei: ‘Ah, eu não procuro lugar pra morar, eu procuro o amanhã a Deus pertence, a gente não sabe como será, hoje eu trabalho e se amanhã eu não puder mais trabalhar?’. Então eu já vim de São Paulo com intenção, procurando saber. Quando eu arrumei aqui, eu tinha 72 anos, eu não dependia da minha família, eu não vivia com eles, era só a minha cunhada com a filha, que o meu irmão eu já não tinha mais, acho que eles não gostaram muito, até o médico perguntou pra minha sobrinha: ‘Quem que pôs a sua tia no Lar dos Velhinhos?’ e ela falou: ‘Ninguém pôs, ela foi com as pernas dela!’” (Iolanda Henrique)

Vivendo há mais de 16 anos no Lar dos Velhinhos de Campinas, Iolanda vivenciou algumas mudanças importantes ocorridas na instituição, como a desativação dos pensionatos, as reformas na estrutura física dos residenciais, a atuação dos próprios idosos e a construção da igreja evangélica, que foram citadas e avaliadas em sua entrevista:

“E era assim: tinha muita gente, tinha os pensionatos, tinha o Pensionato Nossa Senhora das Graças, que era na frente do nosso pavilhão ali, e o São Rafael, que era mais pra lá. Não era gente do nosso meio, era gente melhor do que nós, do que os assistidos, era gente que pagava uma nota, umas famílias muito boas, gente boa mesmo, gente de posses. Depois que acabou o pensionato, fracassou o Lar, hoje já não é tão bom. Nos pensionatos, a gente não tinha nada com eles, eles eram diferentes, mas a gente tinha amizade com eles. Aí eu ouvi a conversa que o presidente falou que não podia mais ter pensionato dentro do Lar e acabou. No nosso quarto, era assim: era nove camas de um lado e nove camas do outro, então eu vivi com 17 mulheres, 18 comigo. Olha, foi uma maravilha! Tinha mais união, não se mexia nas coisas uma das outras de jeito nenhum! Hoje tá uma coisa que a gente não tem mais confiança, até uma fruta, uma coisa que a gente deixa na cestinha, na mesinha, mexem! E no meu tempo não mexiam. A gente tinha produtos de beleza, tudo em cima da mesinha, no criado mudo, cada um tinha o seu, deixava ali e ninguém mexia. Foi muito bom. Aí teve a reforma dos pavilhões, diminuiu, ficou quatro camas em cada quarto. Aí diminuiu também o lavatório e o vaso sanitário no banheiro, quer dizer que tá difícil. No banheiro são duas duchas, dois vasos sanitários e três lavatórios, coisa que antes tinha cinco lavatórios e três vasos sanitários. Quantas vezes de madrugada a gente levanta com vontade de fazer xixi e os dois tá ocupado! Porque diminuiu as camas por quarto, mas é o mesmo banheiro pra dezesseis pessoas! Porque são quatro camas em um quarto, quatro camas no quarto do outro lado, aí na frente mais dois quartos com quatro cama cada, são dezesseis pessoas e esse banheiro! Tá difícil pra nós... E depois teve outra reforma, que foi feita a mureta na frente dos pavilhões, colocou vidro, que antes não tinha,

era aberto. Às vezes, fica muito abafado, mas dá pra deixar os vidros abertos, é bom quando chove, que pode fechar os vidros. Então eu já passei por duas reformas aqui no Lar. (...) Inclusive, eu ajudei muito quando eu vim pra cá, principalmente na lavanderia, ajudei bastante, hoje não pode mais. Eu ia de manhã, às 09 horas, 09 e pouco, quando começava a sair roupas das máquinas, eu ia e dobrava, dobrava as roupas. Até 11 e meia, mais ou menos, aí as meninas falavam: ‘Iolanda, tá na hora de ir almoçar, nós também vamos’, elas saíam pra almoçar, eu também saía. Aí eu almoçava, às 02 horas da tarde, mais ou menos, eu voltava e dobrava mais roupas. Foi assim, eu gostava de ajudar, eu fazia com amor. Teve uma segunda-feira que era tanta roupa, eu tive a capacidade de contar 100 toalhas de banho! Dobrei, fiz os montinhos e contei! Era muita roupa, porque tinha também as roupas dos dois pensionatos, e a roupa dos pensionatos era caprichada, porque eram roupas finas, então era passada a mão, não era em máquina não! A nossa ia na máquina, a deles era passada a mão, a gente passava com o ferro. Tinha os funcionários, era cinco ou seis pessoas na lavanderia, e eu que ajudava também, eu gostava. (...) Eu sou evangélica, vou ao culto que tem aqui todos os domingos, na Igreja do Nazareno. Nós temos esse ponto de pregação aqui e nós agradecemos ao nosso presidente, o Mauro, foi ele que nos deu. Ele deu o prédio e a Nazareno reformou, mas fez uma belezinha! Muito bom, muito bom mesmo! Quando eu mudei pro Lar, eu fiquei uns cinco meses sem ir na igreja. Aí, tem a Igreja Batista aqui perto e comecei a ir com uma pessoa que até veio a falecer, o seu Zé Marques, me apresentaram pra ele, falaram: ‘Olha, Iolanda, tem uma pessoa aqui que vai na Igreja Batista lá em cima’, porque eu não conhecia nada, aí eu falei com ele e a gente foi junto por muito tempo, aos domingos a gente ia, foi muito bom. E depois a Nazareno reformou o prédio aqui dentro, aí tá uma belezinha, graça a Deus, bem cheio, todos os domingos, um trabalho maravilhoso, vem o pastor, vem o Felipe com a família. O Felipe é diácono, ele fez muito empenho pra que a Igreja acontecesse, ele vinha e a gente se reunia em alguns lugares aqui pra fazer oração, também vinha um jovem lá do Ouro Verde, vinha a Silma, a Sirlene e o Welington.” (Iolanda Henrique)

Assim, quando Iolanda ingressou no Lar dos Velhinhos de Campinas, no início dos anos 2000, a quantidade de idosos na instituição era maior, “tinha muita gente”, considerando também os idosos residentes nos pensionatos que foram desativados, o Pensionato Nossa Senhora das Graças e o Pensionato São Rafael. Naquela época, Iolanda percebia a diferença socioeconômica existente entre os idosos dos pensionatos e os idosos da instituição de assistência social, embora utilizassem espaços diferentes. Para ela, aqueles idosos eram de “famílias muito boas”, “gente de posses”, “gente melhor” do que os assistidos, inclusive as roupas deles eram de melhor qualidade, “roupas finas”, o que exigia um tratamento mais cauteloso na lavanderia da instituição. Na opinião de Iolanda, a desativação desses dois pensionatos não trouxe boas consequências ao Lar dos Velhinhos de Campinas, pois “depois que acabou o pensionato, fracassou o Lar, hoje já não é tão bom”, provavelmente referindo-se à queda na receita financeira mensal do LVC, o que gerou alguns impactos à instituição de assistência social, como explicaram o presidente Mauro e a superintendente Geise.

Iolanda também vivenciou as reformas nos residenciais do Lar dos Velhinhos de Campinas, informando que antes eram dezoito pessoas idosas por quarto e que agora são

quatro pessoas idosas por quarto. Trata-se de uma adequação a um requisito de infraestrutura da ANVISA, que determina o máximo de quatro pessoas idosas por dormitório em ILPI [3], mas na opinião de Iolanda essa reforma não lhes trouxe melhorias, pois antes havia mais “união” entre as idosas, além de sentirem os impactos da retirada de um vaso sanitário, informando que são apenas dois vasos sanitários para serem utilizados por três quartos, ou seja, por dezesseis pessoas idosas, o que torna “difícil” o uso do banheiro pelos idosos em determinados momentos. Iolanda também mencionou as mudanças no comportamento dos idosos ao longo desses anos, que além de serem mais unidos anteriormente, eram mais confiáveis, mais respeitosos, “não mexiam” nas coisas dos outros idosos, o que já não ocorre mais, pois agora são menos confiáveis e respeitosos em relação aos objetos pessoais dos outros idosos, citando um caso pessoal que lhe aborreceu muito. E relatou como antes ela ajudava voluntariamente no trabalho da lavanderia, dobrando e passando algumas peças de roupas, o que lhe agradava, mas que já não é mais permitido. Por fim, elogiou a construção da igreja evangélica no Lar dos Velinhos de Campinas, o que facilita para que ela e outros idosos manifestem a religiosidade na instituição.

Com essa longa experiência de velhice institucionalizada no Lar dos Velinhos de Campinas, Iolanda relatou que já participou de muitas atividades oferecidas pelo LVC e que, na atualidade, preferia não participar muito, devido às condições de saúde que afetavam a sua participação de maneira mais independente. Além disso, relatou um episódio em que ela mesma decidiu mudar de quarto, devido a uma situação de conflito e de insatisfação pessoal com uma idosa de seu residencial. Esse episódio demonstrou certa autonomia de Iolanda para efetuar a mudança de quarto, talvez pelos anos de experiência na instituição, o que normalmente é decidido pela coordenadora do centro geriátrico. Iolanda contou também que mantém amizades na instituição, sendo que muitas de suas amigas já faleceram no decorrer desses anos, mas o que mais a desagradava na realidade da velhice institucionalizada é a falta de respeito de outros idosos em relação aos objetos pessoais de cada um, além de sentir que a própria instituição não consegue resolver essa situação:

“Eu faço caminhada, mas agora estou parada, porque eu tive problema, eu passei mal e tô tratando, tô tomando remédio e sob cuidados médicos. (...) Eu já fiz muita coisa, todo mês tinha um passeio fora, eu conheci lugares maravilhosos, muitas cidades, uma maravilha! Agora, prefiro não ir mais. É a vista que atrapalha... E alguma coisinha que amola... Mas eu tô bem. (...) Eu morava no Residencial França I, agora moro no França II. Não era pra eu estar morando ali, porque eu não estou dependente e vivo com mulheres dependentes, mas o que eu vou fazer? Eu fui obrigada a ir pra lá, por causa de uma situação que me aborreceu muito no França I. Foi uma decisão minha, por

algo que me aconteceu. Eu tinha colegas que viviam ali, que hoje já não estão mais, que Deus as tenha, elas diziam: ‘Vem, Iolanda, aqui tem lugar, vem pra cá com a gente’, daí eu não falei nada com ninguém, aproveitei um passeio que teve pro Rio de Janeiro, peguei as minhas coisas, saí do França I e fui pro França II. Quando chegaram do passeio, eu já tava de casa nova! Elas ficaram assustadas! Mas eu fiquei muito sentida do que aconteceu comigo, foi uma palavra que me machucou muito, vindo de uma pessoa sem me conhecer direito, outra idosa. Aí eu precisei mudar de quarto... (...) Aqui sempre foi muito bom. Hoje tá mais difícil, o que me incomoda bastante é que mexem nas coisas da gente. Inclusive agora eu ando muito nervosa por um motivo, porque uma pessoa daqui de dentro mexe e pegou mesmo, pegou coisa que eu uso, eu reclamei e não resolveram nada. Isso pra mim tá sendo muito difícil, por isso eu ando muito nervosa, que eu estou há quantos anos aqui, tudo o que eu já fiz, o que eu ajudei, o que eu me interessei, e hoje eu fico nessa situação.” (Iolanda Henrique)

Para preservar os objetos pessoais dos idosos, a instituição fornece um armário individual com chave a cada um deles. Algumas das idosas têm o hábito de andar com sua chave pendurada ao pescoço, como um colar, facilitando o seu transporte e evitando sua perda, como podemos observar nas imagens 28 e 31. Mesmo com esses cuidados, podem ocorrer algumas situações constrangedoras na ILPI, como a relatada por Iolanda, o que torna mais difícil a convivência na realidade da velhice institucionalizada.

As imagens abaixo, reproduzidas de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet e sugeridas por mim no momento da entrevista com Iolanda, demonstram seu cotidiano na instituição. A primeira imagem registra sua participação em uma atividade de terapia ocupacional no Lar dos Velhinhos de Campinas, no projeto Culinária. Ela nos relatou outras receitas de comida que já preparou na instituição, gabando-se de seus conhecimentos de culinária e explicando a importância de realizar as coisas com “amor”:



Imagem 35: Fotografia reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet, de maio de 2012. A idosa Iolanda encontra-se na cozinha do setor de terapia ocupacional no centro geriátrico do Lar dos Velinhos de Campinas.

“Uma vez, teve um causo sobre comida aqui e eu falei: ‘Olha, gente, eu sei comer e sei fazer, graças a Deus, eu já fiz muita comida!’. E já fiz muita coisa aqui, tortas, doces e bolos... Nessa foto eu tinha feito uma torta de ricota. Teve um ano aí que a diretoria pediu pra Giselle pedir pra Iolanda fazer sequilho pra eles e aí eu fiz. Essa foi a última vez, que eu já tinha feito várias vezes. E fiz bolo, fiz bolo cuca, que é bolo barato, simples e gostoso. Até quando eu fiz, o presidente Mauro falou: ‘Que bolo bonito, que cheiroso, que bolo é esse, Iolanda?’, eu olhei pra ele e falei assim: ‘Esse bolo é bolo pobre!’, e ele: ‘Não, é muito bom, é gostoso!’, porque esse dia ele foi lá tomar café com a gente na copa dos cadeirantes. Eu falo bolo pobre porque é bolo barato, os ingredientes dele são muito simples, mas é uma delícia e o negócio é fazer com capricho, acho que a mão faz a diferença e eu já ouvi várias vezes falar que tudo o que é feito com amor, torna-se bom, mesmo que seja uma coisinha simples, que nem esse bolo!” (Iolanda Henrique)

A outra imagem, mais recente, registra sua amizade com o idoso Elias Teles, que também foi entrevistado nesta pesquisa. Como podemos observar, trata-se de um momento afetivo e alegre para eles, que aparecem sentados em um banco nos espaços abertos da instituição. Se ele nos relatou que desejava ter uma relação amorosa com Iolanda, ela deixou claro que ainda se tratava somente de amizade, embora muitas pessoas da instituição acreditassem se tratar de um namoro:



Imagem 36: Fotografia reproduzida de uma página que a instituição mantém em uma rede social da internet, de março de 2019. A idosa Iolanda encontra-se sentada ao lado de seu amigo, o idoso Elias.

“Aqui é amizade, não é namoro. Pra falar a verdade, eu me aproximei dele pra ver se ele tomava jeito... As pessoas perguntam se a gente namora, eu falo: ‘Ainda não é namorado...’. Todo mundo acha que é namoro! E ele também fala, o jeito dele falar, mas pra mim não é. Ainda falta muito... A gente conversa bastante, toma café da manhã, almoça, toma café às duas e meia, janta, faz bastante coisa juntos, vamos no culto aos domingos. E tem atividades que ele participa e eu não. É assim.” (Iolanda Henrique)

DISCUSSÃO

Em nossa análise sobre a trajetória histórica do Lar dos Velhinho de Campinas levantamos a origem da instituição como um asilo para pessoas em situação de extrema pobreza na cidade, entre o final do século XIX e o início do século XX, e a sua transformação gradual em instituição específica para idosos, culminando na atual ILPI e OSC de assistência social de grande porte em Campinas/SP, a partir da documentação pesquisada em arquivos históricos.

Essa trajetória histórica do Lar dos Velhinhos de Campinas é similar à de outras instituições assistencialistas que surgiram e se mantiveram no mesmo contexto, conforme apontaram alguns estudos [40, 69, 73]. Evidentemente, cada uma dessas instituições tem sua própria história, com suas particularidades e seus eventos e personagens peculiares, mas essas instituições apresentaram semelhanças: na origem assistencialista e nos discursos de caridade do final do século XIX e do início do século XX; nos grupos sociais envolvidos em sua criação e a quem se destinava; na transformação gradual em instituição especializada para idosos. No conjunto, a trajetória dessas instituições também faz parte de um contexto generalizado de crescimento urbano desordenado, com desigualdades sociais extremas, demandas por cuidados de longa duração a um significativo grupo populacional e pouca atuação do poder público, entre outras caracterizações.

Em nossa análise sobre a atuação social do Lar dos Velhinhos de Campinas apresentamos a instituição na atualidade, destacando sua organização interna, sua estrutura física e seus profissionais especializados, assim como o importante apoio do voluntariado, caracterizando-a como ILPI e OSC de assistência social de grande porte em Campinas/SP, a partir de entrevistas realizadas com esses grupos sociais. Da mesma forma que em outros estudos, apresentamos não somente as visões dos idosos, mas também a de outros grupos envolvidos com a ILPI, como profissionais e voluntários, os quais relataram sentimentos de carinho e afeição aos idosos, bem como satisfação profissional em relação ao próprio trabalho ou satisfação pessoal em relação ao voluntariado [41,42]. Outra semelhança evidenciada foi a feminização do trabalho de cuidar, pois há mais mulheres do que homens trabalhando nessa área [42], assim como entrevistamos mais profissionais mulheres do que homens nesta pesquisa.

Em nossa análise sobre as experiências da velhice institucionalizada no Lar dos Velhinhos de Campinas, priorizamos o grupo social de idosos da instituição, que são aqueles que vivenciam essa realidade. Assim, valorizamos as experiências de vida desses idosos, observando-as em suas especificidades e em seu conjunto, com destaque para

como trajetórias pessoais tão singulares convergiram na mesma ILPI e para os seus relatos e opiniões sobre a velhice institucionalizada. Diversos estudos realizaram abordagem similar, evidenciando os pontos de vista dos idosos residentes em ILPIs, suas demandas, suas subjetividades e suas críticas. Esses estudos apontaram ausência de vínculos familiares ou relações familiares fragilizadas entre os idosos [37], sentimentos conflitantes acerca da realidade vivenciada, com aspectos positivos e negativos apontados pelos idosos em relação à ILPI e à velhice institucionalizada [36], observação da coletividade na ILPI como fator que influencia a qualidade de vida dos idosos [32] e a valorização das experiências de cada idoso como determinante para a sua própria percepção da realidade atual [34] ou para compreendê-lo e, assim, atendê-lo melhor [35].

Em nosso estudo, identificamos e analisamos algumas questões que envolvem o assunto da velhice institucionalizada e da necessidade de alternativas de cuidados não familiares à população idosa na sociedade brasileira contemporânea, segundo os relatos e as opiniões daqueles que a vivenciam ou a acompanham em uma ILPI específica, seja como idoso residente, seja como colaborador (funcionário) ou voluntário, respectivamente, problematizando tanto os aspectos positivos, quanto as críticas e as dificuldades existentes. Também analisamos a trajetória histórica dessa ILPI, segundo a documentação encontrada, inserindo-a no cenário histórico local e nacional. Desse modo, produzimos conhecimentos sobre uma ILPI específica, apresentando resultados mais humanizados e relacionados a um contexto social mais amplo, contribuindo para o debate dos múltiplos aspectos do fenômeno do envelhecimento.

CONCLUSÃO

Nesta pesquisa, apresentamos o Lar dos Velinhos de Campinas em três temas principais: *trajetória histórica, atuação social e experiências da velhice institucionalizada*. Para isso, analisamos o material documental reunido – previamente existente em arquivos históricos da cidade ou especialmente elaborado para a pesquisa, a partir da intertextualidade entre história oral e fotografias – em diálogo com a bibliografia especializada.

Em nossa análise sobre a *trajetória histórica* do Lar dos Velinhos de Campinas, levantamos a origem da instituição como um asilo para pessoas em situação de pobreza extrema na cidade, entre o final do século XIX e o início do século XX, e a sua transformação gradual em instituição específica para idosos, culminando na atual ILPI e OSC de assistência social de grande porte em Campinas/SP.

Em sua origem, destacamos o planejamento e a atuação de pessoas de renome e influência na cidade naquela época, sobretudo homens brancos da elite política e econômica locais, que se envolveram na idealização, na fundação, na inauguração e na organização do asilo assistencialista, inspirados por sentimentos de empatia e solidariedade aliados a ideais controladores e higienistas, somados a discursos de caridade. Por exemplo, os jornalistas e irmãos Antônio Sarmiento e Alberto Sarmiento, o delegado Paulo Machado Florence, o empresário Joaquim Villac, o comerciante e empresário Bento Quirino dos Santos, o advogado e político Antônio Álvares Lobo, o fazendeiro e político Orosimbo Maia, entre outros personagens ilustres, que se envolveram na criação do Asilo de Inválidos de Campinas.

Muito provavelmente, a atuação coletiva desses sujeitos, acostumados à participação na vida pública da cidade, sobretudo em questões políticas, econômicas e sociais, viabilizou a criação dessa instituição, pois seus fundadores detinham os conhecimentos, as experiências e as relações sociais necessárias para tanto. Nos documentos consultados, verificamos publicações de artigos em jornais, reuniões fundadoras, eleições de comissão central fundadora, eleições de diretoria, assembleias com associados, planos de arrecadação de recursos, encaminhamentos de ofícios a pessoas notáveis, empresas, políticos e instituições, entre outras ações coletivas que só seriam possíveis a esses sujeitos que descendiam de famílias consideradas tradicionais ou importantes e que possuíam alto grau de escolaridade, exercendo profissões ou atividade de comando e liderança e que tinham acesso a espaços restritos na cidade naquela época.

Além disso, a criação dessa instituição fazia parte de um contexto histórico amplo e local: no Brasil, obras assistencialistas e práticas de controle social vinham se fortalecendo ao longo do século XIX, com intervenções nos espaços urbanos, nas populações pobres e nos espaços institucionais. Nessa época, surgiram os primeiros asilos do país, sendo que não se tratavam de instituições específicas para as pessoas idosas em situação de vulnerabilidade, mas de instituições de caridade ou de assistência social a diversos grupos sociais, como pessoas muito pobres, pessoas doentes ou com alguma deficiência em diferentes fases da vida, definidos como crianças órfãs ou abandonadas, velhos, doentes mentais, mendigos e inválidos. Em Campinas, o cultivo e a exportação de café, ao longo do século XIX, proporcionaram um desenvolvimento econômico e um crescimento demográfico da cidade. Mas, as epidemias de febre amarela, ocorridas ao final desse século, que resultaram em um grande número de adoecimentos e vítimas fatais, abalaram aquela situação socioeconômica favorável, aumentando a população empobrecida e a necessidade de ações coletivas assistencialistas diante da pouca ou nenhuma atuação dos poderes públicos.

Em seu percurso, destacamos a participação da sociedade na manutenção do asilo, seja com grandes doações realizadas por membros da elite política e econômica locais, reconhecidos como protetores, benfeitores ou beneméritos, seja com pequenas doações realizadas pela população, de modo geral, que em seu conjunto era reconhecida como a generosidade tradicional do povo campineiro. Ressaltamos também os diversos grupos sociais recebidos no asilo, como pessoas muito pobres, pessoas doentes ou com alguma deficiência em diferentes fases da vida, demonstrando que o asilo não havia sido criado somente para as pessoas idosas, mas para diversos grupos sociais marcados pela pobreza, doença e/ou velhice, vistos nitidamente como sujeitos indesejados na cidade. Provavelmente, algumas dessas pessoas eram sobreviventes das epidemias de febre amarela, imigrantes e nacionais sem recursos econômicos e até mesmo ex-escravizados. “Paralítico da perna e braço”, “aleijada da perna e braço esquerdos”, “senilidade”, “idiota”, “muda e demente” foram algumas das caracterizações que lhes foram atribuídas, com olhares externos e uma linguagem que atualmente seria vista como bastante preconceituosa. A rotatividade muito grande dessas pessoas, que fugiam, saíam, eram expulsas ou enviadas a outras instituições, sendo que algumas eram enviadas pela polícia ao local, indica que muitas não haviam ingressado voluntariamente no asilo, não desejam estar ali e não tinham suas liberdades individuais respeitadas, sendo deslocadas conforme a deliberação dos gestores.

Também evidenciamos a transformação gradual do asilo em instituição específica para idosos, inclusive com a alteração do nome Asilo de Inválidos de Campinas para Lar dos Velhinhos de Campinas, ocorrida no início da década de 1970. Nessa mesma época, ocorreram as mudanças entre as antigas e novas instalações da instituição, com grandes reformas implantadas em sua estrutura física, como a demolição do casarão que estava em estado precário, a pavimentação de ruas que eram de terra e a construção de edifícios denominados “pavilhões” para a habitação dos residentes, além da construção de mais um pensionato para idosos com maior poder aquisitivo. Nessas mudanças, a doação financeira de um político e da população, de modo geral, foram de extrema importância, demonstrando novamente a participação da sociedade na melhoria e na manutenção da instituição. Além disso, a atuação de grupos religiosos na administração da instituição e nos cuidados às pessoas que viviam ali, existente desde a década de 1940, foi sendo substituída por profissionais especializados em gestão ou nos atendimentos e cuidados às pessoas idosas, sendo que a década de 1980 é marcada pela ampliação dessa equipe qualificada e pela proposta de promover qualidade de vida no envelhecimento, com a inauguração de um centro geriátrico que se mantém até hoje.

Na atualidade, apresentamos brevemente algumas características da instituição, como a quantidade de idosos acolhidos, de colaboradores (funcionários) e de voluntários. Observamos que esses números variaram bastante ao longo dessa trajetória histórica, sendo que no início os profissionais especializados eram quase inexistentes. O asilo era administrado pelos próprios fundadores, pelos associados e, posteriormente, pelas congregações religiosas. De modo geral, as “irmãs de caridade” se voltavam aos cuidados necessários à população recebida e havia alguns médicos e especialistas voluntários ou contratados para determinados atendimentos, em diferentes épocas. Se atualmente o Lar dos Velhinhos de Campinas é considerado uma ILPI de grande porte, com aproximadamente cem pessoas idosas acolhidas, no passado recente a instituição já reuniu um número maior ainda de pessoas⁴⁴, mas não podemos avaliar como era a qualidade de vida e de cuidados em meio a esse grande contingente. A documentação pesquisada fornece a variação na quantidade de pessoas acolhidas pela instituição em sua trajetória histórica, bem como as denominações utilizadas para se referir a elas, algumas um tanto estranhas em nossa atualidade: na data de sua inauguração, em 1905, são referidos “15 pobres”; em 1923, “150 asylados”; em 1951, “quase duas centenas de inválidos

⁴⁴ Em 1984, a instituição abrigava 325 pessoas, sendo 273 no internato e 52 nos pensionatos [93].

desamparados”; em 1984, “273 velhinhos”; em 1985, “260 abrigados”; em 1988, “aproximadamente 200 idosos”.

Em nossa análise sobre a *atuação social* do Lar dos Velhinhos de Campinas, descrevemos a instituição na atualidade, a partir das entrevistas realizadas com seis colaboradoras (funcionárias) e cinco voluntários, sendo dois homens e três mulheres. Essas entrevistas foram realizadas na própria instituição, entre o primeiro semestre de 2018 e o segundo semestre de 2019, e enfatizaram as experiências e os saberes de profissionais especializados e o importante apoio do voluntariado. Com esse material, destacamos as funções e as atribuições de cada um deles no Lar dos Velhinhos de Campinas, apresentando os atendimentos prestados aos idosos na área da saúde, no auxílio às atividades básicas da vida diária e nos cuidados para a qualidade de vida, bem como a organização administrativa e o funcionamento da instituição, de acordo com a realidade e as necessidades de uma ILPI e OSC de assistência social de grande porte.

Assim, abordamos os trabalhos realizados pela equipe multiprofissional do centro geriátrico do LVC, composta por cuidadores, auxiliares de enfermagem, enfermeiras, psicólogos, terapeuta ocupacional, educadora física/recreacionista, fisioterapeuta, nutricionista, médicos e pela própria coordenadora, totalizando mais de quarenta profissionais especializados nos atendimentos na área da saúde e nos cuidados para a qualidade de vida dos idosos da instituição. Trata-se, portanto, de uma equipe grande e variada, altamente qualificada, com abordagens específicas em suas especialidades, mas também voltada para a interdisciplinaridade.

A dinâmica de atuação dessa equipe na ILPI, realizando jornadas diferenciadas em ambientes específicos e, em alguns casos, envolvendo projetos e parcerias entre os profissionais; a assistência 24 horas na área da saúde e os cuidados cotidianos aos idosos mais dependentes; a busca pela qualidade de vida dos idosos participantes nas atividades oferecidas, adaptadas aos idosos em diferentes condições de saúde; o tratamento com dignidade e respeito aos idosos, fornecendo-lhes os atendimentos e cuidados necessários, valorizando seus gostos pessoais, estimulando as relações familiares, quando existentes, e as interações sociais entre os próprios idosos e as pessoas externas à instituição, mas também respeitando suas liberdades de escolha, foram alguns dos temas evidenciados nas entrevistas.

Além disso, a grande e complexa estrutura física do Lar dos Velhinhos de Campinas também foi descrita, com detalhes sobre os ambientes específicos para a habitação e os atendimentos especializados aos idosos. Demonstramos a organização dos

quatro residenciais existentes, de acordo com o fator sexo e as condições de saúde dos idosos residentes, e destacamos a criação e o funcionamento do centro geriátrico e do centro de observação, que são espaços modernos na instituição para os cuidados específicos na área da saúde física e mental. Também apresentamos a biblioteca, o cantinho cultural/cinema e as igrejas, entre outros ambientes importantes para o entretenimento e a composição do cotidiano dos idosos no LVC, inclusive os espaços abertos e o contato com a natureza, ressaltando a liberdade que os idosos têm para frequentar esses ambientes conforme seus gostos pessoais, costumes e vínculos identitários.

O importante apoio do voluntariado ao Lar dos Velinhos de Campinas ficou evidente nas entrevistas realizadas com os próprios voluntários na área da recreação e da presidência da instituição, seja por meio de um simples auxílio para a participação dos idosos nas festas e atividades de lazer (Jair, Dirlei, Deuselinda, Irene), essencial para aqueles que têm alguma dificuldade na locomoção; seja por meio da grande responsabilidade e quantidade de atribuições como presidente voluntário da ILPI de assistência social (Mauro). Alguns profissionais especializados e idosos também mencionaram a participação dos voluntários nas atividades oferecidas pela instituição, demonstrando as várias possibilidades de atuação dessas pessoas que se oferecem para apoiar a instituição e o grupo social atendido, mas que também encontram benefícios no voluntariado, como satisfação pessoal, bem estar e troca de conhecimentos.

A intertextualidade entre história oral e fotografias nos permitiu revelar algumas demandas, opiniões, percepções e subjetividades existentes nesse grupo social de colaboradores e voluntários em relação ao Lar dos Velinhos de Campinas, à velhice institucionalizada e ao trabalho que desenvolvem, problematizando tanto os aspectos positivos, quanto as críticas e as dificuldades existentes.

As principais críticas e dificuldades foram mencionadas pelos profissionais da área administrativa e de gestão da instituição: ineficácia da legislação brasileira na área das entidades de assistência social; conflitos burocráticos com os poderes públicos; ausência de políticas públicas e de projetos ou programas governamentais eficazes para as pessoas idosas; invisibilidade generalizada desse grupo social na sociedade; desinteresse da imprensa e da população por assuntos relacionados à velhice que não sejam espetaculares nas mídias; e, principalmente, dificuldades financeiras. Algumas dificuldades também foram relatadas por profissionais especializados nos cuidados aos idosos, como a incompreensão da importância de algumas atividades realizadas na

instituição junto aos idosos e os sofrimentos emocionais decorrentes das relações sociais cotidianas com os idosos, que podem ser abruptamente interrompidas nessa fase da vida.

Por outro lado, os aspectos positivos também foram bastante mencionados, como: o importante apoio da sociedade, de modo geral, para a manutenção financeira da instituição, seja com grandes doações esporádicas de algumas grandes empresas da cidade, seja com a soma de pequenas doações mensais da população; os ambientes adequados em que os profissionais especializados atuam; os materiais disponíveis para o desenvolvimento de algumas atividades; a parceria entre alguns profissionais; o apoio recebido de pessoas voluntárias na realização de algumas atividades; e a gratidão pelos resultados obtidos em suas respectivas áreas de atuação, bem como a identificação pessoal com o LVC e sua proposta de envelhecimento com qualidade de vida. Dialogando com esse último tema, observamos que alguns dos colaboradores e voluntários entrevistados estavam há muitos anos no Lar dos Velinhos de Campinas, o que corrobora seus relatos de satisfação pessoal em relação à instituição e à área de trabalho ou atuação, afinal, não estariam há tantos anos dedicando-se a uma função que não lhes agradasse.

Além dos profissionais especializados nos atendimentos aos idosos e na gestão de áreas administrativas da instituição, há outros segmentos de trabalhadores na ILPI, como as equipes da limpeza, da lavanderia, da cozinha, da portaria, de motoristas, de manutenção predial e jardins, do telemarketing, entre outras, sendo todos eles extremamente importantes para o funcionamento adequado do Lar dos Velinhos de Campinas. Evidentemente, a realização de mais entrevistas, com outros colaboradores e voluntários, trariam mais informações, detalhes e pontos de vista para esta pesquisa. Durante o trabalho de campo, outros possíveis entrevistados desse grupo social foram contatados, como a nutricionista, um cuidador e um prestador de serviços gerais, além dos voluntários que desenvolviam um projeto na biblioteca, mas essas entrevistas não foram realizadas por incompatibilidade de horários ou por imprevistos pessoais. Portanto, reconhecemos a existência dessa lacuna, devido às limitações na pesquisa qualitativa, e sugerimos que novos estudos sejam realizados com o objetivo de analisar mais minuciosamente o perfil de colaboradores e voluntários do LVC.

Ainda assim, conseguimos apresentar a relevância da atuação social do Lar dos Velinhos de Campinas na atualidade, não somente para a população idosa acolhida, mas também para os colaboradores e os voluntários. Se a população idosa acolhida encontra habitação, atendimentos especializados e cuidados para a qualidade de vida nessa ILPI de assistência social, os colaboradores encontram um local de trabalho adequado e os

voluntários, um local para a troca de conhecimentos e bem-estar subjetivo. Em uma perspectiva mais ampla, reconhecemos a relevância da atuação social do LVC para a cidade de Campinas: são muitos os familiares de idosos beneficiados com os cuidados de longa duração oferecidos pela instituição; a população, de modo geral, tem a possibilidade de aprimorar relações intergeracionais em atividades envolvendo escolas, universidades e empresas.

Além disso, é o envolvimento desse grupo social, constituído por colaboradores e voluntários, e de outros setores da sociedade, como a população de Campinas, as empresas doadoras locais, o poder público e algumas instituições apoiadoras municipais, que possibilitam a importante atuação social do LVC. Não podemos deixar de mencionar a participação dos idosos nesse processo, sem os quais não existiriam tantas propostas: a adesão às atividades oferecidas, como as atividades de terapia ocupacional, de recreação, de lazer e de recebimento de grupos na instituição; a adaptação à diversidade existente; o empenho nas relações sociais; o respeito às regras coletivas; o uso adequado dos ambientes; e a realização de uma contribuição mensal à instituição são fatores essenciais para o desenvolvimento do Lar dos Velinhos de Campinas. Evidentemente, assim como a população idosa residente no LVC é heterogênea, a participação nesse processo também ocorre de acordo com a heterogeneidade existente.

- Em nossa análise sobre as *experiências da velhice institucionalizada* no Lar dos Velinho de Campinas, conhecemos e valorizamos as histórias de vida de idosos residentes, compreendendo como trajetórias pessoais tão singulares convergiram na mesma ILPI, a partir das entrevistas realizadas com oito pessoas idosas, sendo quatro mulheres e quatro homens. Essas entrevistas foram realizadas na própria instituição, entre o segundo semestre de 2017 e o segundo semestre de 2019. Com esse material, levantamos algumas características sócio-históricas daqueles que vivenciam a realidade da velhice institucionalizada no LVC, em suas especificidades e em seu conjunto, ao mesmo tempo em que reconhecemos suas experiências pessoais e subjetivas como representativas do processo histórico de envelhecimento na ILPI.

Apenas dois dos idosos entrevistados nasceram e viveram em Campinas/SP (João, Zaíra) enquanto que os demais nasceram e viveram em outras cidades do país (Raimundo, de Lavras da Mangabeira/CE; Jorge, de Bauru/SP; Patrícia, de Nova Ponte/MG; Dilma, de Rio Claro/SP; Elias, de São Cristóvão/SE; Iolanda, de Bauru/SP), antes de migrarem para Campinas/SP. Essa origem geográfica diferenciada demonstra a variedade cultural

de pessoas idosas no LVC, o que fica evidente em alguns de seus costumes, gostos pessoais e expressões linguísticas, entre outros aspectos.

Também observamos a diversidade racial existente na instituição: quatro idosos entrevistados eram negros, sendo que dois deles se declararam pardos (Raimundo, Elias) e dois deles se declararam pretos (Jorge; Patrícia), enquanto que quatro idosos eram brancos (João, Zaíra, Dilma, Iolanda). Além dessa autodeclaração de raça e cor, os traços fenotípicos de cada um deles podem ser visualizados nas fotografias utilizadas nas entrevistas, disponíveis nesta pesquisa.

A origem socioeconômica dos idosos entrevistados constituiu outro elemento de diferenciação nesse grupo social. Somente dois idosos indicaram uma infância mais confortável, sendo criados pelos próprios pais, com oportunidades de estudo e sem a necessidade de trabalhar naquela fase da vida (João, Dilma). Outros idosos indicaram uma infância mais desfavorável, sem oportunidades de estudo e com a necessidade de trabalhar ainda criança (Iolanda, Patrícia) ou com oportunidades de estudo, mas também com a necessidade de trabalhar ainda cedo na vida (Zaíra; Raimundo, Jorge, Elias). Condições de necessidades extremas também foram expostas por alguns dos idosos entrevistados, como a criação em orfanato e, posteriormente, a situação de rua (Jorge); a orfandade de pai e mãe e a criação em uma situação análoga à escravidão (Patrícia); a orfandade de pai (Zaíra) ou de mãe (Iolanda) e o trabalho desde criança (Zaíra, Iolanda Henrique); o deslocamento geográfico no caminhão pau de arara do Nordeste ao Sudeste durante a juventude (Raimundo).

No decorrer de suas vidas, todos os idosos entrevistados dedicaram muitos anos ao trabalho, em diversas áreas e funções: industrial, micro empresário e comerciante (João), operária, auxiliar de enfermagem e telefonista (Zaíra), trabalhador agrícola (Raimundo, Jorge), cobrador e fiscal de transporte coletivo (Raimundo), prestador de serviços gerais (Jorge), trabalhadora doméstica em residências (Patrícia, Iolanda) ou em instituições (Patrícia), zeladora de igreja evangélica (Iolanda), professora de ballet e proprietária de escola de ballet (Dilma) e funileiro (Elias) são algumas delas.

Apenas três dos idosos entrevistados constituíram um núcleo familiar a partir de um casamento e da criação de filhos (João estava divorciado, mas foi casado e tinha três filhos; Raimundo estava separado, mas foi casado e teve uma filha; Elias estava separado, mas foi casado e teve cinco filhos), sendo que uma idosa teve um casamento mais efêmero, já na velhice, sem filhos (Dilma, que era viúva), enquanto que quatro idosos não se casaram e não tiveram filhos, de modo que não constituíram um núcleo familiar (Zaíra,

Jorge, Patrícia, Iolanda). Em todos esses casos, a situação familiar que vivenciavam na velhice foram determinantes para ingressarem na ILPI: os homens separados e/ou divorciado deixaram a residência que viviam para a ex-esposa e filhos e não tinham condições socioeconômicas de viverem sozinhos nessa fase da vida, arcando com custos de moradia, alimentação e outras despesas cotidianas, além de não terem a possibilidade de cuidados informais ou formais, caso necessitassem; a mulher viúva e os homens e mulheres solteiros também não tinham condições socioeconômicas de viverem sozinhos nessa fase da vida, arcando com custos de moradia, alimentação e outras despesas cotidianas, além de não terem a possibilidade de cuidados informais ou formais, caso necessitassem.

As relações familiares apareceram em todas as entrevistas, com relatos sobre o núcleo familiar que constituíram ou sobre o núcleo familiar do qual provinham. A maioria dos idosos entrevistados mencionaram a existência de algum vínculo familiar após o ingresso na ILPI (João, em relação aos filhos e a outros membros familiares, como cunhados e primos; Zaíra, em relação a um sobrinho afilhado; Raimundo, em relação à ex-esposa, filha e genro; Dilma, em relação a duas sobrinhas; Elias, em relação aos filhos; Iolanda, em relação a uma sobrinha), sendo que alguns desses vínculos eram mais preservados e próximos e outros eram mais fragilizados e distantes. Dois dos idosos entrevistados não tinham nenhum vínculo familiar (Jorge, Patrícia). De modo geral, a importância das relações familiares e a dor emocional da perda dos próprios pais, irmãos e outros entes queridos foram temas relatados nas entrevistas.

Os idosos entrevistados também fizeram avaliações da velhice institucionalizada no Lar dos Velhinhos de Campinas, apresentando aspectos positivos e negativos da realidade vivenciada. Alguns dos aspectos positivos foram: a segurança oferecida pela instituição, tanto em relação à violência urbana quanto em relação aos riscos de saúde nessa fase da vida; os profissionais especializados nos atendimentos na área da saúde e nos cuidados para a qualidade de vida na velhice; as atividades oferecidas pela instituição, como as atividades de recreação, de terapia ocupacional e de lazer; a participação de voluntários em algumas dessas atividades; as aprendizagens e o desenvolvimento pessoal nessas atividades; a estrutura física da instituição, com ambientes que possibilitam atividades diferenciadas no cotidiano e o amplo e belo espaço existente tanto para caminhada quanto para o contato com a natureza; a alimentação fornecida; as amizades e as relações sociais com outros idosos ou com os colaboradores e voluntários; a liberdade

para compor o próprio cotidiano, para ocupar determinados ambientes, para realizar passeios e afazeres fora da instituição e para as práticas religiosas, entre outros.

Por outro lado, alguns dos aspectos negativos apontados foram: conflitos nas relações interpessoais entre os idosos; dificuldades na convivência com pessoas de costumes diferentes; desrespeito ao espaço e objetos pessoais de cada um por parte de outros idosos; liberdade limitada nos espaços coletivos; alimentação fornecida com pouca variedade; quantidade insuficiente de banheiros; temor de tornar-se idoso dependente e ter que se deslocar ao residencial dos idosos mais dependentes; solidão na ausência de relações familiares, entre outros.

Assim, foram citados mais aspectos positivos do que aspectos negativos em relação à velhice institucionalizada no Lar dos Velhinhos de Campinas, sendo que alguns desses aspectos são bem específicos da realidade local, como as atividades dentro e fora do LVC, a estrutura física, o espaço e os ambientes do LVC, os cuidados oferecidos e os profissionais existentes no LVC, enquanto que alguns dos aspectos podem ser observados numa perspectiva mais ampla, como a heterogeneidade de idosos existente na instituição e as dificuldades na convivência cotidiana com pessoas diferentes entre si. Portanto, a metodologia utilizada nesta pesquisa nos permitiu uma visão particularizada e, ao mesmo tempo, ampla das condições de envelhecimento no Lar dos Velhinhos de Campinas enquanto ILPI.

A avaliação que cada um dos idosos entrevistados fez sobre esse tema variou de acordo com suas experiências e pontos de vista, constituindo uma avaliação pessoal que cada um faz de sua própria realidade como pessoa idosa no Lar dos Velhinhos de Campinas. Muitas vezes, essas avaliações são feitas para justificar a si mesmo e aos outros a vivência da velhice em uma ILPI, como se fosse necessário apresentar argumentos a si mesmo e aos outros sobre a decisão de ingressar e permanecer no Lar dos Velhinhos de Campinas, o que indica os preconceitos existentes em relação à velhice institucionalizada

De modo geral, os idosos entrevistados no Lar dos Velhinhos de Campinas eram pessoas de origem socioeconômica muito simples, com poucas ou nenhuma oportunidade de estudo na infância e que desde muito cedo dedicaram-se ao trabalho, em funções variadas, tanto os homens quanto as mulheres. Provenientes de diferentes partes do país, alguns desses idosos tiveram uma vida mais confortável em termos econômicos, enquanto que outros vivenciaram situações extremas de escassez e dificuldades materiais. Alguns desses idosos casaram-se e constituíram família, enquanto que outros não se casaram e não constituíram família, sendo que alguns deles preservavam seus vínculos familiares e

outros não tinham relações familiares existentes ou eficazes. A velhice no Lar dos Velhinhos de Campinas constitui uma possibilidade de habitação, de cuidados com a saúde e para a qualidade de vida desses idosos. Eles compõem o próprio cotidiano de acordo com as possibilidades e gostos pessoais, seguindo os horários gerais das refeições, participando das atividades oferecidas, ocupando os ambientes existentes e criando novas relações sociais, de acordo com a identidade e as estratégias de adaptação de cada um.

De fato, a velhice no Lar dos Velhinhos de Campinas constitui uma possibilidade de viver com dignidade essa fase da vida para um grupo específico de pessoas, com muitos aspectos positivos em relação à instituição e ao que ela oferece à heterogeneidade de idosos existente. Mas, muitos desses idosos vivenciam um dilema: não gostariam de estar sem os seus familiares e entes queridos e não gostariam de residir em uma ILPI. Se pudessem, estariam com os seus familiares vivos, com os vínculos reatados ou com relações mais harmoniosas e consistentes com os familiares existentes, em uma habitação mais privativa e confortável, com mais liberdade e autonomia. Porém, na história de vida de cada um e na realidade da velhice e da situação socioeconômica em que se encontram, o Lar dos Velhinhos de Campinas é a opção que melhor se lhes apresenta na atualidade, devido à combinação de muitos fatores: o fim de relações matrimoniais pela separação, divórcio (João, Raimundo, Elias) ou viuvez (Dilma); famílias que não foram constituídas, porque não houve casamentos e nem a geração de filhos (Zaíra., Iolanda, Jorge, Patrícia); a velhice com nenhum vínculo familiar (Patrícia, Jorge) ou com poucos familiares vivos (Dilma, Zaíra, Iolanda) ou ainda com relações familiares fragilizadas (João, Elias); a velhice com recursos sócio econômicos escassos, insuficientes para a própria sobrevivência de maneira independente; a preocupação com a segurança, com a saúde e com os cuidados formais necessários na velhice avançada; a possibilidade de viver com dignidade e qualidade de vida na velhice, com relações sociais, atividades de lazer e cuidados especializados, entre outros.

Diante dessas necessidades e possibilidades, os idosos entrevistados ingressaram voluntariamente no LVC e lá procuram viver da melhor maneira possível, participando das atividades oferecidas pela instituição, cultivando amizades, evitando conflitos nas relações interpessoais, usufruindo dos cuidados especializados à própria saúde física e mental e das atividades para a qualidade de vida, respeitando regras e buscando a própria felicidade, em pensamentos e ações que ora se identificam, ora expressam suas peculiaridades. Em alguns casos, o ingresso no LVC significou uma situação mais

confortável do que a vivenciada anteriormente. E, em outros casos, uma mudança muito brusca no estilo de vida.

Acreditamos que essas experiências de vida e de velhice institucionalizada devem ser valorizadas, pois podem contribuir para a compreensão dos múltiplos aspectos do fenômeno do envelhecimento na sociedade brasileira contemporânea, assim como a análise dessa ILPI específica. Mais do que isso, são experiências pessoais representativas de força e coragem, de rupturas e continuidades, das quais pudemos nos aproximar graças à metodologia utilizada.

REFERÊNCIAS

1. Monografia Histórica do Município de Campinas. IBGE Serviços Gráficos; 1952.
2. Bicudo C. Lar dos Velhinhos completa 100 anos. Saraó: memória e vida cultural de Campinas. 2004; 3 (3): 1-3.
3. ANVISA. Resolução n. 283, de 26 de setembro de 2005. Regulamento técnico para o funcionamento das Instituições de Longa Permanência para Idosos. Diário Oficial da União. 2005 set 26.
4. Secretaria de Governo da Presidência da República. Entenda o MROSC: Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil: Lei 13.019/2014. Brasília: Presidência da República; 2016.
5. Lar dos Velhinhos de Campinas [homepage na Internet]. Quem somos [acesso em 10 jul 2021]. Disponível em: <https://lvc.org.br/>.
6. Brasil. Lei n. 8.842, de 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Diário Oficial da União. 1994 jan 5.
7. Brasil. Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Diário Oficial da União. 2003 out 3.
8. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. Boletim Especial: Quem são os idosos brasileiros [publicação online]. 2020 [acesso em 10 jul 2021]. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/>.
9. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Sinopse do Censo Demográfico 2010. [homepage na internet]. Distribuição da população por sexo, segundo os grupos de idade – Campinas (SP) [acesso em 10 jul 2021]. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/censo2010/apps/sinopse/index.php>
10. Bosi E. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras; 1994.
11. Papaléo Netto M. O estudo da velhice: histórico, definição do campo e termos básicos. In: Freitas EV, Py L (orgs.). Tratado de Geriatria e Gerontologia. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013. p. 62-75.
12. Beauvoir S. A velhice. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1970.
13. Neri AL. Atitudes e preconceitos em relação à velhice. In: Neri AL (org.). Idosos no Brasil. Vivências, desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo: Edições Sesc SP/Sesc Nacional/Fundação Perseu, 2007. p. 33-46.

14. Camarano AA, Kanso S. Envelhecimento da população brasileira. Uma contribuição demográfica. In: Freitas EV, Py L (orgs.). Tratado de Geriatria e Gerontologia. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013. p. 133-152.
15. Borim FSA, Mourão LF, de Sousa MLR, Fattori A. O Brasil diante dos desafios do aumento da longevidade da população. In: Neri AL, Borim FSA, Assumpção D (orgs.). Octogenários em Campinas: dados do Fibrá 80+. Campinas: Alínea; 2019. p. 11-19.
16. Paschoal SMP. Qualidade de vida na velhice. In: Freitas EV, Py L (orgs.). Tratado de Geriatria e Gerontologia. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013. p. 185-195.
17. Alves GV. Facilitadores do cuidado, conforme a avaliação de cuidadores familiares de idosos física e cognitivamente dependentes. Campinas. Dissertação [Mestrado em Gerontologia], Universidade Estadual de Campinas; 2016.
18. Brasil. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal; 1988.
19. Camarano AA, Mello JL. Cuidados de longa duração no Brasil: o arcabouço legal e as ações governamentais. In: Camarano AA (org.). Cuidados de longa duração para a população idosa: um novo risco social a ser assumido? Rio de Janeiro: IPEA, 2010. p. 67-91.
20. Camarano AA. Instituições de longa permanência e outras modalidades de arranjos domiciliares para idosos. In: Neri AL (org.). Idosos no Brasil. Vivências, desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo: Edições Sesc SP/Sesc Nacional/Fundação Perseu, 2007. p. 169-190.
21. Camarano AA, Mello JL. Introdução. In: Camarano AA (org.). Cuidados de longa duração para a população idosa: um novo risco social a ser assumido? Rio de Janeiro: IPEA, 2010. p. 13-37.
22. Born T, Boechat NS. A qualidade dos cuidados ao idoso institucionalizado. In: Freitas EV, Py L (orgs.). Tratado de Geriatria e Gerontologia. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013. p. 1820-1835.
23. Debert GG. A reinvenção da velhice. São Paulo: Edusp; 2012.
24. Born T. Quem vai cuidar de mim quando eu ficar velha? Dez anos depois: considerações sobre família, assistência médica, lugar para morar, (im)previdência social e outras coisas mais. Revista Portal de Divulgação. 2011; 1 (17): 4-15.

25. Estado de São Paulo. Resolução SS n.123, de 27 de setembro de 2001. Define e classifica as instituições geriátricas no âmbito do Estado de São Paulo e dá providências correlatas. Diário Oficial do Estado. 2001 set 28.
26. Campinas. Lei complementar n.32, de 23 de dezembro de 2010. Dispõe sobre normas e padrões de funcionamento das Instituições de Longa Permanência para Idosos, sua classificação e dá outras providências. Diário Oficial Municipal de Campinas. 2010 dez 24.
27. Camarano AA, Kanso S, e Mello JL, Carvalho DF. As instituições de longa permanência para idosos no Brasil. In: Camarano AA (org.). Cuidados de longa duração para a população idosa: um novo risco social a ser assumido? Rio de Janeiro: IPEA, 2010. p. 187-212.
28. Christophe M, Camarano AA. Dos asilos às instituições de longa permanência: uma história de mitos e preconceitos. In: Camarano AA (org.). Cuidados de longa duração para a população idosa: um novo risco social a ser assumido? Rio de Janeiro: IPEA, 2010. p. 145-162.
29. Elias N. A solidão dos moribundos, seguido de envelhecer e morrer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 2001.
30. Lopes EDS, D'Élboux MJ. Violência contra a pessoa idosa no município de Campinas, São Paulo, nos últimos 11 anos: uma análise temporal. Rev. Bras. Geriatr. Gerontol. 2021; 24(6):1-12.
31. Duarte YAO, Diogo MJD. Cuidados em domicílio: conceitos e práticas. In: Freitas EV, Py L (orgs.). Tratado de Geriatria e Gerontologia. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013. p. 1789-1801.
32. Khoury HTT, Sá-Neves AC. Percepção de controle e qualidade de vida: comparação entre idosos institucionalizados e não institucionalizados. Rev. Bras. Geriatr. Gerontol. 2014; 17 (3): 553-565.
33. Simeão SFAP et al. Estudo comparativo da qualidade de vida de idosos asilados e frequentadores do centro dia. Rev. Ciênc. Saúde Colet. 2018; 23 (11): 3923-3934.
34. Fagundes KVLD et al. Instituições de longa permanência como alternativa no acolhimento das pessoas idosas. Rev. Salud Pública. 2017; 19 (2): 210-214.
35. Oliveira JM, Rozendo CA. Instituição de longa permanência para idosos: um lugar de cuidado para quem não tem opção? Rev. Bras. Enferm. 2014; 67 (5): 773-779.

36. Evangelista RA et al. Percepções e vivências de idosos residentes de uma instituição asilar. *Rev. Esc. Enferm. USP.* 2014; 48 (Esp.2): 85-91.
37. Ramos JS. Minha vida, meu tempo, minha condição: análise reflexiva sobre idosos na atualidade, centralizando o estudo numa instituição de longa permanência para idosos. Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea), Universidade Católica de Salvador; 2014.
38. Gomes JB. Representações sociais sobre suporte familiar: memória de idosos residentes em instituição de longa permanência. Dissertação (Mestrado em Memória, Linguagem e Sociedade), Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia; 2017.
39. Kaczalla FK. A felicidade na perspectiva de idosos institucionalizados. Dissertação (Mestrado em Envelhecimento Humano), Fundação Universidade de Passo Fundo; 2017.
40. Pedro, MSB. Envelhecimento, política pública de assistência social e desenvolvimento humano: perfil dos idosos institucionalizados e das instituições de longa permanência para idosos do município de Franca – SP. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional), Centro Universitário de Franca; 2014.
41. Felix JGR. Envelhe (ser) no século XXI: uma análise sobre velhice, fé e caridade na Vila Vicentina Julia Freire (João Pessoa-PB). Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal da Paraíba; 2018.
42. Oliveira, LF. O lugar da velhice: Um estudo acerca das vivências e representações em uma instituição de longa permanência (ILPI) de Minas Gerais. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade de Federal de Uberlândia; 2018.
43. Fernandez VPR. Dilemas da construção de identidade imigrante: história oral de vida de chilenos em Campinas. Dissertação (Mestrado em História Social), Universidade de São Paulo; 2011.
44. Fernandez VPR. História oral de chilenos em Campinas: dilemas da construção de identidade imigrante. Salvador: Pontocom, 2013.
45. Fernandez VPR. Entre memórias, emoções e afetos: histórias de vida de moradores do Lar dos Velhinhos de Campinas. Salvador: Pontocom, 2014.
46. Guimarães L, Martins DA, Guimarães P. Os métodos qualitativo e quantitativo: similaridade e complementaridade. In: Grubits S, Noriega JAV. Método qualitativo: epistemologia, complementaridades e campos de aplicação. São Paulo: Vetor, 2004.

47. Von Simson ORM. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. Augusto Guzzo Revista Acadêmica. 2003; 3: 14-18.
48. Godoy S. Relatório do presidente do Asilo de Inválidos de Campinas: para ser lido na Assembleia Geral Ordinária a realizar-se em 22 de fevereiro de 1959. Correio Popular. 1959 fev 18.
49. Lar dos Velhinhos comemora 84 anos. Correio Popular. 1988 dez 10.
50. Meihy JCSB. Manual de História Oral. São Paulo: Loyola; 2005.
51. Halbwachs M. A memória coletiva. São Paulo: Centauro; 2006.
52. Rovai M. Osasco 1968: a greve no masculino e no feminino. Salvador: Pontocom; 2013.
53. Pollak M. Memória, esquecimento, silêncio. Rev. Estudos Históricos. 1989; 3 (2): 3-15.
54. Ferreira MM. Institucionalização e expansão da história oral: dez anos de IOHA. Rev. Hist. Oral. 2007; 10 (1): 131-147.
55. Neri AL. Reminiscência e revisão de vida na vida adulta e na velhice. In: Debert GG, Goldstein DM (orgs.). Políticas do corpo e o curso da vida. São Paulo: Sumaré; 2000.
56. Ribeiro SLS. Tramas e traumas: identidades em marcha. Tese (Doutorado em História Social), Universidade de São Paulo; 2007.
57. Von Simson ORM. Imagem e memória. In: Samain E (org.). O fotográfico. São Paulo: SENAC/Hucitec; 1998.
58. Von Simson ORM. Carnaval em branco e negro: carnaval popular paulistano 1914-1988. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; 2007.
59. Meneses UTB. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. Rev. Bras. de História. 2003; 23 (45): 11-36.
60. Meihy JCS, Holanda F. História oral: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto; 2007.
61. Bloch M. Apologia da História. Ou o ofício de historiador. Rio de Janeiro: Zahar; 2002.
62. Prefeitura Municipal de Campinas [homepage na Internet]. Origens [acesso em 10 jul 2021]. Disponível em: <https://portal.campinas.sp.gov.br/>.

63. Rosseto PF. A cidade do curto século vinte. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos Sociais da Arquitetura e do Urbanismo), Universidade de São Paulo; 2006.
64. Martins V. Cidade-laboratório: Campinas e a febre amarela na aurora republicana. Rev. História, Ciências, Saúde. 2015; 22 (2): 507-524.
65. Lapa JRA. A cidade: os cantos e os antros. São Paulo: Edusp; 1996.
66. Rocha LA. Caridade e poder: a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Campinas (1871-1889). Dissertação (Mestrado em História Econômica), Universidade Estadual de Campinas; 2005.
67. Negrão AMM. Infância, educação e direitos sociais: Asilo de Órfãs (1870-1960). Campinas: CMU/Unicamp; 2004.
68. Irmandade de Misericórdia de Campinas [homepage na Internet]. Quem somos [acesso em 10 jul 2021]. Disponível em: <https://santacasacampinas.com.br/#>.
69. Groisman D. Asilo de velhos: passado e presente. Rev. Estud. Interdiscipl. Envelhec. 1999; 2: 67-87.
70. Martins V. Policiais e populares: educadores, educandos e a higiene social. Cad.Cedes. 2003; 23 (59): 79-90.
71. Pessoa GTA. Asilo de mendicidade [publicação online]. 2016 [acesso em 10 jul 2021]. Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/menu-de-categorias-2/255-asilo-de-mendicidade>.
72. Michaelis: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa [homepage na Internet].
73. Alcântara AO. Velhos institucionalizados e família: entre abafos e desabafos. Campinas: Alínea;2004.
74. Diário de Campinas foi o primeiro a ter circulação diária. Correio Popular. 2020 set 4.
75. Bartholomei M. O romance de Pinhal. Clube de autores; 2016.
76. Almanak Laemmert: administrativo, mercantil e industrial – 1891 a 1940. Estados da República. 1900; edição 57: p.333. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=313394&pagfis=18485&url=http://memoria.bn.br/docreader#>.
77. Galdino AC. Campinas, uma cidade republicana; política e eleições no Oeste Paulista (1870-1889). Tese (Doutorado em História), Universidade Estadual de Campinas; 2006.

78. Organização dos Advogados do Brasil, Campinas [homepage na Internet]. Nossa história. [acesso em 10 jul 2021]. Disponível em: <https://oabcampinas.org.br/>.
79. Uhle ABB. Orosimbo Maia: cultura e política no final do século XIX. Rev. Pro-Posições. 1998; 9 (1): 72-91.
80. Lopes RH. Sarmento, Alberto. In: CPDOC/FGV. Dicionário da elite política republicana (1889-19300). [homepage na Internet]. [acesso em 10 jul 2021]. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/dicionario-primeira-republica>.
81. Asylo de Inválidos de Campinas. Offícios e Representações. 1905-1910.
82. Rossi E. O modelo de atendimento do Lar dos Velhinhos de Campinas e a qualidade de vida de seus usuários: estudos selecionados. Dissertação (Mestrado em Gerontologia), Universidade Estadual de Campinas; 2001.
83. Maio MC. Educação sanitária estudos de atitudes raciais e psicanálise na trajetória de Virgínia Leone Bicudo. Cadernos Pagu. 2010; 35: 309-355.
84. Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo [homepage na Internet]. Legislações anteriores [acesso em 10 jul 2021]. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/>.
85. Asylo de Inválidos de Campinas. Primeira Acta. Assinatura das pessoas que compareceram à cerimônia de inauguração do Asylo de Inválidos em 10 de dezembro de 1905. 1905.
86. Asylo de Inválidos de Campinas. Livro de Matrícula. 1905.
87. Asylo de Inválidos de Campinas. Actas. Reuniões da diretoria e Assembleias. 1914-1918.
88. Asylo de Inválidos de Campinas. Livro de Ouro, com os nomes de seus protetores. 1923.
89. Asylo de Inválidos de Campinas. Livro de Caridade. 1923.
90. Asylo de Inválidos de Campinas. Pessoas presentes à inauguração da nova capela. 1928.
91. Asylo de Inválidos de Campinas. Índice dos sócios do Asylo de Inválidos. 1934.
92. Asylo de Inválidos de Campinas. Entradas e saídas de asylados. 1941-1942.
93. Correio Popular. Lar dos Velhinhos faz 80 anos e prepara mudança no atendimento. 1984 jul 8.
94. Correio Popular. Surgirá terça-feira o Lar dos Velhinhos de Campinas. 1972 jul 23.
95. Correio Popular. Presença das missionárias. 1978 set 14.

96. Diário do Povo. Um lar para os velhinhos, oficialmente, com carinho. 1973 abr 8.
97. Revista Mostra + Sustentável. Campinas: Lince Gráfica e Editora, 2017.
98. Martins JP. FEAC 50 anos: uma história de inovação e solidariedade. Campinas: Arte Escrita; 2014.

ANEXOS

I – TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa: “Lar dos Velhinhos de Campinas: trajetória histórica, atuação social e experiências da velhice institucionalizada – triunfos e desafios”

Nome do(s) responsável(is): Vanessa Paola Rojas Fernandez

Número do CAAE: 68164717.7.0000.5404

O(a) senhor(a) está sendo convidado a participar como voluntário de uma pesquisa. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com o(a) senhor(a) e outra com o pesquisador.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, o(a) senhor(a) poderá esclarecê-las com o pesquisador. Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se o(a) senhor(a) não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

Justificativa e objetivos:

A pesquisa tem por objetivo investigar o Lar dos Velhinhos de Campinas e seus sujeitos, tendo como foco a sua história, o seu trabalho e as pessoas que o integram. Para isto, queremos elaborar material documental a partir de coleta de dados na instituição, utilizando a história oral. As informações geradas pela pesquisa devem ser utilizadas para ampliar o conhecimento sobre o próprio Lar dos Velhinhos de Campinas e sobre as instituições de longa permanência para idosos em geral. Em um contexto de mudanças demográficas e sociais, com destaque para o envelhecimento da população brasileira e para a diminuição da oferta de cuidados familiares, o Estado e a sociedade devem estar preparados para atender a população idosa e esta pesquisa deve trazer contribuições importantes.

Procedimentos:

Participando do estudo, o(a) senhor(a) está sendo convidado a integrar uma amostra de aproximadamente 30 idosos, 20 funcionários e 10 voluntários do Lar dos Velhinhos de Campinas, com os quais serão realizadas entrevistas de história oral. As entrevistas serão compostas de um questionário com perguntas sobre o seu perfil, como sexo, idade e escolaridade, e sobre as suas opiniões, visões e experiências em relação à entidade, como vantagens e desvantagens do local. Em alguns casos, haverá um aprofundamento desta entrevista com uma narrativa sobre a história de vida do participante, a partir de fotografias. As entrevistas serão registradas pela tecnologia de um gravador de áudio digital. Após as gravações, realizarei a transcrição e a catalogação das entrevistas e retornarei para conferirmos o material. Na conferência do material, os participantes poderão acrescentar, excluir e corrigir conteúdos, se acharem necessário. Cada entrevista deve durar de 30 a 60 minutos de gravação, dependendo do envolvimento dos próprios participantes, e também poderá ser realizada em uma ou mais sessões, se assim for conveniente. Ao final da pesquisa, divulgarei os resultados em eventos científicos e para a sociedade em geral. Contudo, sempre os resultados serão devolvidos primeiro à comunidade geradora do trabalho, ou seja, ao Lar dos Velhinhos de Campinas e aos participantes, seja na forma dos textos resultantes das entrevistas realizadas, seja na forma da tese, de artigos e outras publicações.

Desconfortos e riscos:

De acordo com uma resolução do Conselho Nacional de Saúde, toda pesquisa com seres humanos envolve riscos em tipos e gradações variadas. Nesta pesquisa, não deverá haver danos à dimensão física dos participantes. Porém, poderá haver danos à dimensão psíquica ou moral, decorrentes de possíveis constrangimentos do roteiro de perguntas, pois este abordará questões pessoais, como vida familiar, relacionamentos no cotidiano e problemas ou desafios da instituição. Para amenizar a possibilidade destes danos, estratégias foram elaboradas, como: a participação deverá ser voluntária; o participante terá plena liberdade e autonomia para não responder a determinadas questões ou até abandonar a pesquisa a qualquer momento, se assim desejar; se o participante se cansar ou se chatear e quiser fazer uma pausa ou retomar o trabalho em outro momento, seu desejo será atendido; o participante poderá escolher se sua identidade será revelada ou não na pesquisa; o material documental escrito resultante será conferido com o participante antes da autorização para uso, sobre o qual ele poderá acrescentar, excluir e corrigir conteúdos, se achar necessário; não serão identificados elementos que comprometam a integridade do participante, mesmo entre aqueles que optarem pela identificação; observada alguma ocorrência fora do esperado, providências imediatas serão tomadas; os resultados do material documental elaborado na fase de coleta de dados serão armazenados em computador pessoal da pesquisadora, não serão repassados a terceiros e nada será divulgado sem a prévia autorização do entrevistado e/ou antes da análise a ser feita para os resultados e divulgações do estudo; os arquivos de áudio serão destruídos terminado o prazo da pesquisa, cuja previsão é novembro de 2019. Além disso, espero construir uma relação de colaboração com o(a) senhor(a), por meio de uma atitude democrática e profissional.

Benefícios:

Esta pesquisa poderá beneficiar: o próprio Lar dos Velhinhos de Campinas, que terá ampliado o conhecimento sobre sua história, seu trabalho e seus sujeitos e que poderá promover avaliações e ações para melhorias necessárias, segundo indicações da pesquisa; os próprios participantes, que poderão expor suas visões, opiniões e experiências, sendo valorizados e priorizados como colaboradores da pesquisa. Além disso, responder às questões da pesquisa poderá despertar a atenção de cada participante para aspectos importantes de sua vida.

Acompanhamento e assistência:

Caso seja observada alguma ocorrência fora do esperado com os participantes, tomarei providências imediatas ou farei sugestões de acompanhamento por um profissional.

Sigilo e privacidade:

Os dados poderão ser identificados ou sigilosos, ou seja, o(a) senhor(a) deverá escolher se sua identidade será revelada ou não na pesquisa. Para isto, gostaria de lhe informar sobre as duas possibilidades, ressaltando que a identificação só ocorrerá com o seu consentimento, sobretudo que o material documental escrito resultante será conferido com o(a) senhor(a) antes da autorização para uso e sobre o qual o(a) senhor(a) poderá acrescentar, excluir e corrigir conteúdos, se achar necessário. Ao longo desta pesquisa, todo o material documental reunido será armazenado no meu próprio computador e não repassarei nenhuma informação a terceiros. Os arquivos de áudio serão destruídos terminado o prazo da pesquisa, cuja previsão é novembro de 2019.

Ressarcimento e Indenização:

A pesquisa será realizada no próprio Lar dos Velhinhos de Campinas, em data e horário que for mais conveniente aos participantes. Sua participação será inteiramente voluntária, isso significa que não receberá nenhum pagamento pela participação, assim como não pagará nada por isto. O(a) senhor(a) terá a garantia ao direito a indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa.

Contato:

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, o(a) senhor(a) poderá entrar em contato com os pesquisadores:

Vanessa Paola Rojas Fernandez, doutoranda na Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, Departamento de Gerontologia, condutora da pesquisa.

Endereço profissional: R. Tessália Vieira de Camargo, 126 - Cidade Universitária, Campinas - SP, 13083-887.

Telefone de contato: (19) 99502 8536

E-mail: vanessist@hotmail.com

Olga Rodrigues de Moraes Von Simson, professora do Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Educação da Unicamp, orientadora da pesquisa.

Endereço profissional: Faculdade de Educação – Unicamp

Rua Bertrand Russell, 801, Cidade Universitária, 13083-865, Campinas – SP.

Telefone de contato: (19) 3289 2676

E-mail: simson@superig.com.br

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNICAMP das 08:30hs às 11:30hs e das 13:00hs as 17:00hs na Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126; CEP 13083-887 Campinas – SP; telefone (19) 3521-8936 ou (19) 3521-7187; e-mail: cep@fcm.unicamp.br.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem por objetivo desenvolver a regulamentação sobre proteção dos seres humanos envolvidos nas pesquisas. Desempenha um papel coordenador da rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) das instituições, além de assumir a função de órgão consultor na área de ética em pesquisas

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar e declaro estar recebendo uma via original deste documento assinada pelo pesquisador e por mim, tendo todas as folhas por nós rubricadas:

Nome do (a) participante:

Contato telefônico: _____

RG do participante: _____ Data: ____/____/____.

(Assinatura do participante ou nome e assinatura do seu RESPONSÁVEL LEGAL)

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 466/2012 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado e pela CONEP, quando pertinente. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

Data: ____/____/____.

(Assinatura do pesquisador)

II – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

	UNICAMP - CAMPUS CAMPINAS	
PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP		
DADOS DO PROJETO DE PESQUISA		
Título da Pesquisa: Lar dos Velhinhos de Campinas: trajetória histórica, atuação social e experiências da velhice institucionalizada - triunfos e desafios.		
Pesquisador: Vanessa Paola Rojas Fernandez		
Área Temática:		
Versão: 2		
CAAE: 68164717.7.0000.5404		
Instituição Proponente: Faculdade de Ciências Médicas - UNICAMP		
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio		
DADOS DO PARECER		
Número do Parecer: 2.130.254		
Apresentação do Projeto:		
<p>O Lar dos Velhinhos de Campinas é uma instituição de longa permanência para idosos (ILPI) sem fins lucrativos, não estatal e filantrópica, existente desde 1904, que proporciona habitação, cuidados com a saúde e atividades que visam uma melhor qualidade de vida a cerca de 80 idosos em condições de vulnerabilidade econômica, social e/ou biológica. Embora as instituições de longa permanência para idosos sejam vistas com preconceitos pela maioria da sociedade, deve-se assumir que elas constituem moradia, cuidados, amparo e segurança para um grupo populacional. Pessoas idosas com comprometimentos físico e/ou mental, sem família ou em condições de maus-tratos familiares e com carência de renda necessitam dessas instituições para a sobrevivência. Atualmente, vivenciamos mudanças demográficas e sociais que ampliam a necessidade de alternativas de cuidados não familiares à população idosa. O Estado e a sociedade devem estar preparados para quando estes cuidados não puderem ser oferecidos, devido a razões variadas. Neste contexto, a relevância social desta pesquisa encontra-se em produzir conhecimento sobre o tema da velhice institucionalizada, a partir de uma instituição específica, considerada referência entre outras instituições de longa permanência para idosos, desconstruindo preconceitos existentes em relação às instituições de longa permanência para idosos e fornecendo argumentos para o favorecimento de políticas</p>		
Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126 Bairro: Barão Geraldo CEP: 13.083-867 UF: SP Município: CAMPINAS Telefone: (19)3521-8036 Fax: (19)3521-7187 E-mail: cep@fcm.unicamp.br		

públicas necessárias nesta. Assim, o objetivo principal deste projeto é pesquisar a trajetória histórica, a atuação social e as experiências da velhice institucionalizada do Lar dos Velinhos de Campinas. Para isto, a pesquisa será realizada em três fases: (1) reunião de material documental sobre o Lar dos Velinhos de Campinas, sobretudo fontes escritas e iconográficas, existente em arquivos históricos ou em outras localidades da cidade; (2) elaboração de material documental sobre o Lar dos Velinhos de Campinas e seus sujeitos, a partir de coleta de dados na

instituição com idosos residentes, funcionários e voluntários, utilizando a história oral; (3) análise do material documental reunido, previamente existente ou especialmente elaborado para isto, em diálogo com a bibliografia. Trata-se, portanto, de uma pesquisa com método qualitativo, que implica descrever e interpretar uma realidade, produzindo conhecimentos não acessíveis por procedimentos estatísticos ou outros meios quantitativos.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Pesquisar a trajetória histórica, a atuação social e as experiências da velhice institucionalizada do Lar dos Velinhos de Campinas, a partir de reunião e análise de material documental, previamente existente ou especialmente elaborado para isto, em diálogo com a bibliografia.

Objetivo Secundário:

- Produzir conhecimentos de Gerontologia sobre uma instituição específica, considerada referência entre outras instituições de longa permanência para idosos, inserindo-a no debate acadêmico sobre a velhice na sociedade brasileira contemporânea;
- Coletar material documental sobre o Lar dos Velinhos de Campinas, sobretudo fontes escritas e iconográficas, existente em arquivos históricos ou em outras localidades da cidade;
- Elaborar material documental sobre o Lar dos Velinhos de Campinas e seus sujeitos, a partir de coleta de dados na instituição com idosos residentes, funcionários e voluntários, utilizando a história oral;
- Analisar, em diálogo com a bibliografia, o material documental reunido, de modo a inserir o tema da pesquisa no debate acadêmico sobre a velhice na sociedade brasileira contemporânea;
- Ressaltar os triunfos e desafios do Lar dos Velinhos de Campinas, considerados em sua história, em seu trabalho e em seus sujeitos, de modo a desconstruir estereótipos e preconceitos existentes no Brasil sobre as instituições de longa permanência para idosos e a fornecer argumentos para políticas públicas necessárias nesta área.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo a pesquisadora este projeto trará vários BENEFÍCIOS:

- (1) aumento do conhecimento científico em Gerontologia, um amplo campo disciplinar e profissional que abriga numerosos temas, interesses e questões relacionadas ao idoso, à velhice e ao envelhecimento, e o debate acadêmico sobre a velhice na sociedade brasileira contemporânea, com um estudo sobre uma instituição específica, considerada referência entre outras instituições de longa permanência para idosos;
- (2) as pessoas idosas e a sociedade brasileira em geral, em um contexto de mudanças demográficas e sociais, com reflexões que podem desconstruir estereótipos e preconceitos existentes no Brasil sobre as instituições de longa permanência para idosos e promover argumentos para políticas públicas necessárias nesta área, contribuindo para que o Estado e a sociedade estejam preparados para quando os cuidados familiares não puderem ser oferecidos à população idosa, devido a razões variadas;
- (3) o próprio Lar dos Velhinhos de Campinas, que terá ampliado o conhecimento sobre sua história, seu trabalho e seus sujeitos e que poderá promover avaliações e ações para melhorias necessárias, segundo indicações da pesquisa;
- (4) os idosos residentes, funcionários e voluntários do Lar dos Velhinhos de Campinas, que poderão expor suas visões, opiniões e experiências, sendo valorizados e priorizados como colaboradores da pesquisa

Os riscos previsíveis, segundo a pesquisadora, poderão vir de um constrangimento provocado por algumas perguntas da pesquisa de campo. Ela garante de que não haverá prejuízo físico. Para garantir que o voluntário não tenha constrangimento a pesquisadora proporá ao voluntário algumas opções descritas no TCLE: a pesquisa é voluntária/ o anonimato será garantido se o voluntário desejar participar sem se identificar / o voluntário tem autonomia para responder ou não determinadas questões / abandono da pesquisa se sentir chateado ou incomodado / conferência do conteúdo narrado / garantia de privacidade de elementos que possam identificar o participante /

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de um projeto de doutorado do Departamento de Gerontologia, da FCM - Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp - cuja pesquisadora é Vanessa Paola Rojas Fernandez e orientadora a Prof.Dra. Olga Rodrigues de Moraes Von Simson, Professora do Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Educação da Unicamp. Relevante para a área social de nosso país e, sobretudo,

para a cidade de Campinas, pois o Lar do Velhinhos de Campinas é uma instituição renomada e histórica. A pesquisadora irá coletar dados de diversos arquivos; promover pesquisa entre moradores (30 idosos indicados pela coordenação),

funcionários (20) e voluntários (10) do referido Lar e depois promover análise dos mesmos. Serão aplicados questionários e entrevistas gravadas em áudio digital. O estudo produzirá um verdadeiro documentário sobre a vida e ações do lar do Velhinhos de Campinas. Tudo isto será apresentado em artigos, congressos, para que a sociedade e governo tomem mais consciência da realidade que temos no momento e pela frente sobre o aumento da população de idosos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A pesquisadora apresentou os seguintes documentos exigidos pela resolução 466/12:

- Folha de Rosto - de acordo
- Autorização do Presidente do Lar dos Velhinhos
- Cronograma - de acordo
- Critérios de inclusão e exclusão - de acordo
- Financiamento próprio.
- TCLE - de acordo

Recomendações:

vide abaixo.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A pesquisadora atendeu os pedidos de esclarecimentos e correções feito por CEP, a saber:

- Apresentou os possíveis riscos e ou desconfortos oriundos da aplicação do questionário para os voluntários idosos/moradores do Lar dos Velhinhos. Ainda que seja uma população sensível e quem sabe até vulnerável.
- Esclareceu sobre local e tempo de armazenamento das gravações em áudios digitais.

Considerações Finais a critério do CEP:

- O participante da pesquisa deve receber uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (quando aplicável).

- O participante da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (quando aplicável).

- O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado. Se o pesquisador considerar a descontinuação do estudo, esta deve ser justificada e somente ser realizada após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou. O pesquisador deve aguardar o parecer do CEP quanto à descontinuação, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao participante ou quando constatar a superioridade de uma estratégia diagnóstica ou terapêutica oferecida a um dos grupos da pesquisa, isto é, somente em caso de necessidade de ação imediata com intuito de proteger os participantes.

- O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo. É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.

- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas e aguardando a aprovação do CEP para continuidade da pesquisa. Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial.

- Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP, inicialmente seis meses após a data deste parecer de aprovação e ao término do estudo.

- Lembramos que segundo a Resolução 466/2012, item XI.2 letra e, "cabe ao pesquisador apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento".

- O pesquisador deve manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_P	07/06/2017		Aceito



Continuação do Parecer: 2.130.254

Básicas do Projeto	ETO_696294.pdf	19:15:11		Aceito
Outros	Carta_resposta.pdf	07/06/2017 19:14:16	Vanessa Paola Rojas Fernandez	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_corrigido.pdf	07/06/2017 19:10:14	Vanessa Paola Rojas Fernandez	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_corrigido.pdf	07/06/2017 19:08:18	Vanessa Paola Rojas Fernandez	Aceito
Outros	comprovante_de_vinculo.pdf	10/05/2017 15:14:27	Vanessa Paola Rojas Fernandez	Aceito
Outros	Autorizacao.pdf	10/05/2017 15:10:07	Vanessa Paola Rojas Fernandez	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	10/05/2017 15:02:26	Vanessa Paola Rojas Fernandez	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPINAS, 21 de Junho de 2017.

Assinado por:

Renata Maria dos Santos Celeghini
(Coordenador)